3 1761 06561952 0

BRIEF
DPB
0020388

RAÚL TAMAGNINI

Notas de um voluntário civil nas margens do Vouga

(PARA A HISTÓRIA DA TRAULITANIA)

Edição de um grupo de republicanos

1921

TIPOGRAFIA DE "A TRIBUNA,,
PORTO

NOTAS DE UM VOLUNTÁRIO CIVIL NAS MARGENS DO VOUGA

RAÚL TAMAGNINI

Notas de um voluntário civil nas Margens do Vouga

(PARA A HISTÓRIA DA TRAULITANIA)

1921

TIPOGRAFIA DE «A TRIBUNA»
PORTO

BRAZ
DPB
0020388

A' minha querida mulher

e

a meus filhos

E' para vós esta obra despretenciosa e simples, como simples tem sido o nosso viver tranquilo, apenas cortado por essa nuvem negra, cuja prova fotográfica ofereço agora à apreciação do público.

Bem a mereceis, em verdade!

As páginas mais sentidas que aí ficam foi a vossa recordação, foi a vossa imagem, que me aparecia sempre, depois de passado o perigo, que as inspirou.

Beijo-as mais uma vez e deponho-as ajoelhado, nas vossas pequeninas mãos.

PRÓLOGO

Foi bem doloroso para mim o período do sidonismo. Eu, como todas as pessoas que tinham o espírito regularmente lúcido, via claramente o perigo que a República corria pela inconsciência de uns, cegueira ou o quer que era, que imaginaram poder fazer uma República com monárquicos, pela hipocrisia traiçoeira de outros que se foram introduzindo a pouco e pouco no seu seio, como a víbora do caminheiro da fábula, esperando apenas o momento propício, uma vez restauradas as fôrças, adormecidas durante dez anos, para lhe vibrarem o golpe mortal. Empreguei todos os esforços para o evitar. Primeiro escrevendo cartas particulares a alguêm que era meu parente prevenindo-o do que se passava no Pôrto, dizendo-lhe que eram monárquicas todas as autoridades, especialmente quando nas ruas desta cidade heróica, berço da Liberdade, tombou aos golpes homicidas de um bando de facínoras o infeliz republicano que se chamou Flórido Pinto, rompendo então definitivamente as minhas relações com esse alguêm. Tendo-me visto pouco depois desmentido em uma entrevista dada ao *Século* falando o entrevistado como se eu não lhe tivesse escrito, ou não tivesse recebido a minha carta, quando eu tinha a certeza de que tal

não se dava, vi-me forçado a recorrer à imprensa pois não queria que nem a mais leve suspeita de comparticipação, no acto traiçoeiro que se preparava, por negligência que fôsse, caisse sôbre o meu nome, que tanto me tem custado a fazer, e publiquei então nos jornais do Pôrto, em breve transcrita pelos de Lisboa e alguns da província, uma carta-protesto em que fiz vibrar toda a minha alma indignada pelo que se estava passando. Entretanto o tempo corre e eu continuo emquanto houve jornais republicanos diários como *O Norte* e *A Montanha* escrevendo e publicando neles artigos de ataque ao regime de traição em que vivíamos. Suspensos estes, eu continuei ainda a mesma luta nos semanários da província que, como *O Correio de Mangualde* e *A Razão* de Aveiro, tinham escapado à fúria trauliteira. Ao mesmo tempo conspirei com dedicação, com decidida vontade, com encarniçamento para derrubar os tiranos, para restituir à Pátria a situação previlegiada de que ela gosava antes da data lúgubre de 5 de Dezembro, e o meu núcleo devia ter sido, sem dúvida alguma, um dos mais bem organizados para a luta de 12 de Outubro de 1918.

Um dia, a 6 dêsse mês, encontrando-me em Espinho, quando ia para o Teatro Aliança falar em um comício para que tinha sido convidado pela Liga da Mocidade Republicana, que ali promovera uma excursão para comemorar o aniversário da República, vi-me de repente envolvido no medonho tiroteio que se estabeleceu, provocado pelos esbirros que Solari Alegro ali tinha mandado para evitar a realização dêsse comício, e só por um feliz acaso escapei incólume. Era meu companheiro nêsse momento o major Tavares de Carvalho, ao tempo capitão.

No dia 12 tendo rebentado o movimento em Coimbra e partindo do Pôrto tropas para aquela

cidade para sufocarem o movimento eu, estando ainda em Espinho, ao passar o comboio côrro à linha e no momento dêle parar, sem atentar na imprudência que cometia, falo aos soldados, incito-os a não combaterem os seus irmãos que querem a libertação da sua Pátria, que pretendem vingar a afronta que foi inflingida ao Exército Português em França no 9 de Abril, preparando-lhe a derrota por não mandarem ao corpo expedicionário desde 5 de Dezembro de 1917 nem mais um homem, nem mais uma espingarda. Tive depois que me ocultar durante alguns dias porque por mais de uma vez me foram procurar a minha casa no Pôrto agentes da Polícia e, devendo apresentar-me em 16 de Outubro na Alfândega, só o fiz em 1 de Novembro. Nesta ocasião porêm as coisas para nós, republicanos, apresentavam-se difíceis. Fracassando o movimento de 12 de Outubro, por falta de decisão dos dirigentes, os elementos revolucionários, em grande parte, estavam presos e submetidos a tortura. Outros haviam desaparecido e a reconstrução era trabalhosa, tanto mais que eu tinha que não dar nas vistas, não vindo a cafés, não passando pelas ruas mais concorridas senão o indispensável, resguardando-me enfim, porque um homem solto por pouco que valha vale alguma coisa, é pelo menos uma unidade, ao passo que um homem prêso é uma energia perdida. Comecei então lentamente um trabalho de sapa, apanhando as malhas caídas da rêde que se rompera. Mas as coisas precipitaram-se com a morte de Sidónio Pais, que se deu a 14 de Dezembro e que fez com que muitos dos nossos se ausentassem, se escondessem ou voltassem a ser presos, como o pobre Américo Cardoso, que tinha saído havia apenas dois dias do Aljube, só saíra de casa uma vez para vir à minha residência falar-me e logo o foram buscar outra vez, formaram-se no Pôrto as juntas mili-

tares, que foram um prelúdio de monarquia, e a 19 de Janeiro caía a máscara.

Passaram-se então comigo os factos que narro nas minhas *Notas*.

Fiz logo tenção de as completar e dar a público com a máxima singelesa e fidelidade de narração, para servirem de subsídio aos estudiosos presentes e futuros da história dêste período agitado da nacionalidade portuguêsa.

Se há mais tempo o não fiz, como o desejava, foi porque os meus afazeres o não permitiram.

Não era ideia minha falar muito no cargo oficial que vim desempenhar, em comissão, depois da restauração da República, por imposição dos meus correligionários, comissão essa que é de seis anos e para a qual fui nomeado ao abrigo de dois decretos com fôrça de lei (5.029 e 4.560, art. 340) mas o vespeiro dos invejosos tem de tal forma zumbido ultimamente em volta da minha apagada personalidade, urdindo calúnias e infámias, apelidando-me até de ganancioso e de indústrial da República, eu que nunca tive lugar algum remunerado, de favor, pois fiz toda a minha carreira por concursos de provas públicas e que são dos mais difíceis, eu que estou a ser imensamente prejudicado nos meus interesses, pela situação que sustento de deputado sem subsídio e pelo ordenado diminuto que recebem os directores das Alfândegas em relação aos reverificadores, que mister se tornou, pela relação que as coisas tem entre si, pôr bem a claro certos assuntos para que justiça nos seja feita.

E não se julgue que o lugar que tenho de professor do Instituto Superior de Comércio, me foi dado como prémio e ainda aí eu mostrei a minha presumida ganância. Eu já fôra proposto para êsse lugar pelo Conselho do antigo Instituto Industrial e Comercial do Pôrto, nos termos do

decreto 5.229, (consta de uma acta) justificando-se a proposta pelos meus trabalhos publicados e pelos meus longos anos de ensino da especialidade da cadeira a meu cargo.

Não serão as *Notas* que vão lêr-se muito rigorosas em alguns pequenos detalhes que a minha memória, especialmente na parte final, pelo lapso de dois anos decorridos, pode ter um tanto adulterado? Talvez e o público que me perdoe. Na sua essência porêm elas são absolutamente verdadeiras e na tradução das intenções da máxima sinceridade e escrúpulo. Assim o afirmo.

Vão as consciências rectas e imparciais apreciar o meu relatório.

Elas que me julguem, que eu aguardo serenamente o *veridictum.*

Todavia uma outra já de há muito me julgou, proclamando a minha coerência e a leáldade do meu procedimento, e a essa eu respeito mais que nenhuma outra: Foi a minha própria.

Raúl Tamagnini.

Notas de um voluntário civil nas margens do Vouga

19 de Janeiro de 1919.

Seriam 14 horas, aproximadamente.

Eu, que me estava vestindo para ir até ao Palácio de Cristal com minha mulher e filhos dar um passeio e jantar, visto ser domingo e estar um dia lindíssimo, de sol primaveril, fui subitamente impressionado por um grande ruido mesclado de acordes musicais vindos da rua de Santa Catarina, a que não liguei no entanto grande importância, até que lá de baixo, do 1.º andar a nossa criada brada em altos gritos: Oh! snr. venha cá! Olhe, estão aos vivas à monarquia na rua de Santa Catarina (eu móro na travessa do mesmo nome)!

— O que é que você diz, mulher? Você está doida, perguntei eu?

— Não senhor, não estou, confirmou ela toda afogueada. Venha cá e verá...

— Mas quem é?

— Eu sei lá!... Muita gente e muita tropa... automóveis... Dizem que vai num dêles o Couceiro com a bandeira azul e branca içada. E batem em quem não tire o chapeu. Dizem que já ali no largo mataram um homem...

Caí então em mim: era a traição preparada há longos meses pelo sidonismo miserável que tinha o seu lógico desfecho. Sim, aquilo que a rapariga dizia devia ser verdade. Eu já o tinha ouvido anunciar havia uns dias por alguns corifeus sidonistas-monárquicos em meias palavras de conversas entre eles, apanhadas no ar, como se costuma dizer, mas não o acreditára completamente, tão idiota me parecera sempre tal resolução da sua parte.

Agora mesmo eu tinha necessidade, como S. Tomé, de ver para crêr, e assim, metendo o revolver ao bolso, em cabelo, com o laço da gravata por fazer, de um pulo transpuz a escada, galguei a porta da rua e alcancei a esquina da travessa para a rua de Santa Catarina.

Dêsse ponto vi ainda passar a cauda do cortejo que era constituido pela artilharia que estava junta ao regimento de cavalaria 9, o regimento empreiteiro-mór desta *festa*. Com êste ia um 2.º sargento, que eu sabia ser um bom republicano, pois que era aluno da Escola Raúl Dória, onde eu era professor, o qual seguia tudo aquilo como se fôsse amarrado com uma corda. Vendo-me, esboçou primeiro um grande gesto de desalento e em seguida um outro em que deixou bem transparecer a raiva de que ia possuido.

Lançando os olhos pela rua abaixo vi ainda o cortejo dos automóveis e os soldados de cavalaria da guarda, *republicana* até há momentos e agora *rial*, gritarem, de pé nos estribos, agitando no ar as durindanas desembainhadas, a toda a fôrça dos seus janízaros pulmões:

—Viva a monarquia! Viva a monarquia!

Não havia dúvida. Tinha que me render à evidência: Os monárquicos acabavam de levar a efeito no Pôrto a ignobil farçada da restauração da monarquia. A indignação que me tomou nesse instante foi tal que não me seria possível tradu-

zi-la e tanta que, passando do desejo de poder naquela hora ter ali à mão um regimento de republicanos que, à bomba, destroçassem todos aqueles patifes, ao chôro que sem querer me tomou, me fez caír no pasmo de que me arrancou o meu visinho António Máximo, [1] chapeleiro, um bom republicano, o qual vendo-me talvez na disposição de seguir os do cortejo, me trouxe por um braço até à porta de casa dizendo-me:

— Não vá lá para baixo! Não vá! Olhe a sua senhora e os seus filhinhos. Essa cambada anda desenfreada.

Eu então como que voltei a mim e disse-lhe:

— Parece impossível, snr. Antonio!

Então estes loucos não vêem que amanhã que vem aí as tropas do Govêrno, que desbaratam isto tudo e que, quanto mais eles fizerem tanto peior será para nós todos! Não vêem que se resistem temos aqui o mesmo que em Santarêm! (Dias antes os jornais, bordando fantasias sôbre o cêrco de Santarêm, punham notas verdadeiramente tétricas nos pormenores da rendição daquela praça, após a revolução republicana, para derrubar o govêrno sidonista).

— E' certo, confirmou êle, mas...

Subitamente, do lado, um homúnculo com quem eu nunca tinha trocado palavra, mas que sabia chamar-se João e ser criado de quarto do meu visinho do lado do poente, o dr. Júlio Cesar da Fonseca Araújo, metendo-se na conversa, explica com um ar insolente:

— O quê? A estas horas já ela está proclamada em Coimbra, em Lisboa e em todo o País! E' como canta!

---

(1) É curioso que figuram nestas *Notas* vários indivíduos com o nome António Máximo.

E depois saracoteando as ancas e dirigindo-se para casa do amo, concluiu, fazendo acompanhar a frase de um gesto que não deixava ilusões sôbre os seus *bondosos* instintos:

—E quem não quizer respeitar o que ali vai: Qrr!... Cabeça fóra! Cabeça fóra!

O eunuco sabia bem que eu era republicano e de aí esta intempestiva *amabilidade*. De resto êle

Aveiro.—Um trecho da cidade, vendo-se o ponto da Arcada, onde civis e militares se reuniam quando estavam na cidade e se encontra o café «Cisne da Arcada propriedade do sr. Manuel de Abreu, habil fotógrafo amador, a quem devemos a fineza destes clichés.

já de há muito fazia gala em patentear as suas opiniões políticas, exibindo postais monárquicos ou trauteando o hino da carta quando passava debaixo das nossas janelas e notava que ali se encontrava minha mulher ou algum dos meus pequenos.

E' claro que eu, desta vez como das outras não lhe liguei importância e comentei apenas a bacorada com estas palavras que disse para o meu companheiro:

— Este homem está a mentir, snr. António. Tenho a certeza que isto não passa de aqui! E' tudo obra do Alegro e do Baldaque. Verá!... Entretanto eu vou ver o que hei de fazer.

E despedindo-me dêle dispunha me a entrar em casa, quando do lado do Bonjardim, onde móra em uma casa fronteira à travessa, surgiu o ex-despachante da Alfândega, Manuel do Sacramento Dias Carmo, que recebia parabens na sua qualidade de monárquico, dos correligionários que o encontravam e que não podendo ocultar a sua grande alegria exclamava dirigindo-se a um dêles, na ocasião em que passava por mim:

— Até que enfim! Custou, mas sempre veio. Agora é que vai ser o ajuste de contas! Agora é que vamos ajustar as contas com esses republiqueiros! (1)

Estas palavras longe de me indignarem causaram-me tristeza, pois demonstravam, à evidência, a cegueira de toda aquela gente.

Entrei em casa num estado de espírito fácil de avaliar. Comecei a pensar na minha vida e desde logo fiz tenção de não servir a monarquia nem um minuto. Era evidente que eu não seria poupado pelos facinoras, nem tam pouco aqueles que me eram caros.

Urgia pois colocá-los em lugar seguro, pelo menos emquanto as tropas do govêrno não atacam a cidade, pois no momento do ataque havia tambêm que receiar e avaler os efeitos do bombardeamento, que tanto podia atingir as casas dos monárquicos como as dos republicanos.

Troquei impressões com minha mulher a êste respeito e assentamos em que sairíamos no

(1) Mais tarde êle explicou estas palavras, afirmando não se entenderem comigo, pois só me devia favores, visto que eu sempre o tinha tratado com toda a consideração.

dia seguinte para Espinho. Nessa noite não era provável que a nossa casa fôsse atacada porque os monárquicos deviam estar lá por baixo pelo govêrno civil e quartel general festejando o *triunfo* e não pensariam em mais nada.

Por outro lado também já não tínhamos comboio adequado para a nossa saída e eu não queria abandonar a cidade sem estabelecer um acôrdo com o Aníbal Martins e outros rapazes dos grupos civis que ainda estavam em liberdade, que tinham trabalhado comigo para o abortado movimento do 12 de Outubro e que continuavam prontos ao primeiro sinal.

Tencionava porisso disfarçar-me e sair à noite para ir falar com o Aníbal, quando, seriam aproximadamente 4 horas da tarde, me apareceram em casa os meus amigos Adélio Teixeira, Sotero Alves da Fonseca e Joaquim A. Fonseca, os quais estavam, como eu, indignadíssimos e perguntavam *se nós ficavamos assim*, se não se saia para a rua já! Eu mostrei-lhes a loucura de tal propósito, visto que nós estavamos quási por completo desprovidos de armas, tendo apenas umas 400 granadas de mão. Disse-lhes que os monárquicos estavam nessa noite bebados de monarquia... e de vinho e que nós, não podendo reunir os elementos precisos, seríamos fatalmente esmagados e sem proveito para ninguêm. O que urgia fazer era combinar a nossa acção com a das tropas do govêrno republicano que não se deviam fazer demorar e logo que essas tropas estivessem à vista da cidade sair então, de maneira a colocá-los entre dois fogos, tendo que se defender dos que os atacavam da parte de fora e de nós cá de dentro.

O que era preciso contudo era que alguêm fôsse ter com essas tropas para combinar a acção, pois só se devia sair para a rua quando aquelas estivessem à vista da cidade. A missão era arriscada, mas como eu tinha que sair, não só pelo

que tinha resolvido há pouco, como porque se o não fizesse seria fatalmente trucidado e ainda porque não me sofria o ânimo ficar escondido em qualquer parte, exposto a ser prêso, seria eu mesmo que iria fazer essa indispensável ligação. Eu mandaria de lá, do ponto onde encontrasse as fôrças republicanas o aviso ao Adélio que êste transmitiria à sua gente e ao Aníbal Martins, se ainda estivesse em liberdade, para que êste prevenisse tambêm o maior número possível de homens nossos, para virem para a rua ao sinal marcado.

Despediram-se de mim esses valentes rapazes e de aí a pouco entrou em casa o meu filho mais velho, Jaime, todo esbaforido comunicando-me que lhe tinha dito um filho do meu amigo e correligionário Júlio de Oliveira, redactor de *O Primeiro de Janeiro* e correspondente de *O Mundo* que me escondesse, porque o meu nome estava com muitos outros em uma lista do Alegro, que como se sabe, foi o maior traidor de toda aquela farçada, para ser degolado! Que esta informação lhe tinha sido fornecida pelo filho do despachante Carmo. Tomei boa nota, disse ao pequeno que não se incomodasse e, à cautela, receiando qualquer cilada, de noite, barriquei a porta da rua e as janelas, assegurando a retirada da família pelo quintal para casa de uns visinhos, em caso de ataque, preparei a minha caçadeira e duas cartucheiras com 20 cartuchos cada uma e puz-me de atalaia, só me deitando, meio vestido, pelas 5 horas da manhã, sem que, felizmente, nada de anormal tivesse ocorrido.

Dia 20.—Levantei-me às 8 e meia e às 9 fui à Escola Dória, que encontrei fechada, como já esperava, não dando portanto aula, nem podendo despedir-me dos directores, meus amigos nem dizer-lhes para onde ia. Conversei ainda uns mi-

nutos com alguns alunos e duas alunas que estavam junto ao portão e que me contaram diversas atrocidades cometidas na vespera pelos trauliteiros. Voltei para casa, seguindo pela rua Gonçalo Cristovão, com tenção de virar pela rua de Santa Catarina. Ao chegar porêm a certa distância do quartel dos bombeiros vi que estava neste edifício içada a bandeira monárquica, que foi, verdadeiramente, a primeira que vi arvorada em edifício público. Para não ser obrigado a descobrir-me por algum grupo que por ventura estivesse embuscado dentro do aludido quartel, tomei pela rua das Carvalheiras de Cima, direito ao largo da Fontinha, indo sair ao alto da rua de Santa Catarina. Havia nisto tambêm a conveniência de ser o caminho menos concorrido e assim passar mais despercebido. Ao entrar na rua de Santa Catarina e mal tinha dado alguns passos, vejo, do lado oposto áquele por onde seguia, o meu amigo Loureiro, estabelecido na mesma rua, junto ao largo do Marquês de Pombal, com loja de barbearia, o qual, atravessando, me veio dizer pouco mais ou menos o mesmo que meu filho me tinha dito na véspera: Entrára na tarde do dia anterior na loja dêle um indivíduo conhecido como monárquico facioso o qual, entre outros nomes, se referira à minha humilde pessoa, como uma daquelas que haviam de ser liquidadas sem dó nem piedade porque, dizia êle, eu pertencia ao grupo do Militão Barbedo (o que era redondamente falso) era amigo dêle e portanto era criatura *perigosa.*

Pediu-me então o bom do amigo Loureiro que me escondesse, lembrando-me que tinha mulher e filhos e que a coisa era séria... Fiquei-lhe grato por esta demonstração de amizade, que reconheci ser bem sincera, porque notei a sua comoção e, sorrindo me, repliquei-lhe, ao mesmo tempo que lhe agradecia, que eu ia ver se lhe evi-

tava êsse desgosto e aos talassas o trabalho de me prenderem.

Estava pois bem confirmada a informação de meu filho e se algumas dúvidas eu tivesse elas desapareceram agora por completo sôbre a sorte que me esperava.

Chegando a casa escrevi uma carta, dando parte de doente, ao director da Alfândega, porque se a República triunfasse eu voltaria para o meu lugar de inspector e ficava por esta forma com as minhas faltas justificadas; se ela porêm fôsse vencida eu não seria mais funcionário público, deixaria o País se o pudesse fazer e depois resolveria para onde deveria ir. Eu dirigia-me assim ainda ao director republicano, o snr. Gouveia Durão, que era quem deveria receber a minha carta, visto não ser provável que já nesse dia o tivessem substituído. Entretanto eu, minha mulher e meus filhos preparamo-nos para sair do Pôrto no tramway das 14,5, projectando ir embarcar às Devezas (Vila Nova de Gaia) para o que mandei chamar um trem com a recomendação de estar às 13 em ponto à minha porta e assim o comuniquei também a uma fiel emissária Josefina Martins, que servia de agente de ligação entre mim e outros amigos políticos, e a qual me procurou cêrca das 11 e meia. Metemos em um saco e duas pequenas malas de mão os nossos valores mais fácilmente convertíveis e todo o dinheiro que tinha em casa, bem como roupa que chegasse para oito dias, pois tal era o período máximo em que eu calculava dever estar sufocada a intentona, deixando apenas à criada, que ficaria em casa, o bastante para o seu sustento durante o mesmo período.

Pelas 12 e meia aparece-me contudo novamente a mesma emissária, da parte do Adélio, dizendo-me que não saísse porque as barreiras da cidade, e especialmente a ponte de D. Luiz, esta-

vam todas tomadas pelos trauliteiros, que revistavam todos os carros minuciosamente e não deixavam sair ninguêm.

Em face desta prevenção amiga e segura resolvo encarar afoitamente o perigo e ir a Campanhã, onde o comboio chegaria às 14 e 20, pois era possível que eles não nos julgassem com audácia para sair por ali àquela hora do dia e tivessem lá frouxa vigilância. À hora marcada chegava o trem que eu mandara falar e entrando para êle com a minha família e a reduzida bagagem mandei bater para Campanhã.

E, de facto, não me enganei nas minhas previsões. Ou não havia ou havia tão poucos espiões na estação, no meio daquela barafunda de gente que ali se revolvia áquela hora, treze e quarenta, que não démos por êles quando chegamos.

Saindo do trem entramos para o restaurante, de onde passamos para um gabinete contíguo—em que costumam lanchar os empregados do caminho de ferro—e aí aguardámos a chegada do *tramway* das 14,20 que me devia levar a mim e aos meus para Espinho, onde estes ficariam em lugar seguro, entregues a pessoa de confiança, partindo eu depois, como parti, ao encontro das tropas da República.

Instalado nesse gabinete, eu via pela porta entreaberta o que se passava no restaurante; e foi então que eu pude presenciar uma scena deveras impressionante, que me deu bem a conheer o estado dos espíritos, mesmo no exército, e a coragem de um homem, cujo nome eu não sei, porque o não pude averiguar, mas ao qual prestei nesse momento e prestarei sempre a homenagem sincera da minha admiração.

Sentado a uma das mesas do restaurante, um capitão de cavalaria que eu vira diversas vezes nas ruas do Pôrto, mas de quem não sabia o nome, alto, bigode negro à kaiser, figura antipática de

brigão profissional, tomava *champagne* acompanhado de um alferes gordanchudo, com ar de menino de côro, a quem tinham mascarado vestindo um fardamento. Parece que esperavam a formação de um comboio que devia seguir para Viana transportando tropas que eu via cruzarem a "gare„ porque o capitão chegava de vez em quando à porta espreitando a linha e falando para um sargento que se encontrava do lado de fora.

Por fim, de uma das vezes em que se sentou voltando a deliciar-se com o belo espumoso da Vinícola, o capitão atentou em dois camaradas seus, um dos quais capitão de infantaria, que parecia recem-chegado de França pelos distintivos que ostentava na sua farda e que comiam silenciosamente, abancados em outra mesa mais ao fundo. Fôsse com o fim de comunicar a alguem a alegria de que devia estar possuido, fôsse por uns restos de delicadeza, solidariedade de classe ou fôsse por que fôsse, o que é facto é que o capitão de cavalaria dirigiu-se aos seus dois camaradas oferecendo-lhes, pelo que depreendi do seu gesto, uma taça de *champagne*. O capitão de infantaria fez um ligeiro aceno de cabeça, como quem agradece mas não aceita, e deixou-se ficar no seu lugar. Mas o capitão de cavalos insistiu. É que provavelmente algum outro intuito vexatório o movia a tal insistência... Então êsse capitão de infantaria, cujo nome eu ignoro, que nunca mais tornei a vêr mas cuja figura franzina, estatura meã, rosto avermelhado pelo sol, usando lunetas, jámais se me apagará da memória, ergueu-se e dirigindo-se à mesa onde estava o cavalaria exclamou com uma voz metálica e num soberbo gesto de altivez:

—Eu aceito se o sr. me dá a sua palavra de honra, de homem e de militar, em como não é à saúde da monarquia!

E como quer que o capitão de cavalos, surpreendido por aquela hombridade de carácter, se

sentisse visívelmente humilhado e garantisse que não, que era o seu camarada, o alferes, que fazia anos (o espanto que isto me causou quando mais tarde soube quem era o cavalaria!...) o brioso oficial repetiu ainda, repisando muito as palavras num tom quási provocante:

—Então os srs. garantem-me *que não é à saúde da monarquia?...* Nesse caso aceito!

E levou ligeiramente a taça aos lábios agrade-

Aveiro—A estação de caminho de ferro, cujo pessoal, identificado na defeza da República, ali prestou relevantes serviços.

cendo e voltando a sentar-se, com o seu companheiro, no lugar que primitivamente ocupava

O leitor compreenderá bem o que tal atitude tinha de nobre e alevantada naquela atmosféra de terror, com as prisões atulhadas de gentes, os caceteiros em plena actividade nas ruas, à clara luz do dia.

A minha admiração foi por certo sentida por mais alguêm, porque um ancião, talvez dos seus setenta anos ou mais, de longas barbas de neve, que estava na mesma sala onde se encontravam os oficiais, acompanhado de um rapaz dos seus 20 anos, néto, talvez, ergueu-se do seu lugar e

aproximando-se da caixa de música, que nesse momento tocava qualquer coisa parecida com o hino da Carta, lançou um vintem no receptáculo para a fazer parar e em seguida outro para a fazer tocar... a Marselhesa! Quando os primeiros acordes do hino nacional francês se fizeram ouvir, o velho, que se havia tornado a sentar, naquêle curto espaço, ergueu-se, tirando respeitosamente o seu chapéu, no que foi imitado pelo rapaz e por todos que na sala se encontravam, fazendo os militares a continência, inclusivé os próprios monárquicos, como que arrastados pelo comevedor daquela manifestação espontânea que, nas circunstâncias em que se produzia, tinha bem o carácter de um solene protesto.

Confesso que no meu esconderijo senti, nesse instante inesquecível, os olhos marejarem-se-me de lágrimas.

Só muito mais tarde, mezes depois, por ocasião do seu julgamento, soube que o tal capitão de cavalaria, espécie de, espadachim medieval mesclado de brigão de feira, era o Sá Guimarães, comandante duma coluna monárquica que operou no Minho, onde cometeu as maiores violências.

Nunca mais vi aquele capitão de infantaria, cujo nome ignoro, (1) mas eu não posso deixar de citár aqui o seu gesto como um exemplo raro de civismo e de dedicação pelo Regime e deixar-lhe exarado, se dada me fôr a ventura dos seus olhos pousarem sôbre estas páginas, o tributo sincero da minha admiração.

Entretanto chegava o comboio; e eu, saindo do gabinete, atravessei rápidamente o restaurante, acompanhado dos meus, entrei na "gare„, tomando lugar em um compartimento de 1.ª classe de um vagon que, uma hora depois, nos deixava

(1) Soube já depois de escritas estas linhas, que êsse valente oficial era o capitão Vilas Chãs Leite, de Barcelos

em Espinho, para procurar um refúgio seguro para minha esposa e para os filhos do meu amor, seguindo eu a cumprir a minha missão.

Aí chegado hospedei-me provisóriamente, com os meus no Hotel Chinês, onde jantamos e passamos essa noite, tendo ajustado a hospedagem para toda a família por 10$00 diários.

Pelas 21 horas assisti a uma reùnião em casa do velho republicano, revolucionário do 31 de Janeiro, injustamente reformado em 2.º sargento, quando outros com menos direitos o estão em tenentes, Artur Alberto Ferraz Carneiro de Sá. Já ali encontrei seu cunhado e meu amigo, antigo colega na direcção da Cooperativa dos Funcionários Públicos do Distrito do Pôrto, Braz Fernandes de Almeida, oficial dos telégrafos que, com os seus dois filhos mais velhos tinha também fugido do Pôrto, recusando-se a dar a sua adesão à monarquia. Pude então constatar pela sua grande indignação que êle representava bem um exemplo flagrante do desvairamento a que chegam certas criaturas nas quais por vezes outras mal intencionadas exploram sentimentos, como o da solidariedade de classe, para servir os seus fins inconfessáveis. É que Braz de Almeida, sendo republicano, como ali o estava demonstrando de uma maneira insofismável, tinha sido sidonista e estivera cego até muito tarde, levado certamente pela tal pretensa solidariedade de classe!

A essa reùnião assistiram, além dos dois que acabei de citar, mais os meus amigos: Eurico Pousada, Camilo Montenegro e tenentes Segadães e Tibério Teixeira, também revolucionários do

---

que efectivamente, regressava de França bastante ferido tendo estado durante longo tempo prisioneiro dos alemães. Não tenho ainda nesta data a subida honra de o conhecer pessoalmente. O seu companheiro ignoro quem fôsse.

31 de Janeiro, o último dos quais fazia serviço na carreira de tiro de Esmoriz.

Havia ali grande quantidade de armamento e munições e nós queríamos ver se seria possível, dando um assalto com os civis, nessa noite ou na imediata, tirar aos monárquicos esses elementos de combate e, quando não nos podessemos ali utilisar deles, transportar tudo em uma ou duas carroças para Ovar, onde flutuava ainda a bandeira da República. Para isso nós contavamos com a adesão de um dos dois sargentos, que ali faziam serviço e de quási todos os soldados, que eram apenas 30, de infantaria 18. Resolveu-se que o assalto se efectuaria na noite seguinte, pois era preciso preparar as coisas na carreira, segundo dizia o tenente Teixeira e arranjar o grupo para o assalto, grupo que era mister ser de homens decididos, visto ser possível encontrar ainda alguma resistência.

Saindo dali para recolher ao hotel, passei pela estação do caminho de ferro, onde o chefe Vieira, chamando-me de parte, me disse que os dois comboios que regressavam de Santarêm com as tropas do coronel monárquico Artur da Silva Ramos, ministro da Junta, num total de 400 e tantos homens, com artilharia, tinham ficado retidos em Aveiro, o que me regosijou. Assim bem impressionado e cada vez mais crente que a vitória da República era certa, recolhi ao Hotel cerca das 23 $^1/_2$ horas, onde comuniquei esta notícia a minha mulher. Neste momento deu-me ela porêm uma outra notícia que não era das mais agradáveis. E' que com a precipitação da saída se esquecera na nossa casa, no Pôrto, em uma gaveta do toucador, de uns brincos de brilhantes e mais outros objectos de ouro dos pequenos. Se nos assaltassem a casa talvez que os assaltantes não tivessem escrúpulos...

Tranquilizei-a dizendo-lhe que, provávelmente,

eles não teriam tempo para fazer mais assaltos, comquanto intimamente não deixasse de estar receioso, e deitamo-nos.

Dia 21. — Cêrca das 6 da madrugada, com verdadeiro alvoroço ouço chegar do sul dois comboios transportando tropas, vindo os soldados a dar vivas à República. Entusiasmou me êste facto, pois imaginei, em vista da informação que me havia dado o chefe da estação, que eram as tropas do Govêrno que vinham atacar o Pôrto rebelde. Vim à janela ver os comboios, pois que o hotel fica mesmo à beira da linha, como sabem todos os que conhecem Espinho, e, como fôsse ainda muito cedo, tornei a deitar-me. Já pouco dormi porêm e, levantando-me às 8, vim cá abaixo saber o que havia de novo. Foi então enorme a minha decepção quando soube que as tropas que haviam passado eram as do Silva Ramos, que haviam ali recebido ordem para não dar vivas à República!

Confesso que tive então um momento de desánimo. Imediatamente contudo a recordação daqueles vivas, que eu ouvira bem distintamente, erguidos pelos soldados e um inexplicável presentimento fizeram-me cobrar animo e recuperar a minha antiga confiança.

No proseguimento do plano que havia concebido dirigi-me então a casa do meu velho amigo Francisco Rezende, pois era a êle e a sua virtuosa esposa que eu queria confiar minha família, durante o tempo que estivesse ausente. Francisco Rezende, republicano de uma só fé e dos bons tempos da propaganda, antigo correspondente de *O Mundo* e de outros jornais republicanos naquela praia, é um carácter lídimo e ao encontrá lo constatei que a sua indignação pelo que se estava passando era tão grande como aquela de que eu estava pos-

suido, como era forte também a convicção de que, dentro de poucos dias a farçada estaria terminada pelo envio de tropas do govêrno de Lisboa, que não poderia a bem ou a mal, porque o Povo a isso o obrigaria, ser cúmplice de tamanho crime. Para mais Francisco Rezende garantia-me, mostrando-me um número do *Primeiro de Janeiro* chegado do Pôrto:

— A prova de que eles não estão seguros é que mentem aqui, como cães! Eles dizem que em Ovar e Aveiro já está proclamada a monarquia e isso é redondamente falso. Vim de lá há algumas horas apenas (êle era ao tempo empregado da fábrica "A Varina„ de Ovar) e lá estava ainda a República...

Estas boas notícias animaram-me e contractei então com êle a hospedagem dos meus por uma quantia muito mais pequena do que me levava o Chinês, combinando que na tarde dêste dia para lá mudaria tudo, pernoitando já ali, portanto.

Regressei ao Chinês e ainda de longe notei um certo ajuntamento que me despertou a atenção. Era o administrador monárquico, o visconde Guilhomil, uma criatura antipática, de quesilento monóculo, puro tipo de *snob*, que acabava de chegar acompanhado de um seu joven irmão, uma criancinha imberbe, que lhe servia de secretário e que vinha tomar conta da administração em nome de Paiva Couceiro e proclamar a monarquia em Espinho. Ia o sujeito realizar a cerimónia a que queria dar grande imponência e para isso pretendia que a música de infantaria 18, que momentos antes chegara da Vila da Feira, pelo caminho de ferro do Val do Vouga, onde fora tocar numa festa qualquer, abrilhantasse o acto. Os músicos porêm negaram-se a isso. Não tocariam sem ordem superior. Daqui resultou uma certa demora que me permitiu ir almoçar. Quando voltei à porta do café tive conhecimento

por uns amigos que ali se encontravam que, depois de várias chamadas ao telefone o *grande condestabre* dera ordem ao contra-mestre da música para cumprir as ordens do administrador... *béra*. Segundo me afirmaram êsse contra-mestre não se fizera rogar muito e pretendia agora obrigar os músicos a irem tocar o hino dos adiantamentos. Nem todos porêm se prestaram a isso. Uns alegando várias dôres, outros recusando-se terminantemente, sem mais explicações. No número destes últimos estava o 1.º cornetim, com a graduação de 1.º sargento, José Ermida, de infantaria 2, adido ao 18, o qual apesar de não o conhecer, me impressionou por ser bem visível a sua comoção. Quando o administrador, seguido de meia duzia de basbaques e dos poucos músicos que o contra-mestre da banda conseguiu obrigar a colaborar na comédia, se dirigia para a casa da Câmara eu disse a êsse 1.º sargento músico:

— Venha de aí comigo dar um passeio, enquanto esses patifes fazem o gosto, que não há de durar muito tempo... Vejo que o sr. é bom republicano e porisso, tal como eu, não poderá assistir a isto sem se incomodar.

Ele acedeu; e assim, metemos pela rua 6, que corre por detrás dos cafés, e dirigindo-nos para o norte, atravessamos a linha férrea seguindo para o alto da vila pela estrada de Anta.

Disse-lhe quem era e êle que já me conhecia de nome fez referência a uma carta que eu tinha publicado pouco antes nos jornais desmascarando uma criatura que usava a meu nome e que era o principal causador de tudo o que se estava passando, pois se tivesse um bocadinho daquela energia de que tanto alardeava e fôsse realmente republicano, teria substituído imediatamente toda aquela tropa fandanga do Pôrto quando as juntas militares principiaram a organizar-se.

Ermida disse-me palavras elogiosas e então

sabendo já com quem falava contou-me também parte da sua vida.

Filho do povo, natural de Lisboa, republicano como seu pai, amava a República desde a sua infância. Por ela tinha arriscado a sua vida no 5 de Outubro e no 14 de Maio. Por ela conspirara no 12 de Outubro cujo malogro agora mais que nunca deplorava.

— Nunca pensei, dizia êle, que chegasse a presenciar uma vergonha destas.

E as lágrimas corriam-lhe pelas faces, numa comoção bem forte e bem sentida.

Comoveu-me também extraordináriamente esta nobreza de carácter de um filho do Povo, que nunca pedira cousa alguma à República e no meu íntimo comparei-a com a de tantas outras criaturas que eu conhecia, a quem a República cobrira de benesses e que neste momento se não brandiam também um punhal para nos assassinar à traição, agachavam-se, pelo menos, cobardemente, num comodismo despresível, de meter nojo.

Animei como pude o bom Ermida e disse-lhe qual era a minha convicção, mas convicção forte, bem arreigada:

— Não se aflija, porque similhante comédia não dura muito. E desde já o convido para jantar em minha casa no Pôrto quando ali voltarmos, para restaurar ou já restaurada a República.

Ele agradeceu e aceitou o convite e continuamos o nosso passeio, pois estava um lindo dia de sol.

Entretanto tínhamos chegado ao alto da vila e encontramos o Braz Fernandes de Almeida com o filho mais novo, que nos contou que momentos antes dois trauliteiros os haviam perseguido, fazendo menção de disparar sôbre êles uma arma se não se detivessem, deixando-os depois seguir, dizendo que se tinham enganado.

Apareceu-nos também neste momento, porque

casualmente tínhamos parado em frente da sua casa, o pobre Miguel Monteiro, uma das maiores vítimas do bando Solari Alegro, que estivera prêso desde o 12 de Outubro e a quem tinham inflingido no Aljube as maiores torturas, a ponto de ficar quebrado de uma virilha, em resultado de um pontapé, dado por um dos maiores carrascos do bando, um tal António Rodrigues. Haviam-lhe também fracturado um braço e todo o corpo cheio de equímoses estava ainda almofadado com algodão em rama. Livrara-se da morte por asfixia em certa ocasião em que, depois do suplício diário, o haviam arremessado para uma masmorra, onde havia cal virgem em contacto com água, porque um sargento, seu companheiro de tormento mas que não tinha chegado a perder os sentidos, o puxára para ao pé da porta, encostando-lhe a boca á fresta por onde entrava o ar fresco, que vinha de fóra, e que não estava envenenado.

Eu não via o pobre Monteiro desde o dia em que êle fôra prêso, pois nessa ocasião, estava eu ainda em Espinho e fôra obrigado a ausentar-me com outros amigos, entre os quais Vítor Martins e António Faria, para não termos idêntica sorte, só regressando ao Pôrto em 1 de Novembro.

Estimei porém vê-lo, pois tempo houvera em que nós supunhamos que já o tivessem trucidado na prisão, e não pude deixar de lhe fazer sentir como êle teria feito bem em seguir o meu conselho, ausentando-se também.

O infeliz Monteiro, que tinha sido solto dois dias antes da morte de Sidonio Pais e que tinha escapado de tornar a ser prêso talvez por estar ali em Espinho e quási sempre de cama, receiava agora mais pela sua sorte, pois com certeza o viriam buscar.

Como aos outros, procurei animá-lo, dizendo-

-lhe que tinha fé que dentro em pouco estaríamos vitoriosos.

Aquele mal era dos tais que vinham por bem.

E instintivamente eu pensava no que tínhamos projectado para essa noite: O assalto à carreira de tiro.

Oxalá o nosso plano não falhasse!

Ao grupo juntara-se agora o Dr. Manuel de Sá Azeredo, velho republicano, apezar de moço, clínico distinto naquela praia, filho do Dr. Sá Fernandes, meu ilustre amigo, bem como o Eurico Pousada. Um e outro eram da minha opinião, isto é, que a coisa era de pouca dura. Em Lisboa a República não podia ser vencida e tanto bastava para não haver receios.

Terrreno sob a ponte de Esgueira, onde estiveram estabelecidos postos avançados e onde no dia 25 me foi passado o salvo-conduto (Documento n.º 1) pela primeira vez que fui para a linha de combate.

Depois de trocarmos mais algumas impressões e tendo combinado uma reùnião às 21 horas em casa do Rezende, encarregando eu o Ferraz, que tambêm estava presente, de comunicar esta resolução aos tenentes Segadães e Teixeira, separámo-nos, vindo eu e o Ermida até ao Chinês,

onde estavam minha mulher e meus filhos. Despedi-me dêle, então, não o tornando mais a ver. (Soube mais tarde que, no momento da luta êle desertára, conseguindo passar-se para as fôrças republicanas em Águeda, de onde veio depois para Lisboa).

Depois de ter jantado com a família no Chinês, paguei a minha conta e agradecendo à dona do hotel e a sua família a forma como nos tinham tratado, já lusco-fusco, dirigimo-nos para casa do Rezende (Hotel Vegetariano). Este já mandara preparar os aposentos para nós. À noite, conversava eu com êle na loja da casa, esperando impaciente pelas 21 horas, quando, meia hora antes, nos apareceu o tenente Teixeira dizendo, muito desapontado, que já não se podia fazer nada porque na carreira já sabiam tudo, estavam todos de prevenção e, tendo pedido reforço para o Pôrto, acabavam de chegar 50 praças de infantaria 30, as quais, com as 30 que já lá estavam, do 18, prefaziam 80 homens; e assim o assalto era impossível. Confesso que a minha decepção foi grande, pois, além das armas e munições havia lá *peixe graúdo*, visto que estavam lá os dois majores: Manoel de Almeida, irmão de João de Almeida e Taborda, que morreu depois com uma bala, em Angeja.

O tenente deixou-nos, dirigindo-se para a carreira, onde teria de passar a noite e nós ficamos conversando juntamente com o nosso correligionário Serafim dos Anjos, negociante em Espinho e cujo estabelecimento de cereais fica fronteiro à casa de Francisco Rezende. Examinando as probabilidades que aos nossos olhos se apresentavam, chegamos à conclusão de que a grande batalha entre as fôrças republicanas, que deveriam vir do sul, e as fôrças monárquicas se havia de ferir pela altura de Espinho, pois devia ser ali que estes deveriam vir acampar e talvez

abrir trincheiras, atenta a grande quantidade de casas da praia que lhes forneceriam boa acomodação e porque a nós não nos restava dúvida de que as fôrças republicanas deveriam estar prestes a chegar. Em vista disto era perigosa a permanência em Espinho das nossas famílias. Era necessário tirá-las dali para não as expôr aos efeitos do bombardeamento. Rezende lembrou então: No dia seguinte quando eu partisse para o sul, visto que eu já lhe tinha dito que, não sendo possível dar o assalto à carreira partiria sem demora, êle levaria a sua e a minha família, agora seus hóspedes, para Rio Meão, pequena aldeia a uma hora de caminho de Espinho, na estrada para a Vila da Feira. Aí êle tinha uma casa de um tio de sua esposa, o sr. Fortunato Sá Pereira, onde caberiam todos. A casa era nova e não tinha ainda mobília alguma, mas êle mandaria ir de Espinho, alguns colchões e algumas coisas indispensáveis; o resto pedir-se hia lá e tudo se havia de arranjar.

Passado pouco tempo apareceu o Camilo Montenegro a quem participei que estavam por completo transtornados os nossos planos, relativamente à Carreira, pedindo-lhe que comunicasse isto aos outros rapazes, com quem êle já tinha falado, e que no dia seguinte pelas 9 horas aparecesse por ali, porque lhe queria falar.

É que eu não queria ainda dizer-lhe que tencionava seguir para baixo, com receio de alguma imprudência, que podesse transtornar o meu plano.

Dia 22. — Levantei-me cêdo. O dia estava tristonho, caindo uma chuvinha miuda, impertinente. Chegando à janela vi passar pela rua dois trauliteiros de carabina na bandoleira e laço azul e branco na lapela.

Comecei preparando minha mulher para a nossa separação, dizendo-lhe que os jornais do

Pôrto não diziam senão mentiras e que eu tinha vontade de ir a Ovar, ou mesmo a Aveiro, saber o que ali se passava e, consequentemente o que se passava no sul do País. Que o Rezende e família iam nesse dia para Rio Meão e portanto, como não ficava ninguêm ali, na casa de Espinho, que fôsse ela também com os pequenos, por causa do bombardeamento provável da vila, que eu depois lá iria ter. Ela ao princípio teve uma certa relutância, mas por fim concordou, pois estava também com grande curiosidade de saber o que se passava no sul e imaginava que nós teríamos depois meio fácil de comunicação. Desci à loja e já ali encontrei o Rezende conversando com o nosso comum amigo Avelino Vaz, ao tempo condutor de obras da Câmara de Ovar, mas que vivia em Espinho, e o Camilo Montenegro. Disse a estes dois o propósito em que estava de partir de aí a pouco para o sul e eles imediatamente disseram que também iam. Pedi então ao Camilo que dissesse a todos os rapazes republicanos que encontrasse e que quizessem vir connosco que fossem ter a Ovar, pois, segundo eles informavam, o administrador estava já a mobilizar todos os civis para os obrigar a abrir trincheiras e porventura a ir combater ao lado das tropas monárquicas, do mesmo modo que estava mobilizando todos os veículos, não deixando saír nem um carro de bois, o que vinha complicar a saída das nossas famílias para Rio Meão. Recomendei-lhe que fossem, os que tivessem que ir, em pequenos grupos e por caminhos diferentes, para ver se podiam passar sem despertar a atenção dos monárquicos.

Eu e o Avelino iríamos a pé pela beira-mar e partiríamos às 13 horas, depois do almôço. O Avelino foi também tratar das suas coisas e eu voltei acima ao meu quarto, onde calcei umas botas ferradas, de caça, a fim de melhor poder andar,

fiz um pequeno embrulho com dois colarinhos moles e uns lenços, a única *bagagem* que poderia levar comigo, fiz mais umas recomendações a minha mulher dando-lhe ao mesmo tempo a maior parte do dinheiro que comigo tinha, guardando apenas 60$00 para qualquer despeza que tivesse a fazer e em seguida descemos para almoçar.

Cá em baixo esperava-me o chaufeur Amadeu Pais Gaspar, um republicano de alma e coração, que me contou que o administrador o mandara intimar a apresentar-se com a seu carro às 2 horas, mas que a mulher dissera ao emissário que êle que não estava em casa, o que era verdade, e que, apenas chegou e soube de tal, tratou de tirar ao auto umas peças essenciais que me mostrou. Não queria servir os monárquicos e, como sabia já pelo Camilo Montenegro que eu ia para Aveiro, vinha disposto a acompanhar-me. Iria prestar à República, se podesse chegar àquela cidade, ou aonde as tropas republicanas se encontrassem, os serviços próprios da sua profissão. E dizendo isto lia-se-lhe no olhar uma expressão de sinceridade e entusiasmo que me impressionou. Ao mesmo tempo mostrava-me uma explendida pistola Parabelum, que já fôra sua companheira no Brasil, explicando:

—E para o caminho já venho prevenido!...

O Rezende convidou-o para almoçar connosco, convite que êle aceitou e assim almoçámos, ou melhor, engulimos alguma coisa, à pressa, a título de almôço.

Era já a hora a que eu combinára com o Avelino Vaz encontrarmo-nos na praia do lado sul da fábrica Brandão Gomes & C-ª; urgia pois partir. Voltei acima, ao quarto, onde vesti um casaco de borracha, puz um bonet de viagem, despedi-me de minha mulher e de meus filhos,—e só eu sei a comoção com que o fiz, não querendo dá-lo a perceber!—dizendo-lhes sempre que voltava bre-

ve, que talvez fôsse ter com êles no dia seguinte a Rio Meão, desci rapidamente as escadas para seguir ao meu destino.

O Rezende porêm que me quiz acompanhar até ao ponto onde devia encontrar-me com o Avelino, preparara-me um farnel, que quiz por fôrça que eu levasse. Era um cartucho com amêndoas descascadas e paças de figo, que na sua opinião de devotado frugívoro nos alimentaria, pelo menos, durante três dias! Emprestou-me também uma bengala, pois eu levava como única arma o meu Smith e partimos os três, eu, êle e o chaufeur Gaspar ao encontro do Avelino. Junto à linha férrea encontrámos o José de Jesus Alves, mais conhecido em Espinho pelo *José dos jornais*, o qual por ali parecia passar casualmente. Vindo ao meu encontro, disse que já me esperava pois ia também connosco; trazia o masso dos jornais para disfarce. Tinha sabido pelo Avelino da nossa partida e ia também. A mulher dêle, recoveira entre Espinho e o Pôrto, e uma das criaturas mais dedicadas à República que eu tenho conhecido, estava mais adiante para se despedir dêle. Entretanto chegávamos ao ponto de encontro. Lá estava já o Avelino Vaz à nossa espera.

Recomendei mais uma vez ao Rezende aquêles que me eram caros e que deixava entregues à sua guarda, despedi-me dêste grande amigo, que ficava fazendo tanto ou mais sacrífício do que nós, e partimos os quatro pela praia: o Avelino, o José, o chaufeur Gaspar e eu.

O dia desde o começo ameaçára chuva e agora começava caíndo uma cacimba pouco agradável. Apezar disso nós marchávamos com tanta velocidade quanto nos permitia a natureza do terreno, um areal. Aproximámo nos o mais possível da orla do mar, não só para procurar terreno mais, firme, a areia molhada, como também para evitar maus encontros. Pouca gente encontrámos até

certa altura. Apenas um ou outro vareiro, vindos de Paramos e algumas peixeiras que, vergadas ao pêso dos seus gigos, quási nem para nós olhavam.

Quando chegamos porêm em frente à carreira de tiro notámos que estavam uns cinco ou seis soldados na praia.

Parámos e instintivamente olhamos uns para os outros. É que surgira em todos o mesmo receio de sermos presos.

Como quer porêm que vissemos que por pé dêles já tinha passado um homem cuja marcha êles não tinham interrompido, continuamos o nosso caminho um pouco mais confiados.

De resto agora já não havia que hesitar.

Efectivamente, passamos sem nos dizerem cousa alguma. Vimos então que na verdade eles constituiam a extremidade do cordão que tinham estendido em frente à Carreira; mas sendo soldados do 30, de Bragança, homens que provávelmente nunca tinham visto o mar, tinham encostado as armas às dunas de areia e, havendo descalçado as botas, andavam, como crianças, brincando, a molhar os pés!

Nós contudo fômos sempre andando, nem olhando sequer uns para os outros, desejosos de nos colocarmos bem depressa longe da linha, pois logo compreendemos que, naquêle momento, era ali que terminava o reino da Traulitânia. Íamos portanto a passar a fronteira...

E porque o nosso desejo era vermo-nos longe e nem olhássemos uns para os outros, tendo metido pelas dunas que mais nos podiam ocultar do que se fôssemos sempre pela praia, aconteceu que, a certa altura, eu ouvi que alguêm nos chamava:

— Pst, pst!

Logo pensei que algum *tropa* nos tinha descoberto e... estávamos *filados!*

Como conheço bem o terreno por ir muita

vez para ali à caça, disse para o Avelino que ia a meu lado:

— Não olhe para trás, não se volte! Ande depressa!...

Ele assim fez, mas como quer que as chamadas continuassem e já mais perto de nós, eu, disfarçadamente e calculando que não podíamos já escapar, voltei a cabeça e vi... que quem nos chamava era o *José dos jornais*, um dos nossos companheiros, que, por qualquer circunstância tinha ficado para trás e que nos chamava para nos dizer que talvez fôsse melhor, naquela altura irmos à estação do caminho de ferro, de Esmoriz, porque o chefe era o nosso amigo, snr. Soares, um bom republicano, que nos poderia informar com segurança do que se passava em Ovar, tanto mais que a estação ainda não estava tomada pelos monárquicos.

Achei bom o alvitre e por isso voltamos à esquerda, em linha recta para a estação pois estávamos nessa altura em frente dela.

Ali chegados, como já não houvesse combóios desde a véspera, fomos encontrar o chefe Soares numa venda com uns amigos. Veio connosco à estação, dizendo-nos que o que diziam os jornais do Pôrto era tudo falso, em relação a Ovar e Aveiro, nas quais tremulava por emquanto a bandeira da República.

Mais ainda: Apesar de se estarem concentrando por ordem do Govêrno todas as fôrças da região em Aveiro e ter partido também para ali o batalhão do 24, que estava aquartelado em Ovar, ficando nesta vila apenas uma pequena fôrça, como guarda avançada, estavam também ali os civis armados, a vila estava fechada e na véspera tinham lá apreendido um automóvel, prendendo cinco trauliteiros, que nele se faziam transportar. O amigo Soares, manifestando a sua esperança na vida da República, foi ainda gentil

connosco oferecendo-nos um copo de belo vinho branco, que nos matou a sêde que já trazíamos.

Radiantes com estas notícias agradecemos-lhe e sabendo que tínhamos para a frente o caminho livre, despedimo-nos dêle e metemos pela linha férrea, que era melhor para a marcha, apesar de em certos pontos o carreiro marginal ser também areia. Neste momento a chuva apertava, mas nós quási que nem a sentíamos, tam contentes havíamos ficado. Pode dizer-se que marchávamos alegres como colégiais que vão para férias, soltando de vez em quando um "viva à República„; e foi por isso talvez que nós transpuzemos em 2 horas e meia a distância que medeia entre Espinho e Ovar, 16 quilómetros, certamente muito mais acrescida com a variante do trajecto até Esmoriz, que, como ficou dito, foi em parte feito pela areia.

A certa altura encontrámos uns homens que andavam roçando mato à borda da linha, entre os quais estava o caçador de Esmoriz, João Verdadeiro, que muita vez comigo tem caçado. Perguntámos-lhe se havia notícia de por ali terem aparecido alguns soldados e como obtivéssemos resposta negativa confirmando assim o que nos havia dito o chefe Soares, continuámos o nosso caminho, sem lhes dizermos para onde íamos, apezar das perguntas que êles nos fizeram a tal respeito.

Quando estávamos quasi a chegar a Ovar avistámos ao longe em uma grande recta da linha, um grupo de homens que por ela seguia, empurrando uns uma vagoneta sôbre a qual se divisava um aparelho qualquer, emquanto outros empunhavam carabinas. Caminhavam para nós e à distância de cêrca de duzentos metros mandaram-nos fazer alto. Obedecemos levantando as mãos ao ar, para êles verem que não tínhamos intenções agressivas, e então um aproximou-se do nosso grupo para nos reconhecer.

Logo êle reconheceu o Avelino, o qual nos apresentou e disse ao que vínhamos.

Soubemos então que era um trôço dos operários da oficina dos Caminhos de Ferro Portugueses, de Ovar, que ia cortar uma das pequenas pontes por onde nós já havíamos passado, emquanto outro troço mais numeroso tinha ficado a cortar a linha mais abaixo, derrubando os dois grandes pontões de ferro, que estão quási à entrada da vila.

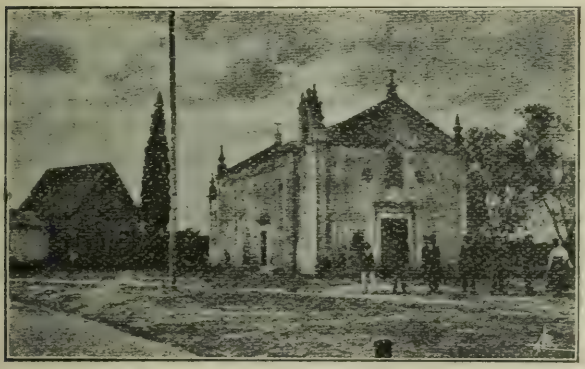
Com os que nós encontramos vinha o sobrinho do snr. Gaioso, chefe daquelas oficinas, como seu tio um dedicado republicano. Disseram-nos que só nêsse dia tinham recebido ordem do Govêrno para cortar a linha de forma que levasse pelo menos oito dias a reparar, a fim de evitar que passassem combóios com tropas monárquicas. Emquanto eles seguiram em direcção ao norte a cumprir as instruções recebidas, avançámos nós para Ovar. Efectivamente um pouco mais adiante lá estava o restante pessoal das oficinas, dirigido pelo Gaioso e auxiliado por numeroso grupo de homens da vila, tratando de deitar abaixo os dois pontões que estabelecem a passagem sôbre o ribeiro.

Ali nos detivemos assistindo e auxiliando como pudemos essa manobra e confesso que me senti satisfeito quando as duas pesadas moles de ferro, uma após outra, tombaram com fragor no leito do riacho, porque assim tinha a certeza de que os combóios com tropas monárquicas não passariam para o sul.

O que nenhum de nós podia prevêr nesse momento era o que se deu depois: A traição ou cobardia do pessoal do Minho e Douro que se prestou em número de cêrca de 200 a ir concertar a linha, levantando os referidos pontões! Emfim, eles dizem que foram sob a ameaça de morte dos trauliteiros, mas eu creio que não há ninguêm

que possa obrigar outrem a trabalhar, quando êle não queira...

Como quer que nos dissessem que o comandante do destacamento do 24, que ficara em Ovar como guarda avançada, destacamento que se compunha apenas de 20 homens, estava no quartel, para ali nos dirigimos. Declinamos a nossa identidade perante o comandante, que era o tenente Oliveira, e como êste mostrasse desejos de receber quaisquer notícias da região de onde vínhamos, prestei-lhe todas as informações, de tudo



Lugar do *Eixo*, onde estiveram acampadas fôrças republicanas

o que eu sabia, principalmente com relação ao ao número de homens que estavam em Espinho e Esmoriz, informações que êle tomou por escrito para enviar ao comando para Aveiro. No quartel estava bastante gente da vila, todos republicanos que queriam armas para defender a República.

É preciso notar que já havia devidamente armado, conquanto dispondo de poucas munições, um grupo de 30 homens.

Ali, no quartel, encontrei o Dr. Pedro Chaves antigo deputado, grande proprietário e influente

político da localidade, que me apresentou ao dr. Alberto Tavares, médico na vila, homem de uma fina educação e de um trato afabilíssimo, o qual num requinte de amabilidade me ofereceu a sua casa para eu ficar, visto que nessa noite não poderíamos seguir para Aveiro.

Eram porém já 20 horas e eu e os meus companheiros de viagem a pé ainda nada tínhamos comido, depois de almôço, a não ser as amêndoas e os figos paçados do bom Rezende. Como porêm não eramos frugívoros, fomos ver se encontrávamos alguma coisa mais sólida e que melhor se coadunasse com a nossa qualidade de omnívoros. Dirigimo-nos a uma taberna que há perto da estação para ver o que conseguíamos obter para jantar. A mulherzinha logo nos declarou que só tinha um bocado de carne para fazer uns bifes, mas que mesmo essa já não estava muito fresca. Quanto a pão já só tinha borôa. Aceitámos porque não havia por onde escolher. Vieram, finalmente, depois de larga espera os apetecidos bifes, que, por sinal, estavam duros como pedras!

Mesmo assim porêm *marcharam* todos, acompanhados da respectiva borôa que, a respeito de dureza, nada lhes ficava a dever. Como sobremeza mais figos passados e amêndoas do Rezende, sendo tudo isto acompanhado com uns copos de carrascão da Bairrada. E ficamos como se tivéssemos comido um lauto jantar no Hotel do Pôrto ou no Internacional.

Emquanto comíamos, a dona da locanda não se cansava de nos fazer perguntas sôbre a situação e marcha dos rialistas, inquirindo sempre, como quem não queria a coisa, quem nós éramos, se vínhamos fugidos, etc.

Nós e especialmente o Avelino, a quem ela mais se dirigia por já o conhecer, nunca lhe respondíamos concretamente, dizendo-lhe porêm

que se acautelasse porque dentro em poucas horas os monárquicos podiam ali estar e roubar-lhe tudo quanto ela tinha.

Como tivessem já dado as 21 horas voltámos ao quartel para ver se os nossos serviços seriam precisos nessa noite em defeza da vila.

A chuvinha miuda tinha deixado de caír mas, em compensação, o frio apertava agora mais. Como quer que o meu bom amigo Lino Brandão me tivesse mandado por um criado um sobretudo, troquei por êle o meu casaco de borracha que dei ao mesmo criado para mo levar para casa do dr. Tavares, onde eu iria ficar, se por ventura fôsse possível deitarmo nos. Esse sobretudo era um pouco largo para mim e eu, com êle vestido dava a impressão de uma pessoa que tivesse emagrecido muito por efeito de uma doença e que tivesse depois vestido o mesmo fato que usava anteriormente à doença. No entanto aquecia e era o que se desejava.

Quando entramos de novo no quartel do 24, a sala, o gabinete do oficial de serviço e o corredor estavam cheios de gente. Ali se encontravam já todos os rapazes de Espinho, a quem o Camilo Montenegro podera avisar e bem assim alguns de Gaia e Vila da Feira; eram todos ou quási todos os que compõem a lista constante destas *notas*.

Saùdações e efusivos abraços se trocaram nesse momento, entre os valorosos e leais defensores da República. Efectuou-se então uma reùnião na sala do quartel a que presidiu o dr. Pedro Chaves e em que foram examinadas as probabilidades de defesa de Ovar e do que havia a fazer em caso de ataque.

Duas hipóteses havia a admitir: ou a vila era atacada por trauliteiros, ou por tropas regulares, em grande número. Se fôsse atacada por trauliteiros os civis de Ovar que já estavam armados

sob o comando do sargento miliciano Abel de Pinho e mais os que comigo tinham vindo, que se pudessem armar auxiliariam a pequena fôrça regular que ali tínhamos e resistir-lhes hia, capturando-os se possível fôsse. Se o ataque fôsse feito por tropas regulares então a nossa missão era a de todos os postos avançados: fazer fogo ainda para desnortear o inimigo, dando-lhe a impressão de que estava em frente de fôrças numerosas e ao mesmo tempo cobrir a retirada do destacamento e civis que recolheriam a Aveiro. Viu-se porêm que havia muito poucas armas e pouquíssimas munições. Para acautelar a primeira hipótese e visto que estavam ali tantos homens de confiança, era necessário que de Aveiro mandassem mais armas e munições, pelo menos 100 espingardas. Tendo eu que seguir no dia seguinte para Aveiro, no proseguimento do meu plano, e tendo também que ali ir o amigo Lino Brandão, fômos nós encarregados de conseguir obter no comando essas armas e essas munições, que no mesmo barco transportaríamos para Ovar. Nesta reùnião memorável tomamos, todos os presentes, o compromisso formal de que se a República triunfasse e se algum de nós fôsse ao Parlamento faria promulgar uma lei que obrigasse os monarquicos a pagar tudo o que estavam fazendo sofrer aos republicanos, moral e materialmente. Foi êste compromisso, foi esta ideia, que nunca me abandonou, que me inspirou o projecto de lei sôbre *indemnizações*, de que tive na Câmara dos Deputados a iniciativa, por ela tendo combatido tenazmente, não só ali como na imprensa, mas a respeito de cuja sorte nada posso ainda dizer na hora em que traço estas linhas porque não está concluida a sua discussão e votação no Senado. (1)

(1) Depois de várias vicissitudes, tendo-se realizado um grande comício no Teatro Carlos Alberto, do Pôrto, em que

Como eu ia para Aveiro no dia seguinte, foi escolhido para chefe do grupo, que me acompanhára, o Avelino Vaz.

Entretanto tomavam se medidas de defesa imediata da vila, sob as indicações do tenente Oliveira. Estabeleceram-se vedetas no pinhal que precede a povoação, estando êste serviço entregue especialmente ao sargento miliciano Abel de Pinho, dono de um estabelecimento de bebidas da localidade e que foi, como se verá, um autêntico heroi.

Eu, não tendo dormido nada, havia já duas noites e tendo palmilhado nesse dia umas boas quatro léguas e por terrenos arenosos, estava, passado a meia noite, a caír de sôno; e então o dr. Alberto Tavares levou-me para sua casa, onde num requinte de amabilidade, que jámais esquecerei, me proporcionou magnífico alojamento. Deitei-me porêm meio vestido, porque receiávamos a todo o momento que os trauliteiros entrassem na vila.

Dia 23.—Às 7 horas já eu estava a pé e pronto para partir, pois tinha-se combinado que o barco devia largar para Aveiro, saindo do Carregal, às 10 horas em ponto.

Como o almôço devia ser a bordo o dr. Tavares quiz ainda que eu tomasse um copo de leite, acompanhado com um pedaço do explendido pão de ló "Celeste„. Partimos após a refeição eram cêrca de 8 $^1/_2$ para o quartel, a informarmo-nos se se passara alguma coisa de anormal durante a noite. A situação porêm mantinha-se estacionária, o que me fazia supôr que os monár-

---

compareceram os republicanos de Mirandela, Bragança, Vila Rial, Viana do Castelo, Estarreja, Aveiro e Ovar foi finalmente o meu projecto convertido em lei, pôsto que muito alterado para pior... É a lei n.º 968.

quicos tivessem voltado as suas atenções para o norte, ou se estivessem concentrando no Pôrto, para se defender eficázmente do ataque que naturalmente esperavam das tropas do govêrno de Lisboa.

No quartel informaram-nos que estava a chegar, vindo de Aveiro, um comboio especial para levar para aquela cidade os presos políticos, que estavam na cadeia da vila, e que viria nêle uma escolta de civis armados para os guardar.

Então, como a hora se aproximasse, entre civis armados, mas de Ovar, os presos foram para a estação aguardar a chegada do comboio. Vi os saír da prisão, a um por um, para tomarem o seu lugar entre a escolta. Lá ia o dr. Seixas, que costuma estar muito tempo em Espinho e não sei mesmo se ali reside. Era o Governador Civil monárquico, segundo uns, que fôra nomeado pelo Couceiro para Aveiro, que eles supunham já nas suas mãos. Acompanhavam-no um filho do celebre *Kagaçal* do Pôrto, um rapazito ainda imberbe com todo o tipo de um *snob*, dos muitos que compunham as hostes trauliteiras, dois polícias da mesma cidade e o capitão *béra* Vasco Vítor de Menezes, todos os quais tinham sido presos no dia 19 à noite quando deram entrada em Ovar, de automóvel, para proclamar a monarquia.

Segundo me haviam contado, a prisão destas criaturas constituira um episódio interessante, que não resisto à tentação de descrever e no qual o capitão Zeferino Camossa, do 24, tivera uma atitude nobilíssima, própria de um português antigo, desses que honram uma raça.

O capitão *béra*, e dou-lhe este nome porque a promoção a esse posto fizera a Paiva Couceiro, nomeando o seguidamente Governador Civil de Coímbra, cargo de que êle se dispoz imediatamente a ir tomar posse, apresentara-se nas can-

celas de Ovar na noite de 19 de Janeiro em um automóvel, acompanhado dos outros *personagens* já referidos.

A um factor, que lhes apareceu, armado, disseram querer entrar na vila para falar ao comandante do batalhão do 24. O factor não se comoveu nem se deixou intimidar e apontando-lhes a sua carabina deu-lhes voz de prisão. Como no entanto o Menezes persistisse em falar ao comandante, o factor disse-lhe que os acompanharia, indo eles à sua frente. Abrindo-lhe então a cancela de ferro, conduziu o carro com os prisioneiros ao quartel.

Ali chegado e em presença do capitão Camossa, quando êste lhe perguntou o que desejavam, o Menezes exclamou:

— Eu venho da parte de S. Ex.ª o snr. Coronel Paiva Couceiro, regente do reino, participar-lhe que foi restaurada a Monarquia em todo o País e convidá-lo, portanto, a içar a bandeira azul e branca na fachada do quartel e...

— Perdão, interrompeu enfastiado o capitão Camossa, fazem favor de dizer o que desejam, *mas a sério*...

— Bem, volveu com ar de superioridade o Menezes, já vejo pela sua atitude que não quer acatar as ordens de que sou transmissor.

Nesse caso, e aqui impertigou-se ainda mais o bonifrate, V. Ex.ª tem três caminhos a seguir. O primeiro...

— Basta! atalhou com altivez o capitão Camossa. Caminhos tenho só um e êsse está de há muito traçado: é defender a República até à última gota do meu sangue. Soldados, levem estes homens para o calabouço.

E lá foi o capitão *bera*, emissário do *grande condestabre* para o calabouço do quartel de Ovar até ao dia 23 em que nos encontramos.

Quem sabe o que lhes irá ainda acontecer!

Ao saír o último prêso, que dizia ser caixeiro viajante e afirmava ser republicano, tendo sido prêso na véspera à tarde, pouco antes de nós chegarmos, por suspeito, soltaram-se estridentes vivas à República a que êste correspondeu acenando com o chapéu.

Pouco tempo os presos esperaram na estação. Dentro em breve, efectivamente, chegava o comboio, de Aveiro, composto da máquina, fourgon e uma carruagem de 3.ª classe, onde foram alojados os presos que foram entregues à guarda da escolta de civis de Aveiro, pois era mister que os de Ovar ficassem.

Logo que o comboio partiu entre as nossas aclamações juntei-me ao dr. Alberto Tavares, que se me oferecera para me levar ao Carregal em um trem, pois eram quási 10 horas e o Lino Brandão já lá devia esperar-nos com os seus barcos.

Assim se fez e dentro em pouco, ao trote pesado de uma parelha de aluguer, corríamos para a ria por entre as frondosas filas de eucalíptos que marginam a estrada. Encontrámos ainda o dr. Pedro Chaves que vinha em sentido oposto cavalgando o seu magnífico alazão; trocamos breves palavras informando-nos êle que o Lino nos esperava. Finalmente pouco depois os cavalos estacaram; estávamos no Carregal. Era forçoso porêm andar ainda um pedaço, a pé, por um terreno arenoso e encharcado, para alcançar o barco. O bom amigo Lino Brandão lá estava no seu gasolina dando os últimos retoques para a viagem.

As conservas que se destinavam às nossas tropas estavam acabando de carregar em um barco de vela, que seria rebocado pelo nosso. Por êste motivo teríamos que esperar ainda um pouco. Lino contou-nos que no dia anterior tendo ido também a Aveiro em igual missão, na volta

para Ovar se vira perdido por ter sido apanhado pela corrente da água que o impeliu para a barra, não podendo o motor resistir à fôrça que o empurrava e tendo estado quási no mar largo. O barco havia batido contra os rochedos da margem, onde abrira um rombo que, por um extraordinário acaso, o não fez submergir, porque um pedaço de rede de pescador apanhada pelas pás da hélice de mistura com algas da ria se adaptara milagrosamente ao orifício impedindo que a água entrasse, até que eles, já noite velha, chegassem a Ovar.

Só naquela manhã o chaufeur tinha dado pelo caso quando suspendeu a lancha para a examinar. O rombo porêm tinha já sido convenientemente tapado e o barquinho aí estava pronto para nova aventura. Começaram chegando os cestos do farnel; era o nosso almôço.

Iam connosco o cabo do mar, de Ovar, dedicado republicano e mais dois rapazes que queriam ir apresentar-se já como voluntários ao comando militar, em Aveiro, visto que em Ovar não tinham armas para lhes dar.

E' quási meio dia, são horas de partir.

Os homens que tripulam o barco de carga dão a voz de *pronto*. O Dr. Tavares despede-se de nós, com um sonoro *até logo*, a que correspondemos cheios de confiança e o nosso Lino, arvorado em comandante daquela frota semi-guerreira, semi comercial, dá as suas ordens para a abalada.

E' mister que saia primeiro o barco de carga, que lá vai lentamente impelido à vara até à parte mais larga da ria, onde espera por nós. Seguidamente o motor da lancha começa a funcionar com estrondo e êste, soltas as amarras, sai serenamente do canal que lhe serve de abrigo e singra direita ao barco, lança lhe uma amarreta que é fixada à prôa daquele, com bastante folga, e

endireita resfolegando, pelo formoso estuário da ria, que um brilhante sol, mais parecendo de primavera que não de Janeiro, iluminava em toda a sua plenitude.

Dei então um dos mais bonitos passeios que em minha vida tenho dado. Cardumes de peixes, assustados pelo barulho do motor, passam velozes de um lado para o outro, aves marítimas cruzavam de vez em quando os ares em bandos ou isoladas, alegrando a paisagem com seus gritos estridentes, num anceio de liberdade e de vida, bem comparável ao nosso. Vi mesmo nesta viagem, pousado na praia, em frente a S. Jacinto o maior bando de patos que jámais hei visto. Então os meus instintos de caçador despertaram e eu senti uma grande saudade da minha caçadeira que ficara no Pôrto, escondida na minha casa, em um falso de uma gaveta e que provavelmente a essa hora já teria sido achada e roubada pelos trauliteiros.

Quando chegamos à Torreira houve que parar o barco, fazendo de longe o Lino Brandão uns sinais especiais com o lenço, que lhe haviam sido ensinados na vespera pelos marinheiros que ali estavam como guarda avançada, afim de não deixar passar embarcação alguma suspeita. Aportamos então desembarcando um cavalheiro que havia pedido para o trazermos até àquele ponto e que connosco viera, destinando-se a uma povoação próxima, para onde seguiria a pé. A disposição dos briosos marinheiros, cinco apenas, era excelente.

Receberam-nos soltando entusiásticos vivas à República, a que nós correspondíamos com calor. Lamentavam-se apenas de estar para ali isolados, como no degredo; tinham-lhes porêm distribuìdo aquele pôsto e eles lá estavam prontos a morrer pelo seu ideal. Por ali não passariam os monárquicos sem que ao menos eles despejassem até

ao último cartucho e, verdade, verdade, munições não lhes faltavam. Quizeram saber o que acontecera aos seus camaradas do Pôrto e eu vi-os então espumar de raiva, chorar até, quando lhes contei a suprema afronta que lhes haviam feito os monárquicos de os desarmar, de lhes tirar as munições da metralhadora *Maxim*, de prender alguns, trazendo-os entre escoltas de cavalaria 9, à pranchada, para o Pôrto, onde os haviam agre-

Praia de S. Jacinto, onde está o hangar dos hidro-aviões. Uma destas máquinas no momento do regresso.

dido, a cavalo marinho no Aljube. Disse-lhes porêm que contava com eles para a contra-revolução que seria breve, como comigo mesmo e eles ficaram radiantes, apertando-nos fortemente as mãos quando nos despedimos e o barco se fez de novo ao largo entre aclamações.

Chegamos a Aveiro pelas 16,30. Com espanto soubemos que tinha sido pedido de Avanca um comboio para ir buscar vários civis que já ali se encontravam fugidos, porque o inimigo tinha entrado em Ovar.

Pouco depois chegavam os rapazes, que eram na sua maioria os do meu grupo, transportados por êsse comboio e juntamente alguns de Estarreja que nos disseram então que, ainda quando nós estavamos no cais de Ovar, isto é, antes de largarmos, os couceiristas tinham surgido à vista dos civis que defendiam a vila. Estes despejaram até ao último cartucho enquanto um vinha avisar o tenente Oliveira, comandante do pequeno destacamento, o qual, em virtude da fôrça atacante ser numerosa, retirou com os seus homens em direcção à ria, transportando armas e munições. Ali embarcaram para Aveiro, onde chegaram, sem novidade, bem como os drs. Pedro Chaves e Alberto Tavares, Avelino Vaz, Viriato de Almeida e outros de Ovar.

Valentes rapazes! Comoveram me até às lágrimas.

Neste dia jantei no Hotel Aveirense, onde pernoitei tambêm, tendo ido, logo que cheguei, à Alfândega fazer a minha apresentação. Não estava ali o meu colega Felizardo, que só depois de jantar encontrei.

Dia 24.—Almocei ainda no Aveirense. Fui depois ao Comando militar onde fui apresentado ao coronel Peres e capitão tenente Silvério da Rocha e Cunha, ambos dedicadíssimos republicanos extremamente simpáticos, que me dirigiram palavras de conforto e solidariedade que muito me penhoraram. Vi tambêm e abracei o meu antigo discipulo alferes Robi, já considerado com justa razão um verdadeiro heroi, pois foi êle que susteve com uma pequena fôrça de cavalaria, do seu comando, em Albergaria-a-Velha, o embate dos trauliteiros, prendendo diversos, entre os quais o chefe do mais importante grupo, o célebre Bento Garrett, José Vilas Bôas e Joaquim da Fonseca, que vinham com outros em 30 automó-

veis para proclamar a monarquia naquela vila e outras terras.

Desses automóveis foram-lhes apreendidas 3 retirando os outros em debandada. Pelas 11 horas encontrei o meu colega António Felizardo e o chefe da estação telégrafo-postal de Valongo, Generoso Rocha, que viera do Pôrto no mesmo dia que eu, mas directamente para Aveiro, abandonando a estação, onde ficara apenas sua esposa e um praticante.

Fomos, os três, ao quartel general a fim de arranjarmos uma arma para irmos ao front, a êsse tempo já estabelecido no Vouga, onde a ponte de Cacia havia sido cortada em parte. Ali já se estavam armando muitos civis dos que tinham vindo connosco. O Generoso Rocha arranjou uma Mauser e eu preferi uma carabina Snider, que vim buscar à Alfândega, com as respectivas munições. Como o Felizardo não pudesse vir, partimos eu e o Generoso pelas 13,30 para Cacia, passando por Esgueira. Um pouco adiante desta localidade apresentámo-nos ao comandante dos postos avançados, o aspirante oficial de infantaria Aurélio Rebocho Vaz, que nos reconheceu, nos deu um salvo-conduto [1] e o *santo* e *senha*, os quais eram, respectivamente, *Esgueira e Espada*. Seguimos até próximo de Cacia e um pouco antes desta localidade, como o comando militar tivesse muito empenho em saber se o inimigo já tinha passado a ponte para cá, avançámos em exploração pela linha férrea até à ponte e para lá das últimas vedetas. Antes de chegarmos porêm ao pé destas íamos tendo uma sensaboria. Supondo já estarmos, pelas indicações que nos tinham dado, para alêm dessas vedetas ao avistarmos na linha, junto à passagem de nível, dois civis arma-

---

[1] Documento n.º 1.

dos, imaginamos tratar-se de dois trauliteiros e, parando, perguntamos, de dedo no gatilho das armas: *Quem vive?* Como não nos respondessem demos lhes a senha e não recebemos a contra-senha, o que mais veio avolumar as nossas suspeitas. Por sua vez eles aperravam as suas armas, até que, vendo a nossa atitude, disseram: Fieis à República! Eram as nossas vedetas, a quem não tinham dado conhecimento da referida senha e contra-senha ([1]).

Avançamos ainda cêrca de 300 metros e reconhecendo que o inimigo não havia passado a ponte viemos o mais depressa possível ao telégrafo de Cacia, onde o Generoso Rocha telegrafou para Aveiro, a fim de comunicarem imediatamente ao Comando, as informações colhidas. Entretanto apareceu-me a professora da terra que amávelmente me veio oferecer a sua casa para hospital de sangue, sendo preciso. Agradeci e disse-lhe que transmitiria o seu oferecimento ao comando, como depois fiz. Seguidamente regressamos a Aveiro, no que gastamos ainda hora e meia. Chegando à cidade, fui guardar a minha arma e cartucheira em casa do Felizardo, com tenção de ir jantar ainda ao Aveirense. A esposa dêste meu amigo e colega, a quem devo as maiores finezas, insistiu porêm de tal forma em que jantasse em sua casa que fui obrigado a aceitar.

À noite estivemos nos Arcos, onde encontrei, entre outros, o bravo alferes Robi, que tinha vindo de fugida a Aveiro, ver a esposa que se encontrava doente, e que regressou imediatamente ao front. Apareceu o António Máximo, comissário de polícia, lugar em que fôra investido pelos republicanos dois dias antes, isto é, depois da insurreição monárquica, e disse que era necessá-

---

([1]) Vide 3.º suplemento ao n.º 6621 do «Campeão das Províncias».

rio ir uma escolta levar parte dos presos políticos a Coimbra, a qual tinha que ser de civis, para não distrair as fôrças regulares que todas eram precisas porque eram poucas e não se sabia com que contava o inimigo. O Felizardo organizou a lista dos que haviam de constituir essa escolta, entrando elementos de Aveiro e dos que tinham vindo comigo de Espinho, do Pôrto e de Ovar e fazendo também parte dela o organizador e eu. Deu-se ordem para todos estarem no comissariado às 23,30, porque o comboio, que havia de chegar de Coimbra às 23 partiria para ali, de novo, às 24.

A essa hora, efectivamente, todos estavam no comissariado, devidamente armados e municiados. Ali estivemos até às 4,30 da manhã sem que houvesse notícia, no entanto, da chegada do comboio. Viemos porisso todos para casa, ficando o comissario de nos mandar prevenir da nova hora da partida.

Houve nesta noite um falso alarme de ataque ao hangar de S. Jacinto. Para lá foram alguns civis a pé (são 9 quilómetros) entre os quais o Generoso Rocha. Só tive conhecimento do facto no dia seguinte.

Dia 25. — Dormi até às 8 horas. Às 10, quando estávamos para almoçar, eu e o Felizardo, chega-nos a comunicação de que os presos seguiriam às 11. Como já havia gente de mais, que se tinha oferecido, para constituir a escolta e a essa hora nos não fôsse possível ir, o Felizardo porque tinha que fazer na Alfândega, e eu porque tinha que redigir uma proclamação destinada a ser lançada pelos aviões sôbre o Pôrto, a fim de incutir esperança e ânimo entre os nossos, que estavam sem notícias do sul, resolvemos não ir. Contudo ainda fomos até ao comissariado e assistimos à chegada dos presos vindos da cadeia para

seguirem para a estação. À frente vinha o Bento Garret, algemado e atrás de todos o Costa Alemão, de Coimbra, que tinha sido prêso na ante-véspera, com um agente da preventiva da mesma cidade de apelido Feliz e um alferes de cavalaria à paisana, os quais pretendiam entrar em Aveiro. Apesar da hora matutina estava algum povo connosco; ao ver os presos, que eram cêrca de 20, soltou entusiásticos vivas à República e morras aos traidores. Depois de uns minutos de demora, o cortejo pôs-se em marcha para a estação. Chegado ali repetiram-se as manifestações do Povo. Ao meio dia partiu o comboio para Coimbra.

Minutos antes, porêm, uma contra-ordem do comissário mandava recolher de novo ao calabouço em Aveiro o trauliteiro Garret, que ficou alojado em um quarto do rez do-chão.

Eu que já tinha começado a proclamação a lançar sôbre o Pôrto fui a casa concluí-la, passá-la a limpo, e às 14 horas fui ao quartel general apresentá-la ao chefe do Estado Maior capitão-tenente Silvério da Rocha e Cunha, o qual por sua vez a mostrou ao comandante, coronel Peres. Ambos acharam bem, guardando o original para mandarem imprimir quando fôsse possível os aviões levantarem vôo, pois que desde que haviam sido entregues pelo pôsto francês de aviação marítima nunca mais tinham sido limpos e estavam enferrujados, além de que não havia aviadores; era necessário mandá-los vir de Lisboa.

Entretanto constavam cousas graves de Lisboa. Os monárquicos tinham-se revoltado ali na véspera e havia luta nas ruas. Fiquei contristado com a demora forçada na vinda dos aviões ao Pôrto, mas não tive mais remédio senão curvarme à evidência dos factos e assim, depois de pedir autorização para no dia seguinte, voltando à linha de fogo, levar uma carabina Manelicher,

que era mais portátil e mais còmoda, voltei à Arcada. Aqui havia grande ajuntamento em frente da montra da Tabacaria de Bernardo Torres, o velho e destemido republicano, onde se haviam afixado placards com a notícia do ataque feito pelo Povo de Lisboa a Monsanto. À noite no café *Cisne* da Arcada, onde se reùniam todos os republicanos, civis e militares encontrei o Secundino Branco, que chegara de Coimbra e que me trazia cumprimentos do Governador civil, Luís Alberto de Oliveira, com quem eu estava de relações cortadas porque na questão havida entre mim e meu sobrinho João, ao tempo ainda presidente do ministério, aquele tomara o partido dêste, de quem é cunhado. Mandava-me dizer que naquele momento todos os republicanos deviam estar unidos como um só homem e que se alguma cousa precisasse dêle ou de Coimbra que mandasse dizer. Comoveu-me aquela manifestação de solidariedade e porque sempre tive o Oliveira por um cavalheiro, pedi ao Secundino, que nessa ocasião me apresentou um outro rapaz, estudante de Coimbra, bastante simpático, evolucionista como êle, chamado Manuel José da Silva, que mais tarde havia de ser o fogoso deputado popular por Oliveira de Azemeis, que agradecesse em meu nome ao Oliveira e lhe dissesse que também podia contar comigo em Aveiro para tudo.

Eu tinha visto no *Mundo* e outros jornais republicanos em pleno dezembrismo, referências agradáveis ao capitão Oliveira.

Entretanto o *café* estava animadíssimo. Oficiais e sargentos entravam e saiam a miüdo. Para os lados de Albergaria tinha havido diversas escaramuças e os nossos tinham feito passar maus quartos de hora aos monárquicos.

Apareceu a figura simpática do Sr. André dos Reis, membro da Junta de Defesa da República

que no dia 20 se constituíra e que me esteve então contando como as coisas se haviam passado.

Nessa noite de 19 de Janeiro o *Cisne* estava também cheio de gente, entre a qual o 1.º sargente Lima de infantaria 24, quando chegou a *Patria!* jornal monárquico do Pôrto, com a notícia da proclamação da monarquia nesta cidade, afirmação falsa de que assim estava em todo o resto do país, incluindo Aveiro, e lista dos ministros da Junta Governativa, na qual figuravam o coronel João de Almeida como ministro da guerra e Egas Pinto Basto, também de Aveiro, como ministro das obras públicas.

O sargento Lima ao acabar de ler o papelucho deu um grande murro em cima da mesa e levantando-se de repente disse: — Isto não pode ser, nem há de ser! Vou já de aqui ao meu quartel pôr tudo em movimento. Rapazes: Viva a República!

Todos os presentes corresponderam e de facto êle partiu como um raio. Chegou ao quartel mandou tocar a formar companhias, estabeleceu vedetas nas ruas próximas para evitar alguma surpreza da cavalaria, que era suspeita, e desta maneira o bravo 24 de infantaria, onde dentro em pouco chegavam os oficiais que concordaram com as medidas adoptadas, foi o primeiro regimento a revoltar-se contra a impostura do Couceiro. Quási ao mesmo tempo o capitão Cunha e Costa, de cavalaria 8 (hoje major) brandindo o mesmo número da *Pátria!* e seguido de outros camaradas entrava de roldão na sala dos oficiais do seu regimento, onde se encontrava o coronel João de Almeida e dirigindo se a êle exclamava: — Eu desejo que V. Ex.ª me diga se isto que aqui vem é verdade, se V. Ex.ª deu o seu consentimento para que o seu nome figurasse como ministro da guerra desta farçada.

O homem deu a sua palavra de honra que não tinha dado tal consentimento e então Cunha e Costa disse-lhe, pouco mais ou menos:—Nesse caso V. Ex.ª recolhe a sua casa e considera se aí detido, se nos dá também a sua palavra de honra em como nada fará para hostilizar a República.

E foi assim que João de Almeida teve como prisão apenas a sua casa em Aveiro, onde recebia diáriamente as visitas de toda a gente suspeita às instituições republicanas, emquanto os nossos no Pôrto e outros pontos do País jaziam nas mais infectas masmorras e sofriam os mais atrozes martírios.

Do que se passou com o elemento civil no dia imediato e qual a sua acção, sem falar nas manifestações que já nessa noite se produziram, factos que o nosso amigo também nos relatou dá bem conta O "«*Campeão das Províncias*» jornal de Aveiro proficientemente dirigido pelo nosso Ex.mo amigo snr. Firmino de Vilhena, que foi também uma vítima do sidonismo, tendo estado prêso pouco antes da "Traulitania„, no seu número 6621, de 28 de Janeiro e que diz o seguinte:

Aveiro na vanguarda

Em Aveiro a família republicana exultou. Era a forma de vir, toda ela, unida pelo mesmo sentimento patriótico, pelo mesmo acendrado amor à causa, para a rua, defender a República, cujos destinos estão indissoluvelmente ligados à Pátria pelo vinco ardente e glorioso de 5 de Outubro de 1910. Aveiro seria a Liege portuguesa na luta empenhada contra os inimigos da Pátria. E é. Está-o sendo gloriosamente.

Pelas 15 horas efetuou-se no amplo salão do *Teatro-aveirense* uma imponente reùnião em que ficou eleita a «Junta de Defêsa Republicana de

Aveiro» com o fim de auxiliar as fôrças militares da guarnição, decididamente postas ao lado da República para garantir a sua defêsa e marchar sôbre o Pôrto e Vizeu no possível número de homens armados.

Essa Junta ficou constituida pelos cidadãos dr. Alberto Souto, dr. André dos Reis, dr. Rui da Cunha e Costa, Bernardo de Sousa Torres, José Casimiro da Silva e Alfredo Osório, a quem a assembleia conferiu plenos poderes para resolver sôbre todos os assuntos da sua alçada, e logo a sua ação se fez sentir por importantes deliberações. A sua proclamação, vinda a público pouco depois, é do teor seguinte:

"Neste momento em que a Pátria tanto carece da junção dos esforços dos seus filhos para triunfar da crise angustiosa que atravessa, um bando de dementados e ambiciosos ousou, traiçoeiramente, proclamar no Pôrto e Braga o regimen que, cheio de crápula e de deshonra, baqueou em 5 de Outubro de 1910 perante a vontade unânime da Nação!

Cidadãos! Povo republicano!

Quaisquer que sejam os sacrifícios que o acto criminoso, ontem praticado naquelas cidades do norte, nos imponha, ninguêm trepide diante deles e estejamos todos firmes e serenos para caminharmos unidos pelo santo ideal da República, e dispostos a esmagar altivamente a horda que intenta restaurar um trono em terras de Portugal!

Nesta hora não há partidos, mas tam sómente um exército de disciplinados, convictos e liais republicanos, que reconhecem a necessidade de salvar as instituìções e com elas a Pátria, que os nossos antepassados nos legaram, honrada e nobre!

Notícias oficiais garantem que a ordem está assegurada no resto do país, pelo govêrno.

A guarnição militar de Aveiro, sob o comando dum cidadão que é o protótipo da lialdade e da

honra, não pactua com os elementos sediciosos e saberá, com valentia e bravura, defender a República, que o povo, o exército e a armada livremente escolheram, porque só dela derivará o nosso engrandecimento, dignificando-nos perante o mundo e perante a História.

Ponte de madeira de Cacia-Anjeja, que foi cortada pelas nossas tropas e que foi principalmente defendida pelos nossos civis

Foi em seguida nomeado administrador e comissário de polícia o sr. António Henriques Máximo Júnior, soltou-se o prêso político Abel de Andrade, vítima dum equivico que lhe atribuia a iniciativa dum atentado de que era incapaz; e organisaram-se grupos de civis, armados, para seguirem com as forças regulares que partiam ao

encontro dos que se propunham convulsionar a população. O tenente Robi, comandando uma pequena fôrça de cavalaria, seguiu para Albergaria-a-Velha, onde se erguia já a bandeira monárquica, que foi arrancada e despedaçada pela multidão. Outros contingentes de infantaria, comandados pelo valente capitão Aurélio Cruz, partiram para diferentes pontos a tomar os caminhos por onde podiam vir os revoltosos. O comando superior e govêrno militar do distrito foi assumido pelo coronel, sr. José Domingues Peres, o legionário ardente, o intrépido comandante do 24 em França, de onde regressára há pouco. O ilustre oficial da armada, sr. Silvério da Rocha e Cunha, tomou também a dirigência das forças de marinha, e todos os antigos sargentos e praças licenciadas ou afastadas do activo se apresentaram nos quarteis, oferecendo-se para combater, entrando logo no serviço. Foi o momento de se revelarem autenticas dedicações.

Centenas de indivíduos, militares e paisanos, disputavam logar nos postos avançados. São muito de notar o entusiarmo e afecto dos grupos civis e vários elementos militares. O sargento Eduardo Azevêdo, moço imberbe mas valente, prestou otimos serviços. Este e outros. Oficiais e soldados, o próprio pessoal ferro-viário.

Naquele mesmo dia começaram de chegar contingentes de Ovar e Agueda, que vieram engrossar a valorosa coluna expedicionária, sob o comando de distintos oficiais republicanos.

Para diante

Entretanto a *Junta* fazia afixar todos os telegramas que iam chegando de Lisboa e outros pontos e que eram avidamente lidos pela grande multidão que se aglomerava em frente da *Hava-*

neza-central, e fazia distribuir pelas tropas da República, a seguinte saudação:

Soldados! Em nome do Povo a "Junta de Defesa Republicana„ da cidade e distrito de Aveiro saùda as tropas que com tanto brio, dedicação e entusiasmo teem operado nas margens do nosso Vouga e nesta terra, berço da Liberdade, assegurando a República.

Oficiais, sargentos, soldados e civis, sustentáculos da Democracia, mandatários e defensores do Povo, em íntima união, como sucede em todas as nações livres, vós estais provando que aqui ressurge uma pátria que vai saber realizar o ideal magnífico que hoje ilumina o mundo.

Foi uma República como a França, uma nação liberal e democrática como a América, que salvaram os povos da terra da tirania autocrática e imperalista da Alemanha.

Portugal, que pela República entrou na guerra ao lado dos aliados, com quem comunga na vitória, não pode retroceder voltando à monarquia batida em toda a parte!

É a República que triunfa sôbre o mundo, o govêrno do povo, sem reis nem privilegíados inuteis e perigosos.

A República vence tambêm em Portugal.

Cercados, como num covil, os aventureiros monárquicos do Pôrto vão ser batidos pelas grandes e valentes forças republicanas que aqui estão chegando.

Soldados, guarda avançada do exército republicano! No dia 21 de Janeiro de 1919, vós salvastes a República nas margens do Vouga e nesta gloriosa e liberal cidade de Aveiro.

Prossegui! Levai a obra até à vitória final! Entrareis no Pôrto cobertos de glória! Desbaratai essa vergonha monárquica!

A memória de José Estevam, soldado e orador da Liberdade, que pela Liberdade lutou, batendo-

-se como um leão nas linhas do Pôrto, dá-nos alento nesta luta sagrada!

Pela República! Viva a República!

Deixamos o fogoso orador e poeta André Reis e viemos até à arcada com o bom amigo dr. Adelino Simão Leal, notário em Aveiro, irmão do António Felizardo. Um ajuntamento se formára à porta de Bernardo Torres. Aproximámo-nos. Eram dois rapazes, ferro-viários, que tinham acabado de chegar, fugidos de Gaia e que contavam coisas horrorosas praticadas pelos monárquicos. Foi então que eu tive conhecimento de que haviam transformado o *Eden Teatro*, do Pôrto, em prisão política onde se cometiam as maiores barbaridades.

Davam-se como mortos depois de terem sofrido os maiores tormentos o ex-padre Camilo de Oliveira, Hamilton Carramão, Alberto Midões, Manuel Caetano de Oliveira, dr. José Domingues dos Santos e outros.

Contavam eles a forma como tinham visto os trauliteiros irem buscar a casa um maquinista da Companhia Portuguesa, arrancando-o da cama e levando-o meio vestido, às coronhadas, obrigando-o a subir para uma máquina, em Gaia, para transportar as tropas monárquicas para o sul. O homem ficára a escorrer sangue de uns ferimentos na cabeça e mesmo assim o obrigaram a marchar.

Êles então trataram logo de fugir, a pé, como puderam e ali estavam.

Contaram mais que as reparações na linha férrea próximo de Ovar, isto é, dos cortes a que eu tinha assistido quando cheguei àquela vila, tinham sido feitas por um troço de 200 homens do Minho e Douro, mandados para ali pelo inspector Luís Silva, que era um verdadeiro criado do Paiva Couceiro. Era esta uma criatura que nunca me tinha enganado e porisso não me surpreendeu.

Entretanto aproximou-se de nós o professor Viriato de Almeida um dos do meu grupo e disse-nos.

—Já ouviu o que esses rapazes dizem que se está passando no Pôrto? Pois emquanto os nossos são martirizados no Eden e no Aljube, aqui os presos monárquicos gosam todas as regalias; até vão à missa!

—Que está você a dizer, exclamei eu?

—É o que dizem ali no café e está tudo lá indignadíssimo com isto, que até parece uma traição...

—Mas explique-me cá melhor: Então quem é que foi à missa e quem é que deixou ir esses indivíduos à missa?

—São dois alferes e um aspirante oficial que estão no convento de Jesus, tendo sido aprisionados um dos alferes e o aspirante em Albergaria pelo Robi no momento em que se lhe apresentaram como parlamentares do Couceiro para que êle se rendesse, e o outro por ter tirado os percutores às peças que estavam em cavalaria 8. Diz-se que estes cavalheiros têem tantas facilidades que a sua prisão é, positivamente, uma prisão de rosas e tanto assim que até ontem pediram licença e obtiveram-na para ir à missa.

Ora naturalmente não foi o sentimento religioso que lá os levou, mas sim o comunicar com alguêm.

—Isso não pode ser exclamei eu! Certamente essa licença não foi dada pelo comando militar e isso tem que se pôr a claro. Ora venha cá.

E fui com êle, cheio tambêm da maior indignação contra os traidores, se os houvesse; e entrando pelo café, apinhado de gente, escutei por momentos os comentários ao caso que de todos os lados se faziam, até que, não podendo conter mais a minha revolta, bradei em alta voz:

—Meus senhores. O facto que se aponta tem que ser esclarecido.

É preciso que nós saibamos se foi o Comando Militar que permitiu que esses prisioneiros monárquicos fossem ouvir missa, ou lá o que foram fazer, na hora grave em que nos encontramos e emquanto os nossos irmãos em ideal estão a ser barbaramente martirizados no Pôrto. Eu estou convencido que o Comando ignora tal cousa, pois do contrário ela assumiria as proporções de uma verdadeira traição. Mas se o não ignorasse eu iria a Coimbra, eu iria até a Lisboa e, apezar de estar de relações cortadas com esse homem que ainda está na presidência do ministério, dir-lhe hia que nós não queríamos nem mais um minuto continuar a ser ludibriados:

Queremos morrer mas não queremos ser atraiçoados. Proponho porisso que vamos todos, mas já, ao Comando Militar averiguar o assunto. E emquanto assim procedermos não haverá traições, os boatos morrerão e a República viverá.

Viva a República!

Vamos, meus senhores!

O dr. André Reis aproximou-se de mim, abraçou-me e disse:

— Tem razão meu amigo. Vamos ao quartel.

E lá fomos à frente de um numeroso grupo de civis e militares, mas principalmente civis, tudo que estava no Café e na Arcada, até ao Comando Militar. Recebeu-nos no alto da escada o capitão picador Salvador José da Costa, um incansável, cuja actividade durante o dia no recenseamento de viaturas e solípedes, quási só feito por êle, era de pasmar e que ainda àquela hora ali estava vigilante.

Disse-nos que o snr. Comandante estava a repousar um pouco, que êle bem precisava de descanço para poder proseguir a sua obra em que todos estavamos empenhados e porisso que o melhor seria voltarmos no dia seguinte. Nós, porêm, já tínhamos feito barulho demasiado,

o sono do coronel Peres era muito leve e o nosso amigo Salvador não poude concluir o seu conselho, porque a breve trecho o coronel, abrindo a porta do gabinete, estava ao pé de nós inquerindo do que se tratava. Expuz-lhe eu então em breves palavras o que nos levava a importuná-lo áquela hora da noite. Êle que nos desculpasse.

Mas eu estava convencido de que S. Ex.ª não tinha culpa alguma no caso e era mister que nem por um momento os republicanos de Aveiro e os que para ali tinham vindo deixassem de ter nas prestigiosas figuras, que haviam colocado na direcção das operações contra os monárquicos rebeldes, a mesma confiança de sempre.

S. Ex.ª com aquele seu ar simples e modesto deu-nos a sua palavra de honra de que desconhecia tudo aquilo e que no dia seguinte mandaria averiguar como os factos se passaram castigando os prevaricadores e mandando os tais oficiais para lugar mais seguro.

Todos nos retiramos satisfeitos. O boato desfez-se de maneira peremptória. No dia seguinte soube-se que a licença para a missa tinha sido dada pelo conservador do Museu, Marques Gomes, arvorado em carcereiro, não tendo responsabilidade alguma no caso qualquer autoridade militar, sendo os oficiais logo removidos para Coimbra, para a Penitenciária, na segunda leva, como mais adiante direi.

Como facto digno de registo neste dia devo dizer também que, estando eu de manhã à espera que saísse a primeira leva dos presos que iam para Coimbra, olhando para um quadro de madeira que estava à porta do Comissáriado de Polícia vi ali ainda, colada com obreias vermelhas, a célebre proclamação que a Junta Militar do Pôrto, precursora imediata da Traulitânia, tinha mandado espalhar pelo Norte do País e afixar, onde tinham gente sua como autoridade, que era, afinal, quási

em toda a parte. Ao nosso amigo António Máximo, comissário, e aos outros republicanos tinha-lhes passado despercebido.

Tive eu a honra de a arrancar, guárdando-a entre a colecção de documentos dessa época, que conservo. Como certamente alguns dos nossos leitores a não conhecem vamos dá-la na íntegra. E' do teor seguinte:

Proclamação

A seita demagógica não desarma e, cônscia da impunidade, acaba de perpetrar o nefando crime de assassinar o Presidente da República Dr. Sidónio Pais que tanto se distinguiu na Administração da Causa Pública, pugnando sempre pelos interesses vitaís do País e procurando em todos os actos estabelecer a Ordem e a Paz na Sociedade Portuguêsa, cujos fundamentos os ódios do jacobinismo tinham profundamente abalado. Três balas assassinas abateram ao mesmo tempo o Chefe do Estado e o comandante em chefe das forças de terra e mar.

As guarnições do Norte não podiam cruzar, impassíveis, os braços perante a crise que neste momento assoberba o País e desde as primeiras horas após o vil atentado procurou, com outras guarnições, estabelecer um govêrno de ordem que jugolasse de vez a fúria revolucionária.

E como quer que os partidos políticos se insurgissem contra tão generosos intentos, dificultando a organização dum govêrno militar, que sintetizasse o pensar e as aspirações do Povo Português, as guarnições nomearam dentre os seus membros uma Junta que servisse para assegurar a ordem, como base imprescindível do funcionamento regular da Administração pública. Alheia por completo a intuitos políticos e liberta de todos os preconceitos, animada do mais acri-

zolado amor à sua Pátria querida, a Junta acata as determinações de S. Ex.ª o Snr. Presidente da República Portuguêsa, a quem dirige, neste momento solene, as suas saudações respeitosas. E com o mesmo respeito lembra a necessidade de normalizar, de pronto, a situação do País que o atentado de 14 de Dezembro agravou, saneando a sociedade portuguêsa nas suas complicadas engrenagens, libertando a consciência pública, moderando os instintos ferozes duma parte, embora mínima, da sua população, impedindo os atentados pessoais, castigando inexorávelmente e duramente todos aqueles que não possam ser evitados e procurando, finalmente, por todos os meios, estabelecer paz, a ordem e a tranquilidade de há tanto tempo divorciadas da Nação Portuguêsa. E emquanto se não organiza um govêrno nas condições que o decoro da Nação exige, a Junta apela para os generosos e patrióticos sentimentos dos habitantes da heróica cidade do Pôrto e de todo o País, confiando que todos eles saberão coadjuvar eficazmente a sua acção na manutenção da ordem, principal objectivo da sua constituição.

Mas se porventura não fôr escutada a sua voz implorante, a Junta assumirá toda a acção governativa, com todas as responsabilidades que lhe são inerentes.

Viva a Pátria!
Viva o Exército.

Pôrto, 18 de Dezembro de 1918.

A Junta Militar

Gaspar da Cunha Prelada, coronel de infantaria
Artur Maria da Silva Ramos, coronel de engenharia.
Jaime Carvalho da Silva, tenente coronel de cavalaria.
Antonio A. Solari Alegro, capitão de cavalaria.
Aires de Abreu, capitão de artilharia e do Estado Maior

Como se vê não se fala neste documento uma única vez em República... Era a máscara que começava a cair dos rostos dos traidores.

Dia 26. — As comoções da vespera haviam-me deixado um pouco extenuado, motivo porque dormi até às 9, o que deveras me contrariou, pois tinha combinado com os rapazes do meu grupo irmos a essa hora para Cacia. Levantei-me apressadamente e, quando estava já quási vestido, apareceu-me o Felizardo no quarto e disse-me, sabendo do meu propósito:

—Tenha paciência, você agora não vai sem almoçar. E depois, os rapazes também têem que comer.

Deixe estar que eu mando preveni-los que você só vai às 10 horas.

Devo dizer que os rapazes que tinham ido comigo se tinham hospedado em diversas casas por iniciativa e a expensas da Junta de Defeza da Republicana, de Aveiro, tendo nestes actos de administração acção primacial o incançável Bernardo Torres.

Almoçei pois com o bom amigo Felizardo, em casa de quem me encontrava, e com sua gentilíssima esposa, D. Mecia, desditosa senhora que tão cêdo, por um destino cruel, havia de ser roubada ao carinho de seu esposo que a idolatrava e ao afago dos seus filhinhos! (1)

Foi para mim bem triste êste almoço.

A vista deste casal feliz rodeado dos seus três filhos fez-me recordar os meus, também o mesmo número, que eu não via há cinco dias já, de que não mais tivera notícias nem sabia quando tornaria a tê-los.

Que lhes teria acontecido? E se por um lado

(1) D. Mecia faleceu 4 meses depois na Figueira da Foz vítima de uma infecção, deixando 3 filhos, o mais velho dos quais tinha 7 anos.

lembrando-me que tinham ficado entregues à família Rezende, e portanto muito bem, me tranquilizava, por outro lado sabendo as barbaridades de que os facínoras eram capazes e que os meus entes queridos se encontravam na *zona suja* ficava seriamente apreensivo, tanto mais que o Rezende era bem conhecido como republicano e podiam prendê-lo, ficando dêste modo a família e os que se achavam entregues à sua guarda, desamparados.

Para mais D. Mecia, tendo provávelmente a

Angeja — Vista geral.

mesma ideia que eu ou adivinhando-me o pensamento, começou falando-me dos que me eram caros, do desgosto que eu deveria ter tido quando os deixei, etc.

O Felizardo, vendo a impressão que esta conversa me causava e que eu não comia, atalhou-a mudando de assunto e dizendo-me que hoje que seguia para Coimbra outra leva de presos políticos e que talvez êle hoje fôsse também com a escolta. Estas palavras produziam logo mau humôr na esposa que o escutava porque já tinha constado que a escolta que fôra na véspera se

vira embaraçada naquela cidade, ao desembarcar, para livrar os presos das iras do Povo e ela tinha mêdo que acontecesse alguma coisa ao marido. Eu tranquilizei-a dizendo que não lhe aconteceria nada e mesmo que êle, provávelmente, não iria.

Acabado o almôço seguimos até à Arcada e aí chegados encontramos alguns dos meus companheiros, que falavam animadamente com um marinheiro dos que estavam na frente e que tinha vindo a Aveiro. Aproximei-me e perguntei-lhes pelos outros; disseram-me que já tinham partido. Contaram-me então que o assunto da sua conversa com o marinheiro era o não terem, tanto êle como os seus poucos camaradas, granadas de mão, facto que muito os desgostava pois garantiam que se as tivessem desalojariam sósinhos os monárquicos que estavam em Angeja que eram em reduzido número. Aquele tinha vindo de propósito a Aveiro para ver se conseguia algumas. Mas as que havia nesta cidade tinham sido levadas para a Mourisca, após o fracasso de 12 de Outubro, onde estavam escondidas e agora era impossível ir lá buscá-las. Um oficial de Coimbra lembrou que talvez naquela cidade se arranjassem 2 ou 3 dúzias pelo menos e indicou-me a pessoa que as poderia fornecer, porque as tinha para a revolução de 12 de Outubro e devia conservá-las lá em qualquer esconderijo. Ao mesmo tempo, acrescentou: Isso é fácil de conseguir porque o sr. ainda hoje lá pode ir e voltar ámanhã. O comboio chega aí cêrca das 12 e volta logo a seguir para Coimbra.

O alvitre foi aceite e eu parti logo para o quartel general a solicitar o passe para mim e para o Generoso Rocha que me acompanharia. O capitão-tenente Rocha e Cunha mandou passar-nos o passe, que nos foi dado pelo incansável Salvador José da Costa. Este, como tinha a família na Figueira e não tinha tido correio para

lá, nem aquela sabia onde êle se encontrava, escreveu à pressa uma carta para sua esposa e pediu-me para eu a deitar no correio em Coimbra, visto que de aí para a Figueira da Foz havia correio.

Do melhor grado acedi tomando conta da referida carta que guardei comigo.

Partimos imediatamente para a estação, munidos das respectivas licenças para sair da cidade (1).

No mesmo comboio devia seguir, como já disse, uma escolta de civis com os restantes presos, em número de 21, e os três oficiais, dois alferes e um aspirante. Nós, eu e o Generoso, levaríamos apenas os nossos revolvers, pois não íamos própriamente fazendo parte da escolta. Todavia o comissário sabendo que eu ia, tinha-me pedido para dirigir até lá o serviço e velar pela boa ordem durante o trajecto.

Pelas 15 horas, aproximadamente, chegou o comboio. Compunha-se da máquina, fourgon, um J e uma carruagem de 3.ª classe. Como transportava diverso material de guerra foi êste descarregado e a seguir carregado outro, principalmente de artilharia com destino a Agueda, em cujas proximidades havia notícias de já estarem os monárquicos, cujo fito era cercarem Aveiro e espraiarem-se para o sul. Em Agueda deviam já estar forças nossas que os deviam conter em respeito.

Uma hora depois o comboio partia. Transportava, de facto, a escolta com os presos, entre os quais iam os que eu tinha visto sair de Ovar para Aveiro, isto é, o capitão *bera* Vasco Vítor de Menezes, o dr. Seixas, os dois polícias do Pôrto, etc. Ia também um tal José da Costa e Almeida que tinha sido prêso ao atravessar as nossas linhas

(1) Documento n.º 2.

e que havia fundadas razões para o supôr um espião. Na estação tive uma sensaboria. Aparecera o Secundino Branco que ia também para Coimbra e como tivesse chegado acompanhado pelo comissário o dr. Teixeira Neves, que fôra administrador do sidonismo em Aveiro e que perseguira os republicanos, o qual tendo sido prêso na véspera seguia igualmente para Coimbra, não sob prisão mas desterrado, o Secundino com o seu feitio ultra-contemporisador, nessa data, começou cercando-o de atenções, querendo que êle ocupasse um lugar separado, como que a protegê-lo. E não contente com isto ia repetidas vezes falar com outro prêso do Pôrto, o filho do célebre cacique monárquico de Ramalde conhecido pelo *Kagaçal*, a quem êle conhecia e que também pretendia proteger.

Os civis que constituiam a escolta indignados, e com razão, não conhecendo o Secundino, ao tempo evolucionista, vieram perguntar-me quem êle era e pedir-me para o prevenir que se pretendesse de qualquer forma proteger os facínoras que ali iam que lhe davam um tiro. Eu vi tal decisão nos que me falavam que, depois de lhe dizer que era um republicano e lhes pedir que não se preocupassem com o caso que ficava por minha conta, fui ter com o imprudente Secundino e contando-lhe a conversa que acabava de ter e outras suspeitas que êle, com tal procedimento em casos análogos já levantara entre os republicanos de Aveiro, disse-lhe que o melhor era êle ficar em Coimbra e não voltar a Aveiro. Êste caso porêm deixou-me mal disposto, como se presume.

Além dos civis presioneiros seguiram ainda no mesmo comboio os dois alferes e o aspirante oficial, a que já anteriormente me referi, os quais eram acompanhados por um alferes da Guarda Fiscal, homem já maduro. Um desses alferes, creio que era o que tirara os percutores às peças em

Aveiro, ia seriamente comovido, os olhos muito vermelhos e julgo que o vi chorar. Em verdade inspiraram-me dó e mais uma vez eu constatei de mim para mim o quanto podia influir a educação na vida do homem. Aquelas três crianças, porque eram três crianças, encontravam-se naquela situação em virtude da educação recebida em colégios jesuíticos, onde lhes haviam atrofiado a inteligência e o sentimento, aleijando-lhes a própria noção da dignidade a tal ponto que eles na idade em que a vida palpita mais intensamente, em que todos que vivam mais em contacto com a Natureza e com a verdade, são sequiosos de Liberdade, preferiam ser escravos de um rei idiota a ser cidadão livres de uma pátria livre. E eu senti então mais aceso o ódio contra essas toupeiras da reacção, que andam constantemente envenenando a mocidade do meu País, numa obra de sapa que não pára jámais e que nós republicanos nos desleixamos de combater, como era mister.

Entretanto o comboio seguia a sua marcha e nós estavamos em Oliveira do Bairro. Deveríamos deixar aí um vagon com munições de artilharia e infantaria, destinado à coluna que devia estar em Agueda. Mal chegamos à estação fomos logo informados de que naquele momento se estava travando um forte combate na Mourisca, um pouco adiante de Agueda. Estacionamos; na estação estava só um alferes, o qual não sabia se havia de tomar conta ou não das munições que nós levavamos, dizendo que aguardava uma fôrça que havia de vir de Agueda para êsse fim. Chegavam de vez em quando civis, de bicicleta, que nos diziam que a *coisa* na Mourisca estava feia, porque os nossos eram em muito menor número. Estas informações embora transmitidas em segredo, de alguma forma chegaram ao conhecimento dos prisioneiros, que não podiam esconder

a sua satisfação. Um dos alferes prisioneiros pediu ao da Guarda Fiscal que os acompanhava para ir à gare. Este exigiu-lhe apenas a sua palavra de honra em como não fugia e deixou-o ir. Este facto, presenciado por mim e por outros civis da escolta, alarmou-nos e tivemos logo a desconfiança de que êle ia fugir, pois já sabíamos o que era a palavra de honra dos monárquicos. A um sinal meu dois civis armados, o Rogério Soares e o Mário Ceia seguiram-lhe no encalço, prontos a atirar-lhe se êle fugisse.

Quado percebeu que era seguido ficou contrariado e à saída do mictório dirigiu-se a um dos civis e perguntou-lhe:

— O sr. está a vigiar-me?

— Talvez, lhe respondeu êle.

— E por ordem de quem?

— Por minha ordem...

Esta resposta do Rogério Soares deixou-o desconcertado, sôbre tudo pelo ar de altivez com que foi dada e o homem seguiu cabisbaixo para o seu lugar.

Ao mesmo tempo eu era informado por um ferro-viário que o tal alferes que estava na estação, encarregado de receber as munições, era um monárquico ferrenho. Percebi então a sua hesitação e o motivo porque não dava ordem para o comboio marchar e compreendi o grave perigo a que estavamos ali expostos.

Se os monárquicos vencessem nas Mouriscas, a cavalaria dentro de meia hora podia estar ali. Então, tudo o indicava, tomaria ela conta das munições que nós levamos para as nossas tropas, libertaria os prisioneiros e aprisionar-nos ia a nós, se não nos fuzilasse ali mesmo.

Comuniquei os meus receios aos meus companheiros e fômos, eu e o Generoso e os mesmos dois civis armados, ter com o alferes e mos-

trando-lhe o perigo que havia na nossa demora ali, disse-lhe que o vagon das munições ia para a Pampilhosa, que era perto e que tendo nós ali algumas máquinas, logo que essas munições fossem precisas, rápidamente viriam para cima. Que désse êle partida ao comboio porque desde já lhe garantia que se a não désse dava-a eu e o comboio seguiria mesmo sem a sua ordem. Em face da nossa atitude o homem lá se resolveu e mandou seguir o comboio, tomando a deliberação de seguir também nele para Coimbra. Quando o comboio se poz em marcha soltei um suspiro de alívio, que fácilmente se compreende. No trajecto até à Pampilhosa fui ouvindo um dos polícias do Pôrto, que seguia prisioneiro. Afirmava-se republicano e pareceu-me sincero. Queria dar-me a chave da sua casa no Pôrto, onde êle dizia ter os retratos dos drs. Afonso Costa e Bernardino Machado, a quem admirava. Que não tinha saido da Polícia porque não tinha outro meio de ganhar a vida e estava sempre à espera da restauração da República, tendo estado aliciado para o movimento de 12 de Outubro. Mais tarde soube que era verdade. O outro não dizia palavra e creio que era sidonista. Ouvi também a história fantástica do tal José da Costa e Almeida. Era interessante e cheguei a pensar se êle falaria verdade.

Dizia êste cavalheiro que tinha sido prêso na terra, uma aldeia próximo de Agueda pelos sidonistas, sob a acusação de fabricar bombas para os democráticos, tendo sido levado para o Aljube, do Pôrto, transitando pouco depois para o hospital civil, por ter adoecido. Ali estivera até ao dia 20 de Janeiro em que teve alta. Saindo do hospital o seu desejo foi regressar a casa e assim tomou um tramway que o levou a Espinho. Ai alugára uma bicicleta, pondo-se a caminho para casa.

Passára sem novidade as linhas monárquicas, mas ao encontrar as primeiras forças republicanas fôra prêso como espião e ali estava sem saber o que lhe aconteceria.

Que era republicano evolucionista, afirmava, estando inscrito no respectivo Centro em Agueda, e se eu quizesse adquirir a certeza que telegrafasse ao respectivo presidente, cujo nome me deu, o qual êste me diria quem êle era. Disse-lhe que quando chegasse a Coimbra procuraria averiguar o que havia de verdadeiro nas suas declarações e comunicaria ao snr. Governador Civil.

Entretanto o comboio chegava à Pampilhosa. Aí demoramos algum tempo emquanto se desatrelava o vagon das munições, que foi entregue ao aspirante oficial da Administração Militar, Manuel Falcão, meu velho amigo, amigo também do Generoso Rocha. Êste oficial estivera prêso na Penitenciária de Coimbra desde o 12 de Outubro. Saíra agora com a revolta monárquica e viera imediatamente ocupar aquele cargo de confiança e responsabilidade. Eu e o Generoso estivemos assistindo ao seu jantar no restaurante da estação.

Contamos-lhe o incidente com o alferes, dizendo-nos êle que ia comunicar para Coimbra para o prenderem apenas êle lá chegasse, porque era rialmente um monárquico perigoso. Na gare encontrei-me com o velho republicano, dr. Paulo Falcão, que estava residindo ali perto, em uma quinta de sua mãe. Conversamos demoradamente sôbre os acontecimentos. Era sua opinião que a farçada se liquidaria em breve. Contou-me então que fora obrigado a refugiar-se ali porque os espiões não o largavam no Pôrto, já antes da *Traulitânia*, tendo-o prendido uma vez e preparando-se provávelmente, para continuar. Mas já que ali estava ia prestando o seu concurso no que podia às tropas republicanas; e era assim que estava constantemente a fornecer milho e forragens para

os cavalos que chegavam ali, à Pampilhosa, bem como tudo quanto podia, para conforto dos soldados.

O Manuel Falcão veio prevenir-me que o comboio ia seguir. Despedimo-nos dos dois, eu e o Generoso, e subimos para a carruagem já com ela em andamento.

Não paramos em Souzelas e assim dentro em pouco tínhamos Coimbra à vista. Deviam ser, aproximadamente 20 horas.

Como na véspera com a primeira leva de presos, que tinham ido de Aveiro, se produzissem no acto do desembarque manifestações violentas, cujas conseqüências os civis da escolta se tinham visto em embaraços para as evitar, e agora fossem ali três homens que envergavam ainda legitimamente a farda de oficiais do Exército Português (eu não contava com o capitão *bera*, Vasco Vítor de Menezes, porque êsse ia apenas *mascarado* e o seu lugar era entre os trauliteiros) eu disse ao oficial da Guarda Fiscal que os acompanhava que o melhor era deixar sair primeiro, pela frente da carruagem, toda a leva e pouco depois sairem os oficiais prisioneiros com êle pela rectaguarda, a fim de evitar as manifestações, dizendo-lhe mais que eu e o Generoso os acompanharíamos, a fim de obstar a que se produzisse qualquer scena desagradável. Devo recordar aqui que tanto eu como o Generoso Rocha e o Secundino Branco, que também nos quiz acompanhar, não levávamos carabina, mas apenas os nossos revolvers ou pistolas.

Assim se fez pois, obtendo o meu plano completo êxito.

De facto as manifestações contra os trauliteiros foram tumultuosas, no acto do desembarque, seguindo no entanto por fim a leva para a Penitenciária, sem conseqüências de maior. Já quando o local estava com muito poucas pessoas saimos

então nós, seguindo pela estrada em direcção à cidade, visto que o comboio ficara em Coimbra B. À frente e em linha íam os três oficiais prisioneiros e o alferes que os acompanhava; atrás, distanciados cinco passos, íamos nós, os três civis.

A noite estava bastante escura e eu, na verdade, não confiando na palavra de monárquicos, não tinha a certeza que aqueles senhores não nos quizessem escapar... Porisso no bolso do lenço levava sempre em acção o meio de os fazer parar.

Tendo comunicado as minhas apreensões ao Generoso, êste seguia exactamente na mesma atitude. E' que o alferes da Guarda Fiscal era um homem já de idade madura e a coisa não lhes seria difícil. Talvez devido à impressão do momento ou excitação nervosa, os prisioneiros paravam repetidas vezes para urinar. É evidente que nós parávamos também.

Isto pareceu a princípio não lhes agradar muito mas depois conformaram-se. Quando estávamos chegando à cidade, um dêles, compreendendo que eu tinha um certo ascendente sôbre todos os que tinham ido connosco (os da escolta eram quási todos do meu grupo) pediu me licença para jantarem primeiro no hotel e seguirem depois para a prisão, pois estavam há bastantes horas sem comer.

Eu disse-lhes que isso não era comigo, mas sim com o oficial que os acompanhava, mas que me parecia razoável essa concessão e que pela minha parte não haveria embaraço algum. De resto, eu e os meus dois companheiros, também íamos jantar e acompanhá-los-íamos. Expliquei-lhes então a razão porque tinha vindo com eles. O meu fito principal era livrá-los de enxovalhos, fazendo respeitar a farda que eles vestiam e que um imprudente qualquer podia não ter na merecida conta, no meio da sua exaltação.

Eles agradeceram-me e chegados ao hotel, que

era o Hotel Avenida, se não estamos em erro, cada um tratou de se lavar para dar começo à refeição, que só com dificuldade conseguimos por já ser bastante tarde.

Findo o jantar e tendo os prisioneiros seguido para a Penitenciária onde deram entrada, fômos

Agueda — Entrada da vila

nós para o Govêrno Civil, a fim de falar com o Governador, que era ainda o capitão Luís Alberto de Oliveira, cunhado do presidente do ministério, meu sobrinho.

Passando pela estação telégrafo-postal, lembramo-nos de ir telegrafar para Agueda, a fim de saber o resultado final da luta que ali se travara, e ao mesmo tempo colher informes sôbre o que me tinha dito o prêso José da Costa e Almeida.

Como o Generoso era telegrafista, dava-se a conhecer e esperava êle próprio comunicar com Agueda. Chegados à estação pedimos para falar ao chefe. Este apresentou-se de aí a pouco e emquanto o Generoso o acompanhou para o interior da repartição eu fiquei esperando cá fóra por êle.

De aí por meia hora êle regressava, informando-me que não se conseguia comunicar com Agueda e que a luta tinha sido violenta na Mourisca, podendo já dizer-se que tinha sido alguma coisa heróica da parte dos republicanos. Que o chefe que lhe tinha dito que não tinha confiança no empregado que estava em Agueda e que, se a vila continuasse na posse dos republicanos, seria necessário substituí-lo. Depois, confidencialmente êle manifestou-me o seu grande espanto por estar ainda ali, chefe da estação de Coimbra, senhor de todo o movimento de tropas, em momento tão grave, aquele indivíduo que era um sidonista terrível e que, portanto, podia muito bem estar feito com os monárquicos. Era a nossa incúria de sempre! E como quer que o Secundino Branco tivesse aparecido na ocasião êle, sem lhe dizer o que me havia dito, a mim, perguntou-lhe se sabia porque é que aquele indivíduo não tinha sido ainda substituido. Este respondeu que o home mtinha a confiança do Governador Civil e que tinha prestado muito bons serviços... Eu e o Generoso entreolhámo-nos e não dissemos mais palavra. E emquanto isto se passava chegamos ao Govêrno Civil.

Apenas nos fizemos anunciar fomos logo introduzidos no gabinete do Governador.

Este, que estava cercado por republicanos de todos os partidos, veio ao nosso encontro e, abraçando-me, repetiu-me o que o Secundino já me dissera em Aveiro. Eu garanti-lhe que em nada a minha amizade tinha diminuido para com êle, porque o considerava um homem de bem, e a prova de que não me havia enganado estava na demonstração de confiança que os republicanos de Coimbra lhe estavam fazendo, encontrando-se ali e havendo pedido ao Govêrno para o conservar no seu lugar, prova de apreço a que êle tinha jús, não só porque mandara abrir as prisões, iden-

tificando-se com os republicanos naquela hora de perigo, mas também já pela sua conduta anterior, a que os jornais, especialmente *O Mundo*, haviam prestado homenagem. Falei-lhe depois particularmente dizendo lhe a missão de que vinha incumbido. Ele, chamou o velho republicano Floro Henriques, que também acabara de sair da Penitenciária, onde estivera desde o 12 de Outubro, comunicando-lhe o que eu lhe dissera, ficando êste de me acompanhar no dia seguinte para arranjarmos o que se pretendia. Voltamos em seguida ao gabinete, onde estivemos até perto da 1 hora da madrugada, esperando obter informes do combate de Agueda e do que se passava em Lisboa.

Contou-nos o Oliveira que na véspera ainda falara pelo telefone com Braga, onde estava governador monárquico o Andrade Piçarra.

Que êste não queria acreditar que em Coimbra ainda fôsse República, pedindo-lhe que lhe desse a sua palavra de honra em como assim era, pelo que ficara muito admirado e não falando mais desde então.

Soubemos então que morrera em Agueda no combate um capitão, o capitão Vasques do 29, que se portara valentemente, e que quem salvara a situação fôra uma coluna comandada pelo major Bandeira de Lima, que chegara ao fim da tarde, que *a guarda rial* fôra quási toda aniquilada, constando que pelas próprias fôrças que ao lado dela combatiam, naturalmente infantaria 18, que era na sua grande maioria republicana.

Retiramos depois, mais confortados com estas notícias para o hotel, ficando instalados, eu em um quarto do 1.º andar e o Generoso e o Secundino em outro contíguo.

Dia 27. — Levantámo-nos pelas 9 $^1/_2$. Tratei de arranjar estampilhas para diversa correspon-

dência que eu levava de Aveiro, entre esta a carta do meu amigo capitão Salvador José da Costa para a família, que estava na Figueira da Foz e que ainda não sabia nada do seu paradeiro. Mais uma vez me lembraram os meus, cuja sorte eu ignorava!

Saimos para deitar a correspondência no correio e porque eu combinara com Floro Henriques encontrarmo-nos às 10 horas, para tratarmos do assunto principal que a Coimbra me tinha levado. A nossa passagem pelas ruas despertava uma certa curiosidade. As minhas botas ferradas batendo na calçada, o meu bonet amarelo, davam-me um aspecto de *globe troter*, que chamava a atenção, o mesmo acontecendo com o Generoso Rocha, que trajava similhantemente. Encontrámo-nos com o bom correligionário snr. Floro Henriques, o qual nos acompanhou a casa de dois amigos, a quem expuzemos o que pretendíamos, arranjando-se tudo finalmente. Combinou-se que a encomenda seria entregue ao comando militar e seguiria no primeiro comboio. Se fôsse possível iria nesse mesmo dia ou no imediato.

Passando depois pela rua Ferreira Borges encontrei o meu velho amigo, coronel Alexandre Martins Mourão, chefe militar do movimento de 12 de Outubro, data desde a qual estivera prêso na Penitenciária, saindo havia dois dias. Comovidamente o abracei, apresentando-lhe o meu companheiro, Generoso Rocha.

Palestramos um pouco e depois despedimo-nos dêle e fomos ao Govêrno Civil. O Oliveira tinha saido, mas dissera que às 12 estaria no hotel, onde ia almoçar comigo. Voltamos porisso ao hotel. Um pouco depois das 12, efectivamente apareceu o Governador Civil. Almoçamos os quatro: êle, o Generoso, o Secundino e eu. Durante o almôço o Oliveira contou me que o meu parente, o general Fernando Tamagnini de Abreu,

que era o comandante da Divisão, tinha estado muito mal e ainda não estava nada bem, pois havia tido umas hemóptises. Disse-lhe que desejava vê-lo e êle ofereceu-se para me acompanhar, pois também lá queria ir depois do almôço e que me levaria no seu automóvel. Asssim se fez. Antes de saírmos, porêm, apareceu na sala o major sr. Pires Monteiro, que era, se não estou em êrro, o chefe do estado maior e a quem fui apresentado, dizendo-nos êle que o comboio militar seguia nessa noite para Aveiro. Fiz logo tenção de seguir nêle e mandei comunicar o facto aos rapazes da escolta para seguirem também. De aí a pouco, transportados no automovel do Govêrno Civil, eu e o Governador chegamos ao Quartel General e subindo ao segundo andar, onde era a residência de meu primo Fernando, aí o fui encontrar, sentado numa poltrona, envolvido em cobertores e acompanhado por sua esposa, disvelada enfermeira, e pelo seu ajudante, a quem êle, mesmo como estava, ditava ordens. Depois dos cumprimentos o Oliveira afastou-se por alguns minutos, em virtude de outros afazeres que tinha no mesmo Quartel General e fiquei eu só com o que tinha sido comandante do C. E. P. e um dos principais organizadores do exército português que tinha combatido em França pelo Direito e pela Liberdade dos povos.

Falamos nos acontecimentos que se estavam desenrolando e como quer que os jornais do Pôrto, por ocasião das juntas militares (preparadoras da Traulitânia) tivessem dito que êle aderira a essa comédia, êle garantiu-me que tal afirmação era absolutamente falsa. Que de facto tinha lá estado o coronel Carvalho da Silva, de cavalaria 9, perguntando-lhe a sua opinião sôbre a constituìção das referidas juntas e pedindo-lhe autorização para incluir o seu nome na lista dos aderentes, mas que êle terminantemente negára

essa autorização, respondendo-lhe que, como sempre só obedecia ao govêrno legalmente constituido. Que o homem saíra de ali de orelha murcha e que, portanto, muito admirado ficou em ver o seu nome dado como fazendo parte de um núcleo rebelde, que era a forma como êle considerava as tais juntas. E para prova do que me dizia mostrou-me toda a correspondência trocada a tal respeito e a carta que êle dirigira ao coronel Carvalho da Silva protestando contra a inclusão do seu nome. Isto condizia com o que eu tinha visto no Pôrto no *Primeiro de Janeiro* antes do dia 19, em que o correspondente de Coimbra referia que o general havia mandado afixar editais, declarando não reconhecer nem acatar ordens senão do govêrno legítimo.

Eu pedi-lhe para mais tarde me ceder aqueles documentos pois com êles desejava desfazer certas más impressões que havia a seu respeito em determinados meios políticos e que, como eu acabava de ver, eram absolutamente infundadas.

Como o Oliveira tivesse voltado de novo ao quarto onde nos encontrávamos e não se podesse demorar saímos, despedindo-nos do meu parente, a quem lembrei a conveniência de não se expôr no estado de saúde em que se encontrava. Na conversa que tinhamos tido sôbre os acontecimentos, êle tinha-me dito que havia mandado insistentemente ordens para cima, a fim de que não deixassem avançar os monárquicos pela estrada de Agueda, pois que o seu objectivo era com certeza chegarem ao Bussaco e que, uma vez aí, fácil lhes seria espraiarem-se para Coimbra e então a coisa já era mais difícil de sufocar. Agora porêm, com a derrota que eles tinham apanhado na Mourisca, já não era crível que avançassem mais. De resto êle esperava grandes reforços de Lisboa e isso lhes devia tirar as veleidades de vencerem.

Saindo do Quartel General, eu e o Governador, voltamos ao Govêrno Civil.

Aí estava já o Generoso Rocha e o Secundino Branco à minha espera. Vários influentes republicanos de diversas localidades do distrito esperavam o Governador para tratar da substituìção de autoridades que não davam garantias de lialdade ao Regime. E era curioso ver então como o mesmo Governador atendia, com espírito perfeitamente republicano, as reclamações apresentadas, num sentimento de defesa comum inspirado pela evidência dos factos, pela fôrça das circunstâncias, êle que fôra mandado para ali pelos sidonistas, algozes dos republicanos. As voltas do Mundo!...

Alguêm me veio dizer que o comboio partia às 18 horas. Como fossem já quási 17, pedi ao Oliveira para me dar o salvo-conduto para mim, Generoso e Secundino, pois êste persistia em voltar a Aveiro, o que êle fez, oferecendo-nos o automóvel para nos levar à estação e pedindo-nos para passarmos pela estação telegráfica, a fim de levarmos connosco um empregado dos telégrafos que devia seguir para Agueda, para substituir o que ali estava, que não era de confiança.

Assim fizemos. Passamos pela estação do telégrafo, entrando para o automóvel o telegrafista, que se fazia acompanhar de uma caixa com aparelhos, fomos ainda ao hotel pagar a nossa conta e às 18 em ponto entramos na estação do caminho de ferro. Foi preciso fazer visar pelo oficial do estado maior, que dirigia o embarque, o nosso salvo-conduto [1].

O comboio já estava formado e diziam-nos que iam embarcar umas forças e partiria logo a

---

[1] Documento n.º 3.

seguir. Momentos depois de nós chegarmos, chegaram também os rapazes da escolta, quási todos do meu grupo, com as suas carabinas na bandoleira e que, conforme o que eu lhe mandara dizer, regressavam igualmente a Aveiro. Todos tinham o desejo de entrar na luta. Tomamos lugar na carruagem que nos era destinada, uma carruagem de 3.ª classe. Tanto eu como os meus dois companheiros não tínhamos tido tempo de jantar e agora ninguêm pensava nisso, pois o comboio podia partir de um momento para o outro e não havia senão aquele. De aí a pouco começou o embarque da tropa. Era infantaria 15 e artilharia que devia seguir, parte para Oliveira do Bairro, para marchar para Agueda e parte para Aveiro.

Seis horas estivemos parados na estação, dentro do vagon, à espera que êsse embarque se fizesse e o estado maior désse a ordem de partida! Finalmente cêrca das 24 horas essa ordem chegou e o comboio poz-se lentamente em marcha.

Devemos recordar que estávamos em Janeiro e eu tinha apenas como agazalho um casaco de borracha que trouxera, o que me fazia tremer de frio ao canto da carruagem. Todavia como esta se encheu literalmente, breve a temperatura se amenisou um pouco. Antes de partirmos eu vira na estação o tal alferes que se nos tornara suspeito em Oliveira do Bairro. Andava em liberdade, entrava e saía à sua vontade no gabinete onte estava o telégrafo. As minhas suspeitas ainda mais se arreigaram então, mas o que eu constatava era que êle tinha forte protector.

Na Pampilhosa o comboio demorou bastante, em Oliveira do Bairro mais ainda, para o desembarque dos militares. E com todas estas demoras eram 8 horas da manhã do dia 28 quando chegamos a Aveiro. Haviam decorrido, portanto 14 horas desde que eu entrara para o mesmo combóio!

Dia 28. — Como desde as 12 horas do dia anterior não tínhamos comido cousa alguma, depois de dar-mos uma volta pela cidade, esperando que os estabelecimentos abrissem, encontrámo-nos na Praça do Peixe e aí entramos em uma casa de pasto onde tomamos café com leite e pão. Depois cada qual seguiu para a casa onde estava hospedado, tendo-se combinado préviamente que às 12 estaríamos na tabacaria do Bernardo Torres para seguirmos para a linha de fogo. Tínhamos sido informados de que na véspera houvera em Cacia rijo tiroteio. Em casa do Felizardo tudo estava ainda recolhido quando eu cheguei. A primeira pessoa que me apareceu foi seu irmão, o meu bom amigo dr. Adelino Simão Leal, que, como já deixei dito, vivia na mesma casa mas em compartimentos separados, do lado do Norte. Tanto êste meu amigo como sua Ex.ma Esposa foram também sempre para comigo de uma gentileza captivante.

Nêsse dia convidou-me para almoçar com eles, convite que aceitei.

Depois de almôço fomos os três: o dono da casa, o Felizardo e eu até à Arcada, pois tinha que estar com os rapazes para irmos para Cacia. Ali chegados notamos que havia grande ajuntamento à porta de Bernardo Torres. Era o placard dando a notícia da constituição do novo ministério de concentração republicana, presidido pelo snr. José Relvas. Faziam-se comentários. Alguns nomes não eram bem acolhidos por não lhes reconhecerem a energia suficiente para o momento. Na montra via-se também uma bandeira monárquica que tinha sido arriada e apreendida pelo alferes Roby com a sua fôrça de cavalaria em Albergaria a-Velha, onde êle tinha obrado prodígios. Tivemos conhecimento de que acabava de chegar à estação uma fôrça vinda do sul e que dentro em pouco entraria na cidade para se apre-

sentar no Comando e seguir depois para o *front*. Efectivamente de aí a três quartos de hora, pouco mais ou menos essa fôrça que se compunha de um batalhão de infantaria 16 e guarda republicana de Santarêm, heróis da revolta daquela cidade, movimento em que tinham sido bem previstos os acontecimentos que dentro em pouco haviam de se desenrolar no País e a que nós estávamos assistindo, dava entrada em Aveiro, marchando garbosamente ao som das cornetas e tambores. Não se descreve o entusiasmo do Povo e a satisfação e pressa com que marchavam aqueles valentes rapazes, anciosos por tirarem a desforra da humilhação porque os tinham feito passar havia pouco ainda em Santarêm e para a qual êles não haviam em nada contribuido.

O Povo, que tinha ouvido falar na traição ignóbil da Guarda Republicana do Pôrto, que se havia transformado em Guarda Rial, sendo dos mais nojentos bajuladores do Solari e de Paiva Couceiro, ao ver passar esta autêntica *Guarda Republicana* subia ao rubro no seu entusiasmo e bradava junto dos soldados, erguendo os chapeus:

—Viva a Guarda Republicana!

A isto os valentes rapazes ajuntavam sempre, sorrindo e de forma intencional:

... de Santarêm...

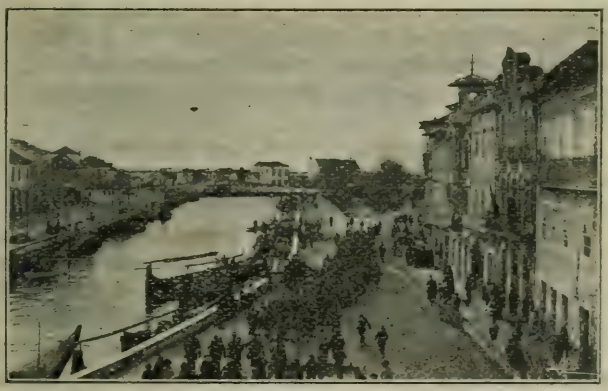
Acompanhamos as forças ao quartel.

Fomos depois falar com o Comissário. Chegavam de vez em quando foragidos do Pôrto, que era necessário reconhecer para evitar traições e êle pedia-me para o auxiliar nesse serviço. Eu disse-lhe que tencionava ir dentro em pouco até à linha, mas que logo que voltasse estava às suas ordens.

Ventilou-se a questão importante da falta de dinheiro e de roupas que começavam a sentir os refugiados políticos, especialmente os do meu

grupo que tinham vindo com a roupa que traziam vestida e a alguns dos quais eu já tinha feito diversos abonos, mas que dentro em breve a minha reserva estaria também esgotada. O melhor, dizia eu, era irmos falar com o Governador Civil. Este porêm, informou-me o amigo Máximo (o comissário) não estava; tinha ido na véspera para Coimbra onde tinha a sua casa e onde estava quási sempre. Era êle ainda o dr. Costa Pinheiro, sidonista, que eu não conhecia.

No entanto resolvemos ir falar com o dr. Melo Freitas, secretário geral e que fazia as vezes



Aveiro — Uma formação de infantaria 23, a caminho da frente da batalha

do Governador Civil. S. Ex.ª, que é um espírito muito culto, um republicano às direitas, dos de antes quebrar que torcer, apesar da sua idade, recebeu-nos amabilíssimamente e concordou em que era necessário dar remédio a uma tal situação, expondo ao Govêrno o que se passava, o que êle já tinha dito ao Governador Civil. Não sabia se êle alguma coisa fizera, mas pela sua

parte ia telegrafar imediatamente. Agradecemos-lhe e retiramos.

De aí a pouco eu e alguns rapazes do meu grupo seguíamos em um camion para Cacia. Os outros já haviam seguido utilizando se de diversos meios de transporte.

Convêm aqui dizer que os sectores estabelecidos eram dois: o primeiro em Cacia e o segundo em Eixo — S. João de Loure, extremos do concelho.

Quando chegamos a Cacia o tiroteiro era intenso, sendo difícil a entrada na linha, que era feita a peito descoberto. Em uma das casas da localidade estava instalado o hospital de sangue dirigido pelo nosso amigo e bravo médico-militar dr. Barata da Rocha, o qual segundo me informaram tinha feito já um *raid*, como se fôsse oficial combatente, às linhas inimigas.

Deu-se nesta tarde e com dois rapazes dos mais valentes do meu grupo, Augusto Espírito Santo e Camilo Montenegro uma peripécia interessante. Tendo descoberto que em uma casa, fronteira àquela em que estava o hospital e que era habitada por uma mulhersinha, havia alguma cousa que comer, como eles precisassem satisfazer essa imperiosa exigência do estómago, mandaram arranjar um bocado de bacalhau assado. Emquanto a dona da casa preparava o petisco, o Montenegro chegava de vez em quando à porta da casa e de uma forma verdadeiramente imprudente, emquanto os revoltosos faziam sôbre nós fogo de fusilaria e artilharia, êle agitava o chapeu, como que a desafiá-los, julgando-se talvez bem abrigado pela bandeira da cruz vermelha que se hasteava na casa fronteira. Quando o Augusto o chamava para começarem a comer o bacalhau, que já se achava no prato devidamente temperado, sente-se um grande estrondo e todos que para lá olharam tiveram a impressão, pela nuvem de poeira que se levantou e pelo esti-

lhaçar do telhado, que a casa tinha abatido. É que efectivamente esta havia sido atingida por uma granada que os monárquicos, *ultra-boches*, como os cognominou o dr. Barata da Rocha, tinham dirigido para o hospital! A pobre da mulher saiu para a rua a gritar e atrás dela apareceram-nos o Augusto Espírito Santo, ou Augusto Ezequiel, nome por que é tambêm conhecido por ser filho do falecido Ezequiel, dono de um hotel de Espinho, e o Camilo Montenegro, um pouco pálidos e cheios de caliça... sem terem chegado a comer o bacalhau, ao qual inesperadamente se haviam juntado dois novos e inadmissíveis condimentos: cal e areia...

Os nossos tem causado muitas baixas no inimigo e tudo parece indicar que êle se prepara para abandonar Angeja. Civis e militares do nosso lado mantêem uma admirável presença de espírito e, cousa extraordinária, constatam-se apenas dois feridos.

Tive informação, por um civil que atravessou ontem as nossas linhas, que os monárquicos ao entrarem em Ovar praticaram muitas tropelias, roubando cêrca de quatro contos da tesouraria de finanças. É a sua prática habitual. O tempo toldou-se e começou já a chover. Se a chuva demorar as operações tornar se hão difíceis e penosas. Prevejo dificuldade para os civis se manterem na linha com o mau tempo, por causa da falta de roupas para mudar e da falta de casacos de borracha. Alguns nem têem capote. Para mais o terreno é alagadiço e na trincheira onde estamos há já quási um palmo de água. Não obstante o inimigo continua fazendo fogo de artilharia, provávelmente para nos obrigar a responder e eles poderem assim precisar o número de peças que há aqui, (infelizmente, apenas uma), e qual a sua posição. Da nossa parte houve o bom senso de não lhes responder nunca, não conseguindo eles assim o seu objectivo.

Era já noite quando regressamos a Aveiro, não sem dizermos aos civis, primeiramente, que nos parecia ser desnecessária a nossa acção ali logo que houvesse tropas regulares em número suficiente, pois que muitas vezes os irregulares ainda prejudicam mais, em casos similhantes, do que favorecem o fim que tem em vista.

Chegado a Aveiro recolhi a casa do bom amigo Felizardo, o qual ao fim de algum tempo, reparando que eu estava molhado, me obrigou a mudar de roupa, que me emprestou e depois de comer alguma cousa fômos até ao ponto habitual de reùnião, a Arcada. O Café Cisne, como de costume regorgitava de gente.

Soube nessa ocasião o nome de dois dos oficiais que havíamos acompanhado a Coimbra, onde tinham ficado presos. Eram o alferes Póvoas, filho do falecido franquista José de Novais, do Pôrto, e aspirante Carmona filho do conde de Betencourt, sendo-me contadas pormenorizadamente as circunstâncias em que haviam sido presos. Haviam-se apresentado como parlamentares ao alferes Robi, pedindo lhe a sua adesão para evitar, diziam, a "efusão de sangue„.

Parece que haviam sido escolhidos por serem ainda parentes afastados do Robi, qualidade que não se esqueceram de invocar quando êle lhes deu voz de prisão, invocação a que o bravo oficial respondeu com a sua fleugma habitual:

— Mais uma razão para ficarem presos!

Disseram-nos tambêm que devia estar desembarcando àquela hora, assim como já tinha desembarcado durante o dia muita artilharia e infantaria em Oliveira do Bairro, esperando-se no dia seguinte mais em Aveiro.

De Lisboa vinham igualmente notícias de que se estava organizando um batalhão de marinha que seguiria para o Norte.

De Coimbra esperava-se também o batalhão Académico, que eu já ali vira em exercícios e o qual estava despertando grande simpatia.

Dia 29. — O dia apresentou-se chuvoso, como chuvoso tinha sido toda a noite.

Depois de almôço fui à delegação da alfândega com o meu colega Felizardo para solicitarmos ordem para Lisboa, à Direcção Geral das Alfândegas para podermos receber os nossos vencimentos, visto que, sendo esta casa fiscal uma dependência da Alfândega do Pôrto, agora sob o domínio dos rebeldes, só poderíamos ser pagos por ordem directa. Estava ali o adjunto, soldado da Guarda Fiscal, Albano da Conceição, um dedicado republicano, que nos disse que lhe constava que se o tempo melhorasse os aviões subiriam nesse dia ou no dia seguinte. Objectei-lhe que não era fácil que tal acontecesse, porque o vento estava sul e não havia indícios de mudar, com o que êle concordou. Mas como eu não tinha visto prova alguma da minha proclamação e nem sabia se ela estaria a imprimir-se, formei logo o propósito de ir ao Quartel General falar com o snr. Rocha e Cunha sôbre o assunto.

Como aparecesse o Generoso Rocha na ocasião, lá fomos ao quartel os três: eu, êle e o Felizardo. Falei aí com Rocha e Cunha que me disse que a proclamação estava a compôr e que, por conseqùência, me não afastasse da cidade, a fim de ver a prova e fazer-se a impressão, para estar tudo a postos logo que o tempo melhorasse, o que podia dar-se de um momento para o outro.

Informaram-nos também uns oficiais de que era provável que nesse dia, os nossos passassem para a margem direita do Vouga, pois o tiroteio tinha sido de manhã bastante intenso e constava que eles se preparavam para abandonar Angeja.

Voltando à tabacaria do Bernardo Torres, en-

contrei-me ali com alguns dos meus companheiros. Outros tinham ficado essa noite em Cacia, chefiados pelo Avelino Vaz. Quási todos estavam desprovidos de recursos; já nem tinham dinheiro para tabaco. Como isto constasse, fez-se ali uma subscrição entre os republicanos presentes que rendeu 17$30, quantia esta que, dividida por 11, que eram os mais necessitados, deu 1$57 a cada um. Foi o Diamantino Machado, que partia para a *frente* de aí a pouco, que se encarregou de entregar, aos que ali se encontravam, a parte que lhes pertencia.

Todo o resto do dia esperei pelas provas tipográficas, que não vieram.

A chuva continuava caindo sempre persistente e importuna. Nada deixava prever que o tempo melhorasse, sequer no dia imediato.

À tardinha chegou infantaria 2. Era impressionante a forma como marchavam e a vontade que tinham de esmagar os traidores. Os oficiais que os comandavam ostentavam quási todos no peito a cruz de guerra e alguns mais do que uma.

Todos haviam regressado há pouco da França e... todos acabavam de sair das prisões, onde o traidor sidonismo os havia aferrolhado.

O regimento havia saido de Lisboa só com dois oficiais, disse-me um deles; o resto havia-se juntado pelo caminho e agora já havia de mais!

Espumavam de raiva, queriam tirar a desforra. Os miseráveis sidonistas tinham-nos abandonado em França e depois, apenas chegados à Pátria, de licença, haviam-nos metido nas mais infectas prisões, para os entregar de pés e mãos amarrados aos monárquicos. Similhante felónia havia de ser esmagada por fôrça.

E já quási noite, apenas tomada uma ligeira refeição, o regimento marchou para a frente.

Fui deitar-me já noite alta e ainda o *Cisne da Arcada*, regorgitava de gente.

Neste dia os aviadores franceses, por ordem do seu ministro, deixaram Aveiro.

Por mais de uma vez, antes da chegada dos aviadores portuguêses, tínhamos procurado saber se eles não poderiam vir ao Pôrto lançar as proclamações. Como o que se pretendia não era que lançassem bombas nem atacassem a tiro nenhuma fôrça, pessoa ou edifício, parecia-nos que lhes não seria impossível aceder.

Eles porêm e com visível mágua, porque eram todos republicanos, responderam que não podiam, porque não podiam meter-se em conflitos de ordem interna.

Dia 30. — Como o anterior, o dia apareceu chuvoso. Esperando as ordens do comando militar já calculava que não poderia ir à linha senão depois da revisão das provas. De resto, eu agora julgava já dispensável a comparência ou coparticipação dos civis nos combates, a não ser como agentes de ligação.

Vindo ao café, cêrca das 10 horas e meia, soube que na véspera vários soldados de cavalaria 9 e um 1.º sargento de infantaria 29, haviam passado para as nossas fileiras. Vinham famintos e informaram que o moral dos monárquicos era péssimo.

No combate de ontem em Angeja, foi mortalmente ferido por uma bala o comandante monárquico, major Taborda, conhecido pelo Tabordinha. Êste indivíduo era o mesmo que estava na carreira de tiro em Esmoriz, quando eu ali estive de passagem, encontrando-se lá também o major Manuel de Almeida, irmão de João de Almeida.

De aí o ter corrido a princípio que era êste Manuel de Almeida que tinha falecido.

Em Agueda no combate do dia 26, morreu o capitão Vasques, de infantaria 28, heróicamente, segundo dizem.

Na estação dos caminhos de ferro estão todas as máquinas do Vale do Vouga, à excepção de uma que os monárquicos conseguiram apreender.

Isto nos permitirá manter relações com a coluna do General Abel Hipólito, à qual urge dar a mão antes de avançarmos.

O comando militar forneceu hoje à imprensa a seguinte nota oficiosa, que foi publicada no suplemento do *Campeão das Províncias:*

"No *sector de Cacia.* — Um troço de revoltosos estabeleceu-se entre as povoações de Angeja e Frossos, ao norte de S. João de Loure, atirando sôbre as pontes que começamos a reparar, sem nos molestarem.

No *sector de Eixo.* — As nossas forças ganham terreno na margem direita do Vouga, onde se travou combate quebrando a resistência do inimigo e forçando-o a retirar após a derrota infligida no combate de Agueda, que o obrigou a fugir em desordem para a Mourisca. A prudente decisão do ataque dos nossos soldados, põe toda aquela gente em debandada. Fizemos prisioneiros de cavalaria 9 e tomamos um automóvel dos revoltosos, que contam baixas.

As tropas republicanas ocupam Albergaria-a-Velha possuidas do maior ardor combativo. A população civil conserva-se admirável de calma, prestando toda a cooperação às nossas forças em combate.

— Passou ontem em direcção ao norte, uma esquadrilha de 5 navios da armada sob o comando de um capitão de mar e guerra."

Como esclarecimento, o mesmo jornal acrescentava ainda:

"Estes navios, que pairaram em frente à barra de Aveiro, estiveram por algum tempo falando para cá. Levam rumo com destino ao bloqueio das costas do norte".

O tempo continua chuvoso mas da barra dizem que há probabilidades de melhorar.

Pelas 12 horas e meia encontrando-me na Tabacaria do Bernardo Torres, fui procurado por uma ordenança do Quartel General. Ali me dirigi imediatamente. Tratava-se de rever as provas da proclamação que os aviões haviam de lançar sôbre o Pôrto e outras terras por onde passassem. Convêm recordar que esta proclamação havido sido redigida no dia 24. Haveria necessidade, portanto de actualiza-la, porêm como a composição já estava feita, não pude fazer mais do que introduzir-lhe algumas pequenas modificações para êsse efeito. De resto, o fim que ela tinha em vista, era dizer à gente do Pôrto que nós estávamos ali, a dois passos de distância, e que em breve lá iríamos libertá-la. E para isso a proclamação ainda servia. Era também esta a opinião do meu amigo Rocha e Cunha. Essa proclamação era do teor seguinte:

(1) **Cidadãos do Pôrto!**

"Um bando de audaciosos aventureiros, valendo-se do embuste para iludir a vossa boa fé, acaba de praticar nesta cidade a terceira tentativa de roubo das vossas regalias, dos vossos direitos de cidadãos, tentando assassinar a República, o regimen da Liberdade, o único compatível com dignidade humana, implantado por vós em 5 de Outubro de 1910.

A dentro dos muros desta boa terra teem êles praticado há um ano os mais atrozes e replentes crimes, seguros da impunidade, que lhes prometia êsse bandido, que a si próprio se nomeou presidente da ridícula *Junta Governativa.*

(1) Documento n.º 4.

Assassinatos, roubos, escroqueries, incêndios, tudo tem cometido essa cáfila, à sombra da generosa confiança que neles depositaram os homens do Govêrno, pensando tratar com gente de palavra, incapaz de faltar aos seus compromissos de honra.

Descançai porêm, que a República não morrerá, antes sairá mais forte, pela união de todos os republicanos, do golpe que lhe vibraram. Todos esses crimes serão inflexívelmente punidos. Para isso o vosso Govêrno, que esmagou em Lisboa, sem piedade, os miseráveis cúmplices dos sicários, está organizando e fazendo avançar as forças que, dentro em pouco, os liquidarão de vez.

Alêm da falsidade referente a várias terras do Norte, que se manteem fieis à República, é preciso dizer-vos que o *reino... do Pôrto* só chega até Estarreja!

Já vêdes que a distância é fácil de transpôr. Velam por vós o Exército e a Marinha Portuguesa que, na sua grande maioria interpretam justamente o sentir da Nação.

Brevemente gritareis connosco nas ruas do Pôrto, como em 31 de Janeiro de 1891:

Viva a Pátria!

Viva a República!

Aveiro, 31-1-919.

Como só no dia seguinte os aviões levantariam vôo, se o tempo o permitisse, datei a proclamação de 31.

Fui informado de que chegaram a Albergaria-a-Velha três combóios, procedentes de Vizeu com tropas da coluna do General Abel Hipólito.

Ocupamos Frossos e, no sector de Cacia, Angeja foi tambêm definitivamente ocupada por nós.

Saí do Quartel General e fui ao Govêrno Civil

saber se já lá havia alguma comunicação de Lisboa sôbre assistência oficial aos refugiados políticos.

Começava a inquietar-me a sorte dos meus companheiros, pois não sabia ainda o tempo por que se podia prolongar uma tal situação.

Nada havia sido ainda respondido de Lisboa,

Ponte de S. João de Loure

informou-me o oficial do Govêrno Civil, meu particular amigo Francisco da Encarnação, uma das vítimas do sidonismo, que o havia também enclausurado durante alguns dias no Aljube, do Pôrto, pouco antes da Traulitânia, como se fôsse um ladrão.

Fui ainda ao Comissariado onde conferenciei com o Comissário e reconheci algumas pessoas que tinham chegado a Aveiro, procedentes do sul, e das Beiras, como fieis à República, ficando aqueles que não eram conhecidos sob vigilância.

Voltamos à *Havaneza*. Havia ali, bem como no *Cisne*, animada conversação.

Citavam-se nomes de oficiais considerados como verdadeiros heróis. Entre estes o do capi-

tão Gonzaga, era com justiça elogiado. Efectivamente recordava-nos bem da forma verdadeiramente louca como o tínhamos visto no último dia em que estivéramos no *front*, de pé sôbre uma trincheira, ditando ordens a um sargento que perto dêle se encontrava. A sua tez bronzeada dava-lhe um aspecto de estátua, pela impassibilidade perante as balas que lhe sibilavam em torno, a qual nem lhe fazia deslocar o inseparável monóculo, aspecto que mais fazia salientar o seu impermiável negro, brilhante, escorrendo água da chuva, que caia miudinha e persistente. E nós instintivamente lembrávamo-nos de que aquele destemido rapaz já tinha assim honrado o nome de Portugal nos campos da Flandres, onde tinha sido promovido, por distinção, de alferes até ao pôsto de capitão, e onde tinha ganho as duas cruzes de guerra qne lhe ornavam o peito.

Isto incutia coragem pelo entusiasmo que despertava aos menos animosos, se é que os havia.

Confirmei porisso o que a seu respeito se dizia, como testemunha ocular, posto que nunca tivesse falado ao capitão Gonzaga.

Citava-se tambêm o alferes meliciano dr. Alberto Ruela e o capitão do 24, Aurélio Cruz, meu antigo condiscípulo da Escola Politécnica e que era o comandante da coluna do flanco direito, posto que alguns o censurassem por êle de uma vez se ter afastado demasiadamente em perseguição do inimigo que o teve quási envolvido.

Como isto se tivesse passado em um sector onde eu não estava, nada podia dizer a tal respeito.

Os capitães José Leite e Camossa, do 24, eram igualmente mencionados como dos mais valentes desde a primeira hora e bem assim os alferes Noronha e Roby e o capitão Cunha e Costa, de cavalaria.

Havia pouco, acabara de chegar, procedente

de Agueda, um alferes de artilharia que no combate que ali se ferira havia sido atingido por sete balas, sendo quatro no cinturão, duas no bornal e apenas uma num pulso onde produziu um pequeno ferimento. Já é preciso ter sorte! Não me foi possível saber o nome dêste oficial.

Há notícias das fôrças do general Abel Hipólito que, de mãos dadas com as nossas, hão de envolver o Pôrto. Tudo vai bem.

Pela tarde desembarcou mais infantaria que partiu para as linhas.

Dia 31. — O dia apareceu mais alegre que o da véspera. Chuvia apenas de vez em quando, mostrando-se o sol a espaços, como se estivéssemos já em Fevereiro. Isto me fez alimentar a esperança de que os aeróplanos subiriam então. E pensando nisto eu imaginava já o efeito da aparição no Pôrto, quanto de alento e conforto as nossas proclamações iriam dar aos republicanos que ali se encontravam no regime do terror e da opressão!

E, para mais, era o aniversário da primeira revolução republicana, que naquela cidade explodira e se malograra pela traição nessa madrugada trágica de 1891. Desde que os aviões não haviam podido ir no dia 24 ou 25 não era peior que fossem nesta data histórica.

Há males que vêem por bem.

O essencial era que o tempo se aguentasse.

Assim pensando me vesti e almocei à pressa, com o Felizardo, a quem comuniquei a minha esperança de que talvez nesse dia os aviões podessem voar e, seguidamente, saímos, eram 9 $^1/_2$, para ir ao Comando saber o que havia a tal respeito.

Fazia sol, mas o vento soprava ainda do sul bastante forte e portanto o tempo não estava firme.

Por êste motivo ali não tinham a certeza se êles subiriam ou não.

Só podiam fazê-lo se às duas da tarde o tempo continuasse bom.

Imagine-se porêm a nossa anciedade quando de ali saimos e como prescrutavamos o horizonte olhando para os lados da barra a ver se as nuvens se desacastelavam!

Quando chegamos à tabacaria de Bernardo Torres, estava ali um oficial aviador comprando lápis, papel para *croquis* e diversos objectos, que lhes haviam de servir na ascenção, provávelmente para tirar plantas, marcando as posições do inimigo. Isto mais nos animou, com quanto notássemos talvez pela pressa que tínhamos, muita lentidão em tudo aquilo.

Em breve porêm chegou a desilusão.

Pelas 14 horas, o vento continuava forte, o céu enchia-se de nuvens e logo nos vieram dizer que os aviões não podiam subir.

Como era o 31 de Janeiro os sinos repicavam de vez em quando (quem sabe com que vontade!...) e para a noite projetava-se no Teatro Aveirense uma sessão solene de homenagem aos vencidos de 1891 e de saùdação à República. Era promovida pela Junta de Defeza Republicana, de Aveiro. O dr. Alberto Souto, antigo deputado, meu ilustre amigo, e o dr. André Reis, as duas figuras mais em relevo nessa Junta, se possível foi algum exceder os outros, vieram convidar-me, pedindo-me para não faltar, bem como os rapazes que tinham vindo comigo.

Mandei porisso dizer para a linha por uma ordenança para que estivessem em Aveiro, à noite, todos os que pudessem.

Neste dia chegou uma bateria de artilharia composta de cento e tantos homens com 4 peças Canet, de tiro rápido e 6 carros de munições; foram vitoriadíssimos pelo Povo, que os acompanhou até ao quartel de cavalaria 8, onde ficaram instalados, não obstante a chuva já ter recomeçado e cada

vez mais apertar. Os soldados correspondiam com entusiasmo aos nossos vivas, que eram bem sentidos e sinceros. Todos eles ostentavam braçadeiras verdes e vermelhas, ou laços de fita da mesma côr.

Um episódio curioso se registou neste dia também: Desde quando se soubera em Aveiro da traição do Pôrto, traição em que era um dos principais comparsas o filho de José Estevam, o Povo fôra à estatua do grande liberal e envolvera-a em crépes, afixando-lhe um distico de cartão, onde se liam, e bem apropriados, os versos do grande Junqueiro:

Os pais eram de bronze.
Os filhos são de lama!

Uma e outra coisa só seriam tiradas quando a República fôsse restaurada. Pois nessa noite o distico desaparecera, ficando apenas o crépe que, provávelmente, não tinham tido tempo de arrancar.

Este acto de audácia mostrava que era preciso não descurar a vigilância, porque tínhamos ali, intra-muros muitos espiões.

O dr. Melo Freitas comunicou-me que viera de Lisboa notícia de que o Govêrno resolvera dar a cada civil voluntário, ou refugiado político, 1$00 por dia.

Não sabia êle porêm ainda a forma de fazer êsse pagamento e para se resolver aguardava a vinda do Governador Civil, que mais uma vez fôra a Coimbra...

Isto alegrou-me, não tanto por mim como principalmente por causa dos rapazes meus companheiros, que estavam exaustos de recursos.

O comissário mandou-me chamar. Tanto tinha tido que fazer que estava ainda almoçando apezar de serem quási 15 horas.

O corredor e escadaria do edifício regorgitava de gente. Fomos para um gabinete onde ficamos

sós, portas bem fechadas. Desta vez não se tratava do reconhecimento de nenhum refugiado.

Muito em segrêdo disse-me então que ia mandar um emissário ao Pôrto e que se eu queria mandar alguma comunicação para os republicanos daquela cidade encarregados de organizar o movimento de restauração da República o podia fazer, porque era pessoa de absoluta confiança. Convinha porêm que a comunicação fôsse o mais curta possível, para se poder ocultar fácilmente. Ele ía apresentar-me o emissário, disse. E chegando a uma porta interior chamou alguêm, que prestes acorreu e o acompanhou junto de mim. Era seu sobrinho, António Guimarães, que eu já conhecia, rapaz dos seus 20 anos, muito vivo e inteligente, audacioso e dissimulado.

O bom do Máximo tinha que pagar no dia imediato umas letras em um banco do Pôrto e não queria que elas fossem protestadas. O rapaz, apezar do perigo que ia correr ofereceu-se logo, como se fôsse para o acto mais banal desta vida, com o mesmo sorriso de sempre nos lábios. Depois êle traria informações de tudo o que visse e ouvisse... se podesse voltar.

Dei-lhe comovidamente um grande abraço e fui escrever a minha missiva, porque o tempo urgia e êle tinha que ir de barco pela ria até Ovar, desembarcando no Carregal, onde se sabia que os monárquicos tinham fraca vigilância. Depois procuraria chegar à vila e ai tomar um tramwai para o Pôrto.

Foi a minha *carta*, escrita em uma pequena tira de papel azul, talvez dos seus dois dedos de largura, por dez centímetros de comprido. Nela eu dizia ao Adélio Teixeira que o triunfo da República era certo, que comunicasse aos nossos companheiros que, de acôrdo com o Comando Militar se mantinha a nossa combinação, isto é, que a revolução no Pôrto só devia estalar quando

as nossas fôrças estivessem à vista ou perto da cidade, a não ser que, por motivos inesperados, se podesse fazer mais cedo com segurança.

Mandava também um grande abraço para o Américo Cardoso, que designei apenas pelos iniciais *A C*, se ainda fôsse vivo, pois que há muito o sabia prisioneiro [1] dos monárquicos no Aljube.

Entregando êste bilhete ao destemido António Guimarães, recomendei-lhe que se não encontrasse o Adélio, que podia estar prêso, procurasse o Anibal Martins e lho entregasse, que era a mesma coisa, pois êste comunicaria aos grupos. Pedi-lhe também que, se lhe fôsse possível, perguntasse em Ovar se tinham prendido o Francisco Rezende, ou se êste, que era o empregado a cujo cargo ficara a fábrica «A Varina» do Lino Brandão, não teria ali voltado.

Muito me interessava saber isto, porque era a cargo dêle que morava em Espinho, que tinha ficado a minha família do qual nunca mais tivera notícias.

E seguidamente êle partiu, não sem que eu, e certamente seu tio também, deixássemos de experimentar um grande receio pela sua sorte.

Escusado será dizer que ninguêm mais soube desta missão senão depois.

Terminado o jantar em casa do Felizardo viemos: êle, seu irmão e eu, até ao «*Cisne*» tomar o nosso café e depois seguimos para o Teatro, onde ía realizar-se a sessão solene comemorativa da gloriosa data de 31 de Janeiro. Comigo foram também todos os rapazes que me tinham acompanhado para Aveiro, alguns dos quais tinham vindo da linha de combate expressamente para assistir à festa, pois só a lembrança de que tal data não se podia celebrar naquele momento no Pôrto, fazia-

---

[1] Este dedicadíssimo republicano esteve 112 dias prêso, um grande número dos quais no quarto n.º 17, cujas janelas não têem portadas.

com que nós tivéssemos o maior empenho em lhe imprimir o máximo brilhantismo, dando largas ao nosso entusiasmo de republicanos sinceros, que esperavam para breve o esmagamento completo dos talassas.

Cêrca das 20 ½, estando já o Teatro cheio de gente, o dr. Alberto Souto, adiantando-se no palco, disse em breves palavras qual o fim daquela sessão solene, que tinha no momento em que se realizava uma alta significação patriótica e de viva fé republicana. E como se tratava de prestar homenagem àqueles que em 1891 tinham tombado nas ruas do Pôrto em holocausto à República, do Pôrto agora escravisado, martirisado pelos inquisidores monárquicos, em resultado de uma grande obra de traição, mas que em breve seria liberto, êle convidava para presidir a esta festa um representante do Pôrto, que tinha vindo expôr a sua vida, defendendo a República de armas na mão. E assim dizendo convidou-me para ocupar a presidência o que não pude fazer sem verdadeira comoção, não tanto pela honra que me davam e que mostrava de algum modo o reconhecimento da minha lialdade de procedimento, mas por me lembrar daqueles nossos correligionários que àquela mesma hora na cidade invicta, agora cidade martir, sofriam as maiores torturas. Convidei então para secretariarem a mesa os snrs. Almeida Eça, como representante de Estarreja e Oliveira Lopes, como representante de Ovar, as duas terras mais importantes da região assolada pelos bárbaros.

Eis como o *Campeão das Províncias*, no seu 3.º suplemento ao n.º 6621, de 1 de Fevereiro, descreve o acto:

« — *31 de Janeiro.* — Data de consagração nacional aos percursores da República, a primeira da série dos seus dias festivos e de glória.

Para comemorá-la realizou-se ontem no *Teatro*

Aveirense, um brilhante sarau que decorreu no meio de um entusiasmo ardente, com uma assistência extraordinária.

Constituiu-se a mesa sob a presidência do snr. Raúl Tamagnini, que é um dos emigrados do Pôrto que mais tem sofrido pela causa, secretariado pelos snrs. Almeida Eça, representante de Estarreja e Oliveira Lopes, um benemérito de Ovar.

Usaram da palavra, entre outros, os snrs. dr. Pedro Chaves, dr. Barata da Rocha, dr. Melo Freitas, dr. Alberto Souto, dr. André Reis, dr. Alberto Ruela, dr. Rui da Cunha e Costa, Secundino Branco, Viriato de Almeida, Mário Ceia, etc., pronunciando-se orações brilhantes, sempre entrecortadas de aplausos e de aclamações à Pátria e à República, que se consagravam na pessoa dos seus heróis e dos seus mártires.

Não nos é fácil neste curto espaço reproduzir cada uma delas. Um conjunto de vibrantes períodos patrióticos, aos quais correspondia, de todos os recantos da sala, o aplauso, intenso, fervoroso, unísono da Assembleia.

Algumas passágens dos discursos dos snrs. dr. Pedro Chaves, dr. Barata da Rocha e dr. Alberto Souto, foram coroadas com estrepitosas salvas de palmas.

A festa, que foi digna dos consagrados, terminou pela apresentação duma linda bandeira nacional, [1] em sêda com franja de ouro, que vai ser oferecida ao tenente Robi, a quem cabe a glória de haver batido o inimigo, antes de todos, em Albergaria, e pela proposta do envio de telegramas de consagração, feita pelo snr. dr. André Reis, aos

---

[1] Esta passagem da festa foi sem dúvida a mais emocionante. Quando o dr. Barata da Rocha, que viera propositadamente do seu posto no *front*, em um dos seus brilhantes reptos oratórios se abraçou à bandeira e a beijou comovidamente, o entusiasmo foi indescritível!

snrs. presidente da República e ministro da Justiça, aveirense ilustre, que tanto tem honrado o nome e o berço.

Não se esqueceu ali também o capitão Belmiro, ainda sob *ferros de el-rei*, no Pôrto, nem a merecida homenagem ao brioso oficial de cavalaria, o capitão Cunha e Costa, e ao perseguido organizador político que é Bernardo Torres».

Tanto ao abrir como ao encerrar a sessão eu falei também saudando a cidade de Aveiro, a Bélgica da República, de que Ovar tinha sido a Liège e assim a esta como à sacrificada Estarreja enviei igualmente as minhas saùdações.

E manifestando a bem fundada esperança de que em breve estaríamos no Pôrto, eu agradeci aos aveirenses, em nome dos republicanos perseguidos e martirizados daquela cidade, o acolhimento carinhoso que nos haviam dispensado, as manifestações de franca solidariedade com que nos tratavam, afirmando-lhes, tanto por parte dos que se encontravam ali como dos que estavam longe, o nosso eterno reconhecimento e, terminando, ergui um caloroso viva à República, que foi correspondido vibrantemente, saindo então os assistentes e repetindo-se as manifestações cá fóra, na Praça, apezar da chuva que caia incessantemente.

Em um dos camarotes assistia à festa o valente capitão Camossa, que havia sido ferido no pescoço por um estilhaço de granada e que porisso se via com o pescoço empanado.

Assistiu também o dr. Lopes Fidalgo chefe dos serviços de saúde, cargo em que havia sido investido pelo comando logo que êle se apresentou, o que fez vindo de Ovar, apenas os trauliteiros ali deram entrada.

Tive esta noite informações curiosas sobre factos ocorridos em diversos pontos da linha. Entre estas citarei uma que dá bem a nota dos sentimentos humanitários dos *ultra-boches* como

os cognominou com muita propriedade o Barata da Rocha no seu magnífico discurso, definindo os seus processos *liais* de combate.

De tarde, fôra aprisionado um malandrete, no sector de S. João de Loure, que trazia comsigo um embrulho de estriquinina, confessando vir incumbido da missão de a lançar sôbre as nascentes de água e ranchos das nossas tropas! Hediondas criaturas!

Disseram-me constar que o Paiva Couceiro exclamara ao retirar-se de Angeja com os seus, numa verdadeira fanfarronada espanhola: "Digam aos republicanos que retiro de Angeja, mas que os espero no Pôrto, onde faremos as contas...".

E viu-se, realmente, que, como sempre, foi tão bom pagador que nem apareceu mais diante dos credores...

Dia 1 de Fevereiro. — Apezar do tempo continuar chuvoso neste dia, fui logo de manhã para a linha de fôgo, aproveitando o automóvel de uns oficiais que para ali se dirigiam também. A impaciência pela lentidão das operações era em mim cada vez maior. Não tinha notícia alguma daqueles que me eram caros, o que me produzia um nervosismo que fácilmente se avaliará. Os hidro-aviões continuavam sem poder subir e isto mais me irritava ainda, apezar das palavras animadoras do meu amigo Silverio da Rocha e Cunha, que me dizia sempre com o seu eterno sorriso, quando eu o interrogava, como que a medo, sôbre o proseguimento das operações: — Isto vai bem! Isto vai bem! Os homens vão apanhando... E batia, satisfeito, com as mãos, uma na outra, olhando-me serenamente através dos seus óculos redondos com aro de ouro.

Mas eu queria vêr com os meus próprios olhos e fui.

O que eu vi em Angeja, que foi certamente uma das povoações mais sacrificadas, não se descreve. Os roubos foram sem conta. Pequenos lavradores que tinham a sua provisão de carne de porco para todo o inverno, ao regressarem às suas casas encontraram as salgadeiras completa-

S. João de Loure. — Um dos pontos de mais linda paisagem, onde se desenvolveram acções várias das nossas tropas e em que os monárquicos foram batidos.

mente vazias, os seus lares devastados. Era a desolação que se observava no rosto daquela pobre gente por qualquer parte por onde se passava. E isto era feito por compatriotas, por gente que falava a mesma língua, por homens que se diziam portugueses!

Entre os atentados dêste género tomamos nota dos seguintes:

Em casa de um homem que me disseram ser guarda-fios e que se ausentára logo que chegaram os rialistas, deixando as portas fechadas, entraram por meio de arrombamento, roubando tudo quanto encontraram: carne, vinho, roupas, calçado, etc. Em casa de Adelino Silva Bastos

fizeram o mesmo e, para cúmulo, transformaram-lhe a habitação em cavalariça, metendo os cavalos em compartimentos assobradados. Em casa de Manuel Esteves, José Rato e Emídio Esteves a mesma coisa. Emfim, uma verdadeira pilhagem.

Disseram-me que em Fermelã se observa a mesma devastação, além de outros crimes, tais como estupros, que foram freqùentes.

O grupo de civis, comquanto já em menor número, continua ainda, sob o comando do valente e simpático aspirante-oficial snr. Alberto Luís Leite Loureiro, a prestar os seus assinalados serviços, com absoluto despreso pela vida.

Entre estes citarei o nome do estudante do 7.º ano do liceu de Aveiro, snr. José Elísio Sobrinho, o qual, além de estar sempre que podia na linha de combate, quando os monárquicos estavam ainda em Angeja, havia-se disfarçado de serrador e estivera ali comendo e bebendo com os soldados em uma taberna, conseguindo trazer ao nosso comando preciosas informações sôbre as posições do inimigo, fôrças de que dispunha, etc. O risco que o corajoso rapaz correu, fácilmente se avalia.

Se recaísse sôbre êle uma leve suspeita que fôsse e lhe vissem as mãos, que tinham tanto de serrador como as de qualquer dama aristocrática, estava irremediávelmente perdido.

Pelas 13 horas regressei a Aveiro e depois de ter ido almoçar fui ao Govêrno Civil saber se nada havia ainda resolvido sôbre a fórma de pagar o subsídio aos civis voluntários e refugiados, informando o governador civil que de Lisboa não tinham ainda dado instruções a tal respeito. Novamente instei por que se resolvesse o assunto com brevidade, pois alguns dos rapazes estavam em sérios apuros financeiros.

Da Direcção Geral das Alfândegas nada haviam dito ainda sôbre os meus vencimentos de

que continuava igualmente desembolsado, não obstante se vencerem os emolumentos gerais em 15 de cada mês.

O tempo continuava chuvoso, e por volta das 15 horas estava de verdadeiro temporal.

Apresentaram-se nêste dia muitos desertores das fileiras rialengas. Diziam todos que o moral da tropa fandanga era extraordináriamente baixo e que passavam verdadeira fóme.

Diziam alguns dêstes prisioneiros que Paiva Couceiro, em uma arenga que fizera aos soldados, lhes afirmára que brevemente chegariam vários navios espanhóis e ingleses... para varrerem a costa portuguesa e impôrem o regime dos adiantamentos. Farçante!...

De tudo se servia para fazer vingar os seus planos tenebrosos, mas enganou-se.

Ao fim da tarde fômos à estação do caminho de ferro, porque constava que chegavam mais fôrças.

Efectivamente chegou um esquadrão de cavalaria 5, comandando o qual, ou fazendo parte da oficialidade respectiva, vinha um oficial que chamava a atenção pela sua grande altura, pois parecia um verdadeiro gigante. Os solípedes eram todos de magnífico aspecto. Informaram-me que seguiam no dia imediato para a frente.

Dia 2. — Continua o temporal. Hoje mais desabrido ainda que nos dias anteriores. Mais uma esperança perdida da subida dos aviões.

Quando cheguei à Arcada, eram 11 horas, andavam em minha procura, o meu amigo Lino Brandão e um remador da Alfândega. Tinha ali chegado um homem que dizia ser guarda fiscal do pôsto da Torreira que tinha vindo de Ovar com uma carta para o Lino Brandão, mandada pelo Francisco Rezende e que me queria também falar.

Fui logo à delegação da Alfândega com o remador e lá encontrei, com efeito, o homem.

Era o soldado da guarda fiscal Manuel Simão Rodrigues. Tinha vindo, efectivamente, de Ovar onde falára com o Rezende, que lhe tinha dado uma carta para o seu cunhado e dôno da fábrica "A Varina„ de que êle ficára encarregado, Lino Brandão, recomendando-lhe que me procurasse e me désse recomendações, participando-me que não havia novidade, assim como cartas das famílias para os rapazes do meu grupo. Fiquei satisfeito, como se compreende, por ter assim notícias indirectas da família, mas bem mais ficaria se elas fôssem directas. Contou-me êle então que o Rezende ia e vinha todos os dias no tramwai de Espinho, não abandonando nunca a fábrica; que os monárquicos haviam levado dali grande quantidade de conservas, deixando requisições, assinadas pelo Soares Pinto, homem rico e talassa de categoria, na vila, que estava a fazer de administrador. Que se eu quizesse alguma coisa para o snr. Rezende que êle podia fazer-lhe chegar á mão ainda nêste mesmo dia, e era facil fazê-lo sempre que quizessemos, porque ia como correspondencia oficial de pôsto em pôsto, até ao de Ovar, e aí lhe entregavam, e que o sr. Lino ia escrever-lhe.

Escrevi então uma carta a minha mulher participando-lhe que estava bem, que em breve íamos marchar para a frente, tencionando abraça-la e aos nossos filhos dentro de poucos dias, dizendo-lhe que se conservasse em Rio Meão, (onde eu supunha que êles ainda se encontravam) até à liquidação final da farçada e pedindo-lhe que me escrevesse, podendo entregar a carta ao Rezende, a quem tambêm escrevi um pequeno bilhete (1) que êste ma enviaria.

---

(1) Documento n.º 6.

Entreguei esta correspondência ao guarda, que vestia à paisana, e que foi procurar o Lino Brandão e o dr. Pedro Chaves, a fim de receber dêles correspondência para as respectivas famílias. De aí a pouco alguns dos rapazes de Espinho, que tinham vindo comigo e que nêsse dia estavam quási todos em Aveiro, pois o mau tempo mantinha as operações estacionárias, vieram procurar-me para eu mandar também as suas cartas para os que lhe eram caros. Da melhor vontade acedi e fui em busca do soldado, indo encontrá-lo quando êle já estava a embarcar na bateira e entregando-lhe o maço das cartas, cuja distribuíção em Espinho ficava a cargo do Rezende.

Cêrca das 15 horas chegou a Aveiro o corajoso Antonio Guimarães, o emissário que no dia 31, seu tio, o comissário Antonio Máximo enviára ao Pôrto, sendo portador de um bilhete meu também para o Adélio Teixeira com as instruções para os grupos, dadas de acôrdo com o comando militar, bilhete que seria entregue ao Anibal Martins ou a seu filho, se aquele estivesse preso.

Contou-nos o bom António Guimarães que as informações que nos haviam fornecido os ferro-viários fugidos de Gaia eram verdadeiras. No Pôrto respirava-se uma atmosfera de verdadeiro terrôr. As prisões estavam atulhadas de tal fórma que, não chegando já para saciar a ferocidade dos algozes, tinham transformado também em prisão o Eden-Teatro. Este porem era mais um cárcere privado do que outra coisa, pois eram os trauliteiros que unicamente ali mandavam, pondo e dispondo a seu bel-prazer, tendo instalado no mesmo edifício uma verdadeira inquisição, onde infligiam aos presos as maiores torturas.

Quanto à viagem êle tinha-a feito para lá sem

o menor obstáculo, excepção feita de um encontro em Ovar com um rapaz filho de família monárquica, que o conhecia e que no momento de êle embarcar no comboio lhe perguntou para onde ía, facto êste que o fez ficar um pouco apreensivo, não fôsse êle denunciá-lo e não poder concluir a sua missão.

Com respeito ao meu bilhete, não tendo encontrado o Adélio Teixeira, havia-o entregado ao Aníbal Martins, que não tinha sido preso, tendo estado escondido em diversas partes.

Referiu ainda o fuzilamento feito pela *guarda rial* e polícia na estação de Campanhã aos soldados de infantaria 31, no momento em que o comboio vindo de S. Bento ali chegou.

Como se sabe o regimento 31 de infantaria fôra o único no Pôrto que não quizera acatar a monarquia, chegando a estar dispôsto em linha de atiradores para obstar à passagem do cortejo rial, tendo-se submetido apenas o seu comandante em vista da superioridade do número, o que deixou exarado em um documento que assinou. O regimento foi depois desarmado e os oficiais e soldados transferidos para diversos regimentos da província. Na ocasião em que embarcavam em S. Bento alguns desses soldados, cêrca de trinta, segundo nos disseram, estes levantaram vivas à República ao ser dado o sinal de partida. Imediatamente o facto foi participado pelos esbirros que estavam nesta estação, e quando o comboio chegou a Campanhã desatrelaram a carruagem em que êles iam e fizeram seguir o restante material. Pouco depois chegava uma fôrça de guardas riais e polícia, os quais, à medida que os pobres soldados iam saindo da carruagem e mesmo ainda dentro dela, os iam fuzilando.

Constava terem morrido sete na chacina, tendo ido muitos outros, feridos, para o hospital.

A indignação que esta cobardia produziu em

Aveiro, especialmente entre os militares não se póde calcular!

Viu-se o nosso emissário porêm algo atrapalhado no regresso. Quando chegou a Ovar lá estava na estação o mesmo *amigo* à espera dele...

Apenas desembarcou imediatamente foi abordado pelo *talassinha*, que inquiriu da razão porque êle voltava tão depressa do Pôrto, o que se passava naquela cidade e para onde é que êle agora se dirigia. Êle iludiu-o como poude, tentando convencê-lo que ficava em Ovar, em casa de um parente que ali tinha, e despedindo-se à pressa, dirigiu-se a uma alquilaria, mandou engatar um trem e partiu para o Carregal para embarcar para Aveiro, pois já ali tinha o barco à sua ordem. No momento porêm em que subia para o carro novamente êle lhe aparecia ao longe chamando-o, acompanhado de um desconhecido, o que o fez dar ordem ao cocheiro para largar imediatamente e a toda a brida. Não soube se êle o perseguiu porque chegando ao cais teve a sorte de encontrar logo o barqueiro e passado pouco tempo faziam-se de vela para Aveiro, sem que ninguem mais os incomodasse, não tendo embaraço em passar na Torreira porque tinha o salvo-conduto do nosso comando militar.

Felicitei vivamente o valente António Guimarães, tão valente como modesto e fiquei bem satisfeito por ter ao menos a certeza de que os nossos no Pôrto já alguma coisa de seguro sabiam a nosso respeito, uma vez que por uma série de dificuldades, a principal das quais era o tempo, não fôra possível ainda aos aviões irem dar a mesma notícia à grande massa da população republicana da cidade, que vivia há longos dias sob a pata do opressor.

A nota oficiosa do comando neste dia foi a seguinte:

«As forças rebeldes encontram-se nas posições

de Salreu, num efetivo aproximado a 700 homens, concentrando-se o grôsso da coluna e quartel general em Oliveira de Azemeis.

As nossas ocupam as posições de Angeja, mantendo-se sempre a ligação entre todos os elementos, incluindo as posições avançadas.

As baixas têem sido insignificantes da nossa parte, sendo quási todos feridos ligeiramente. O número total orça por 8 desde o princípio das operações.

Os efetivos *boches* consta serem os seguíntes: infantaria 18, 400 homens; infantaria 5, idem; infantaria 8, 250; infantaria 20, 400; e infantaria 29, 250.

As fôrças de infantaria 18 conservam-se quási todas prêsas por se negarem a romper hostilidades contra as fôrças republicanas. Têem-se entregado muitos desertores de infantaria 18 e 3, que teimam em querer tomar parte nas operações contra os revoltosos, por quem fôram enganados, afirmando-lhes que em Coimbra e Lisboa estava implantada a monarquia„!

Era com falsidades como estas que viviam os embusteiros!

Dia 3. — O tempo limpou. Logo às 8 horas vim à janela e fiquei satisfeito.

Oxalá possam hoje subir os aviões.

Almóço e dirigo-me logo ao Comando Militar para vêr se sempre será hoje o dia em que, por intermédio dessas máquinas maravilhosas poderemos ir incutir animo, dar alegria aos nossos amigos do Pôrto, que não estejam ao facto da revolução que ali está planeada, ou não tivessem ainda conhecimento das comunicações que levou o nosso emissário.

O amigo e snr. Rocha e Cunha recebe-nos, na fórma do costume, com o seu eterno sorriso e diz-nos lacónicamente, porque vários oficiais soli-

citam a sua atenção para diversos e importantes assuntos:

— Hoje sem falta, se o tempo se mantiver, o que é provável...

Falava um marinheiro e isto me encheu de esperança. Efectivamente o vento soprava agora do norte e tudo levava a crer que as suas previsões não sairiam erradas.

Ao chegar à rua da Costeira encontrei com bastante surpreza aquêle rapaz, Manuel Ferreira da Rocha, o *Trovisco*, que tinha estado comnosco no quartel de Ovar e a quem eu tinha encarregado de levar uma carta a minha mulher, que estava em Rio Meão, ou de lhe expedir de Espinho um telegrama.

Dizia ter cumprido a sua missão enviando o telegrama porque não lhe fôra possível ir a Rio Meão e que, desejoso de se encontrar comnosco novamente, isto é, com as fôrças republicanas deliberára marchar para Aveiro, contornando a ala esquerda dos monárquicos.

Para isso fôra necessário afastar-se muito, andando uns poucos de dias perdido na Serra das Talhadas, onde estivera quási morto de frio.

Precisava descançar, mas se eu quizesse alguma coisa para Espinho ou para o Pôrto, estava pronto a ir lá no dia seguinte.

Mandei dar-lhe de comer e arranjei-lhe alojamento. Dei-lhe tambêm algum dinheiro, lembrando-me que talvez fôsse bom aproveita-lo para qualquer nova comunicação para o Pôrto, visto não ser ali conhecido.

Chegando ao *Cisne da Arcada* todos me perguntavam se os aviões subiriam nêsse dia, pois já constava que assim seria e o bom tempo o fazia crer.

Como eu respondesse afirmativamente, em todos os rôstos se espelhava verdadeiro contentamento e muitos vieram para a ponte ou para a

esquina do Bernardo Torres, olhando para os lados da barra para ver se divisavam as aeronaves cortando o céu.

De aí a pouco aparecia o dr. Alberto Souto confirmando a notícia e pedindo todos os jornais de Lisboa e exemplares dos suplementos do *Campeão das Províncias*, que fôsse possível arranjar, lembrando também que se escrevessem palavras animadoras e que revelassem bem a situação, afim de serem umas e outras, juntamente com as proclamações, a minha e uma outra que tinha sido egualmente, mandada imprimir e julgo que era da sua autoria, lançadas sôbre o Pôrto e outras terras por onde os aviões passassem.

Era de ver então o entusiasmo, verdadeira febre, com que mais de trinta pessoas a tinta ou a lapis escreviam coisas em pequeninos retangulos de papel, conforme o seu espírito ou a sua *verve!* Eram sôbre tudo, pequenas frases incisivas e cortantes como navalhas para os traidores. Em alguns lia-se: "coragem amigos! nós lá vamos e dentro em pouco... Viva a República!„

Em muitos reproduzia-se a quadra já do domínio público, cuja autoria era atribuída aos marinheiros, após a victoria de Monsanto, explicando-se a sua proveniência:

"Fomos beber água ao Rato,
"Iremos m... ao Pôrto.
"Já c... no Monsanto
"Na obra do *grande môrto!*

Dentro em pouco grandes massas desses papeis e jornais havia sôbre o balcão, os quais uma ordenança transportou para a capitania do pôrto, a fim de seguirem para S. Jacinto em uma lancha da referida capitania.

A outra proclamação a que venho de me re-

ferir e de que seguiram também muitos exemplares, mais descritiva que a minha, pois que tinha sido redigida muito depois, era do teor seguinte:

Sobre o Pôrto!

Viva a República!

Desde o primeiro momento que esta monarquia ridícula que vos oprime e envergonha, portuenses, tem feito uma campanha de mentira, de dislates, de fantasias criminosas que só a imaginação esquentada de um megalomano como o Couceiro podia gerar e que só a perversa loucura dos degenerados que o acompanham podia consentir.

Vejam bem:

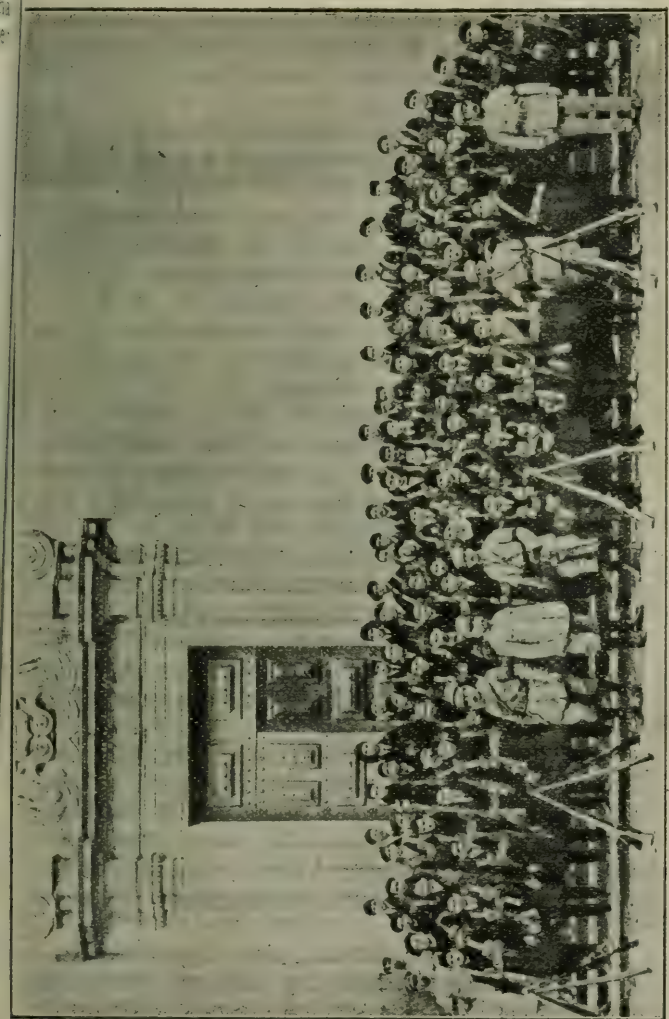
As fôrças monárquicas nunca passaram o Vouga. Nenhum *trauliteiro* ou soldado couceiristas passou o rio onde esbarraram e foram derrotadas estrondosamente as forças monárquicas.

Aveiro nem um momento só hesitou na defesa da República. Ao primeiro rebate, no dia 20 de Janeiro, a guarnição, conduzida pelos oficiais republicanos, tomou posições. A breve trecho fazia-se uma larga colheita de automóveis monárquicos e de prisioneiros. Entre estes, temos em nosso poder, algemado, para entregarmos aos republicanos do Pôrto, o famigerado bandido Bento Garrett.

Prendemos aqui o Costa Alemão.

Prendemos o conde do Juncal e outros que o acompanhavam. Ovar prendeu o Victor de Menezes que queria adezão à monarquia, do valente batalhão do 24. O alferes Robi, em Albergaria, prendeu dois oficiais que do Pôrto iam *parlamentar* e grande número de bandidos do «Rial Grupo», com bentinhos, bandeiras e espingardas.

João de Almeida, o ministro da guerra dessa



O batalhão academico de Coimbra, que tomou parte nas operações do Norte, tendo à frente o seu comandante e principal iniciador, o coronel Mourão, indefectivel republicano, chefe militar do movimento de 12 de Outubro de 1918 naquela cidade, a quem eu abracei quando ali fui no dia 26 de Janeiro.

caricata Junta Governativa, foi metido em sua casa pelos oficiais do seu próprio regimento, garantindo sob sua palavra de honra que não consentira nunca na inclusão do seu nôme nêsse govêrno de doidos.

Em Lisboa, a revolução monárquica, feita à custa da traição dos comandos, foi esmagada rapidamente de encontro à Serra de Monsanto.

Em Aveiro juntaram-se tropas formidáveis. O combate de Agueda, em 27, foi uma hecatombe. Lá ficou quási toda a fôrça dessa famosa «Guarda Rial» que encontrou um túmulo na Mourisca. Tão desordenada foi a fuga monárquica que ao amanhecer de 28, nós entrávamos em Albergaria sem encontrarmos um inimigo!

O combate de Angeja em 28, foi outra formidável derrota que sofreram as fôrças couceiristas. Atacadas de frente pelo capitão Gonzaga, o heroi de França, metralhados sem cessar pela nossa artilharia, flagelados de flanco pelas fôrças de Aurélio Cruz que lhes enfiaram as trincheiras desembocando a meio do combate dos pinheirais que deixam a vila, a coluna couceirista perdeu dentro em algumas horas os seus dois combatentes: gravemente ferido o major Manoel de Almeida, môrto o major Antero Taborda, baixas perto de setenta!

A retirada sôbre Estarreja foi rápida. As nossas fôrças com um *élan* magnífico avançam, caindo-lhe sobre a rétaguarda. A divisão naval vai bombardear-lhes a linha férrea. O general Abel Hipólito depois de submeter Vizeu e ligado com as nossas fôrças de Aveiro, marcha pela Beira em direcção a Vila Rial.

PORTUENSES, esperai uns dias e vereis a derrota formidável dessa criminosa mascarada que veio enlutar Portugal, servindo-se dos soldados do pôvo para cometerem crime tão hediondo!

Na imponente sessão de 31 de Janeiro, no

Teatro Aveirense, foram-vos dirigidas as mais calorosas saudações.

Aveiro, a terra de José Estevam, o soldado e o orador da Liberdade, cobriu de crépe a estátua do pai do ministro dos estrangeiros dêsse govêrnó de rebeldes e de reaccionários.

De Aveiro, a Bélgica da República, do Vouga, o Marne dos couceiristas, sai agora o exército que vos vai libertar!

O exército da República cheio de bravura e coberto de glória, vai aparecer-vos em breve a erguer de nôvo sôbre os muros desse berço de Liberdade, dêsse reducto de Democracia, a bandeira verde-rubra que aqui jámais deixou de tremular, e que aí vai dardejando ao vento, conduzida pela falange invencível que é o exército da República!

Viva a República!

Mais de três horas decorreram depois da partida da lancha sem que se divisasse cousa alguma no horisonte. Toda a gente começava a impacientar-se e com certeza eu seria de todos o mais impaciente. Em um grupo de amigos em que me encontrava alvitrei então a ideia de irmos a S. Jacinto, ao campo de aviação. Faltava porêm o meio de transporte. Todos os automoveis e outros veículos estavam em serviço de comunicação e transporte de tropas para o front, o qual, à medida que se ia afastando de Aveiro mais reclamava o seu emprego e nenhum de nós quereria desviar de tal serviço, por um momento que fôsse o menos valioso de tais veículos.

—Vamos a pé, exclamei de subito!

E imediatamente quatro daquêles belos rapazes, entre os quais o meu prezado amigo e dedicado republicano Aurélio Costa, responderam:

— Vamos embora!

Como tocados de uma pilha eléctrica todos

Acto contínuo o grupo, com decidida resolução, meteu pernas ao caminho. É que eu tinha uma grande vontade de ver o que se passava lá em baixo nos hangars. A minha impaciência de republicano que desejava vêr a República tirar quanto antes a sua desforra, agravada porventura com a minha qualidade de leigo em questão de táctica militar e de aviação, não compreendia o motivo de tanta demora quando se tratava de levar a esperança a tanta criatura que vivia há longos dias em verdadeira tortura moral e física.

Tenho pena de não ter tomado nota dos nomes dos outros meus companheiros nêste passeio; um dos mais memoráveis da minha vida. Eles que me perdôem a falta.

Creio porêm que um era cunhado do meu colega e amigo Antonio Felizardo.

Conversando alegremente, como colegiais em férias, marchamos pela estrada da barra seriam aproximadamente 15 horas. A nossa intenção, em vista do adiantado da hora era saber se os hidro-aviões não subiam, visto que o tempo continuava bom, e qual a razão porque não subiam.

Na Gafanha paramos por momentos.

O calôr da marcha, um tanto rápida, fizera-nos sêde. Entrámos numa venda que ali há, cujo proprietário, se não estou em êrro se chama Alberto, e mandamos vir vinho com água para refrescar. Os meus companheiros quizeram também pão e queijo, que, por sinal, era excelente e levaram a sua amabilidade a ponto de não me deixar pagar a despeza.

Terminada esta rápida e frugal merenda recomeçámos a marcha. Teriamos andado todavia, quando muito cem metros, iamos então sôbre a ponte, um dos meus amigos pára e solta uma exclamação, apontando, para o horisonte.

– Lá vai êle!

Estacámos, olhando na direcção indicada. De facto a colossal libelinha, como que subindo em rampa suave, trepava lentamente para o céu e seguia rumo norte.

E logo a seguir outra se avistou, que partia do mesmo ponto com a mesma orientação.

Eu esfreguei os olhos para ver se não estaria sonhando, se eram bem eles os hidro-aviões que iam levar um pouco da minha alma, do meu sentir republicano, aos martirisados republicanos do Pôrto, meus companheiros de lutas e de sacrificios e depois de me ter certificado que não sonhava, emquanto os olhos se me humedeciam de pranto, tirei religiosamente o meu bonet e bradei com entusiasmo, secundado veementemente por aqueles que me acompanhavam:

— Viva a República!

— Bôa viagem! Bôa viagem! bradavam os meus companheiros, acenando com os lenços, como se os aviadores os podessem ouvir.

Ali estivemos ainda encostados à guarda da ponte, olhos fitos no ceu até os desejados aviões desaparecerem por completo; e depois, como já inútil fôsse a continuação da nossa viagem, retrocedemos para Aveiro, de onde poucas pessoas os tinham visto subir, e porisso a todos que encontrámos comunicámos a boa notícia.

É que só o efeito moral produzido entre os nossos inimigos pela aparição destes poderosos elementos de combate, a que não estavam acostumados e que eles não possuiam, havia de contribuir em grande parte para abreviar a nossa victória.

Quando entrei na tabacaria do Bernardo Torres já ali estava em distribuíção o 5.º suplemento do *Campeão das Províncias* que tão bons serviços tem prestado.

Traz, entre outras cousas, o comunicado oficial do dia que diz:

"Deu-se esta manhã um recontro de patrulhas

de cavalaria nossa e inimiga entre Fermelã e Salreu, sendo esta muito disimada.

Entregaram-se ontem um sargento e 38 praças de vários regimentos rebeldes, incluindo guarda republicana e tres civis, esperando-se hoje que maior número se entregue tambêm, pois se sabe que continuam a dar-se grande número de deserções nas suas hostes.

Todos eles são conformes em afirmar o desanimo que lavra em toda a sua linha.

Foram ouvidas grandes detonações nas proximidades de Estarreja, que se supõe terem sido produzidas pelo rebentamento de fornilhos, talvez na ponte de Antuã„.

Dele recorto ainda as informações que se seguem e que oferecem interesse para estas "Notas„.

Á antiga portuguêsa

O academico Abel Pessôa, de Cantanhede, solicitou de seu pai, o sr. dr. Manuel Pessôa, autorização para fazer parte do "Batalhão-academico„.

A resposta não se fez esperar e é concebida nos seguintes honrosos termos:

"Autoriso com infinito jubilo a tua inscrição no "Batalhão-academico„ para a defesa da República, orgulhando-me e enternecendo-me essa tua nobre afirmação de carácter„.

O "Batalhão-academico„ é comandado pelo quintanista de direito, alferes da administração-militar, dr. Júlio Ribeiro da Costa, e é composto de 80 alunos da Universidade e liceu.

Nos seus serviços de saúde vem o capitão-medico, dr. Guimarães.

Este novo corpo de defensores da República chegou ontem a Agueda.

Mortos e feridos

São em crescido número os feridos no combate de Agueda e que se encontram em tratamento no "Hospital Conde de Sucêna„. Declaram que os levaram enganados para a luta, afirmando-lhes que se tratava duma guarda de honra ao ministro da guerra... A outros diziam que a monarquia reinava já em todo o país.

Foi assim que os monárquicos conseguiram aliciar *adeptos*.

Contam mais que só da "guarda-rial„ foram mortos naquêle combate umas 10 praças, ficando feridas várias outras e graduados.

A' noitinha já se sabia pelas descrições dos próprios aviadores, srs. Sacadura e Santos Moreira qual fôra o efeito do seu *raid*.

Enquanto um voara sôbre o Pôrto, lancando milhares de proclamações, jornais e escritos o outro evolucionara sôbre Espinho e depois, dirigindo-se para a Granja lançára na linha ferrea, entre estas localidades duas bombas de grande poder, com o fim de cortar a linha ferrea, o que se assegurava tinha conseguido. Isto causou grande entusiasmo entre os nossos, mas infelizmente o aviador tinha errado o alvo, como se soube mais tarde, pois as bombas tinham rebentado ao lado da linha, sem a danificar.

Todavia o reconhecimento que ambos fizeram das posições inimigas foi, incontestavelmente, de grande valor.

Nesta noite o meu velho amigo e antigo camarada de redacção de *Os Retalhos*, semanário do Pôrto, Rocha Júnior, que se encontra em Aveiro como correspondente de *O Seculo*, assim como o tambêm meu amigo Oldemiro Cesar, que desempenha essa função pelo *Diário de Noticias*, tiveram a gentileza de me mostrar o

relato de uma entrevista com o trauliteiro Bento Garrett, o qual tem sido muito visitado. Eis o conteudo dêsse relato, que veio depois (7 do mesmo mês) publicado no *Século*:

"O comissário de polícia, sr. Máximo, facultou-me hoje uma breve entrevista com Bento Garrett, o famoso chefe do Rial Grupo dos Trauliteiros.

Bento Garrett é o único prisioneiro que continua nesta cidade, em virtude, segundo me constou, de estarem pendentes umas investigações relativas a entendimentos do "trauliteiro„ com o conhecido padre Domingos sôbre propaganda germanófila.

É um rapaz novo, louro, relativamente franzino, mas denunciando, atravez da sensivel prostração moral em que se encontra, uma certa elegancia de maneiras. Quando foi preso apresentava-se arrogantemente, tendo tido com o comissário de polícia, pouco mais ou menos, o seguinte diálogo:

— Como sabe, eu sou monárquico...

— Não sabia.

— Devo ser tratado como um preso político.

— Só o conheço como um criminoso.

— Pois eu desejo ser ouvido pelo comandante militar. O que tenho a dizer só a êle o direi.

— O sr. comandante militar não desce a ouvir um "trauliteiro„. Infelizmente, sou eu que tenho de o interrogar.

— Nêsse caso, declaro que gostaria de vêr terminada esta luta. É uma luta entre irmãos...

— Não; o senhor não é irmão de ninguem.

— Eu podia evitar a efusão de sangue.

— Como?

— Bastava que os senhores me levassem junto das fôrças monárquicas...

— Não. A República não precisa dos seus favores. A efusão de sangue está evitada. Os se-

nhores fogem como uns cobardes, que são, deante das tropas republicanas, e dentro de meia dúzia de dias está o caso liquidado.

De então até hoje, Bento Garrett perdeu por completo a arrogância. Vi-o entrar no gabinete do comissário, cabisbaixo, timido e abatido, envolvendo-se nas amplas dobras de um varino de burel. Olhou em roda, receoso, fitando em mim os olhos azues, embaciados e mortiços. Perguntei-lhe se era, efectivamente, o chefe do Rial Grupo dos Trauliteiros. Ele iludiu a pergunta pedindo ao comissário licença para se sentar, a título de estar muito fraco. Sentou-se. Eu insisti:

— O que quer dizer isso de "trauliteiros„?

— E' uma designação popular.

— Mas o que significa?

— Parece ser de origem trasmontana, segundo explicou o primeiro número do *Tripeiro*, uma revista que se publicou no Pôrto. Creio que vem do tempo das lutas entre D. Pedro e D. Miguel.

— E' um sinónimo de caceteiro, não?

— Parece que sim.

— E os senhores adoptaram essa designação?

— Não. O povo é que nos começou a tratar por "trauliteiros„ e, como era pitoresco, pegou.

— Qual era a missão dos "trauliteiros„?

— A mesma de todos os grupos civis, que tem havido de 5 de outubro para cá: defender o nosso ideal político.

— Espancando os adversários?...

— Aqui, Bento Garrett calou-se um momento. Depois balbuciou frouxamente um protesto. Não. Não era essa precisamente a acção dos "trauliteiros„.

— Mas ninguem lhes conhece outra.

— Nós tratavamos apenas da defeza do nosso ideal.

— Sem outro interesse?

— Evidentemente.

—E as despezas?

—Que despezas?

—Sim. Os senhores haviam de gastar dinheiro. Os automoveis...

—Os automoveis foram requisitados e puzeram-nos à nossa disposição. Eu vim para aqui sem dinheiro nenhum.

—O que é que determinava as agressões praticadas pelos senhores?

Bento Garrett não entendeu ou fingiu não entender. Repeti a minha pergunta. Eu tive, por

Estarreja (vista parcial da vila) e rio Antuas, onde se deu o combate do dia 11 de Fevereiro, que foi o fecho glorioso da nossa campanha

vezes, a impressão de que o chefe dos "trauliteiros" é, realmente, pouco inteligente; por outro lado, parecia-me que as suas hesitações encobriam apenas um grande cálculo nas respostas. Expliquei melhor:

—Sim, o que levava os senhores a bater em qualquer pessoa? O simples facto de ser republicana?

—Não, senhor. As agressões eram justificadas.

—Mas como se justificavam?

— Faziam-se — respondeu Bento Garrett, iludindo mais uma vez a pergunta — especialmente quando havia movimentos democráticos.

— E eram, certamente, de homem contra homem? Muitos contra um seria uma cobardia, não acha?

Aqui, Bento Garrett tomou uma atitude elevada e respondeu com aparente sinceridade:

— Deixe-me ser-lhe franco: houve cobardias!

— Que o senhor condena?

— Evidentemente. Compreende bem que, nestas coisas, ha sempre naturais excessos, impossíveis de evitar.

— E era muito numeroso o grupo?

— Qual grupo?

— O dos "trauliteiros".

— Mas eu já disse a v. que não se trata de um grupo. Nós eramos uns elementos civis, como quaisquer outros dos que ha entre os republicanos. Já existiamos no tempo do capitão Melo de Carvalho. O Solari Alegro é que nos deu uma certa organisação.

— Mas agiam, quero dizer, agrediam por iniciativa própria.

— Não. Em regra, havia uma indicação...

— Entendo. As vítimas eram superiormente designadas?...

— Sim...

— E os senhores obedeciam cegamente, sem curar de saber do procedimento das vítimas.

— Não. As agressões, como já disse, àparte os naturais excessos, eram todas justificadas. De resto, nem tantas foram. Podem-se contar.

— E nas prisões tambêm batiam?

— Nas prisões houve espancamentos, mas eram feitos pela polícia.

Assim terminou a minha breve entrevista com Bento Garrett. Perguntei-lhe ainda se era descendente de Almeida Garrett. Respondeu-me afirma-

tivamente, mas sem o menor vislumbre de orgulho, o que me levou a crêr que acha muito mais honroso quebrar a cabeça a um prêso do que ter escrito o "Arco de Sant'Ana„.

Afinal, o comissário de polícia referiu-me um episódio que define a moral dos "trauliteiros„. Quando interrogava três dos sócios de Bento Garrett, disse-lhe um deles, com a maior naturalidade deste mundo:

— V. ex.ª compreende: nós eramos mandados. Não temos nenhum ódio aos republicanos. E, para prova, se quer que façamos o mesmo aos monárquicos, estamos às ordens de v. ex.ª.

Devo acrescentar que Bento Garrett está apavorado com a ideia de que vai ser entregue aos republicanos do Pôrto, a quem êle tanto mal fez. Parece que chora na solidão do cárcere porque se lhe notam os olhos bastante avermelhados e a sua atitude é, de facto, de abatimento.»

Têem passado muitos militares do campo monárquico para o nosso; uns porque sendo republicanos não querem combater contra as tropas da República, outros porque vêem a partida malograda e querem salvar-se. Todos eles dizem que os superiores lá lhes afirmavam que nós cá matavamos os prisioneiros, por meio de fuzilamento ou pela fome. Isto me fez sugerir a ideia de que seria bom, se os aviões tornassem a subir, lançar nas linhas inimigas uma proclamação desmentindo essa atoarda e convidando os soldados a passarem para o nosso lado. E ruminando esta ideia adormeci nesta noite, cêrca das duas horas, pois nos havíamos demorado mais um pouco no Café, onde a conversação fôra animada.

Dia 4. — Ao acordar de novo me tomou a ideia de redigir segunda proclamação, exortando os soldados a cumprirem o seu juramento de fidelidade à República.

E assim, depois de me ter vestido, sentei-me a uma mesa e escrevi a seguinte proclamação:

(1) **Soldados!**

Alguns traidores à causa da Pátria, que é a causa da República, trouxeram-vos enganados a êste crime hediondo de combater os vossos irmãos, numa luta fratricida, só proveitosa para os degenerados parasitas monárquicos, que querem viver à vossa custa sem trabalhar. Só êles são os responsáveis e não vós, bem o sabemos. Sois mais dignos de lástima que de censura. Perfidamente vos dizem os traidores que, se passardes para o nosso lado, sereis maltratados, sereis fuzilados...

Infames! Cobardes, que mentem à sua própria consciência com o maior cinismo! Muitos camaradas vossos já se encontram nas nossas fileiras, onde têem sido agasalhados e bem alimentados, sem terem recebido de nós o mais pequeno agravo. Até mesmo a população civil tem reconhecido o seu acto de submissão e lialdade para comnosco, manifestando-lhe a sua simpatia pela mais irrepreensível correcção que aos povos civilisados merecem os vencidos.

O exército republicano, que está diante de vós, tem fôrças numerosissimas com que, de há muitos dias, podia ter levado diante de si as fôrças rialistas. Êle deseja porêm causar-vos o menor mal e produzir o menor número de victimas que possível fôr.

Podeis cooperar comnosco nesta obra humanitária vindo até nós, onde, aquêles que não tiverem responsabilidades, serão acolhidos como irmãos.

---

(1) Documento n.º 5.

Soldados, refleti, que já tendes pouco tempo. Vinde para nós defender a causa do Povo contra êsses bandidos que nos querem entregar ao estrangeiro, estabelecendo ao mesmo tempo no país a inquisição, como já estão fazendo no Pôrto. Depois será tarde e sereis, pelo menos, julgados como cúmplices dos assassinos.

Em Lisboa o triunfo da Democracia foi completo, como também em todo o resto do país, excepto no Pôrto e arredores, onde a luta ainda, verdadeiramente, se não feriu.

Na capital até sem armas o Povo avançou para os seus tiranos, esmagando-os, aniquilando-os!

Filhos do Povo, que sois também, orgulhai-vos dos vossos irmãos e vinde comnosco defender a sua causa.

A **República** é indestrutível!

Fui ao Quartel General onde apresentei o meu trabalho ao amigo Rocha e Cunha, que o achou bem, indo lê-lo ao coronel Peres que concordou em que se imprimisse já nesse dia, para os aviadores o levarem no dia seguinte, em que novamente subiriam, se o tempo o permitisse.

Partimos, seguidamente, para a tipografia, eu e o Generoso Rocha, e assim ainda nessa tarde estavam prontos a serem lançados sôbre as fileiras rialistas alguns milhares desta minha segunda proclamação. Como nessa tarde o tenente Roby tivesse vindo à tabacaria Torres, onde eu estava na ocasião, e lhe tivesse mostrado um exemplar, dizendo-lhe o fim a que se destinavam, êle achou magnifica a ideia e ofereceu-se para fazer passar algumas para o campo inimigo, por meio de civis, que secretamente estabeleciam ligação, fornecendo informes. Entreguei-lhe 600 exemplares, que tantos foram os que me pediu e que iui buscar à tipografia. Um outro oficial cujo nome não sei levou também alguns.

No *Cisne da Arcada* fala-se ainda muito no vôo hontem realizado pelos aviadores e há quem lamente que o que voou sôbre o Pôrto não tivesse deixado cair uma bomba sôbre o quartel General, na Batalha, o que seria certamente de um efeito decisivo.

A dificuldade porêm que teriam em precisar o local em que as bombas deviam cair, pela altura a que seriam obrigados a voar, e a proximidade do Aljube e do Eden, onde se encontram centenas de republicanos, é razão mais que suficiente para explicar o facto.

Consta ter chegado a Anadia a coluna de marinha, em que já há dias se falava e que é comandada pelo capitão de fragata Cerqueira, um dos herois de Monsanto, a qual se destina a Aveiro. Esta notícia causou em todos grande entusiasmo, pois não há ninguem que desconheça o republicanismo dos marinheiros, porventura agora mais excitado pela forma como foram tratados no tempo da traição sidonistica. Há por isso grande anciedade em se saber quando chegam.

Por emquanto nada temos de positivo a tal respeito.

Pelas 15 horas, aproximadamente, apareceu na Arcada uma criatura que todos nós, os que tinhamos estado em Ovar, supunhamos morto ou pelo menos prisioneiro dos trauliteiros. Era o sargento miliciano Abel de Pinho, que naquela vila organizára e comandára os civis que haviam suportado o primeiro embate dos rialistas. Vinha quási descalço, envergando um fato à paisana que lhe haviam emprestado, num estado verdadeiramente lastimoso, pois tinha feito grandes caminhadas a pé. Depois de passada a grande alegria de o tornarmos a ver e de o abraçarmos contou-nos êsse bravo a sua odisseia.

Quando os civis retiraram do pinhal, depois de gasto o último cartucho e fugiram linha fóra

uns até Avanca, onde um comboio especial de Aveiro os foi buscar, e outros em direcção à ria, onde embarcaram para Aveiro, êle ficara ainda no seu posto junto à barraca da guarda da linha para poder dar o sinal combinado ao comandante do pequeno destacamento do 24 de infantaria, tenente Oliveira, sinal que consistia em dar três tiros seguidos para o ar, se a gente que aparecesse fosse numerosa. E de facto assim fizera, fugindo em seguida para casa perseguido já de perto pelos trauliteiros, que o viram entrar na sua habitação. Apenas ali chegara subira ao sotão, onde tinha um montão de caruma de pinheiro, e escondera-se sob ela. Os trauliteiros rebuscaram toda a casa em sua procura, ameaçaram com as armas sua esposa, chegando a arrasta-la pelo chão para que dissesse onde estava o marido, partiram vidros, destruíram mobiliário, abriram as torneiras das latas do azeite e das pipas de vinho que êle tinha na loja, dando-lhe grande prejuízo, e, tendo arranjado uma música, vieram com ela para a frente da casa tocar desabridamente o hino da carta.

E toda aquela gente que se juntou bebeu do vinho do pobre Abel.

A certa altura êle ouviu dizer a um dos do bando:

— Êle está cá dentro; portanto deita-se fogo à casa e então ou há de aparecer ou reduz-se torresmos.

Como fosse já noite, vendo que o caso nestas condições podia ser sério saíu do seu esconderijo, arrombou o telhado do lado das trazeiras e uma vez ao ar livre passou para a casa imediata e desta ainda a outra, onde, como um ladrão, abriu também um buraco por onde passou para o sotão e de aí, descendo sem ser pressentido veio até à loja da casa onde a locatária se encontrava com uma criada. Estas que tiveram a prin-

cipio, como se compreende, grande susto, serenaram logo que o reconheceram e acederam ao seu pedido para que nada dissessem a seu respeito e o deixassem saír para o quintal da casa. Por fim elas queriam até que êle se disfarçasse com uns trajes femininos que lhe emprestavam, mas êle não aceitou, saindo em mangas de camisa e descalço para o quintal, pois tinha deixado a farda em casa e descalçara-se para não escorregar nos telhados. Do quintal passou a outros até que, depois de ter caído em um atoleiro poude alcançar a estrada já quási manhã e por ela meteu em direcção a um povoado distante, onde tinha um amigo e compadre que lhe daria guarida até que se liquidasse a aventura monárquica, que êle estava certo não levaría muito tempo. Quando já era quási dia claro encontrou na estrada um trem que seguia em direção a Ovar. Como não tivesse podido despedir-se de sua esposa pediu ao cocheiro, que o não conhecia e depois de se informar que êle ia efectivamente para Ovar, que dissesse lá à mulher de um tal Abel de Pinho que tinha uma loja à entrada da vila, que êle (o que falava, fingindo ser outra pessoa) tinha encontrado o marido que lhe pedira para transmitir à mulher a notícia de que havia seguido para Aveiro. Por este processo êle pretendia, como conseguiu, desnortear os seus perseguidores, que não lhe dariam quartel, se o apanhassem vivo.

Não vi se o cocheiro daria o recado à esposa do pobre Abel, que a essa hora devia estar bem amargurada mas o que sei porque êle mo afirmou é que chegou a são e salvo a casa do tal amigo aonde se dirigia, que lhe deu hospitalidade durante alguns dias. Depois, como principiasse a constar que estava ali um foragido e os monárquicos da localidade começassem a rondar a porta, o nosso amigo Abel, não querendo que ao

dono da casa por sua culpa acontecesse qualquer dano, tomou a deliberação de marchar para Aveiro a fim de oferecer novamente a sua vida em defesa da República.

Para isso porêm teve que dar uma grande volta, deixando os caminhos e marchando de preferência de noite para não ser visto, até que finalmente ali estava. O dr. Pedro Chaves, e Lino Brandão, seus amigos sinceros, acompanharam-no, como nós também, até ao Quartel General onde êle se apresentou e lhe foi fornecido um fardamento e calçado, sendo-lhe destinado logo serviço.

Eis um bravo que bem merecia uma das mais honrosas condecorações!

Continuam a passar para as nossas fileiras muitos combatentes que estavam do lado dos monárquicos.

Todos são unanimes em dizer que é enorme o desanimo que por lá vai e que as maldições são cada vez mais fortes contra aqueles que os arrastaram ao tremendo crime de combater os seus irmãos para servirem apenas a ambição de meia duzia de tarados.

O *Campeão das Províncias* de hoje (6.º suplemento ao n.º 6621) traz a relação que transcrevo e a qual, comquanto não esteja completa já está todavia bastante aproximada.

Emigrados

É a seguinte a lista dos emigrados políticos em Aveiro, todos os quais têem pegado em armas contra o inimigo:

De Estarreja. — Francisco de Almeida de Eça, Aureliano Pais, José Maria de Oliveira, Alexandre da Silva, José Ventura, alferes Jacinto Simões e Domingos Luiz da Conceição.

Deste concelho há ainda vários outros republicanos homisiados pelas cercanias de Aveiro, e entre eles os srs. Carlos Marques, Bernardo Maria da Silva, João Maria da Silva Henriques, etc., etc.

De Espinho.—Camilo Montenegro dos Santos, José de Jesus Alves, Manuel Ribeiro, Diamantino Machado, Mário Ceia, Felisberto Ferreirinha, Augusto Espiríto Santo, Amadeu Pais Gaspar, Vitorino Casal Ribeiro e Avelino Vaz.

De Ovar.—Dr. Pedro Chaves, dr. Lopes Fidalgo, dr. Alberto Tavares, José de Oliveira Lopes, Lino Brandão, António Gaiôso, Manuel Moreira, Bastos Marques, Luiz Ferreira Neves, Carlos Pinho da Cruz, Armando Oliveira Lopes, Abel Guedes de Pinho, Alves Correia, António Godinho e Manuel Gomes Pinto.

Do Pôrto.—Raul Tamagnini Barbosa, (1) inspector da alfandega; Virgilio Marques; jornalista; Secundino Branco, comerciante; Generoso Rocha, chefe da estação telegráfica de Valongo; Viriato de Almeida, professor em Vila Nova de Gaia; Rogério Soares e Francisco Mateus Mendes, professor.

Atiradores civis (2)

O grupo de Atiradores civís que combate ao lado das tropas republicanas e do número dos

(1) Êste jornal lançado no dia seguinte sôbre o Pôrto juntamente com jornais de Lisboa e proclamações pelos aviadores foi talvez, por causa desta lista, o que motivou os asaltos à minha casa naquela cidade, dados pelos trauliteiros nas noites de 7, 9 e 10 de Fevereiro.

(2) Este grupo a que se fez aqui referência é constituido pelos de Aveiro.

quais vários se tem distinguido, é comandado pelo aspirante a oficial, sr. Alberto Luís Leite Loureiro, e constituìdo pelos srs. Artur Reis, chefe do 1.º grupo; Adriano Alberto Pires, António Sobrinho, Eduardo P. Leão Barbosa, António de Almeida, Alfredo Freitas, Carlos Freitas, Duarte Augusto Duarte, Ismael dos Reis, André de Castro, Augusto Pedro Ferreira, Luís Augusto, Ismael Mófa, João R. Balacó, Júlio Bessa, Domingos Lopes, António Patanéco, Arnaldo Pecegueiro, João Teixeira da Silva, José Elísio Sobrinho, António da Silva Tavares, Alípio Oleastro, António Moreira de Freitas, Jorge Fortado Gonçalves, Evangelista Nunes da Maia, Joaquim Reis e Carlos Correia da Costa.

Todos eles tomaram parte nos combates da ponte de Angeja dos dias 27, 28 e parte do dia 29 de janeiro de 1919, prestando excelentes serviços.

E a propósito só ao vêr este número de o *Campeão* na tabacaria de Bernardo Torres reparei tambêm em outra local inserta no 3.º suplemento ao mesmo número, de 1 de Fevereiro, e que é do teor seguinte:

Militares e civis

Contam-nos oficiais vindos da frente que não ha diferenças na ordem, no aprumo, na disciplina e no ardor de combatividade que exalçam militares e civis em combate.

São de notar acções duns e outros, todos eles partilhando do mesmo entusiasmo e batalhando com a mesma fé e o mesmo *elan* pela causa que a todos une nas margens do Vouga.

Os srs. Raul Tamagnini e Generoso Rocha aventuraram-se há dias num reconhecimento perigoso, debaixo de fogo, trazendo informações preciosas ao comando. „

(Era uma referência feita ao caso que já anteriormente citamos).

Outras referências ali se faziam a casos já também por nós descritos, como o incidente em que figuraram o Camilo Montenegro e o Augusto Ezequiel, a bravura e constância na 1.ª linha dos srs. Artur Reis e José Maria, etc.

Chegou neste dia a Aveiro o Quartel General da 5.ª divisão sob o comando de meu primo o general Fernando Tamagnini de Abreu.

Grande surpreza experimentei ao vê-lo ali, pois, como já anteriormente deixei dito, tinha-o visto poucos dias antes em Coimbra bastante doente.

No entanto pouco depois seguiu para Agueda. Antes porêm estive com êle no gabinete do comandante onde lhe fui participar um caso grave. E' que por informações do Rogério Soares um dos soldados da *Guarda Rial* que passára para cá e andava em Aveiro em liberdade era um dos peiores trauliteiros do Pôrto, tendo-se salientado quando o Rogério estivera prêso no quartel da mesma Guarda, naquela cidade. Imediatamente êle o mandou pôr a bom recato chamando ao mesmo tempo um outro, também indicado pelo Rogério e que era na verdade republicano, o qual também se tinha passado para nós e os conhecia a todos, a fim de que êste dissesse quais eram aqueles em que não se podia ter confiança, ou podiam mesmo ser tomados como espiões, o que naquela altura seria um grande perigo.

Como é sabido uma das causas da lentidão das operações em Aveiro foi o ter que se esperar pela ligação com as fôrças do general Abel Hipólito e o motivo principal da demora desta ligação foi o ter sido obrigado êsse general a voltar um pouco à retaguarda para castigar o acto insolito do tenente Teófilo Duarte que, organizando uma coluna, praticara as maiores tropelias em Castelo Branco e na Covilhã, que bombardeou. Os sar-

gentos republicanos de Castelo Branco tiveram contudo um belo gesto recusando-se a acompanhá-lo, pois estavam convencidos de que êle tinha as faculdades mentais desarranjadas. E para justificar a sua conduta mandaram reproduzir em manifesto a proclamação feita pelo referido tenente, que lhes dá na verdade inteira razão.

Hoje estive em Aveiro com um dêsses bravos rapazes, vindo de Agueda, o qual me deu uma daquelas proclamações, que reproduzo tambêm integralmente, para não lhe tirar o sabor, e que mostra bem à evidência como o sidonismo foi uma doença que atacou profundamente certos jovens, perturbando-lhes a razão.

Felizmente a coluna do pendão negro depressa se desfez ao primeiro embate com as fôrças do general Abel Hipólito, ou antes por si mesmo, porque todos os combatentes o foram a pouco e pouco abandonando e o heróico mancebo, que nessa proclamação tanto chora pelo seu Galaaz, foi prêso pouco depois em Lisboa, como qualquer humilde paisano, por um paisano tambêm.

E' que a Sorte tem às vezes dêstes caprichos para abater a soberba de uns e para ensinar aos outros que é preciso não se deixarem sempre dominar pela primeira coisa que lhes dizem, criando auréolas de heróis a simples mortais como outros quaisquer.

Eis pois a célebre proclamação.

Aos Republicanos

Os sargentos da guarnição de Castelo Branco que se recusaram a acompanhar a coluna de Teófilo Duarte, desejando tornar público o motivo da sua recusa, transcrevem a proclamação pelo mesmo feita:

AOS COMPANHEIROS DE SIDÓNIO PAIS

Após o assassinato do nosso glorioso Chefe, os políticos que êle, durante um ano, conservara

arredados da administração do Estado ergueram a cabeça para continuarem a orgia que os bravos do 5 de Dezembro tinham interrompido. Não tardaram dois meses que eles, aproveitando estes últimos acontecimentos, se não apoderassem da fôrça militar como prenúncio do assalto ao poder civil. Assim actualmente não é segrêdo para ninguêm que Sá Cardoso, marechal democrático, comanda em Traz-os Montes; Maia Magalhães e coronel Pedrosa em Lisboa; Pires Monteiro em Coimbra, e para cumulo Abel Hipólito, o homem por quem Sidónio Pais sentia uma repulsão e um asco irreprimíveis, considerando-o o traidor do 13 de Dezembro, dá ordens na Beira Alta. Freiria, seu chefe de estado maior, não pode esconder a íntima alegria que lhe vai na alma por sentir que chegou o momento de fazer pagar cara a nossa ousadia de rapazes. Em suma, o exército que Sidónio Pais tanto amava e em que depositara tantas esperanças como o primeiro elemento a reorganizar no caos da vida portuguesa, foi entregue miserávelmente aos seus inimigos. Leote do Rego, prestes a ser investido no comando da divisão naval, completa o quadro negro do nosso futuro. Os ministros que, como Tamagnini Barbosa e Cameira, representavam no ministério a corrente Sidonista, demitidos por não merecerem a confiança dos republicanos! Os meus pobres cadetes que nos acompanharam no 5 de Dezembro, fugindo agora de Santarêm e de Lisboa, accossados como féras e acolhendo-se à sombra da nossa bandeira. O pobre alferes Luz e cadete Furtado fusilados pela canalha em Monsanto. O coronel Velez saíndo de Santarêm sob as ameaças da canalha que êle conservava prêsa. O assalto às instituições criadas por Sidónio Pais "A assistência 5 de Dezembro„, a fuga quási realizada do seu assassino, os autos de fé feitos aos seus retratos e — supremo crime — a tentativa de lançarem ao

mar o cadáver que eu beijei, frio e inerte, mas assim mesmo magestoso, de aquele que tanto estimava os seus rapazes! Eis o que resta pois da obra de Sidónio Pais. A conspurcação da sua memória, a desgraça para o país. Mas descança, grande morto! Que o teu Teófilo, aquele a quem tu chamavas o teu Nun'Alvares, sabe cumprir os seus juramentos. Pela minha espada, te jurára que a tua memória seria respeitada e defendida por mim. E êsse juramento vai ter a sua execução. Dum lado há monárquicos batendo-se pelo seu Rei. Do outro democráticos pela sua gamela.

No meio deles está porêm a tua bandeira de sêda negra, como enlutado está o coração dos teus rapazes, defendida pelos valentes alferes e cadetes dos regimentos das Beiras que confiam na espada de Teófilo Duarte.

Em volta dela agrupam-se almas de crianças nobres e sonhadôras a quem tu contemplavas satisfeito. Batem-se os primeiros por uma aspiração que julgam redemptora, os segundos pelos seus estómagos, que eu Teófilo Duarte, que não fui nem sou monárquico, me bato apenas pela tua memória e pelo respeito da tua alma heróica e cavalheiresca. Descança valente Galaaz, no teu túmulo, sob a arcaria miraculosa dos Jerónimos que no meio da confusão horrorosa em que se debate o nosso país há ainda alguêm que desembainha a sua espada para que o teu nome não seja aviltado. Os miseráveis julgavam que à semelhança do que fizeram com o pobre Rei D. Carlos poderiam tripudiar sôbre o teu cadáver. Enganaram-se porêm, pois aquele tinha apenas a voz austera e eloqùente da veneranda fingura do Conde Arnoso, e tu, nobre amigo, tens a espada modesta mas de rija têmpera do teu Teófilo. Se os teus inimigos não fossem tão sofregos, e conservassem a aparência ilusória da continuação da tua obra, se não monteassem os teus bravos ra-

pazes, se o conflito fôsse entre monárquicos e os teus, apesar dos meus laços de amisade com os bravos lanceiros 2 e cavalaria 4, eles bem sabiam que o Teófilo terçaria armas com eles. Mas a quadrilha foi longe de mais e não se pôde conter.

Oficiais e soldados são alvo das fúrias dos

A estação do caminho de ferro, de Estarreja, que foi bombardeada pelas nossas tropas no dia 11 de Fevereiro.

agaloados cachapins que se chamam Sá Cardoso, Pires Monteiro, Maia Magalhães, etc. Que me importa que monárquicos em Lisboa e Pôrto sejam destroçados? Falta-me o meu bravo 7, mas tenho a minha coluna negra da Covilhã e Santarêm reforçada diáriamente; emquanto eu tiver uma espingarda, os nossos inimigos terão que contar comigo. Aqueles que nos vierem combater passarão pela vergonha de alvejarem o retrato de Sidónio Pais, que pregado na minha bandeira negra, há de ver a fidelidade que se presta à sua memória.

A's armas, pois, valentes de 5 de Dezembro!

Cerremos fileiras em torno da bandeira de

Sidónio Pais, defendendo-o contra o insulto da canalha demagógica e a indiferença dos políticos.

Teófilo Duarte.

Pelas 16 horas foi fornecida à imprensa a nota oficiosa, que é do teor seguinte:

"As fôrças do inimigo estavam de manhã na Póvoa de Estarreja com peças na Senhora do Monte e reforços no alto de Santo Amaro. As suas colunas haviam ido na madrugada de 1 para o Pinheiro, Branca e Oliveira de Azemeis num efectivo de 1.700 homens, parecendo têr-se dado um escoamento de Estarreja para Oliveira, em que as tropas naquela localidade, numa retirada provável, desempenhariam o papel de guarda da retaguarda. Da sua artilharia sabe-se que parte dela embarcou no caminho de ferro, em direcção ao norte, com fim desconhecido.

Continuam a apresentar-se desertores em elevado número, principalmente de praças de infantaria 3, e confirma-se haver o inimigo dinamitado as pontes de Antuã e do caminho de ferro com o fim de melhor garantir a fuga dificultando o nosso avanço de perseguição".

Não é tudo, tudo isto, mas alguma coisa é e de valia. Não podendo aguentar-se mais nas margens do Vouga, Paiva Couceiro e a sua gente preparam por ali a fuga, se a poderem realizar.

Chegaram a Aveiro três automóveis, dois camions e vário material da Cruz-Vermelha e de artilharia com muitos oficiais, constando que em Oliveira do Bairro têem desembarcado fôrças em grande número.

Um incidente curioso se deu hoje.

Por volta das 17 horas estava eu jantando em casa do Felizardo quando me vieram chamar da

parte do Comissário para eu reconhecer um homem que ali estava acompanhado por um oficial de diligências. Esse homem dizia conhecer-me muito bem, mas eu é que o não reconhecia, tanto mais que, dizendo-se êle da intimidade do Anibal Martins, no Pôrto, não me deu a contra-senha respondendo à senha que lhe apresentei. Falava êle porêm com tal sinceridade e citando tão íntimos pormenores da nossa preparação revolucionária do 12 de Outubro que não me restou dúvidas de que estava na presença de um dedicado republicano, como de facto era e assim o disse ao oficial de diligências para o dizer ao comissário. Este homem chamava-se Francisco António Fernandes e residia no Pôrto, em Ramalde.

Dali tinha fugido para evitar de ir parar ao Eden Teatro, dirigindo-se para Aveiro. Ao chegar porêm a Ovar tinha sido prêso pelos monárquicos. No cárcere onde o meteram foi encontrar já dois cabos de marinheiros, cujos nomes são Joaquim Manuel Rodrigues e José Augusto Martins e o sargento de infantaria 14, Segadães, filho do tenente Segadães, revolucionário do 31 de Janeiro. Os marinheiros haviam fugido de Leixões e tinham ido cair, ali em Ovar, nas mãos do inimigo, assim como o sargento quando tentavam passar. Sete dias estiveram na prisão mas uma noite, que fôra na véspera do dia em que nos encontramos, pediram ao carcereiro para lhes arranjar café e aguardente, ao que êle acedeu.

Quando porêm o homem entrava no cárcere com as mãos algo ocupadas com chávenas e copos, um dos marinheiros que se tinha colocado atrás da porta saltou-lhe subitamente em cima e tolhendo-lhe os movimentos, emquanto outro lhe tapava a boca, deu logar a que um terceiro o amarrasse fortemente com uma cinta, deixando-o lá ficar com chávenas e copos emquanto os quatro recuperavam a liberdade e marchavam para Aveiro,

onde acabavam de chegar, sem que mais ninguêm lhes tolhesse o passo.

Acabando de jantar, vim com o amigo Felizardo e seu irmão Adelino ao «*Cisne*» e lá encontrei e travei conhecimento com esses valentes rapazes. Contaram-me com as lágrimas nos olhos o enxovalho por que tinham passado em Leixões, quando os obrigaram a arriar a bandeira nacional e içaram a bandeira dos adiantamentos, o desespero e a sêde de desforra de que estavam possuidos os seus camaradas, que lá haviam ficado e que estavam desarmados.

— Ah! que se êles tivessem armas e munições, bem como munições para uma metralhadora Maxim que lá tinham na Escola de Marinheiros, não eram precisos mais do que aqueles 200 homens para restaurarem a República no Pôrto!...

Depois de lhes ter oferecido de beber, visto que no quartel já lhes tinham fornecido alimentação, e de ter passado mais umas duas horas de cavaqueira com os amigos, recolhi a casa de novo.

Ao deitar-me, porêm não me saiam da mente as palavras do marinheiro:

"Se eles, os de Leixões, tivessem armas e competente municiamento...»

E porque não havíamos nós de lhas levar? Sim... o mar estava livre.

Seria bom pensar. Talvez não fôsse um impossível...

Dia 5 –. O dia amanheceu chuvoso e porisso eu adormecera profundamente pela madrugada estando ainda às 8 $^1/_2$ dormindo a sono solto, quando fui despertado pelo barulho produzido por fortes pancadas na porta do quarto. Levantei-me rápidamente para abrir a porta e inquirir do que se tratava. Eram os meus velhos e dedicados amigos José Alfredo de Paula e Francisco de

Souza Marques, oficiais das Alfândegas e oficiais melicianos do exército que estavam em serviço na delegação aduaneira da Figueira da Foz, para onde tinham ido durante o dezembrismo, tendo estado também presos na Penitenciária de Coimbra após o 12 de Outubro, que vinham apresentar-se voluntáriamente para combater pela República. Haviam sabido pelos jornais que eu estava em Aveiro e vinham dar-me um abraço. Foi grande a minha satisfação em os vêr e se admirei e apreciei a abnegação do Paula, que é capitão de artilharia a pé, não admirei menos a do Marques que tinha sido licenciado, sendo alferes da administração militar, porque uma doença grave e persistente de estómago o inutilizava para serviços de campanha. Trouxeram-me notícias do bom amigo e correligionário Miguel Farjaz, republicano da velha guarda, dos saudosos tempos do Centro Rodrigues de Freitas, no Pôrto, de que era uma das figuras mais representativas. O meu excelente amigo era o chefe da delegação Figueira e, apesar da sua idade, apressára-se a dispensar os dois funcionários, tomando sôbre si só o encargo de todo o serviço, para que eles não tivessem o menor embaraço em vir defender o nosso ideal contra os bandidos e traidores que queriam destruí-lo.

Depois das felicitações que me apresentaram e de me ter vestido e almoçado todos com o Felizardo, que é também amigo íntimo do Marques, pois que sendo ambos sargentos da guarnição de Lisboa ao tempo da revolução de 5 de Outubro, foram revolucionários, encontrando se os seus nomes citados com elogio no relatório do snr. Machado dos Santos, seguimos para o quartel general, onde eles foram fazer a sua apresentação e oferecimento.

O do Paula foi logo aceite e o do Marques tomado em consideração, tendo-lhe sido dito porêm que, como não havia falta de oficiais da

sua arma não era preciso no momento, mas que o chamariam logo que carecessem dos seus serviços.

O Paula pediu autorização para voltar nesse mesmo dia à Figueira para buscar alguma roupa, pois nada havia trazido, e o Marques como o chefe da delegação tivesse ficado só, foi, por conselho meu, reassumir o seu logar na Figueira, acompanhando o Paula, encarregando-me de o avisar logo que o quartel general o chamasse. Em vista da sua doença e de haver na ocasião falta de comodidades e sôbre tudo de alojamento em Aveiro, pareceu-me ser esta a melhor solução para êle.

Quando regressamos do quartel e fomos à delegação de Aveiro tive, ao entrar, uma das maiores satisfações da minha vida. Estava ali já de volta o valente e dedicado soldado da Guarda Fiscal, Manoel Simão Rodrigues, a que anteriormente me referi (dia 2). Trazia-me de Ovar uma carta de minha mulher, a quem não via nem a meus filhos desde o dia 22 de Janeiro, em que os tinha deixado em Espinho, de abalada para Rio Meão, por cuja sorte tanto havia receiado em face das descrições que a miudo chegavam até mim das atrocidades praticadas pelos monárquicos, que a ninguêm respeitavam.

Essa carta, que continha as primeiras notícias directas que deles recebia, era a resposta à que eu lhe escrevera no dia 2, quando o mesmo soldado estivera em Aveiro o qual a entregára ao Rezende, empregado da fábrica Brandão & C.ª, de Ovar, que, apesar do grande risco que corria, todos os dias vinha e regressava a Espinho.

Era datada de 3, dia em que recebera a que eu lhe enviara. Dizia-me que estava bem assim como os pequenos e exprimia o seu desejo de que em breve se liquidasse a aventura monárquica para eu voltar para seu lado. Confesso que insensivelmente as lágrimas me rolaram pelas

faces. Momentos inarráveis estes na vida! Avalie-os quem tiver família e queira aos seus como eu os estremeço. E' que eu não tinha ainda a certeza nêste momento de os tornar a ver, aos filhos do meu amor e á minha querida companheira. A luta mais importante estava para se ferir e eu havia de tomar parte nela.

Minha mulher contava-me ainda na mesma carta o que fôra o aparecimento em Espinho do avião, que nêsse dia lançara as bombas perto da Granja (Rio de Brito), o pânico que elas haviam causado aos talassas e a alegria dos republicanos. Dizia-me que tinha sabido pela nossa criada, que fôra a Espinho levar roupa e falar com ela, que várias pessoas me haviam ido procurar para me oferecer a sua casa como refúgio, entre as quais o oficial da Alfândega, meu antigo discipulo e ainda parente por afinidade, António Máximo Lopes de Carvalho e o sub-inspector António Maria de Miranda Vasconcelos, meu companheiro de trabalho nas Encomendas Postais. Provas são estas de consideração e amisade que eu nunca esquecerei. Referia-me ainda que pelo mesmo modo soubera que haviam sido presos os meus amigos e camaradas na Direcção da Cooperativa dos Funcionários Públicos do Distrito do Pôrto, João Fernandes de Oliveira e Virgilio Beça. Republicanos conhecidos, não me admirou tal notícia e sinceramente as lamentei, na preocupação de que tivessem sido arremessados para os tormentos do Eden.

O soldado emissário trouxera mais correspondência secreta de Espinho e Ovar e fôra já entregá-la, tencionando regressar na mesma bateira, de ai por uma hora. Tratei porisso de escrever de novo uma rápida carta a minha mulher, manifestando-lhe a minha alegria pelas notícias dela e dos filhos e recomendando-lhe que não fôsse para o Pôrto sem eu ir, qualquer que fôsse a demora, pois em Espinho era onde estava melhor. (E eu de

facto não me enganava nos meus receios, como mais tarde se provou).

Eram 13 horas quando o Rodrigues regressou a Ovar, onde só devia chegar no dia seguinte, depois de uma grande volta pelas dunas.

Recomendei-lhe sempre antes de partir que tivesse muito cuidado, visto ser perigosa a sua aventura principalmente para êle, mas também para as pessoas a quem as cartas que êle levava eram destinadas.

Como tinha sido projectado, subiram neste dia os aviões pela segunda vez, apezar do vento forte que já fazia. Lá foram lançar as minhas novas proclamações e mais jornais de Lisboa e de Aveiro, para elucidar o povo que se encontrava na *zôna suja* e que andava em erro. Não os vi porêm subir, como da primeira vez, sabendo apenas mais tarde que se efectuára a ascenção.

Saí da delegação e vim até à Arcada.

Havia ali um grande ajuntamento. Aproximando-me averiguei do que se tratava. Era o chefe do pôsto fiscal de Pardelhas, José Joaquim Feio, cabo da Guarda Fiscal, que há dias se encontrava em Aveiro, tendo fugido aos monárquicos que o haviam aprisionado. Conversava com um redactor de *O Século*, contando a sua odisseia e o povo que se aproximara formava círculo ouvindo-o a êle e ao seu companheiro e subordinado, o soldado Antonio Gil. Esta entrevista veio depois relatada naquele jornal nos termos em que a transcrevo, pelo que tem na verdade de interessante.

"Estes dois guardas fiscais dirigiam-se, na passada segunda-feira, da praça da Murtosa para o quartel, quando para eles avançou, vindo dos lados da Bestida, um automóvel embandeirado a azul e branco, conduzindo dois alferes, dois sargentos e duas praças.

Afastaram-se para deixar passar o carro, mas

êste parou, e logo, pela portinhola, assomaram cabeças e canos de pistola, intimando os homens a fazer alto.

—Não é necessário tanto alarido, senhores—observou o cabo.—Cá estamos parados.

—Acompanhem-nos.

Meteram-nos no automóvel e levaram-nos ao quartel general couceirista, em Estarreja, onde começaram por lhes perguntar que serviço faziam em Pardelhas.

—Cobramos o imposto do pescado.

—Onde está o resto da fôrça?

—A fôrça está toda presente.

—E o armamento?

—No quartel.

Após êste breve interrogatório, os couceiristas, com um cerimonial ridículo, foram buscar a bandeira azul e branca, perfilaram-se, mandaram perfilar os prisioneiros, e um dos alferes perguntou solenemente:

—Juram guardar fidelidade a esta bandeira?

O cabo Feio é um homem de meia idade, arguto, com seus propósitos de pessoa bem falante. Republicano velho e firme, à sua consciência repugnava prestar semelhante juramento. Mas reconheceu que, naquela situação, qualquer resistência seria inutil. A ter de deixar, como deixou, a mulher e os filhos lavados em lagrimas—e nesta passagem da narrativa marejaram se-lhe os olhos—preferiu deixá-los como evadido que como prisioneiro dos rebeldes. Formou então o propósito de os engazupar. E, de cabeça descoberta, simulando uma grande comoção, falou enternecidamente, do seu amor à monarquia, do júbilo que lhe ia na alma ao ver tremular de novo aquela saùdosa bandeira azul e branca.

—Eu não sou só monárquico de coração, meus senhores: sou monárquico de nascimento.

—Como assim?

— Nasci em Traz-os-Montes, na nobre província dêste país que foi o berço da monarquia e floriu, por felicidade nossa, a grande dinastia brigantina.

Os couceiristas quedaram pasmados de tanta dedicação monárquica, aliada a tanta erudição histórica. Logo foi nomeada uma fôrça da *guarda rial* para ir buscar ao pôsto de Pardelhas o *importante* armamento da guarda fiscal e as receitas do imposto de pescado, emquanto um dos alferes, conferenciando com o astuto cabo, lhe confiava a honrosa missão de elaborar, diariamente, um relatório de tudo quanto soubesse a respeito do *inimigo*.

—Você fica ao serviço de Sua Magestade. Confiamos que o fará com toda a lealdade!

—Oh, senhores!...

Daí a meia hora o cabo e o soldado tomavam por caminhos diferentes a direção da praia, onde um barco os conduziu a S. Jacinto, não tardando a apresentar-se ao comando militar desta cidade, para dar conta da pitoresca aventnra.

* * *

No *Cisne da Arcada* encontrei o meu amigo Virgílio Marques que acabava de chegar de Coimbra para se alistar como voluntário também. Tive grande prazer em o ver e apreciar a sua firmeza de convicções, pois é realmente nestes momentos que se pode aquilatar da sinceridade de cada um. O seu oferecimento foi agradecido mas não aceite, porque nesta altura já não havia necessidade de mais voluntários.

Trocamos impressões êle, eu e o Generoso Rocha sôbre a vantagem que haveria em se publicar um jornal de combate, bem republicano, bem radical, ali em Aveiro naquele momento, visto

que os existentes, embora estivessem prestando bons serviços, não nos satisfaziam sob o ponto de vista político.

E nisto se assentou em princípio.

Eu alvitrei porêm que o jornal se publicasse não apenas em Aveiro, mas nas terras por onde fossemos passando e houvesse mais estacionamento, à medida que as nossas tropas avançassem e que o título dêsse jornal, que depois continuaria a publicar-se no Pôrto, seria *A Revolta*.

Os meus interlocutores concordaram e logo nesse mesmo dia se encetaram démarches para a publicação pretendida.

Os ânimos estavam exaltados no Café porque se nota pouca decisão republicana da parte dos governantes, não tendo sido ainda substituidas as corporações administrativas e muitas autoridades do distrito, as quais tendo sido nomeadas pelos sidonistas são todas monárquicas. Há quem opine por um acto violento principalmente porque ainda está à frente do distrito o governador civil sidonista, dr. Costa Pinheiro, que não quer deixar o logar e que nem sequer ainda disse como se havia de pagar o subsidio aos emigrados, que a muitos está a fazer grande falta.

Entrou neste momento no café, o civil sr. Adriano Alberto Pires com o professor e meu bom amigo sr. Abel de Andrade, ambos os quais teem prestado na primeira linha serviços de ligação, em bicicleta, debaixo de fogo, importantes e de grande responsabilidade. Disseram-nos que deve chegar ámanhã o dr. Couceiro da Costa, ministro da Justiça. E' um filho ilustre de Aveiro e a cidade deve recebê-lo com júbilo, pois conta aqui muitas simpatias.

Depois de jantar, apesar de chover bastante, acompanhei o Marques e o Paula à estação do caminho de ferro, onde embarcaram para a Figueira.

As notícias oficiosas dão a situação das tropas

como estacionária, devido ao mau tempo e à concentração de maior quantidade de tropa que se está fazendo, vinda do sul.

Recolhi a casa cêrca da meia noite, acompanhado pelo Felizardo, seu irmão dr. Adelino Simão Leal e o Virgílio Marques, que ficou hospedado em casa do segundo.

Dia 6. — Choveu durante toda a noite e o dia não se apresenta melhor. Isto faz, por certo, com que as operações corram com mais lentidão ainda e deixa-me deveras aborrecido. E' hoje que deve chegar o ministro da Justiça, dr. Couceiro da Costa que vem visitar Aveiro, bem assim a linha de combate.

Depois de almoço vou ao Govêrno Civil para saber o que há sôbre o subsídio para os refugiados. O Governador Civil continua hesitante porque de Lisboa não vem a ordem de pagamento, segundo me diz o dr. Melo Freitas, secretário geral, com quem falo. Este opina que se poderia pagar já saindo o dinheiro da verba da assistência, onde seria reposto logo que a ordem chegasse e neste sentido ficou de lhe falar.

No regresso encontro o Francisco António Fernandes, aquele civil de Ramalde (Pôrto) que na ante-véspera me fôra mandado apresentar pelo comissário para eu abonar a sua identidade, que estava com os dois marinheiros que haviam sido seus companheiros de prisão em Ovar. Vendo-os, novamente me voltou ao espírito aquela ideia do fornecimento de armas aos republicanos do Pôrto... Se fôsse possível!... E porque não havíamos nós de ir lá levar-lhas por mar, tanto mais que eu acabava de saber que estava na ria uma traineira, que fôra aprisionada há pouco pelos marinheiros da capitania. Ela poderia servir de meio de transporte. Tudo se reduzia a obter as armas e as munições e a saber

se haveria sítio bom para o desembarque e logar para ocultar essas armas, enquanto os grupos civis eram prevenidos e a ordem dada para a revolta. Falando porisso com eles transmiti-lhes a minha ideia, que desde logo abraçaram com entusiasmo, principalmente os marinheiros, porque, diziam, 200 espingardas seriam para os seus companheiros de Leixões, os quais, assim armados e com munições para a metralhadora, seriam suficientes para levar todos os trauliteiros de vencida. O cabo Rodrigues garantiu-me que conhecia um desembarcadouro esplêndido ao norte de Pampelide, que não estava vigiado pelos monárquicos e que era óptimo para o fim que se pretendia. Nós iríamos de noite e êle estava pronto a vir a terra a nado, se fôsse preciso, para ir avisar o Aníbal Martins e, da parte do Fernandes, o dono do armazem onde as armas e munições seriam recolhidas e aonde, ao sinal combinado, os revolucionários as iriam buscar.

Necessário se tornava portanto que o Quartel General concordasse e que nos dessem as armas e munições precisas. Era mister fazer uma nota para a apresentar ao chefe do Estado Maior, se o nosso alvitre fôsse aceite.

Para isso fomos à delegação da Alfândega e foi aí que, dando balanço ao que existia no Pôrto de material revolucionário eu, coadjuvado por alguns rapazes do meu grupo, entre os quais o Rogério Soares e o Montenegro e bem assim os marinheiros acima citados, elaborei a seguinte nota com o fim de preparar com uma certa segurança a revolução no Pôrto para restaurar a República.

"Para enviar para o Pôrto:

São necessárias, pelo menos 500 espingardas ou carabinas e 200 pistolas, tudo com as respectivas munições, assim como munições para uma metralhadora Maxim e para 22 carabinas Manlicker que estão na Escola de Marinheiros, em Leixões."

Havia informação de termos ali ao nosso dispor algumas armas, que certo indivíduo se comprometera a entregar no acto da revolução, e também outro material.

Parti com os valentes rapazes e munido desta nota para o Quartel General.

Aí falei com o sr. Rocha e Cunha, a quem expuz rápidamente o meu plano, que embora parecesse a alguns arrojado em demasia e inexequível, tinha sido no entanto maduramente pensado e calculado.

Êle achou boa a ideia, principalmente porque ela se apresentava como complemento das ordens ou instruções que nós havíamos mandado para o Pôrto, ratificando o que eu já ali dissera antes de partir, e dando lhes uma certa garantia de êxito que sem isso seria problemático. Todavia, disse nada poder resolver sem falar com o coronel Peres e outros oficiais, que deixasse eu ficar a nota porque no dia seguinte me daria a resposta, visto que nesse dia não era provável, a não ser lá para a noite, por estarem para ir para a estação esperar o ministro da Justiça, dr. Couceiro da Costa.

Disse mais que a ser aceite o nosso alvitre e oferecimento, mandaria vir as armas e munições de Coimbra, o que seria rápido.

Retiramos então, cheios de esperança por aquele bom acolhimento. Os dois marinheiros manifestavam bem claramente a sua alegria, em especial por poderem assim facultar aos seus companheiros de Leixões, que haviam ficado no captiveiro, meios de tirarem a desforra, não sendo inferior a satisfação do Fernandes.

E no entanto a aventura não era despida de risco, devemos concordar...

Mas era êste um ponto que a nenhum de nós lembrava.

Quando chegamos à ponte passava uma música, já acompanhada de muita gente, que se dirigia para a estação à espera do ministro.

Lá fomos porisso também.

A gare e o recinto da estação encontravam-se coalhados de gente.

Quando, passado meia hora de nós ali nos encontrarmos, o comboio entrou nas agulhas, estrugiu de repente uma grande salva de palmas, sendo ao sair o dr. Couceiro da Costa aclamado pelo Povo, que soltava estridentes vivas à República e aos seus homens, sobresaindo sempre os nomes de Afonso Costa e António José de Almeida.

O cortejo, que a seguir se formou e em que nos encorporamos, dirigiu-se ao edifício do Govêrno Civil. Da varanda principal falaram à multidão, saùdando o ilustre filho de Aveiro que vinha de ser guindado às culminâncias do Poder, no momento do perigo, em que só era dada essa honra aos verdadeiramente insuspeitos, o dr. Alberto Souto, o dr. André Reis e eu, que apresentei a sua excelência em nome dos martirizados do Pôrto e dos que ali se encontravam a batalhar pela República, os meus cumprimentos, manifestando ao mesmo tempo ao republicano povo de Aveiro a expressão do nosso sincero reconhecimento, pela forma verdadeiramente carinhosa como ali nos tinha recebido e agazalhado.

A seguir o Governador Civil disse também algumas palavras de cumprimento e a multidão dispersou, dirigindo-se o ministro de automóvel à linha de combate para visitar as tropas e averiguar, *de visu*, o que era mais necessário para abreviar com êxito as operações militares.

Antes disso porêm o ministro falou também ao público com o brilhantismo de sempre, afirmando mais uma vez a sua inalterável fé republicana.

O resto do dia passou-se sem novidade de maior, tanto mais que a chuva voltava novamente mais teimosa e persistente.

A nota oficiosa pouco interesse tem; no en-

tanto não deixarei de a apresentar aos que tiverem a curiosidade de ler estas linhas. Ei la:

A situação

O mau tempo veio criar novos embaraços ao proseguimento regular das operações. Formídáveis bátegas de água duma frialdade cortante e o açoite flagelador da ventania soprando com fragor.

Apesar disso, os nossos esperam anciosos a hora da largada. A quietitude em que êste estrebuchar invernoso os obriga a permanecer, confrange-os. Querem partir, na ância enorme de repôr no seu logar o pendão traiçoeiramente substituído no norte. E é de ver a fé que os anima a todos, militares e civis, de armas na mão!

Aguarda-se o momento de seguir a cada instante. Entretanto as fôrças rebeldes vão cedendo apreciáveis tratos de terreno, disimadas pelas deserções, que são constantes e já bem numerosas, desanimadas, desalentadas, na certeza da hecatombe que as espera no final da jornada.

O exército republicano aproveita êste interregno reùnindo, aglomerando fôrças nos seus postos. Entrará na cidade invicta a poucos dias daqui, num número extraordinário de algumas dezenas de milhares de homens, a todos os momentos chegados às estações de Aveiro e Oliveira do Bairro.

À noite no Café vimos o chegador da Companhia Portuguesa, Damaso Perlim, que tinha vindo havia duas horas, procedente de Gaia, a pé e que contava coisas extraordinárias que se tinham dado naquela estação com os seus camaradas, muitos dos quais se viam com a cabeça amarrada, em virtude de ferimentos produzidos pelos trauliteiros.

Estes tinham obrigado o chefe do depósito de máquinas, depois de o agredirem a cavalo mari-

nho, a carregar canastras de carvão à cabeça. A alguns maquinistas haviam ido buscá-los a suas casas, trazendo-os em trajes menores, à coronhada, diante de si e obrigando-os assim a subir para as máquinas, etc.

Segundo me contou um oficial, foi prêso hoje no Entroncamento pelo general Ilharco, o general Oliveira Guimarães, que comandou a 7.ª divisão, com séde em Tomar, durante o dezembrismo. Parece-me justíssima esta prisão pela forma como êsse senhor ali se portou durante êsse período vergonhoso com os republicanos, a quem nem permitia que residissem na cidade!

Diz-se que é amanhã, 7, sem falta, que chega a Aveiro a coluna de marinha, que é composta de 700 homens sob o comando do bravo capitão-tenente Cerqueira, que tanto se distinguiu em Monsanto. Oxalá que assim seja.

Dia 7—Como o dia estivesse bom, logo depois de almoço, dirigi-me ao Quartel General a fim de saber se já teriam feito a requisição das armas e munições para Coimbra. Não estava ali porêm o capitão-tenente Rocha e Cunha, motivo porque me retirei, visto me terem dito que êle tinha ido para o *front*. À saida do quartel encontrei os marinheiros e o Fernandes que se informaram por mim também sôbre o mesmo assunto que os interessava. Como fôsse nessa ocasião um camion para a linha de fogo, estava já para ir nele com o mesmo destino, quando me apareceram uns amigos que iam de automóvel e que tiveram a amabilidade de me oferecer um logar, o que aceitei.

Chegamos ali eram 13 horas. O estado de espírito das tropas republicanas era excelente. Bem quizéramos demorar-nos mais tempo, mas como a chegada dos marinheiros estivesse marcada para as 15 horas, tivemos que regressar logo a Aveiro e efectivamente a essa hora estávamos na estação.

Nessa visita às linhas, em que admirei mais uma vez, com verdadeiro enternecimento, o entusiasmo bem sincero e bem republicano dos nossos valentes soldados e dos civis, que ainda ali se conservavam, principalmente em serviços de ligação, foi-me oferecido um exemplar de um manifesto encontrado em Angeja, que tinha sido mandado imprimir e distribuir pelo administrador monárquico de Estarreja no dia 3 e que é bastante curioso pela desfaçatez com que ali se falta à verdade.

Só assim, de facto, eles poderiam viver.

Dámo-lo porisso na íntegra, para os nossos leitores apreciarem, sem lhe tirar coisa alguma do seu sabor.

Ao povo

A comunicação oficial do Ex.mo snr. Governador Civil do Pôrto diz o seguinte:

O tempo chuvoso tem impedido o progresso das nossas colunas sustentando nós com vantagens as nossas posições em todos os pontos em luta. Os desertores das forças republicanas veem colocar-se ao nosso lado. Dizem prisioneiros ultimamente feitos que a desmoralização republicana é completa. Segundo informações de jornais de Lisboa o estado da população ali é o mais inquietante possível. As subsistências quási desaparecem.

Deram-se graves perturbações de carácter Bolchevista. Ministério republicano iniciou seu govêrno soltando assassino saudoso Sidónio Pais. Tal medida irritou considerávelmente população honesta. Comércio fechou sinal de repulsão. Em Mafra está proclamada a monarquia pelas forças monárquicas saidas de Lisboa guarnição aquela vila ficando com fôrça suficiente para inquietar

Lisboa. Grupos civis armados pelo govêrno defensores república praticaram actos de tal banditismo que se tornou necessária intervenção ministros Estados Unidos América do Norte e Inglaterra, ordenando imediato desarmamento mesmos pela policia que os perseguia a tiro. De Castelo Branco confirma-se a restauração monárquica obedecendo plano comando monárquico sul. Em Coimbra sabe-se haver anciedade chegando colunas monárquicas consagração monárquia. A moral e entusiasmo da população do Pôrto são indiscutíveis.

Estarreja, 3 de Fevereiro de 1919.

O Administrador do concelho interino:

Artur Martins Dionisio

(Capitão da Guarda Rial)

Como já dissemos, no entanto, agora estamos na estação do caminho de ferro em Aveiro espeperando a coluna de marinha que deve chegar dentro em pouco. A multidão que os aguarda é enorme. Enquanto se espera, chega o comboio do Vale do Vouga.

Muita gente desembarca e é então que eu diviso entre esta o meu velho amigo do Pôrto, António Faria, o nosso mais precioso auxiliar para a revolução malograda de 12 de Outubro, cuja cabeça estava posta a prémio pelo Solari Alegro. Desde essa data que êle estava refugiado lá para os lados da serra das Talhadas, próximo de Oliveira de Azemeis, onde a bondade de um amigo lhe arranjara seguro abrigo. Sabendo que nós estávamos em Aveiro, dando uma volta enorme, andando 12 léguas a pé, até encontrar as nossas tropas e conseguindo depois apanhar o comboio, êle ali estava finalmente, quási descalço, o fato no fio, mas sorridente e cheio de fé nos destinos da República, pronto a dar por ela a sua vida.

Grande abraço lhe dei! E não me largava com preguntas, querendo saber como eu tinha vindo, pois já em Agueda lhe tinham dito que eu ali estava em Aveiro, o que se tinha passado até então, etc.

Quando estava conversando com o Faria, ouvi subitamente, alguêm dizer:

—Aí vem o comboio!

Um frémito comunicativo percorreu a multidão, que se comprimiu com ância, fitando o sul. Efectivamente a máquina, toda embandeirada, resfolegando, arrastando muitas carruagens, avançava rápidamente em direcção a nós. Ao entrar nas agulhas uma quente salva de palmas rompeu do povo apinhado no cais, ao mesmo tempo que o ar se atroava com vibrantes vivas à Patria e à República, aos quais os marinheiros, debruçados nas janelas dos vagons, trepados aos tejadilhos e abarrotando os estribos, correspondiam com louco entusiasmo agitando lenços e bonets.

Ao saltarem das carruagens os marujos eram abraçados, beijados, levados em triunfo. Lá vinha o valente capitão Cerqueira e muitos dos seus aspirantes que o tinham acompanhado a Monsanto. Eram estes que, na sua maior parte, constituiam os subalternos da coluna.

Tendo saido todos da estação, o corneta cá fora no largo fronteiro, tocou a unir e dentro em pouco a fôrça, composta de 700 homens, estava formada e punha-se em marcha, seguida do Povo, que incessantemente a vitoriava.

Foram os marinheiros alojar-se em uma grande casa que há no largo do mercado do peixe, junto à Ria, a qual já estava preparada para os receber, indo o comandante em seguida ao Quartel General fazer a sua apresentação. Foi nessa ocasião que travei com êle conhecimento e tive ensejo de conhecer o seu alto valor de militar e de republicano.

Neste dia nada mais se passou de notável, a não ser um facto que me contristou deveras, por traduzir uma injustiça, que só eu pude bem avaliar.

Alguns oficiais que haviam tido em França quaisquer desaguizados com o meu parente, o general Fernando Tamagnini de Abreu, que presentemente dirigia as operações com grande sacrifício da sua saúde assás abalada, tinham pedido na véspera ao ministro Couceiro da Costa para que êle fôsse substituido no comando porque nao era da sua confiança. O ministro havia

Ponte sôbre o rio Antuã à entrada de Estarreja. Foi neste local que se feriu o combate do dia 11 e onde o hidro-avião lançou as bombas, que pozeram termo à luta.

transmitido aquelas considerações ao seu colega da Guerra e acabava de chegar a exoneração, sendo substituido pelo general Ilharco.

Dia 8 — Como na véspera, logo que saio dirijo-me ao Quartel General para saber se veio resposta de Coimbra. Encontro na Arcada os dois cabos de marinheiros e o Fernandes, que estavam já à minha espera e me acompanharam.

Falei desta vez com Rocha e Cunha que me

diz não lhe terem ainda respondido, sendo provável que tal se dê no dia seguinte.

Os meus companheiros ficaram desapontados com esta resposta e eu igualmente.

Dali fui ao Govêrno Civil por causa do subsídio cujo pagamento já estava assás atrazado. Falei com o meu bom amigo dr. Melo Freitas e com o funcionário, meu amigo tambêm, Francisco da Encarnação. A ordem de pagamento não tinha vindo ainda, mas eles tinham achado meio de pagar, de acôrdo com o Governador Civil, dr. Costa Pinheiro.

Como êste porêm não estivesse, combinamos tratar do assunto sem falta no dia seguinte e assim retirei-me, pois tinha que ir ter com o Felizardo, que estava na delegação, afim de vermos uma correspondência a dirigir à Direcção Geral das Alfândegas sôbre o pagamento dos nossos vencimentos.

Para êsse dia às 14 horas estava marcada uma revista da fôrça de marinha no campo do Rocio, à beira da ria. Por tal motivo era já grande a animação pelas ruas e especialmente no campo em referência.

O meu colega Felizardo foi buscar a família para assistir a essa parada e eu acompanhei-o com o Generoso Rocha.

E foi na realidade um espetáculo soberbo! Os bravos marinheiros com uma inexcedível disciplina e com um garbo marcial inegualável, executaram diversas evoluções no campo a que nos referimos e onde, pode dizer-se, toda a cidade acorreu para os admirar.

Quando o Ministro da Justiça chegou, acompanhado da oficialidade, e passou revista ao batalhão, causou admiração o seu aprumo, a sua impassibilidade que ninguêm diria ser a de homens que no dia seguinte, de aí a horas talvez, iam entrar em combate contra os inimigos da República, cujas forças eles desconheciam.

Depois da parada, passeamos ainda algum tempo com as senhoras, que eram a infeliz esposa do meu amigo Felizardo, a quem a doença que havia de a vitimar pouco tempo depois já minava, imprimindo-lhe ao rosto extremamente formoso um tom melancólico, impressionante pela sua palidez, e suas Ex.mas irmãs não menos gentis mas mais vivas e alegres, que animavam com o seu fino espírito o nosso pequeno rancho.

Acompanhava-as ainda outra senhora de Aveiro, cujo nome me não ocorre.

Como na sua curiosidade feminina, aliás bem compreensível e natural, mostrassem desejos de ver o *trauliteiro* Garrett, que se encontrava na cadeia, junto do comissariado, o Generoso Rocha ofereceu-se pressuroso para as acompanhar na visita, que solicitaria do Comissário. E assim lá fomos até ao Comissariado. Obtida a licença, o carcereiro acompanhou-nos, chegando as senhoras apenas ao limiar da cela onde estava o prêso. Eu não entrei porque não me agradava aquele espectáculo. Só o lembrar-me que um vencido podia supôr que eu ia escarnecê-lo abusando da situação em que êle se encontrava, me impediria de entrar. Segundo me disseram o seu estado era de profundo abatimento. As senhoras vieram desta visita bastante impressionadas.

Recolhemos então a casa para jantar. À noite no café, conversando com o Generoso Rocha, abordamos o assunto republicanização dos serviços públicos no Pôrto, após a vitória da República, que para nós já era fora de dúvida, e assim chegamos ao convencimento de que seria necessário alguêm falar desde já com os ministros e para isso era preciso ir a Lisboa quanto antes, tanto mais que o Virgílio Marques não dera mais, a tal respeito, sinais de vida. Apresentada esta questão no Comité Defesa da República que nós havíamos constituido entre os que por Ela se tinham vindo

bater e que reùniu de aí a pouco, foi resolvido que fôsse o Generoso a Lisboa para solicitar do Govêrno que puzesse à frente dos diversos serviços públicos no Pôrto, quando as nossas tropas ali entrassem, pessoas de absoluta confiança e que partisse, se fôsse possível já no dia imediato.

Dia 9. — Levantei-me mais cêdo. O dia estava bonito mas frio. Eram 8 horas e meia já eu ia a caminho da estação com o amigo Generoso Rocha na suposição de que o comboio para Lisboa partiria às 9. Fomos porêm informados que só às 13 horas seguiria. Retrocedemos porisso e fomos almoçar ao *Cisne da Arcada.* A fôrça de marinha havia seguido pouco antes para o *front.*

Depois do almôço vieram ter comigo alguns rapazes do meu grupo, por causa do subsídio. Precisavam de dinheiro, coitados! E o peor é que eu estava quási na mesma...

Marcho porisso para o Govêrno Civil com o intuito de liquidar êste assunto.

A porta, contudo, aguardavam-me os dois cabos de marinheiros e o Fernandes. Como ainda fôsse cêdo para ir ao Govêrno Civil, fomos primeiramente ao Quartel General. Aí de novo interroguei Rocha e Cunha sôbre as armas e munições que há 5 dias se esperavam de Coimbra para o fim combinado. Como nada se soubesse ainda e se notasse uma grande actividade geral, na perspectiva do próximo ataque que se ia dar, segundo eu estava informado, no dia seguinte ou no imediato a êste, eu, depois de os informar e de lhes exprimir o meu desalento por vêr que não podíamos pôr em prática o nosso intento, porque certamente alguêm não queria facultar-nos os meios para isso, talvez com receio de que a sua glória se empalidecesse por um pouco com o esfôrço libertador dos republicanos do Pôrto, que, vingando a nossa ideia teria todas as probabilidades de êxito,

aconselhei então os bravos rapazes que se fossem incorporar no seu batalhão de marinha, indo o Fernandes, que era cabo reservista do 18 de infantaria, para o 24, onde já estava adido, e eu lá iria também para o meu pôsto com os meus companheiros. Eu estava realmente possuido de um grande desalento ao dizer-lhes isto e provávelmente deixei-o transparecer bem na voz, porque olhando depois para o Rodrigues vi-lhe bem os olhos rasos de água. Em face porêm, da brutal evidência dos factos, eles renderam-se ao meu conselho e lá ficaram para marchar ao seu destino, enquanto eu com os outros rapazes, como já fôsse meio dia, fui para o Govêrno Civil.

Na escada do Quartel General encontrei neste momento, ao descer, o meu amigo e correligionário Jaime Moniz, funcionário superior dos Correios, acompanhado de sua extremosa esposa, que é também uma dedicada republicana. Ele não tinha querido acatar a Junta Governativa e refugiou se em Espinho acompanhado do seu colega e meu velho amigo também, Amílcar Monteiro. Querendo vir apresentar-se ao Govêrno da República, os dois resolveram marchar a pé pela beira-mar para Aveiro, acompanhando-o nesse longo e fatigante trajecto a esposa do primeiro. Sublime dedicação esta! E agora que seu marido ali estava já entre os republicanos, ela ia resolutamente voltar para Espinho, onde tinha deixado um filhinho de tenra idade que reclamava os seus cuidados. Vinha para isso pedir um salvo conduto ao General para passar a nossa linha, já tendo o barco fretado para ir até Ovar. Deu-me notícias de minha mulher e de meus filhos que estavam bem e ofereceu-se-me gentilmente para lhe levar uma carta. Aceitei com prazer o oferecimento, indo escrever essa carta a um estabelecimento próximo e entregando-lha com os protestos do meu reconhecimento.

No Govêrno Civil falei com o dr. Melo Freitas, que me levou ao gabinete do dr. Costa Pinheiro, Governador Civil. Este disse-me que o dinheiro estava pronto mas era preciso fazer uma fôlha em duplicado e que a melhor forma de pagamento seria receber cada um dos chefes de grupo (Espinho, Ovar e Estarreja) a totalidade referente a cada um dêsses grupos e distribuir-lha depois.

Faltava porêm quem fizesse a fôlha. Imediatamente, recordando os meus conhecimentos de contabilidade, que bem pequenos, aliás, eram precisos para o caso, ofereci-me para a fazer, oferecimento que foi aceite; e assim dentro em pouco, eis-me instalado no gabinete do secretário geral trabalhando afincadamente, tendo êste pôsto à minha disposição tudo quanto era necessário.

Os rapazes do meu grupo (os que nessa ocasião estavam na cidade) cercavam-me dando-me esclarecimentos, desejosos que eu acabasse depressa a fôlha para receberem o dinheiro e partirem para a frente. Tinham palavras amáveis para comigo. Alguns chamavam-me pai, o seu melhor protector e isto enternecia-me, fazendo-me trabalhar ainda com mais vontade. Eu não tinha porêm elementos para processar a fôlha relativamente aos voluntários de Ovar, pois me faltavam alguns nomes. Ao chefe dêste grupo, que era o dr. Pedro Chaves, pertencia fazê-lo e, apezar de o ter mandado procurar, não foi possível encontrá-lo. Limitei-me pois aos de Espinho, grupo em que estavam incluidos alguns do Pôrto, Gaia e Vila da Feira e cujo chefe era eu, e aos de Estarreja, cujo chefe era o meu amigo Francisco de Almeida Eça.

Os abonos foram feitos até essa data e a fôlha importou na quantia total de 558$00, sendo 442$00 ao primeiro grupo e 116$00 ao segundo.

Terminada a fôlha submeti-a à aprovação do snr. Governador Civil que me entregou o dinheiro,

vindo então eu para a tesouraria de finanças, onde arranjei trocos e fiz o pagamento, recebendo alguns dos presentes pelos que se encontravam naquele momento no *front*.

O Generoso Rocha partiu para o cumprimento da sua missão, pois eram horas do comboio.

Não o pude acompanhar à estação porque não havia terminado o pagamento e tinha que entregar depois o duplicado da fôlha no Govêrno Civil, como fiz.

Quando cheguei à Arcada tinha acabado de chegar mais gente de Espinho. Entre esta o dr. José Salvador, o filho do banheiro Lapa e Roberto Fernandes, e da Beira os republicanos do Pôrto Cesário Rebelo Bonito e Tibério Cesar Soeiro, escrivães de direito.

A nota oficiosa do Comando pouco adianta, tem apenas de novidade que passou ontem em direcção ao norte uma esquadrilha de 5 navios da armada, sob o comando de um capitão de mar e guerra.

De facto, estes navios que vão bloqueiar as costas do norte, cooperando com as forças que operam em terra, estiveram algum tempo falando para cá pela telegrafia sem fios, segundo me informaram.

Dia 10. — Julgava ser êste o dia do ataque geral mas ainda não foi. As nossas tropas tomaram Salreu, em cuja igreja os monárquicos tinham estabelecido um posto de observação, guarnecido com uma metralhadora.

Na ala direita foi tomada Albergaria-a-Nova, entregando-se a maior parte dos seus defensores.

O *Campeão das Províncias* relata desta forma os sucessos deste dia, que precedeu a vitória definitiva:

"— Madrugada de luz. A tempestade da noite vai desfeita. O sol aquece, e as primeiras granadas

da nossa artilharia sacodem os rebeldes para onde eles não pensavam ir tão depressa.

Muitos ficam no campo. Alguns fogem desalentados. Outros, o grosso da caravana de Albergaria-a-Nova, entrega-se.

A notícia da conquista desta povoação, na sua posse durante os dias de trégua que a chuva ocasionou, chega com celeridade. E' recebida com alvoroço. Estarregenses aqui homisiados vêem dizer-nos, radiantes, contar seguirem amanhã para suas casas. Brilham de esperança os seus olhos. São os do grupo Carlos Marques, que se refugiaram às primeiras horas em Sarrazola, onde têem permanecido com esplêndido tratamento das familias republicanas do logar. Dois a dois, todos eles têem ido dali, de noite, à Murtoza, passando a Veiros, onde têem as suas casas. De audaciosas aventuras tem sido a sua longa odisseia. Ora se fingem pescadores, ora arremedam moliceiros para não serem pilhados pela patrulha, que vigia toda a extensa facha murtoense. Têem passado, têem entrado em casa, têem visto a família e ouvido as suas queixas, longas queixas do banditismo paivante, que excede quanto do banditismo *boche* resa a história.

A malta, esfomeada, estende a mão pelos casais. Pede como os cegos. Se lhe não dão, assalta e rouba, ameaça com as espingardas aperradas. Tem sido esta a vida dos meliantes nas povoações que assaltaram e que agora vão deixando em desordenada fuga.»

Fui informado confidencialmente de que será amanhã a grande arrancada.

Preparo as minhas coisas para marchar para a frente. Os meus companheiros estão cheios de entusiasmo. Já não nos resta dúvida: Dentro em pouco vamos entrar no Pôrto de carabina ao ombro, sujos da pólvora e da lama que enche os caminhos e as terras por onde teremos de passar, mas cheios de alegria por tornarmos a vêr os nos-

sos, por irmos libertar os nossos amigos, os nossos correligionários há tanto tempo escravisados, martirizados. Mas instintivamente vagas apreensões tomam o meu espírito.

Irão êles resistir ainda dentro da cidade?

Seja como fôr, o que é certo é que amanhã vamos avançar. E com esta grata ideia me vou deitar, combinando com o Rogério Soares e o Camilo Montenegro, que êles iriam chamar-me cêdo para partirmos, logo que tivéssemos meio de transporte. É que as tropas já estão a uma considerável distância da cidade e só de camion ou automóvel para lá se pode ir.

Dia 11.—Quási não dormi esta noite; de forma que quando vieram chamar-me, eram 8 horas, já eu estava a pé há um bom bocado. Os rapazes vinham já armados e apetrachos. O resto do grupo, os que estavam ainda em Aveiro, esperavam-nos, às 9, no Quartel General. Eu também tinha ainda que lá ir. Era preciso arranjar calçado para alguns que estavam quási descalços, entre eles o António Faria, e alêm disso transporte. O Felizardo, no entanto, não me deixou partir sem almoçar. Finda a refeição dirigimo nos lá acima ao quartel. Foi ainda o meu velho amigo Salvador José da Costa quem me atendeu na minha requisição. Ela demorava porêm ainda algum tempo e como fôsse partir já um camion, os meus homens utilizaram-se dêsse meio de transporte enquanto eu esperava. De resto não havia mal nisso porque gentilmente me foi oferecido um carro pelo meu ilustre amigo, coronel Macedo Coelho, comandante dos serviços da administração militar, que para lá seguia também de aí a pouco. O próprio chaufeur se prestava a levar o calçado.

No quartel sentia-se já uma grande diminuìção de pessoal. Quási tudo tinha marchado para diversos pontos. No entanto, entre os que restavam,

ia uma azáfama extraordinária. Presentia-se que estávamos em um dia memorável, que alguma coisa de importante se ia passar. Eu estava também cheio de impaciência. Mas o coronel Coelho disse-me que o ataque só se faria mais para a tarde e porisso quiz que eu o acompanhasse ainda ao almôço. Passava do meio dia quando nos metemos no automóvel, em frente à tabacaria de Bernardo Torres. Foram nossos companheiros o antigo deputado Gastão Rodrigues e o capitão de artilharia meliciano e oficial das alfândegas José Alfredo de Paula, que já há dois dias regressára da Figueira da Foz e estava voluntáriamente ao serviço da divisão. Por falta de lugar não seguiram também connosco o Secundino Branco e o Felizardo. O automóvel seguiu rápido em direcção à linha. A distância, ouve-se já o troar do canhão. O combate havia começado. Passam constantemente junto de nós, à medida que nos aproximamos de Salreu, soldados e viaturas militares. O coronel Macedo Coelho vai também impaciente por chegar. É que tem lá, como imediato de uma bateria um filho querido, o tenente Coelho que fôra incorporado em artilharia 2, da Figueira, e que ali devia estar a combater os monárquicos. A certa altura, numa dobra da estrada, avistam-se já vários carros desatrelados. Estamos perto das posições da artilharia. O coronel dá ordem ao chaufeur para que avance com cautela, mais devagar, o que de resto nos fôra já recomendado por uns vedetas. Estamos em Salreu. Mas as posições da artilharia são mais adiante, na Senhora do Monte. Avançamos sempre a coberto com um muro que corre em grande extensão ao longo da estrada, do lado do poente. De súbito um grande estâmpido se produz.

— Lá foi uma câmara de ár... diz o chaufeur, fazendo parar o auto.

Eu que percebi no entanto de que se tratava, sorri-me e respondi:

— Não é má câmara de ár, não!...

Não se preocupe, ande lá para diante.

Era uma granada do inimigo que rebentara a pequena distância de nós, do outro lado do muro.

Pouco mais acima encontramos um cavaleiro que galopa em direcção oposta àquela que nós levamos. É um primeiro sargento de artilharia. O coronel faz-lhe sinal para parar a fim de saber onde está a bateria do capitão Dornelas, que é a mesma em que se encontra seu filho.

Por uma feliz coincidência essa bateria é a que nós devemos encontrar já ali perto, mas é conveniente, recomenda o nosso informador, ir a pé, em chegando a uma venda que se encontra à esquerda.

Como lhe perguntássemos pormenores, esclarece que o combate começou ao meio dia e que os rebeldes, depois de pouca permanência no campo, estão agora entrincheirados nas casas da vila (Estarreja), onde resistem tenazmente, quási só com fogo de fuzilaria.

— Mas eu vou ali buscar-lhes uma *comidinha especial*, explica o valente sargento, destemido republicano, segundo informa o Paula que o conhecia da Figueira, fazendo acompanhar a frase de um sorriso significativo.

Referia-se a determinadas granadas de grande poder explosivo.

E, pedindo lincença ao coronel, afastou-se a galope.

Seguindo as suas indicações, quando chegamos ao ponto marcado, apeamo-nos e marchamos a pé para a frente. Encontrámos logo os meus voluntários, que juntos com outros civis esperavam a ordem de avanço.

Perto da igreja alguêm nos explica que havia talvez vinte minutos tinha ali caído varado por por uma bala um marinheiro, supondo-se que o tiro que o prostrara tivesse partido de uma casa

próxima. Surge-nos então, acompanhado pelos alferes Melo Santos e Noronha, o abade de Salreu, irredutível reacionário que vinha de ser feito prisioneiro e que se supõe ter sido quem disparou êsse e outros tiros. Vão levá-lo em um carro para Aveiro. O alferes Melo Santos vem perguntar-me gentilmente, explicando-me êste caso, se quero para lá alguma coisa.

— Boa viagem, repliquei eu, e cuidado com o bicho!

Continuando o nosso caminho, encontramos a breve trecho a bateria, que dispara incessantemente sôbre Estarreja.

Dizem-me que é ali a Senhora do Monte. A estrada que avança para o norte tem à esquerda, limitando um campo, um pequeno muro de pedra solta, talvez de um metro de altura, continuação de outro mais alto onde há um portão de ripas de madeira, que dá entrada para o mesmo campo. E aí, do lado de lá do muro, que está colocada uma das peças. Outra está mais adiante, a descoberto, do lado direito da estrada, em nível, um pouco superior e quási à beira da mesma estrada. Junto desta nos detivemos porque ali encontramos o tenente Coelho, o qual rápidamente cumprimentou seu pai, continuando depois no desempenho do seu cargo.

Daquele alto divisava-se perfeitamente a vila. O capitão Dornelas comandante da bateria, rapaz alto, cabelo louro, tez avermelhada do sol, é uma criatura simpática, enérgico e decidido. Alguêm me havia dito que na Figueira era suspeito de monárquico. O que eu posso garantir é que ali se portou como o melhor republicano.

As granadas rebentavam agora incessantemente sôbre a vila, ao mesmo tempo que a fuzilaria dos marinheiros, lá em baixo junto ao rio Antuã, bem como a das outras tropas de infantaria, se fazia ouvir de uma forma constante.

Em certa altura, estava eu junto da peça mais avançada surgiu, a pé, do lado da frente, o capitão Cunha e Costa, que vinha de qualquer ponto onde havia deixado abrigada a sua fôrça de cavalaria, acompanhado pelo Paula. Cumprimentou-me e disse-me rápidamente, seguindo o seu destino:

— Saia de aí que é perigoso. Há pouco rebentou nesse mesmo lugar uma granada. Eles agora têem disparado pouco para cá, talvez porque se lhes encravassem as peças ou tenham as munições esgotadas, mas ainda assim é bom prevenir...

— Obrigado, disse eu, e desviando-me pela estrada aproximei-me da segunda peça da bateria, à distância de uns quarenta metros aproximadamente e encostei-me ao pequeno muro de pedra solta.

Emprestaram-me um binóculo e eu estive vendo o efeito do rebentar das granadas sôbre os telhados da vila, pois as nossas peças disparavam sempre. Subitamente um estampido seco, abafado, sôa ao meu lado direito, de uma forma diferente dos outros, resultantes dos disparos das peças, sentindo ao mesmo tempo que uma porção de terra fresca me bate no pescoço e pelo fato.

Olho na direcção dêsse ruido e vejo ainda a pequena altura do solo uma nuvem branca de fumo, que a fraca viração da tarde dissipa dificílmente.

Julguei que tivesse sido uma granada do inimigo que tivesse rebentado naquele sítio. Mas os oficiais explicam logo:

— Um rebentamento prematuro!...

E correm para junto da peça, onde êste sucesso se dera, julgando que estivesse alguêm da respectiva guarnição morto ou ferido. Eu corro também e, felizmente, com agradável surpreza constatamos que ninguêm tem o mais leve ferimento. A granada ao sair rebentara a pequena distância da boca da peça, abrira grandes buracos no chão,

precisamente no sítio em que eu tinha estado quando o capitão Cunha e Costa me havia aconselhado a afastar, e fôra um estilhaço que, batendo no chão junto de mim, ricochetando, fizera levantar a terra que me saltara para o pescoço indo cravar-se no muro, de onde o tirou um soldado que ali estava e que o guardou, pois lhe tinha passado tambêm de raspão pelo capote. Êste estilhaço devia ter talvez os seus 12 centímetros de comprido, por 5 ou 7 de largo.

— Livrei-me de boa! pensei com os meus botões.

De facto se estivesse na primitiva posição tinha fatalmente sido vitima, e ainda assim ficára devendo grandes finezas não só ao capitão Cunha e Costa como àquele atencioso pedacinho de ferro...

Mas o bombardeamento recomeçou logo com a mesma intensidade.

Espectáculo soberbo e único que nos fazia alheiar do risco que a nossa vida corria!

O reduto principal dos rebeldes era a casa da Câmara. Para aí se dirigiam especialmente os tiros, mas de forma a que as granadas causassem o menor mal. De vez em quando uma, que rebentava sôbre o telhado, após o clarão produzido levantava como que uma coluna vermelha. Eram as telhas pulverizadas.

— Lá entrou uma por aquela janela, diz o Paula a meu lado!

A seguir outra granada deu-me a nítida impressão de que havia derrubado a bandeira azul e branca, que estava hasteada nos referidos Paços do Concelho. Fôra porêm uma ilusão de óptica momentânea, produzida pelo drapejar da bandeira no momento em que a granada perto rebentou, pois ela foi mais tarde arriada por um marinheiro.

Os nossos fogos concentram-se agora tambêm sôbre a estação do caminho de ferro, a fim de

evitar que eles retirem para o Pôrto dois comboios com material de artilharia, que ali estão organizando. Diz-se que uma das locomotivas já foi atingida e que os organizadores largaram o seu trabalho.

Mas esta prolongada e inútil resistência dos monárquicos enerva-nos, pois transparecem claramente os seus intuitos de provocar as tropas republicanas a destruir parte da vila, para sôbre elas fazer recair o odioso da população. Vai ser dada ordem à infantaria para avançar. São 16 e 35 minutos. De repente a minha atenção é despertada por outro ruido diferente, que se houve para as bandas de sudoeste, ruido que desde logo reconheço como sendo o do motor de um avião. Olho, e de facto êle lá vem impavido, cortando serenamente o azul desmaiado do céo, naquela tarde fria de Fevereiro. O meu coração enche-se de alegria e assim os de todos os que me cercam, creio eu. Instintivamente um brado sóbe aos nossos lábios e explode fremente, resalta naquêle mutismo que nos cerca, apenas interrompido pelo bramir dos canhões, que continuam lançando fogo das suas bôcas hiantes:

— Viva a República!

E todos de olhos no ar, fitam agora com avidez a formidável máquina de guerra que, largando do seu hangar de S. Jacinto, vem tomar na luta o seu logar de honra.

Ela descreve um semi-círculo como que a fixar-se bem no ponto a atacar, similhante a um milhafre gigantesco que vai lançar-se sôbre a preza. Do seu bordo vêem-se distintamente pendentes duas massas negras a um e outro lado.

São as duas bombas de grande poder explosivo, que constituem a sua arma mais importante.

Subitamente, sôbre a margem direita do rio, baixa, parecendo que vai caír, e em acto sucessivo uma formidavel detonação, similhante ao ribom-

bar de um trovão chega até nós, fazendo tremer a terra. Olho e vejo-a outra vez alteiar, já sem aquelas massas negras. Concluo então que, ou uma das bombas não rebentou, por ter caído na água talvez, ou as duas detonações se ligaram de tal forma uma à outra, que me deu a impressão de uma só. São 16 horas e 40 minutos, constato olhando o meu relógio.

Como por encanto, o tiroteio do inimigo cessou e, olhando alêm a linha férrea, eu vejo muitos pontos negros que ao longo dela se movimemtam com presteza.

Era a debandada. Chega ordem para cessarmos o fogo de artilharia. A infantaria e a marinha passaram já o rio Antuã, uns em jangadas outros, como os do batalhão do 24 tendo à frente o alferes meliciano dr. Alberto Ruela por uma simples tábua lançada sôbre os restos da ponte outros ainda metidos à agua no ponto mais vadeável e estão entrando na vila.

A vitória é nossa e magnífica.

Sôbre os Paços do Concelho, no mesmo logar onde há pouco se via a bandeira azul e branca, ergue-se agora altivamente, para não mais se arriar, a bandeira verde-rubra.

Está tomada Estarreja.

Dizem-me que na refrega morreu com uma bala uma linda rapariga da vila que, imprudentemente, se abalançou a atravessar uma rua. Chamava-se Palmira da Costa Mortágua e era filha da proprietária de uma casa de pasto [1].

Os oficiais da nossa bateria aproveitam agora o tempo para irem tomar a sua refeição. Acompanhámo-los à casa onde estão aboletados, uma

---

[1] O seu funeral que se efectuou no dia seguinte foi, uma bela demonstração de sentimento por parte dos combatentes e especialmente dos marinheiros, que lhe ofereceram uma linda corôa de flôres naturais.

pequena casa térrea de lavradores à beira da estrada, do lado do nascente. Enquanto os oficiais comem sôbre uma pequena meza de pinho, servidos pelas filhas dos donos da casa, duas lindas raparigas do campo, especialmente uma delas, assistindo o coronel Coelho sentado junto de seu filho, eu e o Paula conversamos perto da janela que dá para a estrada.

Tendo eu notado uma certa dificuldade em comer umas bolachas, que havíamos comprado há pouco, em uma venda, para nos servir de lunch e atribuindo isto à forte vibração do ar produzida pelas detonações das peças, talvez por eu ser *caloiro* naqueles assuntos, referi o caso ao tenente Coelho, que me respondeu:

— Não se admire porque eu estou na mesma; quási que nem posso comer.

Entretanto, como começasse a anoitecer regressámos a Aveiro, no mesmo automovel, chegando ali cêrca das 20 horas. No caminho, próximo de uma ponte, encontramos um automóvel que estava enterrado na lama, pois tivera uma panne. Parámos para lhe prestar auxílio e reconhecemos então quem nele viajava. Era o nosso amigo António Tudela, antigo secretário do dr. Afonso Costa, que tambêm vinha da linha de fogo. Demos-lhe um pequeno reboque e, uma vez reparada a avaria, seguimos todos para Aveiro. Fomos jantar ao Hotel Central, onde estavam já fazendo o mesmo muitos oficiais de diversas armas.

Em conversa, à mesa, depois de jantar, como viessem a pelo os erros cometidos no passado, de que tinha resultado em parte o sidonismo e conseqùente Traulitânia, que nos tinha metido nêstes trabalhos, houve o amigo Tudela que ouvir amargas recriminações minhas e do Paula pela falta de cumprimento de uma missão de que êle ficara encarregado, após o 14 de Maio, junto

do Dr. Afonso Costa e que êle não cumprira, missão esta que tinha sòmente em mira a defeza da República. Êle desculpou-se como poude, mas creio bem que estava tão convencido como nós...

Recolhi depois a casa do Felizardo, após o ter tomado o clássico café no *Cisne*, onde reinava grande alegria pela vitória de Estarreja.

Fui deitar-me cêdo, pois cêdo também me queria levantar afim de seguir de novo para a frente, uma vez que provável seria que se travasse novo combate em Ovar.

Dia 12. — Chego à Arcada pelas 10 horas. Há grande regosijo. Encontro o Lino Brandão e o dr. Pedro Chaves que vêem do Quartel General.

Dizem-me que há esperanças de nesse dia já as tropas entrarem em Ovar. A realizar-se esta hipótese, se a notícia se souber a tempo, partiremos ainda hoje para ali, pela ria, no barco gazolina, o mesmo em que tínhamos vindo. Resolvo utilizar-me dêste meio de transporte que me colocará com prontidão novamente junto das tropas, mesmo porque, se não houver resistência dos monárquicos em Ovar, é provável que só a tenhamos no Pôrto ou imediações, será então o momento de os nossos agirem dentro da cidade e quero vêr se posso comunicar com eles, ao menos uma vez.

Vou à Alfândega (delegação) para saber se há alguma notícia de Lisboa sôbre a minha situação oficial.

Efectivamente tinha chegado uma nota atrazada que me colocava, provisoriamente, na Figueira da Foz. Como tenho oito dias para me apresentar e conto dentro deste prazo já estar no Pôrto, é evidente que não deixarei o meu pôsto junto daqueles que comigo vieram. Recebo tam-

bêm uma carta particular do Generoso Rocha, que está em Lisboa hospedado no Francfort. Dá-me conta da sua missão cheio de dezalento e tristeza por ver que os governantes, agora colocados no Poder depois da vitória de Monsanto, ainda não compreenderam a situação política do Norte. Diz-me que teve uma grande discussão com o ministro Paiva Gomes e que êste disse que, quanto aos serviços do seu ministério, só quando viesse ao Pôrto resolveria.

Com semelhante critério imagine-se o que poderão fazer os nossos revolucionários quando o movimento ali estalar, restaurando-se a República. Será nos serviços públicos, outra vez, uma República feita com monárquicos, à moda do sidonismo. Mas enfim, os srs. ministros que desculpem mas nós se ali entrarmos, coincidindo a nossa entrada com a revolução havemos de fazer, a tal respeito, o que entendermos por melhor.

Diz ainda o Generoso que, em vista da contrariedade desta démarche, desistiu do resto e volta ámanhã para junto de nós.

Quando êle chegar, provávelmente, já nós estaremos longe de Aveiro, quem sabe aonde.

Saio para ir ao Govêrno Civil por causa do subsídio aos voluntários de Ovar, pois disseram-me alguns que ainda não receberam e, como eu mandara pedir ao dr. Pedro Chaves para deixar ali a nota, se ela lá se encontrar, farei ainda a fôlha para levar o dinheiro que lhes pertence e entregar àquele meu prezado amigo que se encarregará depois da distribuição.

Não estava lá porêm nota alguma e assim não sei mesmo se estes chegaram a receber.

Quando vinha para baixo encontrei na rua da Costeira o aspirante médico oficial Flôres, cavalheiro do Pôrto que ha dias de ali viera. Entre mim e êste senhor havia-se dado nessa

ocasião uma scêna interessante e que foi o seguinte:

Chegando a Aveiro, como vinha à paisàna levaram-no ao comissariado e como de costume mandaram-me chamar para eu o reconhecer. Por eu estar naquela ocasião para a linha e por êle dizer que era oficial meliciano, não se fez êsse reconhecimento e êle foi apresentar-se ao quartel.

Tendo ouvido falar no meu nome êle disse todavia a alguêm que desejava muito vêr-me porque vinha tambêm incumbido da missão de me falar. Casualmente poucas horas depois, tendo eu já regressado a Aveiro, estando na Arcada, apresentaram-mo.

Pediu para me falar em particular. Afastamo-nos um pouco e disse-me então que vinha da parte do dr. Alfredo de Magalhães para combinar o movimento a realizar no Pôrto, porque êle dispunha ali de um grupo de civis, devidamente armados não inferior a 500 homens.

Eu deixei-o falar e depois perguntei-lhe com um grande espanto:

—Mas então o dr. Alfredo de Magalhães não está prêso?

—Não, respondeu êle; está em casa e trabalhando para restaurar a República com todo o afinco...

—Olhe, obtemporei eu, se fôr uma república como aquela em que êle há pouco colaborou é bem preferível que não faça nada!

E depois acrescentei:

—Eu devo dizer-lhe qne não acredito que o sr. dr. Magalhães disponha dessa gente, mas se a tiver que esteja atento e, quando os republicanos sairem para a rua, que saia tambêm para remir um pouco as suas faltas que são muitas e graves.

Nesta altura o meu interlocutor fita-me bastante enleado e pergunta como que a mêdo:

—Mas V. não é o sr. João Tamagnini, ex-presidente do ministério?

—Não senhor, respondo eu, sorrindo e percebendo logo o equívoco. Eu chamo-me Raul...

O caso explicou-se então satisfatóriamente: Por qualquer forma o dr. Alfredo de Magalhães soubera que quem estabelecia e regulava o plano de unidade de acção entre as tropas da República e os republicanos do Pôrto que haviam de se revoltar no momento propício era um Tamagnini, que estava em Aveiro. Não lhe passando pela mente que fôsse eu, que êle supunha talvez prêso, escondido atrás de uma porta ou debaixo da cama de mãos atadas, e não podendo conceber na sua paixão sidonista que fôsse outro senão o seu ex-presidente, um dos principais culpados daquele grande crime, mandou então o seu emissário procura-lo, oferecendo serviços e recebendo ordens.

O emissário porêm não poude, como queria, voltar ao Pôrto. Ficou na companhia de saúde, a fazer serviço da sua especialidade.

. . . . . .

Entretanto chego à tabacaria do Bernado Torres. Estão uns poucos de refugiados de Ovar que me perguntam se as tropas já lá estão e se sempre vamos hoje. Respondo-lhe que não fui ao quartel, mas que o Lino Brandão foi para lá e deve estar chegando com a notícia.

Efectivamente minutos depois aí aparece o amigo Lino com o dr. Chaves e outros. Vem radiante. As tropas tem avançado com cautela e às 4 da tarde devem estar em Ovar, porque os monárquicos já ali não estão.

Podemos pois ir hoje. Devemos largar às 3 e meia. Toca a preparar.

Com viva satisfação, esta nova por todos foi recebida e cada um se dirigiu a arranjar as suas coisa.

Eu fui a casa do Felizardo onde arranjei a minha *grande* bagagem, que se compunha de um embrulho de papel atado com um cordel, con-

tendo os meus apontamentos, alguns jornais, cartas e telegramas que recebera, tres lenços, dois colarinhos e uma camisa e bem assim o meu cazaco de borracha que enverguei por cima do sobretudo. Comi ainda alguma coisa a instâncias da esposa do Felizardo, despedi-me desta hospitaleira família, que pouco depois tão rude golpe havia de sofrer, e da do dr. Adelino Simão Leal, irmão daquele, pedi-lhe, ao Felizardo, para entregar a carabina e o resto das munições no quartel, porque no barco seguiam outras armas, se fôsse preciso, e marchei para o cais.

Já ali estava um número regular dos que iam ser agora meus companheiros de viagem, sobraçando trouxas e embrulhos. Além do gazolina, ia também a reboque o mesmo barco que nós tínhamos trazido para cá.

Em todos os rostos se pintava a mais viva satisfação. Compreende-se: iam tornar a ver as suas famílias, as suas casas, embora receiassem que muitas destas estivessem destruidas.

Só eu não sabia ainda quando veria os meus! É que saùdades!... Mas não importa, vou ficar já mais perto deles e isso por emquanto me basta.

No cais, próximo à capitania, apinha-se agora uma verdadeira multidão para nos ver partir. Já tudo está acomodado nos seus logares. Vai comnosco o valente sargento meliciano Abel de Pinho, que trouxe algumas armas. É preciso acautelarmo-nos de alguma surpreza que pode haver na ria, com fugitivos, pelo menos, ou por chegarmos primeiro que as tropas a Ovar.

Todos nós estamos impacientes e assim, ainda antes das 15 e meia é dado o sinal para a largada.

Eu vou à prôa do gazolina.

De pé nos barcos todos nós, e por mim avalio os que me acompanhavam, sentíamos uma grande comoção ao deixar aquela terra hospita-

leira e boa, ao mesmo tempo que nos lançávamos ainda um pouco nos braços do Acaso, na ância de estreitarmos depressa os nossos contra o peito, e assim os chapéus agitavam-se no ar, os lenços sairam dos bolsos para saudar os que ficavam, ao mesmo tempo que dos nossos lábios saiam aclamações ruidosas à República, à Patria, à cidade de Aveiro.

E singrando, primeiro lentamente pela ria e depois acelerando mais e mais a velocidade, que teria de ser diminuida quando fôsse noite, os dois barcos lá seguiram carregados com todos estes cidadãos, há tanto tempo privados de verem os que lhe eram caros, como se fossem malfeitores ou tivessem praticado outro crime que não fôsse o muito amarem o seu país que desejam ver próspero e venturoso, engrandecido pela República, a única fórma de govêrno compatível com a dignidade humana, dentro da sociedade burguesa.

Pouco adiante da Gafanha encontramos uma lancha da capitania que trazia a reboque duas outras mais pequenas, também movidas a gazolina.

Dirigimo nos ao seu encontro. Os marinheiros que as tripulavam vinham radiantes. Haviam feito um raid até Ovar, onde tinham apreendido aquelas duas lanchas mais pequenas aos monárquicos, os quais as haviam trazido do Pôrto no comboio, tendo-as lançado à água pouco antes e não se tendo chegado a servir delas.

Perguntando-lhe nós se sabiam se já lá estavam as nossas tropas, responderam que às 2 da tarde ainda nos paços do conselho estava hasteada a bandeira monárquica, a qual tinham visto de longe.

Que por serem em pequeno número e mal armados não ousaram lá ir, mas que se lhes afigurava que devia lá haver pouca gente visto que tinham a ria completamente desguarnecida.

Despedindo-nos dos bravos marinheiros se-

guimos a nossa derrota, mas na verdade as informações dadas por eles causaram um certo receio na maior parte dos meus companheiros e alguêm houve que alvitrou que se voltasse para traz, pois tudo indicava que a informação do quartel general fora demasiadamente optimista, sendo provável que os nossos ainda não estivessem na posse da vila, mas simplesmente a caminho, podendo dar-se qualquer recontro.

Eu, conquanto intimamente achasse que tinham razão, combati esta ideia assim como o dr. Pedro Chaves e Lino Brandão, lembrando que a informação oficial nos fora dada às 3 horas e a referência dos marinheiros atingia apenas as 2.

E assim o gazolina continuou serenamente cortando as águas da ria.

Com o anoitecer, uma incómoda neblina caíra sôbre nós, vinda do lado do mar, empanando o brilho da lua, de forma que só a curta distância se viam os objectos nitidamente. De subito porêm eu que ia, como já disse, sentado à prôa, vi surgir na nossa frente um vulto que logo calculei ser um barco, talvez vindo de Ovar com fugitivos e, tendo comunicado o caso aos meus companheiros, aproamos na sua direcção.

Estávamos já para alêm da Torreira. Certificando-nos que era realmente um barco carregado de gente, demos-lhe a voz de *alto*. O arrais todavia, fingindo não nos ouvir respondeu apenas:

—Boa noite...

E continuou o caminho.

Então as nossas espingardas apontaram se para êle e a nossa intimação foi mais perentória:

—Faça alto senão morre!

Imediatamente o barco atravessou, enquanto o arrais exclamava:

—Oh meus senhores, isto é tudo boa gente, é tudo gente de paz que vai para as suas terras... Até aqui vai o sr. Soares Pinto, de Ovar!

— Pois é êsse mesmo que nós queremos, bradou o Abel de Pinho.

E, acto sucessivo, encostando ao barco o nosso gazolina, aquele ali saltou com mais dois homens a fim de reconhecer as pessoas que o primeiro transportava.

Entre os passageiros havia algumas mulheres que já lamentavam a sua sorte, julgando que nós lhes faríamos algum mal.

Praça e casa da Câmara, em Ovar. + A janela donde eu falei às tropas e ao Povo na noite de 12 de Fevereiro

Ora é preciso dizer que Soares Pinto era a figura mais sinistra da monarquia em Ovar, aquele que tinha indicado aos trauliteiros as casas dos republicanos, que fizera de administrador e presidente da Câmara durante aqueles poucos dias de bambochata monárquica.

Porisso se compreende que ficássemos satis-

feitos pela boa prêsa que o acaso nos proporcionava.

O Soares Pinto contudo, que seguia no barco, não era aquele a que nos referíamos, mas sim um irmão dêle, comerciante em Ovar, monárquico também, mas sem posição de destaque na política local.

Com êle ia um indivíduo desconhecido, que se dizia estudante da Universidade do Pôrto e que não explicava satisfatóriamente porque se encontrava ali. Na dúvida, trouxemos os dois, presos, para Ovar, a fim de prestarem declarações, fazendo-os passar para o nosso barco, depois do que foi dada ao outro livre prática.

Chegamos ao Carregal eram 20 e meia horas. Antes porêm de atracarmos e à distância de cêrca de 500 metros, foram disparados de terra, do lado do nascente sôbre nós, dois tiros, cujas balas cairam na água, a pouca distância do barco, sem que nós soubéssemos por quem.

Desembarcamos e para evitar mais surprezas, recordando o que os marinheiros nos haviam dito, mandamos um emissário adiante, à descoberta, enquanto nós esperávamos juntos do viaduto que ali há. Um dos nossos companheiros foi para o Furadouro, que fica, como se sabe, para o lado do mar, e outro, o dr. José Salvador, despediu-se de nós e, tendo deliberado ir a pé para Espinho pela beira-mar, seguiu o seu destino.

Como o nosso emissário demorasse, mandamos segundo, com a recomendação de que se os monárquicos ainda estivessem na vila e não ficasse prisioneiro, voltásse para trás a fim de nos prevenir, para nós irmos então para o Furadouro, onde aguardaríamos o avanço das nossas tropas, que não deviam estar longe.

Em balde esperamos e por fim resolvemos deixar três homens de guarda aos prisioneiros e

avançar cautelosamente, o resto da caravana, em direcção à vila.

Para isso, em vez de seguir pela estrada, dividimo-nos em duas filas que, a um, de fundo, se puzeram em marcha pelos lados da mesma estrada, por entre os pinhais por onde esta corre, à distância aproximada de 20 metros.

Silenciosamente assim marchávamos havia talvez 20 minutos, quando sentimos passos na estrada. Parámos e julgando tratar-se de algum dos nossos emissários, aproximamo-nos para poder ver melhor.

Mas já o dr. Pedro Chaves, à aproximação do homem diz a meia voz:

—Não é nenhum deles... Mas vamos ver quem será e, seja quem fôr, vai informar-nos.

Acto contínuo, como se estivéssemos combinados, de um e outro lado da estrada duas pessoas surgiram diante dos olhos espantados do pobre homem que tranqùilamente seguia o seu caminho e que deveria ter apanhado um susto muito regular. Parecia um golpe de salteadores...

Mas o dr. Pedro Chaves logo o reconheceu. Era um criado de um seu amigo que mora à entrada da vila.

Pedidos os anciados informes, o homem esclareceu logo:

— Ai senhor, vai lá uma festa que nem se pode dizer! Muita tropa, muita música, os marinheiros... São tantos como a chuva! Estão na casa da Câmara. A artilharia está no largo. Estão lá desde as 4 horas.

Não quizemos houvir mais. Chamamos os nossos companheiros, a quem comunicamos a feliz notícia, e puzemo-nos de novo em marcha para Ovar, mas agora já com segurança, pela estrada, tendo pedido ao nosso informador para dizer aos que estavam lá em baixo no cais que podiam vir para cima com os prisioneiros.

Quási corríamos agora pela estrada, tal era a alegria de que íamos possuidos. Era então bem exacta a informação do Quartel General!

Eis que se avistam as primeiras casas. Já se ouvem os acordes das bandas, que tocam a Portuguesa.

À porta do amigo Lino Brandão sua família, que já sabe que êle chegou, provávelmente pelos tais emissários que não haviam voltado, deslumbrados porventura pelo júbilo de que ficaram possuídos, espera-o e dá-se uma scena comovedora.

Ele oferece a sua casa a alguns amigos que veem connosco e que não são de Ovar. Eu subo também mas só para lhe entregar o sobretudo que tão bom serviço me prestara e, agradecendo-lhes, a êle e a sua Ex.ma Esposa, as atenções dispensadas, deixo-o entregue aos carinhos dos filhos que o cercam e parto. É que tenho pressa de ver o que se passa, de tornar a encontrar os rapazes do meu grupo que eu deixei ontem por ter de voltar a Aveiro, depois da vitória de Estarreja.

Efectivamente o nosso informador falára verdade. A praça estava repleta de tropa e de povo. Transitava-se com dificuldade. A casa da Câmara está toda iluminada e lá dentro estão instalados nos seus amplos salões os marinheiros.

Encontrei logo a minha gente, que tinha acompanhado a tropa na sua marcha.

Quási ao mesmo tempo deparou-se-me o capitão Cunha e Costa, que me abraçou e me disse o seguinte:

— Encontramos aí na cadeia um rapaz que estava prisioneiro dos monárquicos, que diz que você que o conhece e que foi prêso aqui, quando ia para Aveiro juntar-se ao seu grupo. Diz êle que é telegrafista, que tem uma senha e contra-senha para falar para o Pôrto, se lá estiver gente da confiança dêle ao aparelho.

Queria falar já, mas eu não o deixei sem você o reconhecer. Faça favor de cá vir para o ver.

Estava também aqui prisioneiro pela mesma razão que êste, o dr. Campos Lima e que uma vez liberto, como nós lhe dissemos que o meu amigo tinha ficado em Aveiro, êle aproveitou um automóvel que para ali partiu há pouco e foi para lhe falar, pois dizia ter nisso muita urgência. Sabendo que já cá está, naturalmente volta àmanhã.

Entretanto entrávamos em uma tabacaria onde estava o tal rapaz a que êle se referia. Imediatamente o reconheci e abracei, pois era de facto um dos aliciados para o movimento de 12 de Outubro, que comigo trabalhara revolucionáriamente e nos era dedicadíssimo. Era o meu amigo Virgílio Proença, oficial dos telégrafos, ferozmente perseguido no tempo do sidonismo por ser democrático e do qual faz menção também no seu livro *O Reino da Traulitânia*, pág. 122 e seguintes, o dr. Campos Lima, quando descreve o episódio da sua prisão em Ovar, no momento em que ia para Aveiro para falar comigo.

Fomos dali à estação telegráfica, onde o capitão Cunha e Costa disse ao encarregado da estação e a um aspirante de marinha, que ali estava já também em serviço, para deixarem sentar o Proença ao aparelho, afim de ver se conseguia comunicar com segurança com o Pôrto.

Ele deu então a senha que era — *Raio X* — e imediatamente de lá responderam — *X Raio* — que era de facto a contra-senha. Estava portanto ao aparelho no Pôrto gente de confiança, porque é preciso dizer que nem tudo foram defecções na classe telégrafo-postal do Pôrto.

Havia cá ainda muito republicano.

Assim se estabeleceu a comunicação com o Pôrto na noite de 12 Fevereiro e se participou a nossa entrada em Ovar depois da vitória de Es-

tarreja, que se dèra na véspera. Seria isto a causa da antecipação do movimento de 13 de Fevereiro no Pôrto? Talvez...

Entretanto os rapazes do meu grupo, especialmente o Montenegro, Rogério Soares, o Viriato de Almeida e o Augusto Ezequiel, vinham buscar-me para eu falar da janela da Câmara. Já tinha falado o dr. Pedro Chaves e queriam que eu falasse também. Eu disse-lhes que já tinha êsse propósito e que fôra apenas aquele serviço urgente que me detivera uns momentos. Lá fui pois com êles, deixando o Proença ao telégrafo. No caminho tive ocasião de notar, embora fôsse noite, o estado em que ficára a casa do Centro Republicano, que os trauliteiros, na sua fúria de canibais, haviam destruido.

Era agora uma casa em ruínas.

Subimos as escadas dos Paços do Concelho e então eu, chegando há janela, falei ao Povo que se premia na Praça. Gritei-lhe comovidamente o meu entusiasmo pela vitória da República. Disse-lhe a alegria que me ia na alma pelo triunfo da nossa causa, que era a causa dêle próprio, dêsse mesmo Povo que devia estar agora convencido pelos actos de banditismo praticados pelos monárquicos, que um similhante regimen de opressão e tirania, só podia ser e era sustentado por ladrões, como eles se tinham manifestado. Afirmei-lhe que a República só queria o bem estar de todos os cidadãos honrados, engrandecendo a Pátria pelo trabalho e pela virtude, apelando para os seus sentimentos de homens do mar, rudes mas sinceros, para que se agrupassem em volta daquela bandeira verde-rubra que flutuava agora de novo no alto daquela casa, que era deles, e não consentissem jámais traições similhantes levadas a efeito por verdadeiros sicários, exploradores ignóbeis da sua credulidade. E terminei o meu discurso levantando três vivas: À vila de Ovar, à

Pátria e à República, que foram calorosamente correspondidos.

Os marinheiros ergueram-me nos seus braços, muitas outras pessoas me vieram cumprimentar e oferecer-me a sua casa, destacando-se entre estas o snr. Côrte Real, que era ao tempo secretário de finanças na terra, que eu conhecera em Espinho, e o meu antigo aluno da Escola Raúl Dória, António da Silva Bonifácio, que ali terminara o curso um ou dois anos antes e que é filho do abastado proprietário e comerciante de arroz em Ovar, snr. Bonifácio.

Aceitei êste último oferecimento, por ter mais intimidade com o ofertante.

Ou fôsse do nevoeiro ou porque gritasse muito alto para que todos me ouvissem bem, o que é facto é que fiquei de tal forma rouco que quási não se me entendia palavra, durando-me esta rouquidão cinco dias.

Como fôsse já tarde, depois de saber que os rapazes do meu grupo já tinham tambêm arranjado alojamento, fui para casa do meu amigo Bonifácio, onde sua mãe, seu pai e seus irmãos, que foram sempre para mim de uma captivante amabilidade, que os torna credores para todo o sempre da minha gratidão, quizeram por fôrça que eu ceiasse, por saberem que eu não tinha jantado e depois fui deitar-me numa explêndida cama que me destinaram e onde dormi como um justo, prostrado de tantas comoções, até às 9 da manhã do dia seguinte. Foi bem mais sereno êste sono do que o outro que eu dormira na mesma terra quando fôra para Aveiro!

Dia 13. — Como geralmente acontece em dias de chuva, dormi mais do que queria.

Enganei-me nas horas e só me levantei perto das 10, com o que fiquei arreliado. Levanto-me, pensando nos meus filhos, na minha querida mu-

lher que eu tanta vez nas horas amargas de Aveiro, julgara não tornar a ver. E eu que então, embora com o coração dilacerado não vertera uma lágrima, agora que estou muito mais perto deles, que espero beijá-los e abraçá-los dentro de algumas horas, pois, quanto a mim, os monárquicos devem estar todos refugiados no Pôrto, confesso que chorei. Mais me tinha avivado ainda a sua lembrança um retrato de uma pequenita que vejo sobre uma mesa e que me recorda a minha filhinha.

Saio do quarto e já os donos da casa me esperam para almoçar.

À mesa, a mãe do meu amigo e antigo discípulo António Bonifácio, demonstrando a bondade do seu coração, tem para mim palavras de conforto, fazendo-me alimentar a esperança de que hei de encontrar os meus bem, verberando o procedimento dos monárquicos e não querendo, numa solicitude de verdadeira mãe, que me faltasse cousa alguma.

Mas eu tenho pressa de sair e pouco me demoro à mesa. O dia está como já disse de puro inverno. Não me mete medo porque estou de casaco de borracha e as minhas botas ferradas já estão acostumadas à chuva e à lama.

Parto para saber se marchamos hoje para Espinho. No quartel porêm, ainda não se sabe nada, porque se espera o Estado Maior que deve chegar de aí a pouco.

Volto à praça, onde estou com os rapazes do meu grupo que estão impacientes, como eu, por avançar.

O Proença entretanto volta ao telégrafo e sigo com êle, pois tenho curiosidade em saber o que se passa no Pôrto. Como já há um bocado não responderam, enquanto o Proença espera, ficando de me ir dizer o que lhe dissessem, eu torno lá acima ao quartel, acompanhado do Viriato de

Almeida para falar com o comandante Rocha e Cunha e perguntar-lhe se não seria ocasião de dar o sinal para o Pôrto, para rebentar o movimento. Ali espero cêrca de uma hora, até que êle aparece no seu automóvel acompanhando o coronel Peres. A nossa entrevista que foi rápida, realisou-se ali mesmo debaixo de chuva, à porta do quartel. Ele achava ainda cedo e assentou-se que seria para o dia seguinte, pois já então estaríamos, pelo menos, em Espinho com o grosso da coluna e o triunfo dos republicanos estaria garantido, tanto mais que a ala direita das nossas tropas estava já em Arouca, passava o rio em Entre-os-Rios, tomaria fácilmente Penafiel e o Pôrto estava cercado, não permitindo a fuga a nenhum trauliteiro.

No momento em que ia a despedir-me dêle para ir transmitir estas resoluções ao telégrafo, aparece-nos o Proença, acompanhado do António Faria e do Camilo Montenegro que vinham participar-me que tinha rebentado a revolução no Pôrto. Era perto das 13 horas. O Proença explicou então melhor. Ele estava falando com o Pôrto com empregado republicano, que lhe havia dado contra-senha, quando de súbito, de lá lhe disseram: ouço tiros aqui perto... é a revolução... viva a República!

Depois a comunicação foi cortada e não mais se ligou por mais que êle pedisse.

Eu e Rocha e Cunha entreolhámo-nos e creio que a ambos assaltou o mesmo receio: O fracasso da revolução no Pôrto e a sorte que em tal caso esperava os presos políticos. Todavia a lembrança de que já ali fossem conhecidas as vitórias republicanas e a conseqùente desmoralização, em que deviam estar os monárquicos, deu-nos esperança na vitória.

A nova correu de boca em boca.

Ao sair do quartel, onde me havìa recolhido por causa da chuva que cai cada vez mais persis-

tente, encontro Lino Brandão. Vinha procurar-me com o dr. Campos Lima que acabava de regressar de Aveiro, onde tinha ido para me falar. Viera como fôra, no automóvel do tenente Almeida, da administração militar. Cumprimentamo-nos e seguimos para a fábrica *A Varina* do meu presado amigo Lino Brandão.

Aí, dizia êste, teríamos logar para conversar à vontade. Disse-lhe o que corria já: o movimento no Pôrto, conhecido por intermédio do Proença. Êle duvidou ainda, lembrando que podia ser alguma manifestação isolada, sem importância, e que era bom não deixarmos de preparar as coisas convenientemente.

Chegamos a *A Varina*. Aí encontro o meu amigo Francisco Rezende, que vejo pela primeira vez desde que regressei, e em casa de quem está a minha família em Espinho. Pergunto-lhe ávidamente notícias, depois de o abraçar.

Estão todos bons. Felizmente!... Respiro.

Enquanto Lino Brandão conversa com um amigo, vou para uma outra sala no primeiro andar onde conferenciei com o dr. Campos Lima.

O seu desejo e porque assim tinha combinado no Pôrto com o coronel Djalme de Azevedo, era fazer a ligação das tropas com os revolucionários daquela cidade, com os quais estava em ligação o seu grupo, quási todo constituído por avançados. Eu, disse-lhe que essa ligação já estava feita e como êle tivesse partido por sua deliberação para Aveiro, conclui que em vista de não serem os homens que o acompanhavam simplesmente republicanos, não lhe tinha querido dizer tudo, prevenindoos provávelmente só à última hora, pois não era crível que o Aníbal Martins, que recebera a minha última comunicação, enviada de Aveiro, a não transmitisse ao Djalme.

O que não se explicava bem era o ter rebentado a revolução naquele dia, se de facto assim

era, a não ser pela precipitação que geralmente se dá nestes movimentos revolucionários e que muitas vezes os faz gorar.

Agora restava-nos aguardar os acontecimentos, fazendo todos os esforços por nos aproximarmos do Pôrto com a maior brevidade, principalmente se a revolução não tivesse rebentado.

Saimos da fábrica e fomos até à estação do caminho de ferro, que é próxima, para ver se sabíamos mais notícias pelo telefone. Chove sempre. O caminho está intransitável.

Esta fábrica, *A Varina*, recorda-me um facto digno de registo na minha vida e que neste momento me vem à memória. Foi ali que eu me encontrei com o dr. Afonso Costa quando êle, tendo saído do presídio de Elvas, foi passar algum tempo em casa do seu e meu amigo dr. Elisio de Castro, em Fiães. Eu, fiz logo tenção de o ir visitar. E assim acompanhado dos meus amigos, colegas e correligionários Francisco de Souza Marques e Leonildo Ponces de Almeida, para ali nos dirigimos.

No caminho alguêm me disse que êle tinha ido nesse dia de passeio a Ovar. Continuamos a viagem e fômos efectivamente encontrá-lo ali em Ovar, onde o abracei e lhe ofereci um exemplar do meu livro de *Economia Política*, onde o seu retrato vem publicado e se descreve a sua obra financeira, ainda que a fraços largos.

Mas continuemos o nosso diário.

Na estação onde se veem alguns vagons cheios de objectos abandonados pelos monárquicos na fuga e que eles haviam roubado nas aldeias, sabe-se apenas por uma mulhersinha que veio de Esmoriz, que em Espinho há qualquer coisa de anormal e que os soldados monárquicos desapareceram todos em direcção ao Pôrto e outros para parte incerta, deixando as armas pelas casas por onde passavam e até abandonadas nos caminhos.

Nesse momento contaram-me um episódio interessante que se tinha dado no telefone da estação, quando as nossa tropas chegaram.

Um sargento de marinha, fôra para o telefone e principiára a falar para Gaia. Desta estação, supondo que ainda ali estavam os monárquicos e em virtude da táctica do silêncio de que estes usavam para iludir os incautos, começaram fazendo diferentes perguntas, tais como:

—Então isso por aí está *fixe?* Os republicanos tem apanhado para tabaco, não é verdade?

Ao que o telefonista de Ovar lhe respondia sempre afirmativamente, para, por sua vez, colher também informações. De súbito, como o gaiense já nada mais pudesse dizer porque não sabia, ou porque o marinheiro se aborrecesse, êste preguntou-lhe:

—Mas o senhor sabe com quem está a falar? Está a falar com a marinha de guerra portuguêsa!

Foi como se um raio fulminasse o telefonista de Gaia e mais o seu telefone, que emudeceu para não mais falar.

Saímos da estação e fomos ao quartel. Aqui já há quem afirme que efectivamente rebentou o movimento revolucionário no Pôrto e que está triunfante.

—Sendo assim, dizem-me os oficiais que marchamos àmanhã, porque hoje a marcha era extremamente penosa para a tropa.

Venho para casa do meu amigo Bonifácio, onde me devem esperar já talvez para jantar.

No caminho constato que as lojas, que ao príncipio se mostravam receiosas, acabam de abrir as suas portas, fazendo belo negócio com soldados e marinheiros, muito admirados os negociantes de eles pagarem, pois era coisa que os outros não faziam e quando tiveram que *cavar* diziam-lhes:

—Fechem as portas que vêem aí os marinheiros. Olhem que eles são bolchevistas!

E aquela pobre gente, fiada nestas mentirosas palavras, estava cheia de medo.

Agora porêm há a mais franca confraternização.

— Olhe, meu senhor, dizia-nos uma mulherzinha, dona de um tasco, eles vinham aqui e não pediam, mandavam fazer comida e se nós nos fizéssemos finas, puxavam logo da pistola e é que não havia mais remédio senão obedecer-lhes!

— E quanto a paga, perguntei eu?

— Os oficiais ainda deixavam uns bocadinhos de papel, que era para a gente ir receber depois, diziam eles, mas os soldados e os outros à paisana (eram os trauliteiros), esses nem com isso estavam...

Quem ficou roubado fomos nós...

Os rapazes do meu grupo estão impacientes. Como a maior parte é de Espinho, queriam marchar já para lá. Eu no entanto não lho consenti sem que houvesse qualquer confirmação de não haver já ali tropas monárquicas, para que eles não fôssem cair em alguma cilada. Eram também estas as ordens do chefe do Estado Maior.

A maior parte porêm não se tira da estação.

Chego a casa de meu amigo, onde estava hospedado e como o jantar ainda fôsse mais para ao pé da noite, encostei-me um pouco sôbre a cama quando me vem chamar o Francisco Mateus Mendes, para me dizer que acaba de chegar uma máquina, em exploração, vinda de Espinho, toda embandeirada, com bastantes rapazes dos que lá haviam ficado, dando vivas à República e informando que é verdade ter rebentado o movimento no Pôrto e que está vitorioso. Que os nossos foram para lá quási todos a correr.

Visto o casaco de borracha que tinha tirado

e que está escorrendo, ponho o bonet e marcho para a linha férrea com o Mendes, pois a máquina não pudera chegar até à estação, porque a linha está cortada um pouco antes.

Continua chovendo, agora com mais fôrça.

Muita gente segue o mesmo caminho que nós, para saber notícias.

Quando chegamos lá acima, a máquina já partira de novo para Espinho, levando a maior parte dos rapazes do meu grupo.

Fico arreliado por não me ter aproveitado também, para poder mais depressa ver a família e aproximar-me do Pôrto, pôsto que já não tenha agora o mesmo interesse, visto que o movimento já estalou e está triunfante.

Paciência, resignemo-nos. Iremos amanhã. Volto para a vila com o mesmo companheiro, Mateus Mendes e o António Bonifácio, que também nos acompanhara.

Jantamos e foi na verdade um lauto jantar que me ofereceu aquela boa família. Hoje estou mais satisfeito.

Em todo o caso enerva-me a falta de pormenores. Estou impacientíssimo pelo dia de àmanhã.

Como a noite está chuvosa, entretemo-nos a conversar na sala de jantar. Os irmãos de António Bonifácio são também excelentes rapazes, agradáveis, cavaqueadores e que me enchem de atenções.

Seu pai e sua mãe atenciosíssimos, igualmente.

Deitámo-nos cêrca das 23 horas.

É preciso reconfortar corpo e espírito para a marcha de àmanhã, que, segundo me disseram no quartel, só será lá para o meio dia.

Dia 14. — Acordo cêdo; levanto-me e saio para saber as últimas sôbre a hora da partida. O dr. Campos Lima está à minha espera. Vamos lá

acima, ao quartel. No caminho encontro o coronel Macedo Coelho a quem digo ao que vamos. Ele confirma as informações que tínhamos da véspera. Os marinheiros e a artilharia e infantaria marcham para Espinho às 12, mas nós se quizermos, temos o automóvel dêle às 4 ou 5 da tarde e assim escusamos de ir a pé com o que não ganhamos nada.

Agradecemos, mas não lhe dizemos definitivamente se aceitamos o seu amável oferecimento. É que é grande a nossa impaciência, tanto mais quanto é certo que uma grande parte dos meus companheiros partiram ontem na máquina.

Voltamos e depois de pequena conversa com os nossos amigos Mateus Mendes e Tibério Soeiro, resolvemos encontrarmo-nos na estação ao meio dia e seguir a pé com as tropas para Espinho e de lá para o Pôrto, se possível fôr. Assim deseja o Campos Lima. Eu porêm, creio que mais não chegaremos hoje do que até Espinho, pois não havendo comboios só se por acaso encontrarmos algum automóvel que nos tranporte de lá ao Pôrto.

Procede-se de harmonia com a resolução tomada. Vou almoçar pela última vez a casa do meu amigo António Bonifácio. Depois do almôço despeço-me daquela estimável família, pego na minha trouxa e na clássica bengala do Rezende e vou ao encontro dos meus companheiros, fazendo-me ainda companhia até à estação o meu antigo aluno, que comovidamente (excelente rapaz!..) ali se despediu de mim.

Estavam já no ponto combinado o dr. Campos Lima e o Mateus Mendes; falta o Soeiro. Ei-lo que aparece. A sua figura, como é muito alto, vê-se bem ao longe.

Partimos então linha fóra em direcção a Espinho. Nas cancelas temos que parar para deixar passar a artilharia que vai pela estrada, assim como a marinha. Depois a nossa marcha prosegue;

marcha forçada pode dizer-se. Não andamos, voamos, apezar do mau piso, quási só areia. Aquele caminho porêm já era bem meu conhecido.

Em várias casas que se avistam da linha, e à beira da linha há bandeiras republicanas. Aquelas ainda escaparam aos trauliteiros.

Um pouco antes de chegarmos a Esmoriz, encontramos um homem em cabelo e em mangas de

Ovar.—Na tarde de 12 de Fevereiro por ocasião da chegada das tropas republicanas

camisa. Como trás umas calças de uniforme militar, suspeito que seja algum soldado monárquico fugido. Comunico as minhas suspeitas ao Campos Lima e êste faz com que êle pare e pregunta-lhe de onde vem.

— Venho do Pôrto, diz êle. Há 15 dias que estava no Aljube. Foi a revolução que me abriu a porta.

Tinha chegado de França, do C. E. P. há

pouco ainda. Uma noite em Entreparedes, vi espancar um desgraçado barbaramente. Protestei, quiz defendê-lo... Não foi preciso mais.

Prenderam-me, bateram-me também e meteram-me no Aljube. Se não é a revolução, ainda agora lá estava.

O rapaz, porque era um rapaz ainda, deu-nos então alguns pormenores, que nós, agrupados em roda dêle, ouvimos com avidez.

Explicou que tinha sido a Guarda Rial, outra vez tornada republicana a primeira a sair. Que tinha havido forte tiroteio na Batalha e que no Aljube tinham sido os próprios presos que haviam rebentado as portas e saído para a rua.

Êle também por lá andara, mas como o que queria era apanhar-se na terra, que era ainda para lá de Aveiro, metera pernas ao caminho ontem mesmo.

Tinha dormido nessa noite em Espinho e hoje, naturalmente, iria ficar em Estarreja. E como não podia demorar-se e nós também estávamos com pressa e breve íamos saber mais pormenores, lá seguiu o seu caminho.

Aquele pormenor da guarda, no entanto, foi para mim uma verdadeira revelação. Estava explicado o motivo da antecipação do movimento, que fôra, pelo menos de 24 horas. A guarda operara isoladamente, por conta própria.

Naturalmente, depois de ela ter saído, os nosnos haveriam saído também para não deixar de cooperar com o seu esfôrço e dedicação republicana.

Agora passamos em Esmoriz. Recordo que foi ali que recebi, na minha marcha para Aveiro, a primeira notícia segura, pelo Soares, chefe da estação, de que a República ainda estava em Ovar. O amigo Soares não está na gare. Desejaria vê-lo, mas não nos podemos deter na nossa marcha. Encharcados de suor e da chuvinha miuda

que cai a espaços, chegamos finalmente a Espinho pouco depois das duas horas da tarde. O dr. Campos Lima. quer seguir ainda hoje mesmo para o Pôrto. Eu não acho vantagem nisso, porque a revolução deve estar terminada e nós não temos meios de transporte. Os outros nossos companheiros, abundam nas mesmas ideias. Neste momento eu só penso em tornar a ver os meus entes queridos que estão agora ali a dois passos de distância. Despeço-me porisso dos meus amigos que tambêm vão procurar um hotel para se lavarem e mudarem de roupa e combino encontrar-me com eles, à noite, no Chinês, se por ventura não forem para o Pôrto nesse dia, e meto rua acima, saindo da linha férrea, voltando para a direita, pela mesma onde fica a Pensão Naturista de Francisco Rezende.

A terra está em festa. Pelas ruas, em diferentes prédios ondulam ao vento bandeiras verde-rubras. Há alegria bem visível no rosto das pessoas que encontro pelo caminho.

É que passou a opressão, dissipou-se o pesadelo. A rua por onde caminho, sendo um tanto excêntrica é pouco movimentada e a esta hora a maior parte das pessoas estão lá para baixo, para ao pé da estação e do café Chinês para saberem notícias e esperar as tropas. Assim as minhas botas ferradas batendo rijo no pavimento de terra saibrenta endurecida, acordão ecos estranhos, que me dão a impressão de que me encontro em uma terra abandonada. Penso que devo parecer um maltez... O fato salpicado de lama, casaco de borracha ao ombro, o inseparável bonet amarelo deitado para trás, o masso dos meus apontamentos e dos colarinhos e lenços debaixo do braço, afogueado pela marcha violenta que acabo de fazer, a barba crescida, a camisa desabotoada no pescoço, devo ser realmente uma figura *interessante*.

Mas já diviso alêm na segunda esquina a casa do Rezende. Lá se lê em grandes letras negras sôbre fundo amarelo: *Casa das bôas frutas.*

É ali que estão aqueles que me são caros. Estugo mais o passo dominado por uma comoção bem compreensível, num desejo enorme de gritar bem alto a minha alegria. Se eu tinha passado lá baixo, em Aveiro, tantas horas de angustia, tantos momentos de desalento em que supunha não mais os tornar a vêr!... Era toda a minha felicidade desmoronada, como um castelo de cartas que um leve sôpro deita por terra; era o esfacelar de um coração por mãos barbaras de carniceiros, que lhe arrancassem uma a uma todas as fibras.

Eis me porêm no limiar da porta que transponho rápido arrastando com fragor as minhas botas ferradas no sobrado. Como se estivéssemos combinados surge do interior da casa minha mulher acompanhada de D. Vergelina, a esposa do meu amigo Rezende, a dona da *pensão.*

Deu-se então a comovedora scena que não se torna mister descrever, porque os leitores fácilmente a avaliam.

Minha mulher, depois de nos abraçarmos, teve uma convulsão de chôro, que lhe levou algum tempo a dominar. Ela que mostrara sempre a maior calma e a mais resoluta coragem, mesmo quando nos separamos, não poude resistir àquela surpreza. Ao mesmo tempo apareciam o meu filho mais novo (Alvaro) e a minha filhinha Suzana, a mais nova dos três, que me abraçaram e beijaram tambêm.

O mais velho não estava em casa, andava lá para baixo a saber notícias.

Desde que rebentara a revolução no Pôrto ninguêm mais o apanhava em casa. Já na véspera quizera ir a Ovar, tendo sido necessário que a mãe se opuzesse tenazmente, dizendo-lhe que eu

não me devia demorar, que era perigoso ir tão longe sósinho e portanto que esperasse.

Depois de cumprimentar D. Vergelina e lhe agradecer tudo quanto fizera pelos meus, fômos para a sala de jantar e aí minha mulher deu-me a triste nova de que a nossa casa no Pôrto tinha sido três vezes assaltada pelos trauliteiros, que haviam destruído portas e mobiliário e roubado diversos objectos, que ela ainda nem sabia tudo o que fôra, nas noites de 7, 8 e 10 de Fevereiro corrente. Haviam entrado, no entanto, apenas a primeira vez porque a criada, Rosa Borges, que nós ali havíamos deixado, lhes tinha aberto a porta na noite de 7, pelas 23 horas e meia, aproximadamente, perante a intimativa dos bandidos que lhe apontaram as espingardas e se diziam polícias que vinham passar uma busca. Então, depois de a terem manietado e apesar dos seus rogos e protestos, arrombaram todos os móveis, destruindo em parte uma escrivaninha de nogueira, de onde me tiraram diferentes papeis e livros. Em seguida encontrando uma arca onde eu tinha guardado 40 quilos de tabaco que na ante-véspera de sair do Pôrto recebera de Ponta Delgada e de que se destinava uma pequena parte para meu consumo e o restante à Cooperativa dos Funcionários Públicos, de cuja direcção eu era presidente, encheram os bolsos de pacotes de tabaco em fio e cigarros feitos e, como já não podessem aí levar mais, houve um que despiu o casaco transformando-o em saco, que levou cheio.

E que nessa ocasião havia no Pôrto uma grande falta de tabaco... Outros, entretanto subiam ao 2.º andar e aí, encontrando a espada de meu pai, que eu conservava religiosamente, porque era uma espada histórica, e uma bengala de cavalo-marinho com castão de prata levaram-nos. Tendo visto uma cartucheira com alguns cartuchos, procuraram debalde a minha espingarda caçadeira,

que estava em uma gaveta entre roupa, pois também lhes despertara a cubiça.

Apesar de andarem com as mãos sôbre ela não a encontraram. Outro, entrou no nosso quarto de cama onde abriu as gavetas do toilete, ignorando minha mulher, por também o não saber a criada, se tinham tirado de ali alguma coisa. Imediatamente me lembraram os objectos de oiro, que ali tinham esquecido num, escaninho.

Os trauliteiros saíram depois, eram quási 3 horas da madrugada, dizendo:

— Esta *busca* não ficou bem feita... Havemos de cá voltar e você há de dizer onde está o seu patrão, a bem ou a mal!

No dia imediato, a criada, que depois do assalto fugira transida de frio e de susto para casa de uns visinhos, fôra logo no primeiro tramway a Espinho participar a minha mulher o que tinha sucedido. Esta mandara depois com ela meu filho mais velho [1] ao Pôrto buscar alguma roupa, pois tínhamos vindo prevenidos apenas para oito dias, e recomendou-lhes que passassem algumas coisas de mais valor, se lhes fôsse possível, para casa de qualquer pessôa amiga, para vêr se ao menos essas se poderiam salvar, e em especial a meu filho que regressasse a Espinho nesse mesmo dia, se houvesse comboio.

Desembarcando em S. Bento às 16 horas, o pequeno e a criada subiram para um carro da linha 9, que os devia levar a casa. Pouco depois notaram que eram seguidos por dois homens, um dos quais a criada reconheceu como tendo feito parte do bando, que lá tinha ido a casa na véspera.

Chegando a casa, meu filho observou que tudo estava em desordem, em virtude do assalto da véspera, pois a criada não tivera tempo de arrumar cousa alguma. Na sala, especialmente,

---

(1) Tinha então treze anos.

que é onde eu tinha a secretária, viam se por toda a parte papeis e livros em monte, alguns rasgados, os quais êle se apressou a apanhar e a juntar. Como nêsse dia já não tivesse comboio para Espinho em que pudesse regressar, senão às 19 horas e não fôsse mesmo convenientemente ir de noite, resolveu por si e por conselho da criada ficar para o dia seguinte e só partir nesse, de manhã.

Em vista porêm da ameaça dos trauliteiros e do encontro que tinham tido no carro, trancaram fortemente a porta da rua com uma escada volante, firmada da escada fixa contra a referida porta, e foram deitar-se.

Cêrca das 23 horas ouviu a criada bater repetidas argoladas à porta, ao mesmo tempo que algumas vozes lhe gritavam que abrisse. Ela porêm, fingido que não estava em casa, não respondeu e, segundo os visinhos depois informaram, já íam a retirar-se quando um dos do bando espreitou pela abertura do receptáculo das cartas, que havia sido retirado, e vendo a escada volante que servia de tranca, disse para os outros:

— Ela está cá dentro, porque a porta está trancada!...

E então metendo o cano da carabina ou espingarda que trazia pela abertura do receptáculo das cartas, disparou alguns tiros para o interior da casa, no intuito, provavelmente, de a amedrontar forçando-a a abrir a porta.

(Ainda hoje se podem ver no corrimão da escada e em outros pontos os vestígios das balas).

Ela porêm conservou-se no mesmo mutismo e então eles, depois de terem ainda tentado obter de uma visinha um ferro para arrombar a porta, o que esta lhes negou, dizendo que não tinha, retiraram, afirmando que voltariam na noite seguinte com ferros próprios para arrombar a porta, que então a criada as pagaria todas e que nem um prato da cosinha me ficaria inteiro!

Meu filho, já porque o seu quarto fôsse um pouco afastado, já porque naquela idade o sôno é sempre pesado, já por efeito do cansaço, o que é facto é que não ouviu nada!

Quando êle se levantou a criada contou-lhe o que tinha sucedido e, cônscios de que a promessa dos bandidos seria cumprida, trataram então de mudar com o auxilio de uns visinhos, gente humilde do Povo que mora em uma *ilha* do lado nascente, toda a roupa e objectos portáteis, de que fizeram trouxas, para casa destes, seguindo algumas dessas trouxas depois para casa de outras pessoas do seu conhecimento, ficando por fim só a mobília.

O busto da República foi embrulhado pelo meu filho e outro rapaz de 18 anos, nosso visinho, de nome Armando Maximo, (1) em jornais e em uma sarapilheira e enterrado no quintal.

Depois meu filho veio para Espinho, trazendo a roupa, e a criada, fechando a porta e guardando a chave, foi para casa de uma irmã que tinha no Pôrto.

Os traulhteiros não foram nessa noite como tinham ameaçado, mas na seguinte, de 10 para 11, eram aproximadamente 22 e meia horas, eles aí vieram armados de alavancas ou pés de cabra, para levar a cabo a sua obra de destruição.

Bateram ainda, durante um bocado, à porta para ver se a criada lha abria, como da primeira vez, e depois, convencendo-se que ela ou não estava em casa ou não lha abriria, puzeram sentinelas nas extremidades da Travessa, isto é, do lado da rua de S.ta Catarina e do lado do Bomjardim, para não deixar passar ninguêm, e meteram mãos à obra atacando a porta com valentia.

---

(1) Este rapaz tomou depois parte activa na revolução de 13 de Fevereiro, onde se portou como um valente. Seu pai António Máximo, é também um dedicado republicano.

Esta porêm é uma verdadeira porta de castelo. Toda em madeira de castanho, com uns três dedos de espessura, chapeada de ferro, com uma fortíssima fechadura antiga, que se fecha com três voltas, resistiu mais valentemente ainda e apesar de lhe terem com os pés de cabra tirado grandes lascas de madeira, na extensão de um metro, aproximadamente, feito ainda outros rombos e quebrado até a umbreira de pedra, também em grande extensão, não conseguiram abrir aquela, não obstante terem estado nêsse *trabalhinho* até às 3 horas da madrugada!

Alguns chegaram também a trepar às janelas mas não conseguiram, igualmente, abri-las e, como tivessem esperanças de abrir a porta e não tivessem trazido escadas, desistiram de por ali entrar.

E assim se salvou o resto da minha pobre mobília, comprada com o produto do meu trabalho intensivo e à custa de muita economia.

Minha mulher não sabia pois ainda ao certo o que nos teriam roubado.

Ouvindo esta narrativa de um facto que eu já esperava desde que vi no *Século* o meu nome na lista dos refugiados políticos de Aveiro, que tinham pegado em armas para defender a República, eu senti-me primeiramente acabrunhado, como se nunca tivesse imaginado tal cousa e depois preso da maior indignação e na disposição, se ainda fôsse a tempo, de me vingar nas casas de alguns monárquicos, lançando contra elas a multidão revoltada.

Recordei-me depois, subitamente, do compromisso que eu tomara em Ovar no quartel do batalhão do 24, na noite de 22 de Janeiro, como, de resto, todos os outros que presentes se encontravam, de fazer passar uma lei no Parlamento, por nós directamente ou pela influência de amigos, obrigando os monárquicos a pagar todos os prejuízos causados nesta grotesca aventura; e então mais

me firmei na minha resolução, entendendo que seria essa a melhor forma de castigar os causadores, autores ou instigadores de tais latrocínios e infâmias.

Para mais estávamos na tarde de 14 e segundo os jornais do Pôrto, que eu tinha ali à mão, a revolução terminara, tratando-se agora simplesmente de prender alguns dos traidores que não se haviam escapado.

Como o tempo urgia e as fôrças que haviam

Ovar. — Na manhã de 13 de Fevereiro. Marinheiros e militares agrupados em volta do chafariz onde se foram lavar.

saído de Ovar ao mesmo tempo que nós, os que vieramos pela linha férrea, deviam estar a chegar, tratei de ir lavar-me, barbear-me e mudar de roupa. Quando tirei esta, tinha a impressão de que tinha caído ao rio com ela, de tal forma se encontava encharcada pela transpiração!

Depois de feitas o mais rapidamente possível estas operações, apareceu o meu filho mais velho, que teve também a natural alegria de me ver e, abraçando-me, disse que já aí vinham os marinheiros e a artilharia, que lá em baixo na Assembleia e no Casino, iam fazer uma festa em sua honra, estando tudo já muito enfeitado.

Viemos então abaixo, à porta da rua, precisamente no momento em que as referidas tropas passavam.

Os valentes marinheiros marchavam com o seu garbo habitual e bem assim a artilharia, que contrastava na sua disciplina com a indisciplinada tropa monárquica, que marchava para a luta sem um ideal, sem o menor entusiasmo. Mas sobretudo os marinheiros chamavam as atenções da população, que levantava espontâneamente, à sua passagem, vivas à República, à Marinha de Guerra e ao Exército republicano.

O meu velho amigo e dedicado correligionário António Montenegro dos Santos, radiante pela vitória da República e por já ter desde a véspera em seus braços o filho querido, o Camilo Montenegro, que tinha sido dos meus valentes companheiros, sabendo da minha chegada, apareceu então a abraçar-me, felecitando-me e agradecendo-me o que êle chamava bom amparo que eu tinha dado a seu filho naqueles momentos difíceis e que não passava afinal da minha simples obrigação.

Pobre amigo! Bem pouco havia de gosar o nosso triunfo, pois faleceu a breve praso, vitimado por uma antiga doença intestinal.

Fomos depois jantar. O Rezende que ficara em Ovar, acabava também de chegar num automóvel militar, onde vinham alguns oficiais.

Pode bem imaginar-se como eu apreciei êste jantar, cercado pela minha mulher e pelos meus filhos, pedaços do meu coração que durante al-

guns dias supuzera perdidos para sempre, e ao mesmo tempo por aqueles que com tanta solicitude os tinham tratado e para quem ia a minha eterna gratidão.

Depois do jantar, já quási noite, fomos ao Casino e de aí à assembleia, onde houve baile em honra dos marinheiros e onde se bebeu fartamente champagne e vinho do Pôrto.

Vi nesse baile um facto curioso:

Senhoras do mais fino trato dançavam indistintamente com oficiais e com marinheiros, que tinham daqueles a respectiva licença e que se portaram como verdadeiros *gentlemen*, não havendo uma única nota discordante. Admiráveis rapazes!

E era a isto que chamavam os talassas correcionais, bolchevistas e não sei quantos outros nomes feios ou para parecerem feios...

Pelo Diamantino Machado tive conhecimento que o Generoso Rocha chegando de Lisboa, viera naquele mesmo dia para Espinho e fôra já para o Pôrto, bem como o Paula, que para ali partira de automóvel com outros oficiais que queriam chegar depressa, especialmente os provisores, suponho que para arrajar alojamento para as tropas que devem avançar no dia seguinte e entrar na cidade, visto que já se sabe que os monárquicos se eclipsaram ou se tinham entregado aos revolucionários republicanos, aqueles que ali chegavam e tinham feito parte da coluna do sul. A vitória de Estarreja fôra para eles um golpe decisivo.

Julgo que o dr. Campos Lima sempre levou por diante a sua ideia de ir também hoje para o Pôrto, pois não mais tornei a vê-lo.

Como estivesse fatigado, depois de uns brindes e de uma manifestação com que os rapazes de Espinho me honraram quando fui pela segunda vez ao Casino Peninsular, a que correspondi brindando aos valentes lutadores de Espinho e ao

seu bravo instrutor o aspirante oficial Salgueiro, que estava presente, fui para casa com minha família. Estava bastante fatigado e precisava repouso. No dia seguinte iria então ao Pôrto. Alguns dos rapazes que se tinham batido, e não se lhes pode levar isso a mal, queriam entrar no Pôrto com as tropas, de arma ao ombro. Eu, sempre contrário a exibicionismos, mas sem me opôr terminantemente aos seus desejos, entendia que era desnecessário tal coisa. Se os monárquicos resistissem e fôsse mister tomar a cidade, sendo nós que lá fossemos restaurar a República, então sim. Mas a revolução já rebentára lá dentro e agora já nada lá íamos fazer nesse aparato bélico.

Nessa noite ainda, antes de nos deitarmos, minha mulher e os meus filhos contaram-me com todos os pormenores a sua odisseia na viagem para Rio Meão, no dia em que eu fôra a pé para Ovar e da sua permanência ali durante oito dias.

Haviam feito o trajecto a pé, debaixo de chuva, por uma estrada com lama de mais de um palmo de altura, debaixo de uma chuva miudinha mas constante. Especialmente à minha pequenita, que tinha oito anos, custava-lhe muito a andar. Por vezes os sapatos ficavam-lhe enterrados na lama e quando passava algum automóvel salpicava-os todos de cima abaixo. Um horrôr de viagem. Depois, como o administrador monárquico de Espinho não permitira a saída de quaisquer veículos, não tinham podido arranjar carro para transportar os sacos com roupa, e porisso cada um levava e sua trouxa ou mala de mão, incluindo a minha pequenita. E assim foram durante uma grande parte do caminho até que encontraram um carro de bois, onde o carreteiro consentiu que colocassem as trouxas e para onde subiu também um dos meus pequenos que foi meter-se debaixo do oleado que o bom do homem levava a cobrir as mercadorias que con-

duzia e que assim conseguiu abrigar-se da chuva.

Depois de uma hora e tanto de marcha chegou finalmente a caravana a Rio Meão. Aí, foram para à tal casa do snr. Fortunato Pereira, tio da D. Vergelina, esposa do Rezende. A casa era nova e porisso limpa, mas desprovida por completo de mobiliário.

Assim, foi necessário andarem por outras casas pedindo colchões e roupas emprestadas para fazerem camas no chão, onde ficaram. Oito dias estiveram ali, vendo passar os automóveis dos monárquicos com as suas bandeiras azues e brancas, as tropas rialistas, ouvindo os doestos dos reacionários da aldeia, que os apontavam, sugestionados pelo padre, e dizendo que eram os "fugitivos do Pôrto„. O Rezende vinha todos os dias a Espinho e de aí ia a Ovar, à fábrica, sempre que podia.

Faltando-lhes porêm todas as comodidades e sendo-lhes difícil aguentarem-se ali mais tempo, apezar de assim o aconselharem as regras da prudência mais elementares, resolveram regressar a Espinho novamente. Em Rio Meão tinha ela recebido o telegrama que eu lhe enviara de Ovar na noite que ali cheguei, quando parti para Aveiro e não mais tornára a ter noticias minhas, até à primeira carta que eu lhe havia enviado pelo soldado da Guarda Fiscal, Manuel Simão Rodrigues e que ela recebera em 3 de Fevereiro.

Deixo ao leitor bondoso o apreciar, conforme o seu sentimento, a comoção com que eu ouvi da boca daquela, que é a minha companheira há dezoito anos, que tem compartilhado comigo de todas as alegrias e de todas as tristezas, que é a mãe dos meus filhos, a quem quero com todas as veras da minha alma, como a ela própria, a narrativa de todos estes sucessos.

E pregunto à consciência dos homens hones-

tos e imparciais se era justo que eu, por muito amar o meu país, que quero ver dignificado pela República, que é o único regimen político, dentro da organização burgueza actual, em que o homem é digno desse nome, eu que nunca fiz mal ninguêm e aqueles inocentes, pelo simples facto de serem meus filhos, mereciamos ser tratados assim pelo Destino, servindo-se das mãos de dementados e sem escrúpulos, desses que haviam pensado em reimplantar um sistema de govêrno, que caíra de pôdre, pela violência e pelo terror.

E ao adormecer eu lembrava cheio de desgosto a perda da espada de meu pai e a história dessa espada, que eu tanta vez lhe ouvira contar com legítimo desvanecimento e que me tornava orgulhoso de ser filho daquele grande militar e nobilíssimo cidadão

É bem simples essa história.

Na noite de 16 de Fevereiro de 1855, meu pai, João Ignácio Tamagnini das Neves Barbosa, que era ao tempo capitão do exército e desempenhava as funções de governador da Torre de S. Julião da Barra, ouviu gritos no mar e, saindo com alguns homens, poude constatar que um navio naufragara junto da torre. Com grave risco da sua vida e da dos homens que o auxiliaram conseguiu salvar toda a tripulação dêsse navio, que era a goleta belga "Industriel„ e já de dia, tendo o mar amainado, grande parte da carga, que era valiosa. Aos naufragos proporcionou roupas e agasalho em sua própria casa com todo o disvelo e solicitude. Por êste acto de corágem e dedicação pela Humanidade, foi-lhe conferida a medalha de salvação dos governos belga, italiano e português. Foi o barão da Batalha, Sebastião Green Cabrera, governador militar de Lisboa, de quem meu pai fôra, quando tenente, ajudante de ordens, como se pode ver no monu-

mento que existe em Abrantes, quem lhe foi entregar essas honrosas distinções.

E quando, formada a guarnição militar na explanada da Torre, ao rufar dos tambores o General lhe poz ao peito as condecorações, tirou a sua espada e ofereceu-lha como demonstração da sua estima e apreço. Esta espada gloriosa tinha feito toda a campanha da Liberdade na mão do General Cabrera, que fôra um dos mais denodados companheiros do Conde das Antas.

É conveniente observar que meu pai faleceu em 1891 (13 de outubro) com 75 anos, tendo eu apenas 13.

Dia 15.—São nove horas quando acordo. O dia está enevoado, o que me contraria porque quero ir ao Pôrto. Estou ancioso por ver a minha casa e saber o que se passou com a revolução, principalmente o motivo da saida prematura da Guarda. Visto-me logo para saber se se formará algum comboio para o Pôrto, ou se haverá automóvel ou carro que se possa alugar.

Quando estava a meio desta operação, batem estrepitosamente à porta do quarto, ao mesmo tempo que a conhecida voz do Avelino Vaz, o meu dedicado e valoroso companheiro de Aveiro, que chegara na vespera tambêm a Espinho, me gritava lá de fóra:

—Oh! Tamagnini, vista-se e venha de aí depressa para ir para o Pôrto. Foi nomeado director da Alfandega e tem que ir tomar conta do logar. O comboio parte de aqui a bocado. Venha depressa!

Como se compreende eu pensei primeiramente que êle estava a brincar comigo e porisso respondi-lhe cá de dentro:

—Viva amigo!... Olhe que ainda não estamos no Carnaval...

—É verdade, é, respondeu outra voz muito

minha conhecida. E verdade, e também eu lhe digo que não se demore.

Era o Generoso Rocha, e as suas palavras eram proferidas com um tom de sinceridade que me intrigou.

Acabei então de vestir-me e vim cá abaixo, ao rez-do-chão, porque eles haviam descido a ali me aguardavam, saber o que era aquilo. A primeira pessoa que encontrei na escada foi o Rezende, que veio para mim de braços abertos e me deu efusivamente os parabens.

Cá em baixo na loja esperavam-me efectivamente o Generoso Rocha e o Avelino Vaz que me explicaram então:

O Paula, que tinha ido na véspera para o Pôrto, de automóvel, com outros oficiais, tinha telefonado pedindo para me prevenirem que o governador civil nomeado pelos revolucionários de 13 de Fevereiro, o dr. José Domingues dos Santos, que tinha saído do Aljube para ir ocupar aquele logar, me havia nomeado director da Alfândega e que era preciso ir já tomar conta do logar, que estava abandonado, porque o director monárquico fugira. Fiquei perplexo com a notícia e o meu primeiro impulso foi correr ao telefone dizendo ao Governador Civil que não aceitava, pois de mais sabia eu quanto era subalterno o logar de director de qualquer alfândega, sem autonomia administrativa e sem poder para coisa alguma, sem a sanção da Direcção Geral, do Conselho Superior de Finanças, de todo o mundo enfim, sem se poder com tal logar *fazer República*, no sentido patriótico que nós republicanos, damos a esta frase.

Mas o momento era excepcional, o Norte estava separado ainda de Lisboa, no Pôrto que tinha sido a séde da Junta Trauliteira haviam-se passado cousas verdadeiramente extraordinárias que nós ainda não conheciamos senão vagamente,

em todas as repartições públicas devia haver irregularidades e a Alfândega não podia fugir à regra. Se o Governador Civil entendia que eu devia ir tomar conta daquele logar, é porque carecia dos meus conhecimentos especiais do assunto e carecia dos meus serviços para completar a obra dos revolucionários. Não me competia portanto recusar. Estas mesmas considerações foram feitas pelos meus companheiros, especialmente o Generoso Rocha, que me recordou a nossa conversação em Aveiro a respeito dos serviços públicos do Pôrto. Assim pois resolvi aceitar, mas com a firme tenção de que logo que os serviços alfandegários estivessem normalizados, especialmente no que dizia respeito à sindicância aos actos praticados durante a Traulitânia, me retiraria para o mesmo logar que tinha antes de sair do Pôrto.

Fômos então os três à estação do caminho de ferro para vêr se havia comboio às 10 horas, como se dizia, para o Pôrto. Aí fômos informados de que o comboio só partia às 12 e que era militar.

Iria nêle o estado maior e mais alguma tropa a fim de preparar alojamento para o grosso da coluna, que entraria no dia seguinte (16) no Pôrto.

Havia porêm quem dissesse que o comboio partia mais cedo e porisso nós, tendo ido apenas a tomar alguma coisa ao Café Chinês, voltamos para a estação e já de ali não saímos, porque começavam chegando muitos militares, provávelmente para nele seguirem também. Dirijo-me ao tenente coronel Mendes dos Reis, pedindo-lhe autorização para seguirmos no comboio e dizendo-lhe qual a razão porque eu ia agora, isto é, porque tinha sido chamado pelo Governador Civil. Êle poz certa dificuldade dizendo que o comboio que era só para militares, mas que ía dizer ao general (Ilharco) e que naturalmente êle se não opunha a que nós fôssemos também. Eu todavia, em face daquela resposta, estabeleci logo o meu plano, que comuni-

quei aos meus companheiros. E assim não esperamos por mais autorização alguma e quando o comboio se poz em marcha, nós que havíamos passado para o lado oposto à gare e de combinação com o condutor do mesmo comboio, saltamos para o fourgon e aí viemos, tendo sido nossos companheiros o meu amigo António Tudela, um fiscal do Govêrno e mais três ou quatro civis, cujo nome me não ocorre. O comboio abalou eram 11 e meia com destino ao Pôrto, já engalanado com bandeiras nacionais e verdura, marchando com certa precaução. Pelo caminho, especialmente em Valadares e Gaia, fizeram-nos grandes manifestações, ouvindo-se repetidas vivas à República.

Chegamos ao Pôrto cêrca das 13 horas.

Fômos almoçar ao Internacional e depois, como o dr. José Domingues dos Santos me tivesse mandado dizer para estar às 15 horas no Govêrno Civil, a fim de ir comigo à Alfândega para me dar posse, aproveitei o intervalo para ir a minha casa. Estava ancioso, como se compreende, por ver o estrago causado pelos trauliteiros.

A minha criada que estava à janela veio abrir-me a porta e eu pude então constatar que esta se encontrava partida em grande extensão e cheia de grandes mossas, produzidas pelos pés de cabra. Partida igualmente estava a umbreira de pedra na altura da fechadura na extensão talvez de meio metro. Era a façanha do dia 10. Dentro, no corrimão da escada e na parede, sinais de balas.

Em cima, na sala, a minha escrivaninha de nogueira, tinha as gavetas todas arrombadas e uma delas completamente partida. Os livros e papeis que se haviam salvo estavam num montão. Os outros móveis, igualmente, tinham sido arrombados e da gaveta do toilete haviam desaparecido as joias, que minha mulher ali deixára.

A porta do quintal havia sido também arrombada, mas esta por aquele nosso vizinho e bom

republicano Armando Máximo, para poder entrar em casa depois do assalto e abrir por dentro a porta da rua, cuja fechadura ficára avariada pela prolongada tentativa de arrombamento, não permitindo que se abrisse por fora, sendo necessário arrancar as duas fechaduras e mandá-las a um serralheiro para as concertar.

Indignado pelo que estava vendo e na con-

Ovar. — O quartel do batalhão do 24 de infantaria

vicção que o instigador do assalto tivesse sido o criado do meu vizinho dr. Júlio de Araujo, o tal que me ameaçára no dia da cavalhada monárquica, dirigi-me a casa dêste e pedi-lhe para vir a minha casa, ao que êle acedeu, a fim de verificar os estragos causados e para que não se admirasse de eu processar um seu criado por aquele crime, o que ia fazer, pois todos os vizinhos me diziam que o bando dos assaltantes tinha saído do portão do

seu jardim. E como me parecia que êle não podia ser conivente em similhante infâmia, só o criado podia ser responsável. Ele disse-me que o não julgava capaz disso, mas que o não queria mais ao seu serviço enquanto não provasse que estava inocente. Que êle que tinha ido para a quinta, mas que em chegando que o mandava apresentar à polícia, como de facto fez, tendo ali sido prêso, mas conservando-se nessa situação apenas oito dias, apesar de lhe ter sido instaurado um processo crime, com oito testemunhas, exame de peritos e mais formalidades, o qual ainda dorme o sôno dos justos nas mãos do delegado dr. Côrte Rial.

Era comissário de polícia o dr. Júlio Gomes dos Santos Júnior.

Como não podia demorar-me, parti para o Govêrno Civil, onde cheguei pelas 14 e meia horas. O movimento era ali verdadeiramente extraordinário. Mal se podia passar nos corredores.

Chegavam constantemente presos conduzidos por civis e militares.

Encontrei então muitos amigos e correligionários, que me abraçaram afectuosamente. Entre estes o Anibal Martins, que me agradeceu a alegria que eu lhe tinha dado com as comunicações que lhe mandára de Aveiro, lamentando que as minhas instruções não pudessem ter sido cumpridas à risca, em virtude daquele acto isolado da Guarda, com que êle não contava e que obrigara depois toda a gente a sair no mesmo dia para a rua.

Dera-se porisso exactamente o que eu previra: muitos responsáveis no crime monárquico haviam fugido pelo norte. Mas, enfim, agora estava tudo feito e nada mais restava do que liquidar a obra.

Entrei no Gabinete do Governador Civil, também cheio de gente. Abracei então o dr. José Domingues, que eu não via desde as vésperas do 12 de Outubro. Disse-me que esperasse um pouco

mas que provávelmente não teria já tempo para ir nesse dia à Alfândega comigo, pois tinha de ir à estação esperar os ministros que chegavam de aí a pouco, vindos de Lisboa em comboio especial.

Eu demorei-me ainda algum tempo no Govêrno Civil, tendo aparecido então o Paula, que me contou a forma como eu fôra nomeado e que me comoveu, confirmando o que já me havia sido dito antes tambem, embora mais rápidamente, pelo dr. José Domingues. Um grupo de oficiais dos que estiveram comigo em Aveiro e de que êle, Paula, fazia parte, entre os quais citarei o major Castilho Nobre, chefe do Estado Maior da nossa coluna, o major Zeferino Camossa, do 24 de infantaria, o tenente Roby, de cavalaria, o major Cunha e Costa tambêm de cavalaria, o tenente Almeida da administração militar, o tenente meliciano dr. Alberto Ruela e não sei se mais algum, cujo nome não me fôsse indicado, que tinham vindo ao Pôrto na véspera, é que haviam procurado o chefe do comité militar do Pôrto, coronel Djalme de Azevedo, lembrando o meu nome para Director da Alfândega, onde era preciso alguêm de absoluta confiança. Que êste lhe dissera que concordava, mas que fossem ter com o Governador Civil, o que de facto fizeram. E o alvitre fôra aceite e eu fôra nomeado [1].

O Paula ficára com o alvará, que me entregou então e que era do teor seguinte:

---

[1] Alguem me informou tempos depois que o Dr. José Domingues, ao assinar o alvará, dissera: — Vou assinar, com muito prazer, a minha sentença de morte...

De tal forma êle já contava com a resistência de Lisboa aos actos do Pôrto. Pois pena é que em qualquer das revoluções que tem havido em Lisboa não se tenha corrido toda aquela frandulagem das altas repartições do Terreiro do Paço, onde predominam ainda os monárquicos e os sidonistas.

ALVARÁ

Tendo-se ausentado alguns funcionários da Alfândega do Pôrto, não merecendo outros confiança ao Govêrno da República e sendo necessário assegurar o bom funcionamento dos serviços aduaneiros, determino que o cidadão Raùl António Tamagnini de Miranda Barbosa, inspector da mesma Alfândega, assuma desde já a Direcção dos referidos serviços, tomando as providências que julgar convenientes.

O Governador Civil,

(a) *Dr. José Domingues dos Santos.*

Como o Governador Civil se demorasse e já fôssem quási 4 horas da tarde, reconheceu-se a impossibilidade de se efectuar a posse nesse dia, que era sabado, e assim, quando o Dr. José Domingues regressou, eram 17 horas, por ter ido à estação esperar os ministros da guerra, finanças, marinha, justiça e comércio, que haviam chegado em comboio especial, assentou-se em que a posse me seria dada na segunda-feira, 17, às 12 horas.

Saindo de ali, como não houvesse comboio para Espinho, fui com alguns amigos jantar a um restaurante [1], onde se fizeram entusiásticos brindes e a República foi saùdada com entusiasmo.

---

[1] Ao passar na Batalha encontrei o snr. António Augusto Curson, chefe da 3.ª Repartição da Direcção Geral das Alfândegas, o qual tinha vindo de Lisboa no comboio especial. Falando-se dos acontecimentos e da forma como se tinham comportado os funcionários aduaneiros do Pôrto, êle disse-me: — Aqui houve uns que não cumpriram o seu dever, outros que cumpriram o seu dever e outros que fizeram mais que o seu dever. O meu amigo foi o único que fez mais que o seu dever!

Depois, cerca das 23 horas, como estivesse bastante fatigado, fui para minha casa onde fiquei, dormindo na minha cama, onde não pensára tornar a deitar-me e onde não dormia havia 26 dias!

O meu amigo e companheiro Generoso Rocha, tomando um automóvel, fôra para Valongo ver sua esposa, que também ainda não vira desde o dia 20 de Janeiro, ficando porêm de voltar no dia seguinte para assistir à grande manifestação popular, que se preparava para as 13 horas, e ao desfile das tropas republicanas, que deviam entrar também nessa ocasião. Dormi como um justo, só acordando no dia seguinte, eram 9 horas.

Dia 16. — Depois de um almôço ligeiro que mandei arranjar pela minha criada, que andava transportando para casa auxiliada pelo meu visinho Gaspar Moreira de Sousa o resto das coisas que ainda estavam em casa de pessoas amigas, para onde eles as haviam levado, e pelo Armando Máximo, saí a dar uma volta pela cidade. Alguns jornais trazem já a notícia da minha nomeação e porisso os amigos e até pessoas que eu não conheço, que me encontram, dão-me os parabens.

Na rua de Santa Catarina encontro o Paula acompanhado pelo meu prezado amigo major Tavares de Carvalho, que me dizem que, tendo-lhes constado que o dr. Paiva Gomes, ministro das Finanças, não sancionava a minha nomeação, tendo trazido consigo outro funcionário da Alfândega de Lisboa para director, haviam ido ao Hotel do Pôrto e aí souberam que era verdade. Esse funcionário era o snr. António Manuel Paulo, chefe de serviço, julgado já incapaz pela junta médica para ser aposentado a seu pedido. Eles haviam insistido com o ministro, mas este estava teimoso, dizendo que não podia haver dois ministros das finanças, um em Lisboa e outro no Pôrto e que só o que êle fizesse é que estava bem. A questão

azedara se e eles tinham-se retirado, indispostos, e dando a entender que a vontade do Povo tinha que ser respeitada. Eu disse-lhes que não valia a pena questões por tão pouca coisa mas, intimamente, senti-me melindrado, pois que o ministro tinha conhecimento exacto da minha acção em Aveiro e da minha conduta, fôra meu condiscípulo e não me parecia, portanto, que tivesse qualquer motivo para me agravar, além de que essa forma de proceder representava também um agravo bem patente ao dr. José Domingues e portanto aos revolucionários do Pôrto, que estavam ainda em armas.

Dirigimo-nos para o Govêrno Civil, a fim de trocar impressões a tal respeito com o Governador e mesmo porque queríamos aguardar ali a manifestação popular, que devia fazer-se de aí a pouco.

Aquêle confirmou as informações do Paula mas disse-nos que o funcionário de Lisboa vinha só para fazer a sindicância aos actos dos monárquicos da Alfândega durante o tempo da Traulitânia e porisso que não deixasse eu de comparecer no dia imediato à hora combinada.

Prevenido como estava em todo êste caso um facto havia no entanto que não me desagradava a ser verdadeiro: É que, sendo o outro que fizesse a sindicância, o odioso recaía sôbre êle e tirava-me trabalho...

Já se havia realizado a manifestação promovida pelo pessoal dos correios e telégrafos que acompanhada de muito povo fôra ao Hotel saudar os ministros. Agora ouvem-se ao longe mais vivas erguidos pela massa popular que se aproxima. Chego à janela e vejo um oceano de cabeças, que se move em direcção ao Govêrno Civil, onde me encontro. É a manifestação promovida pela academia republicana, que quer demonstrar que nem todos os seus membros comungavam

nos subservientes e abjectos ideais do R. B. A. P. (Rial Batalhão Académico do Pôrto, ou *rabos de bacalhau a pataco*, como pitorescamente designavam os que durante a Traulitânia ostentavam em braçadeiras brancas essas iniciais).

O que foi essa manifestação, durante a qual eu tambêm falei à multidão de uma das janelas, di-lo o *Jornal de Notícias* nas seguintes passagens, que recorto de um suplemento do dia imediato.

"A Academia do Pôrto

Da Praça da Universidade, partiu a manifestação promovida pela nossa briosa academia, no meio daquele entusiasmo que a mocidade académica sabe imprimir aos seus gestos patrióticos, em direcção ao Govêrno Civil.

No cortejo, que abria a banda de música do Internato Municipal, encorporaram-se os estudantes da Academia de Sciências, do Instituto Industrial e Comercial do Pôrto, do Liceu Rodrigues de Freitas, da Escola Raúl Dória, Escola Comercial Oliveira Martins, Escola Normal e avultado número de alunos de escolas particulares.

Durante o percurso os briosos académicos foram saùdados pela multidão que se acotovelava em todas as ruas do percurso, acenando-lhe com lenços brancos as senhoras que povoavam as varandas e janelas.

A manifestação foi por vezes impressionante, nomeadamente na praça da Batalha, onde a mocidade académica foi saùdada por muitos sócios do Club dos Fenianos e suas famílias, que enchiam a varanda da prestante colectividade.

No quartel general, onde parou o cortejo, já engrossado por milhares e milhares de pessoas uma comissão constituida pelos académicos srs. Custódio José de Sousa Machado, Luthero de

Sousa, António Lanhoso, Luís Francisco Canastra e José de Morais Serrão, subiu à sala de recepção do quartel general apresentando as saùdações da academia do Pôrto ao sr. coronel Djalme de Azevedo ilustre e velho republicano.

Seguidamente os académicos dirigiram-se para o edifício do govêrno civil, juntando-se às dezènas de milhares de pessoas, ali postadas e que haviam constituido outros cortejos.

Ao entusiasmo dos académicos correspondeu a multidão, irrompendo em ininterruptas manifestações à Pátria, à República, ao Exército, à Marinha de guerra, ao governador civil e ao comissário de polícia.

O sr. Hamilton Guedes, assumando à janela, do gabinete do ilustre governador civil, saudou o povo republicano do Pôrto, em nome dos revolucionários de Santarêm, levantando vivas à cidade do Pôrto, à República e à Pátria livre.

Seguiu-se-lhe no uso da palavra o sr. Paiva Manso, que a multidão recebe com saùdações calorosas.

O ilustre republicano pronunciou um belo discurso patriótico, terminando por dizer que espera da união de todos os republicanos a República que todos os portugueses ambicionam.

Terminou levantando vivas ao governador civil do Pôrto, ao comissário de polícia, ao *comité revolucionário*, à República e à Pátria.

O sr. Raúl Tamagnini Barbosa, ilustre professor e actual director interino da Alfândega do Pôrto, em nome dos republicanos que se bateram nas margens do Vouga, sauda o povo desta terra, iminentemente republicano. Referindo-se à série de crimes perpetrados pelos monárquicos, diz que eles, servindo-se da mentira e do embuste, conseguiram levar a combater irmãos contra irmãos. (Ouvem-se morras a Paiva Couceiro e aos traidores da Pátria).

Do lado dos monárquicos, disse o ilustre orador, havia a lama, do lado dos republicanos a alma. Venceu a alma portuguesa a verdadeira encarnação da República. (Vivos aplausos).

Termina saùdando o sr. governador civil como uma das maiores vítimas da reacção.

O sr. dr. Júlio Gomes dos Santos que a multidão igualmente recebe carinhosamente, sauda o Pôrto e garante que nesta cidade se hade fazer República. Far-se há, diz, justiça recta e segura. O ilustre orador produziu um patriótico e eloqùente discurso, sentindo nós, devido à má situação em que nos encontravamos para ouvil-o, não reproduzir aqui as suas palavras que a multidão entrecortou inúmeras vezes com vivas a S. Ex.ª, à Pátria e à República.

Falaram ainda os srs. Alberto Ramoud, Mem Verdial, Américo Cardoso e João de Souza Pinto, que igualmente proferiram palavras de entusiasmo pelo triunfo da República, correspondidos com calor pela enorme massa de povo que os escutava„.

Depois do dispersar da multidão disse ao Generoso Rocha, que aparacera naquele momento, que ia ver se arranjava um carro para ir a Espinho buscar a família. Êle então ofereceu-me um automóvel que tinha às suas ordens e no qual fôra a Valongo. Tínhamos tempo de ir e voltar ainda para ver o desfile das tropas, que estavam desembarcando nas Devezas e não entrariam senão perto da noite. Aceitei e, acompanhado do republicano Faria Monteiro, que viera com êle daquela vila, partimos para Espinho.

Em Gaia, ao longo das ruas, vimos os regimentos formados, os grupos de civis, entre os quais estavam alguns dos meus companheiros, que tinham querido entrar no Pôrto com os vencedores e gozar a quota parte do triunfo a que tinham incontestável direito. Encontramos a co-

luna de marinha marchando garbosamente para ir ocupar o seu logar, esperando a ordem de abalada para o Pôrto. Com ela vinha também vestido ainda com o mesmo fato com que combatera em Aveiro, um capote de soldado ao tiracolo, o valente ferroviário (revisor) António Botelho de Matos.

A seguir era o batalhão académico que despertava o nosso entusiasmo, pelo aprumo e galhardia dos briosos rapazes.

O nosso automóvel tendo parado à saída da ponte para mostrarmos o salvo-conduto permitiu-nos inquirir de um militar se a entrada no Pôrto ainda demoraria.

— Que sim, que ainda faltava desembarcar muita tropa.

Com esta informação temos esperança de chegar a tempo, mais para que a minha família presenciasse êsse espectáculo do que por nós que estavamos fartos de ver tropa...

O carro marcha então velozmente em direcção a Espinho, onde chega três quartos de hora depois, porque sômos obrigados em alguns sitios, especialmente entre Granja e Espinho, onde a estrada está num estado lastimoso, a ir muito devagar, correndo-se mesmo o risco de ali ficarmos enterrados.

Minha família não me esperava, mas rápidamente se arranjou e despedindo-nos do amigo Rezende e de sua esposa, a quem exprimimos mais uma vez a nossa eterna gratidão, partimos para o Pôrto, porque a chuva começava de novo a cair e o tal pedaço de estrada poderia forçar-nos a recorrer ao auxílio de alguma junta de bois para arrancar o carro do atoleiro. Não foi preciso tanto, mas tivemos nesse ponto que marchar todos a pé pelo mato, à orla da estrada, conseguindo o automóvel atravessar sósinho a rampa lamaçal. Mas quando chegamos ao Pôrto

era noite fechada, as tropas já tinham entrado e nós seguimos directamente para nossa casa, onde nos esperavam a criada e os nossos bondosos visinhos, que tinham enfeitado as janelas com bandeiras nacionais e posto na casa de jantar alguns ramos de flores.

E assim regressamos ao nosso pobre tugúrio depois de tantos dias de ausência e de tantas horas de angustia!

Os meus obsequiosos amigos deixaram-nos então, ficando o Generoso de aparecer no dia seguinte na Alfândega à minha posse.

Como se fez a entrada das tropas no Pôrto narra-o o *Jornal de Noticias*, bem insuspeito de parcialidade em tal assunto, nos seguintes termos:

O desfile das tropas da coluna do sul

A anciedade do povo do Pôrto em aclamar a heroica coluna do sul, do comando do ilustre general Mimoso Ilharco, manifestava-se de momento a momento.

A chuva caía insistentemente, fustigando a multidão, mas ninguêm arredava pé do logar conquistado, nas imediações do edifício do govêrno civil.

Pelas 16 horas e meia, ouviu-se o toque dos clarins, da avançada da coluna.

É indiscritível o que então se passou:

A multidão impelida por um entusiamo incomparável, irrompe em vivas de extraordinário entusiasmo à Pátria, à República, ao Exército e à Marinha.

Aquela onda enorme de povo toma toda a rua fronteira ao Quartel General e é com enorme dificuldade que se consegue passagem para as heroicas fôrças, que de Aveiro chegam cobertas de glória.

No meio de um louco entusiasmo atravessa a

multidão o ilustre comandante do regimento de infantaria 5, acompanhado do seu estado maior, que, voltando-se para o edifício do Govêrno Civil onde se encontravam os ilustres ministros da Guerra, Justiça, Finanças e do Comércio, o ilustre contra-almirante Borja de Castro, comandante das fôrças de terra e mar, no Norte, e adidos militares das nações aliadas, fez a continência militar.

Não afrouxam as delirantes aclamações ao Exército, antes, se era possível, aumentaram à passagem dos heroicos e leais académicos de Coimbra, que formavam um luzido batalhão.

O desfile das tropas continua, ouvindo-se a cada instante entusiásticos vivas ao número do regimento que passa.

A infantaria n.º 5, seguem-se os regimentos n.ºs 17, 35, 15, metralhadoras n.º 5, infantaria 3, cavalaria 5 e 6, artilharia 2 e 6 e grupos de civis, marchando todos com garbo admirável e lendo-se na fronte dos soldados da República a alegria do triunfo da causa por que se bateram tão heroicamente.

Não há, porêm, palavras que possam descrever o extraordinário entusiasmo da alma do povo portuense quando ante êle desfila o contingente da nossa marinha de guerra!

Foi um espetáculo único! Incomparável!

Os heroicos marinheiros marchavam garbosamente ao som do toque dos clarins, correspondendo com sorrisos agradecidos à carinhosa e eloquente manifestação do povo do Pôrto.

Às tropas de marinha segue depois o seu grupo de metralhadoras, infantaria 24, 28 e 16, a Guarda Republicana de Santarêm, infantaria 26, Escoteiros de Lisboa, infantaria 23, 7 e 2, artilharia 2, cavalaria 8, Companhia dos Serviços de saúde, Automóveis da Cruz Vermelha Portuguesa, Batalhão Académico de Lisboa, Companhia de sinaleiros, artilharia 4 e Secção de quarteis.

As fôrças que ontem chegaram, e que são apenas uma parte das que operavam no Sul, eram num total aproximado de 5.000 homens, de infantaria, 20 bocas de fogo, e metralhadoras, além da cavalaria, marinha e grupos civis.

O desfile destas fôrças levou cêrca de 3 horas.

Grupo civil de Ovar com o seu comandante, o sargento Abel de Pinho (+)

Saí ainda nessa noite por um pouco para observar o aspecto geral da cidade.

O movimento nos cafés e teatros era extraordinário e desusado.

Os marinheiros e soldados eram recebidos em toda a parte com grande entusiasmo. Distribuiram aquêles milhares de exemplares do manifesto do Govêrno da República, que era redigido como segue:

Ao povo da Cidade do Pôrto

O govêrno da República Portuguêsa sauda com o mais vivo entusiasmo, com a mais enternecida comoção e com o mais profundo reconhecimento a grande capital do Norte e todos aqueles que, num rasgo admirável de civismo, de abnegação e de coragem, souberam libertá-la da opressão militar monárquica que, durante 25 dias, lhe impôs as mais duras provações, a par das mais condenáveis violências.

Tendo o Ministério delegado em cinco dos seus membros a missão de normalizar a vida da cidade e dar remédio pronto a tantos males, resultantes dêsse tremendo período de humilhações e de amarguras, espera que todos os verdadeiros Portugueses e todos os republicanos dignos dêste nome o auxiliem na sua difícil tarefa, cooperando nos seus trabalhos e mantendo uma atitude inalterávelmente serena, firme e generosa, com plena confiança no presente e com fé inabalável no futuro.

Os êrros do passado acabam de ser resgatados por actos do mais santo sacrifício e da mais nobre valentia. A República acaba de purificar-se pelo sofrimento e de fortalecer-se pela união estreita de todos os seus filhos.

Que ninguêm tente, portanto, atingi-la ou maculá-la.

O Povo, a Marinha e o Exército estão vigilantes.

O govêrno saberá preparar com decisão e energia os meios de poder ser levada finalmente, a cabo a grande obra iniciada em 5 de Outubro de 1910.

Àvante pois, e que o lema único de todos

quantos amam o nosso lindo Portugal seja hoje e sempre:

«Tudo pela Pátria e pela República, tudo pela Ordem e pela Justiça».

Pôrto, 15 de Fevereiro de 1919.

Francisco Manuel Couceiro da Costa, Ministro da Justiça e interino dos Estrangeiros.—*António de Paiva Gomes*, Ministro das Finanças.—*António Maria de Freitas Soares*, Ministro da Guerra.—*Tito Augusto de Morais*, Ministro da Marinha.—*Manuel José Pinto Osório*, Ministro do Comércio.

Em algumas casas de espetáculo houve episódios curiosos, sendo deveras interessante o que se passou no teatro Sá da Bandeira, em que a distinta actriz Etelvina Serra, tão formosa como republicana, teve ensejo de mais uma vez patentear a grandeza da sua alma e a generosidade dos seus patrioticos sentimentos. Não resistimos à tentação de o transcrever dos jornais do dia seguinte:

Um beijo de Etelvina Serra a favor da assistência aos feridos

Durante os espetaculos de ontem, no Nacional e no Sá da Bandeira, houve manifestações de grande entusiasmo, sendo saudados carinhosamente os oficiais e soldados das tropas do Sul, que se encontravam na plateia e nos camarotes. No primeiro daqueles teatros, a ilustre actriz Etelvina Serra teve a gentil lembrança de *pôr em praça* um beijo seu, com a condição da oferta maxima reverter em favor da obra de assistencia aos feridos dos ultimos acontecimentos. Tão interessante alvitre foi acolhido pela assistencia com

ruma comovente manifestação de simpatia à que ida artista, sendo o seu beijo *arrematado* por quarenta escudos. O cavalheiro que fez esta oferta, declarou ceder êsse beijo a Etelvina Serra, a qual, depois de agradecer a gentileza, o poz de novo em *praça*, sendo, por outro espectador, oferecidos mais vinte escudos nas mesmas condições. Alvo de grandes aplausos, Etelvina Serra decidiu dar o seu bejo a todos os espectadores, o que fez, entre vibrantes salvas de palmas e entusiásticas aclamações à República».

Ao regressar a casa encontrei minha mulher no trabalho de conferência das roupas, tendo constatado que faltavam várias peças, como lençois de linho e outras roupas de cama, uma saia de seda, toalhas de mesa, etc. Animei-a dizendo-lhe que o essencial era termos saúde e que os gatunos haviam de pagar tudo. E assim terminou êste dia.

Dia 17. — Durante a noite roubaram-me da janela, que é baixa, a bandeira que o Gaspar ali havia colocado. Isto prova que ainda havia trauliteiros à solta e atrevidos.

De manhã, ainda na minha cama, trazem-me o suplemento do *Jornal de Noticias* e do *Primeiro de Janeiro*, do dia anterior, domingo, que eu não havia lido.

O primeiro, em *entête* a toda a largura da página, diz em grandes caracteres:

A consolidação da República

A cidade inteira, vibrando de entusiasmo, assiste ao desfile das fôrças republicanas. As entusiasticas manifestações de ontem. Impressões gerais.

Presinto ali o dedo do Vaz Passos, que era o jornalista que estava agora à frente daquêle periodico.

É a sua alma republicana que vibra nas linhas que seguidamente eu leio. Vejamos o artigo de fundo, que é bem caracteristico, bem palpitante de fé e entusiasmo pela victória da nossa santa causa.

Ei-lo:

"As tropas republicanas de Aveiro entraram ontem no Pôrto. Não houve ensejo de erguer-lhe arcos de triunfo nas ruas, mas houve entusiasmo de sobra para dedicar-lhe a maior apoteóse que a uma legião de herois o povo portuense tem feito em nossos dias. É que, nas horas longas de "incerteza„, quando as fôrças contrarias se chocavam, e para muitas pessôas, que não para nós, havia dúvidas sôbre o triunfo, alguem classificou Aveiro a Liège portuguêsa, comparando-a outros, na resistência inquebrantável e na organização indestrutível, à praça forte de Verdun. As fôrças couceiristas encontraram ali a barreira intransponível, e desde essa hora de defêsa heróica a República assinalou o seu valor, embora a Junta Governativa, cuja lialdade de informação está posta à prova de todos, procurasse por todos os meios ao seu alcance incutir no ânimo da gente do Norte que a fôrça, o heroismo e o progresso floria do seu lado. O ludibrio cessou; os factos consumaram-se, a verdade desnudou-se, e todos, os crentes e os descrentes de algum dia, souberam medir ontem, nitidamente, o alcance do lôgro das informações oficiosas da Junta.

A recepção feita na tarde de ontem a esses milhares de homens aguerridos, firmes na defêsa dos princípios de liberdade, que ao Pôrto quizeram vir trazer a sua saudação fraternal, é uma cousa simplesmente assombrosa, única na história contemporânea das lutas e das consagrações portuenses. O desembarque nas Devezas, sempre feito entre as mais intensas aclamações populares,

foi lento, como não podia deixar de ser, tratando-se de tão copioso número de homens. O avanço inspirou o máximo interesse, assumindo proporções de assombro, pois todas as ruas do longo percurso estavam coalhadas de gente. Milhares e milhares de pessôas se comprimiam e acotovelavam, cobiçosas de ver, de aplaudir, de admirar o garbo das tropas da República. Nenhum espectáculo, de idêntico significado, vimos ainda tão impressionante de grandeza, de espontaneidade generosa, de alegria arroubadora. Dir-se-hia que toda a cidade se mobilisara, num elan de orgulho e de patriotismo, para assistir ao desfile das tropas em marcha e aclamá-las como à falange salvadora da República. Por todas as ruas a multidão era imensa, aclamando a República, a Pátria livre, o exército e a armada, o govêrno da República e os defensores da Liberdade, o Batalhão Academico de Coimbra, garboso no seu porte, e os grupos civis, firmes na sua varonilidade. As aclamações, raiando em apoteose máxima, ascendiam de momento a momento em frémitos de verdadeira loucura, dando-nos a impressão funda e marcante de que o Pôrto contemporâneo ainda não registou manifestação identica em seus modernos anais de glória. Para os que assistiram ao espetáculo, nada ha a dizer-lhes. Esta ligeira impressão, ligeira como convem em apressado suplemento, é dificientissima. Aos que não tiveram a fortuna de a presenciar, há só que informá-los do seguinte:

E' geral a impressão de que não houve em nossos dias manifestação maior e mais calorosa. Basta acentuar que, durante horas, o povo se manteve a pé firme, vibrante de entusiasmo, desprezando as furias de intempérie e os apertos naturais entre os aglomerados. A ventania era agreste, o frio intenso e por vezes a chuva caia fortemente, mas nem uma só pessoa se arredou do

seu lugar, como se o calor do seu entusiasmo neutralizasse o frio da nortada.

As janelas, as sacadas, povoadas de gentes atentas, entusiasmadas, felizes, saudavam as colunas em marcha. Milhares de bandeiras, sacudidas pela ventania, gritavam no espaço a sua côr verde-rubra,—assinalando a esperança num futuro melhor e o desejo de sangue novo para a ressurreição da raça lusitana„.

Quão diferente era esta linguagem da que dias antes o mesmo jornal empregava!...

Mais adeante, além da narrativa da entrada das tropas, já por mim transcrita, lia-se a descrição da proclamação da República em Barcelos pelo heroico capitão de infantaria Vilas Chãs Leite, (1) recentemente chegado da Alemanha onde estivera prisioneiro desde o 9 de Abril. Noutra local encimada pelo meu nome transcrevia-se na integra o alvará da minha nomeação, feita pelo Governador Civil, e acrescentavam-se as seguintes palavras que muito me penhoraram e aqui agradeço:

*
* *

"Ao ilustre republicano, sábado chegado de Aveiro, onde desempenhou brilhantissimo papel na defeza das instituições, endereçamos os nossos parabens pela homenagem que lhe acaba de ser prestada. A sua dedicação ao regimen e as suas brilhantes qualidades de trabalho e de inteligencia, a isso lhe crearam jus.

A posse realisa-se hoje, ao meio dia„.

O *Primeiro de Janeiro*, hoje inexplicavelmente meu inimigo, referia-se tambêm no seu número de

(1) Mais tarde soube ser êste bravo oficial o mesmo com quem se passara aquela scena em Campanhã no dia da minha partida para Espinho.

ontem, 16 à minha humilde pessoa com estas frazes amaveis:

"Êste distincto funcionário, professor e publicista que ontem regressou a esta cidade, tendo tomado parte muito activa na defesa de Aveiro e acompanhado sempre a frente das tropas em operações, deve tomar posse do alto cargo que lhe foi confiado pelas 12 horas de amanhã, 17 do corrente„.

Tais notícias porêm fizeram-me recordar que tinha que me levantar e estar na Alfândega às doze horas para levar aos lábios o calix da amargura, tal era a forma como eu já considerava o sacrifício que me era imposto.

Depois de almoçar saí e como não encontrasse carro fui a pé até à Praça do Infante D. Henrique. Aí como visse parado um carro que seguia para a Foz subi para êle, a fim de aproveitar ainda aquêle bocado até à Alfândega, quando vejo vir desse lado o meu velho amigo e correligionário Antonio Coelho da Silva, despachante, o qual notando a minha presença veio logo direito a mim, dizendo me, cheio de indignação:

— Não vá lá abaixo, meu amigo, não vá à Alfândega!...

E, puxando-me docemente por um braço, obrigou-me a sair do carro.

Eu, embora suspeitasse logo, pouco mais ou menos do que se tratava, procurei saber o que motivava aquele conselho. Então o bom do Coelho da Silva, explicou-me: A Alfândega estava cheia de gente, amigos nossos que queriam assistir à minha posse. Tratava-se de um republicano que nunca tivera logar algum remunerado, de favor, dentro da República, cujos serviços em Aveiro eram já de muitos conhecidos, que abandonara a sua carreira e o seu lar, expondo a sua vida pelo respeito que lhe mereciam o seu ideal e a sua palavra. Era natural que assim fosse.

No páteo da segunda casa fiscal do país, continuava o amigo Coelho, parecia que ia realizar-se um comício. De súbito um automóvel pára à Porta de Leste e dele saiem o ministro das Finanças António Paiva Gomes, seu irmão e secretário, José Paiva Gomes, e outro indivíduo que alguns funcionários aduaneiros presentes, explicam logo ser o snr. António Manuel Paulo, chefe de serviço da Alfândega de Lisboa, os quais se dirigem ao gabinete da Direcção e, mandando chamar o escrivão, oficial snr. Aires de Gouveia, ao referido Paulo dão posse do logar de Director.

A multidão sabedora do que se passava, que representava mais uma violência praticada pelos governos de Lisboa sôbre o Pôrto, mais um enxovalho aos republicanos desta cidade, tão martirizados nos últimos tempos, invadiu o gabinete e protestou indignada. Se eu ali estivesse, dizia-se, seria rasgado aquêle termo e ser-me hia dada posse por aqueles que quatro dias antes tinham arriscado a sua vida pela República, de armas na mão, nas ruas do Pôrto. Mas o ambiente foi-se carregando cada vez mais, achando o ministro mais prudente retirar-se com o seu secretário. Ao saír porêm, no meio da reprovação geral, quando o ministro entrava para o automóvel, uma scena violenta esteve iminente entre êle e um grupo de republicanos, entre os quais estavam o meu amigo Eleutério Cerdeira, o velho e austero democráta dr. José Guedes e outros. As pistolas chegaram a sair dos bolsos e o desrespeito ia degenerando em tragédia.

Ouvindo isto eu fiz logo tenção de me retirar para casa. Como aparecesse o meu bom amigo dr. José Guedes que vinha da Alfândega, este me confirmou, dando-me um grande abraço, a narração que eu acabava de ouvir, felicitando-me pela manifestação de que eu fôra alvo, que era

uma das mais significativas a que êle tinha até então assistido.

Como aparecesse um eléctrico nêle nos metemos todos três, acompanhando-me aqueles dois amigos a minha casa.

*

* *

No dia seguinte apresentei-me na Alfândega disse ao snr. Paulo que precisava ir à Figueira regularizar a minha situação, pois tinha ainda ali dinheiro do mês anterior a receber, e pedi-lhe para me colocar de novo na séde.

Êle satisfez prontamente o meu pedido, no dia seguinte parti para a Figueira da Foz, onde me demorei apenas 24 horas, regressando ao Pôrto e voltando para o meu antigo logar de chefe da Casa de Despacho das Encomendas Postais. Só então tornei a falar com o dr. José Domingues dos Santos, que em tão desairosa situação ficára com o acto do snr. Paiva Gomes, o qual diga-se de passagem, me demonstrara depois a sua consideração, mandando-me pedir para ir ao Hotel do Pôrto falar com êle, convidando-me para jantar e dizendo-me que me seria dada uma reparação, mas que não podia admitir imposições de ninguêm. Modos de ver, é claro...

Mas o nosso amigo José Domingues estava, como se compreenderá, arreliadissimo com o caso, e mais uma vez me disse que eu havia de ser nomeado! Eu pedi lhe que desistisse, mas perante o seu melindre, que eu bem compreendia, e sentindo-me na verdade, apesar de todas as satisfações, desconsiderado, não insisti e disse-lhe que estava às suas ordens.

Passaram alguns dias. O director interino Manoel Paulo iniciara a sindicância à Alfândega sôbre os actos praticados pelos funcionários du-

rante a Traulitânia, de que resultou a demissão de uns, o afastamento de outros e ainda a reforma de alguns. Essa sindicância levou bastante tempo. Um dia, pouco depois de eu regressar da Figueira, chamou-me e disse-me que a Direcção Geral de acôrdo com êle se tinha lembrado de mim para chefe da 3.ª Repartição, logar que se encontrava vago e me pedia que aceitasse.

Eu disse-lhe que, dentro da República, era um

O maior fragmento de uma gaveta da minha secretária de nogueira, (0,m24×0,m10) arrombada e destruida pelos trauliteiros, de onde me roubaram vários papeis, fulminantes para arma de caça e outros objectos, na noite de 7 de Fevereiro de 1919 (1).

funcionário obediente e disciplinado e que tomaria conta de qualquer logar desde que me julgasse competente para êle.

Tinha estado 3 anos naquela repartição sob a chefia do actual director geral, snr. Manoel dos Santos e Rodrigo da Mota Amorim, conhecia o serviço e portanto estava às suas ordens.

E fui no dia imediato tomar conta do logar de chefe da 3.ª Repartição, interinamente, emquanto o decreto não era assinado e não saía no *Diário do Govêrno*.

(1) Este desenho, bem como mais algumas fotografias que figuram nesta obra, devo à amabilidade do meu amigo, Humberto Beça, ilustre professor e publicista.

Pouco tempo depois, seis de Março, o sr. Paulo, que estava no Pôrto pelos cabelos, como se costuma dizer, pois queria reformar-se, tendo terminado a sindicancia retirou para Lisboa, ficando a dirigir a Alfândega o sub-director sr. Zeferino.

Tive casualmente que ir a Lisboa tratar de assuntos particulares por essa ocasião e, estando na Direcção Geral a assistir a uns concursos que ali se estavam realisando, o sr. Manuel dos Santos chamando-me, exprimiu-me tambêm o seu desejo de que eu fosse nomeado chefe da 3.ª Repartição. Que a lembrança fôra sua e que o decreto já estava assinado e fôra para o Conselho Superior de Finanças. Agradeci-lhe e retirei-me [1].

Por essa ocasião encontrei no Rocio os meus prezados conterrâneos Jacinto de Carvalho, filho do velho republicano António Teixeira de Carvalho e os meus amigos de infancia César Gonçalves, e Mário Nery Faria de Magalhães, um mártir da *leva da morte*, todos inquebrantáveis republicanos, os quais me participaram que as comissões políticas do Partido Republicano Português da nossa terra, Tomar, de que eles faziam parte, tendo reunido na vespera haviam deliberado por unanimidade propôr o meu nome ao sufrágio para deputado pelo circulo, que tem o n.º 26, e que esperavam que eu aceitasse. Eu era filho da terra e ninguem melhor podia tomar a peito a defesa dos seus interesses. Confesso que esta manifestação me comoveu deveras e, embora soubesse quantos transtornos e despezas isso me causaria, não pude recusar. E de facto o meu nome foi aceite pelo Directório e, nas eleições que se realizaram em 11 de Maio, eu fui eleito deputado pela minha terra.

---

[1] Almas pequeninas e mesquinhas, incapazes de um sentimento nobre, julgavam-me por si e pensavam que eu queria uma *côdea*... Como se enganavam!...

Mas, voltando ao Pôrto e reocupando o meu logar de chefe interino da 3.ª repartição sucedeu que por uma recomposição ministerial o dr. Paiva Gomes deixou a pasta das finanças precisamente na ocasião em que o sr. António Manuel Paulo, director da Alfândega do Pôrto, tendo entregado o seu relatório, pedira a demissão por julgar concluido o seu trabalho. Certamente a Direcção Geral propuzera outro que não eu para director, visto que o meu decreto para chefe da 3.ª Repartição já estava no *visto*.

Entrando para as Finanças o dr. Amilcár Ramada Curto foi o dr. José Domingues dos Santos passados dois dias a Lisboa tratar de diversos assuntos que não conseguiram vencer com a teimosia do dr. Paiva Gomes, boa pessoa aliás...

Fui espera-lo, no regresso, à estação de S. Bento, como muitos dos nossos correligionários e foi então que, ao saltar da carruagem e vendo-me, êle me gritou ainda de longe:

— Parabens! Está nomeado director da Alfandega [1].

Foi isto no dia 5 de Abril.

À noite, no Governo Civil, disse-me que me daria posse no dia 7.

Pensei que o decreto já tivesse o visto e viesse publicado no *Diário* desse dia ou do imediato e concordei. Alguem que estava próximo ouviu e levou a notícia á imprensa. Como todavia a publicação na fôlha oficial se não tivesse feito e a posse não pudesse ser dada, de aí resultou que

---

[1] Alguns dias depois conversando com o dr. Ramada Curto na redacção de *O Mundo* este disse-me, abraçando-me: "Você não imagina o esforço que tive de fazer para o nomear director, a si, um dos homens que mais sofreram com essa infamia do sidonismo! Olhe que foi preciso bater o punho sobre a mesa e gritar ao director geral: Lavre o decreto que mando eu! Era a Direcção Geral em peso contra si. Especialmente o Santos e o Curson. Queriam um tal Zeferino...

muitas pessoas foram ainda à Alfândega no dia 7, sofrendo mais uma decepção.

Houve portanto que esperar pela publicação que se fez no dia 13, tomando posse definitivamente no dia 15, pelas 13 horas, na sala do Tribunal do Contencioso Fiscal de 1.ª instância junto da Alfândega do Pôrto, a qual me foi conferida pelo chefe de serviço mais antigo sr. Manuel Pinheiro, meu velho amigo, e pelo dr. José Domingues dos Santos, então Governador Civil do districto. Estava vencida esta campanha, estava quebrado o *gaschis* em que eu me vira envolvido, sem que para tal voluntáriamente houvesse concorrido, mas que de outra forma resolvido não podia ser, sem desdouro para o representante dos revolucionários de 13 de Fevereiro, que era o dr. José Domingues, para os oficiais que tinham solicitado a ocupação daquele cargo pela minha pessoa e para mim, que, na verdade, me sentia vexado com a oposição que me haviam feito, porque em minha consciência entendia não a merecer.

Poderá julgar o público, no entanto, que eu tenho um grande lucro com êsse logar... Puro engano!

Qualquer reverificador, que eu posso tambêm ser, tem hoje mais proventos do que eu.

Não me prende pois ao logar o interesse. Estou nele porque entendo que à frente dos serviços públicos devem estar os republicanos, embora com sacrifício próprio. Quando julgar terminada a minha missão, ou quando vir que nada posso fazer, porque o obstrucionismo injusto e anti-patriótico que me fazem os de cima e alguns de baixo é insuperável, retirar-me hei de novo para o meu obscuro logar de professor e de modesto publicista sem pretenções nem vaidades, entregando o bastão, bem frágil por sinal, aos ambiciosos em cuja alma de lama o tortulho da inveja lhe

produz a peior das cegueiras, que é a daquele que não quer ver que, com similhantes campanhas de injustiça, poderosamente vão contribuindo para o descálabro dêste pobre país.

Não terminarei estas linhas sem patentear o quanto me sensibilisaram as inequivocas demonstrações de estima dos meus amigos, especializando dentre estes as dos meus queridos alunos da Escola Raul Dória, onde eu regia 4 cadeiras com 5 turmas, antes da Traulitânia, os quais, no meu regresso de Aveiro, me ofereceram uma valiosa prenda e depois, em festa de homenagem, um lindo bouquet de flôres artificiais que conservo como uma das mais gratas recordações. E aos meus prezados amigos, directores dessa escola-modelo, srs. Raúl Dória e José de Campos Váz o testemunho da minha gratidão pelas sinceras provas da sua amisade nunca desmentida, com que sempre me distinguiram.

Foi do mesmo modo para mim de um alto significado a demonstração feita pelos despachantes e ajudantes de despachantes da Alfândega do Pôrto tanto em um banquete que me ofereceram no dia 17 de Maio, no Palácio de Cristal, como no que se realizou no Restaurante Comercial em 14 de Novembro de 1920 e bem assim a festa de homenagem dos serventuários do tráfego em 3 de Maio de 1921, onde tive ocasião de apreciar uma verdadeira solidariedade de classes que, embora diferentes da minha, provavam que há forma de cumprirmos o nosso dever, como me prezo de sempre ter feito e espero continuar a fazer, defendendo os interesses do Estado, enquanto fôr seu directo servidor, sem maguar aqueles que trabalham sob o mesmo tecto e que tem jus ao nosso respeito e consideração, sempre que cumprem o seu dever também.

FIM

DOCUMENTAÇÃO

Algumas apreciações da Imprensa não mencionadas no texto da obra

Do semanário *A Razão*, de Aveiro (n.º 140 de 10 de Abril de 1919):

"Alfândega do Pôrto

Foi, pelo actual govêrno, nomeado director de aquela importante repartição do Estado, o nosso prezadíssimo amigo e distinto funcionário superior das alfândegas, Raul Tamagnini Miranda Barbosa.

Dedicadíssimo republicano, distinto jornalista e publicista, Raul Tamagnini saberá desempenhar as funções do seu elevado cargo com exemplar civismo e imquebrantável linha de conducta, essencialmente republicano, para o que muito contribuirá o seu amor pela República e muito saber em todos os ramos dos serviços a seu cargo.

Cumprimentando o alto funcionário da República, *A Razão* sente-se orgulhosa pela alta prova de confiança que o govêrno da República acaba de conferir a um dos seus melhores colaboradores e amigos.

Estamos certos de que às suas afirmações corresponderão, duma forma insofismável, os seus actos„.

Do diário republicano do Pôrto, *O Norte* de 16 de Abril, n.º 127:

"Na Alfândega do Pôrto

Toma posse da direcção o ilustre republicano Raul Tamagnini Barbosa.

Realisou-se ontem, com desusada imponencia a posse do nosso ilustre amigo e colaborador, Raul Tamagnini Barbosa, há pouco nomeado director da Alfândega do Pôrto, por despacho do sr. Ministro das Finanças.

A sala de audiência do Tribunal do Contencioso Fiscal encheu-se por completo de amigos e admiradores de Raul Tamagnini, que o abraçaram e aclamaram com entusiasmo e com carinho.

Pelas 14 horas, tendo sido lido o auto de posse e prestado pelo nomeado o compromisso solene da lei, usou da palavra o sr. *dr. José Domingues dos Santos*, governador civil do distrito, que começou por recordar que ainda se não tinham apagado os ecos do movimento libertador de 13 de Fevereiro, e já uma comissão de oficiais republicanos lhe lembrava os trabalhos de Outubro pedindo-lhe para nomear director da Alfândega a Raul Tamagnini Barbosa, como se teria feito também se triunfasse o movimento revolucionário preparado para o dia 12 daquele mês.

Não era preciso lembrar-lho, porque bem sabia honrar todos os compromissos que assumiu, apenas se encontrando em aberto aqueles que até agora tem sido absolutamente impossível satisfazer.

Confia plenamente, como todos os republicanos, na acção do nomeado dentro daquela casa. Sabe que êle irá ali fazer República — a República que o povo republicano, já farto de ser iludido nas suas esperanças, agora reclama imperiosamente. Quere-se uma República bem republicana e bem firme, livre de ameaças, livre de perigos, serenamente realizando o seu programa de liberdade e de justiça.

Vai abraçar estreitamente a Raul Tamagnini e tem a certeza de que no seu abraço vai a saudação bem íntima e bem sentida de todos os que conhecem e apreciam nele a sua ardente fé republicana e patriótica.

Fala a seguir o sr. *Guilherme Claro*, despachante oficial, que saúda calorosamente Raul Tamagnini, em nome dos empregados republicanos da Alfândega. Pede-lhe, contudo, que não se deixe embalar pelas felicitações e pelos abraços de alguns empregados, que ainda há dentro daquela casa e que não podem merecer confiança à República. Começou a fazer-se o saneamento da Alfândega do Pôrto, mas é indispensável levar êsse saneamento até ao fim. São todos os funcionários republicanos da Alfândega que imperiosamente o reclamam.

Fala a seguir um *estudante do Instituto Comercial*, (1) que saúda Tamagnini Barbosa em nome do Grémio Académico; *Américo Cardoso*, que relembra as eleições suplementares de 1913, em que Raul Tamagnini aparecia já como candidato, indicado e aprovado por todos os elementos populares da parte do povo republicano, e *Paiva Manso*, que comprimenta afetuosamente o nomeado.

---

(1) Foi o sr. Rui Soares de Albergaria, hoje secretário do Instituto Superior de Comércio.

A numerosa assistencia sublinhou com quentes aplausos as passagens mais impressivas destes discursos.

Fala por fim o sr. *Raul Tamagnini Barbosa*, que faz claras e francas afirmações sôbre a sua acção na direcção da Alfândega. Poderá repetir a declaração que o atual Ministro das Finanças fez ao tomar conta da sua pasta — quem ali dentro não esteja bem disposto a servir a República com dedicação e lealdade que abandone o seu logar.

Não fará ali dentro perseguições nem vinganças. Mas já mostrou que não tem medo, porque não tem medo quem como êle, na defeza de Aveiro, ouviu sibilar as balas e rebentar as granadas à sua volta.

Nunca perderá de vista a defeza dos interesses do Pôrto. Já por êle deu o mais que podia dar—a sua vida, que arriscou em Aveiro, para ajudar com o seu esfôrço, a libertar esta cidade da tirania torva, que a oprimia.

Saúda todos os funcionários republicanos, que ali estão representados. Promete conciliar, sempre que seja possível, os interesses do comércio com os do Estado. Que o comércio se lhe dirija sempre que haja motivo para qualquer reclamação.

Termina pelas mais entusiásticas palavras de saudação à República.

O Norte cumprimenta calorosamente o seu querido amigo e colaborador, a quem o Govêrno acaba de fazer um acto de justiça.

É com actos destes que a República se dignifica e serve com dedicação e proveito.

Do semanário *Cinco de Outubro* de Vila Nova de Gaia (n.º 372, de 20 de Abril):

"Tamagnini Barbosa

Tomou posse do elevado cargo de director da Alfândega do Pôrto, o nosso amigo e colaborador, integro republicano, sr. Raul Tamagnini.

Por impossibilidade imposta pelo exercício de nossos deveres profissionais, não pudemos assistir ao acto da posse, mas o abraço pessoal substituimo-lo pela afirmação sincera do nosso aplauso ao acto de justiça do Govêrno da República, nomeando-o para aquele cargo„.

Documento n.º 1.

O portador Raul Tamagnini Barbosa e o Sr. Guimarães Rocha são pessoas fieis ao Governo da Republica, por mim reconhecidas.

O Comandante dos G.-Avançados

Aurelio Rebocho Vaz

(assinatura autentica)

Águeira 24-1-919

Governo Militar do Districto de Aveiro

Tem licença para sair da cidade o Sr. Raul Tamagnini Barbosa

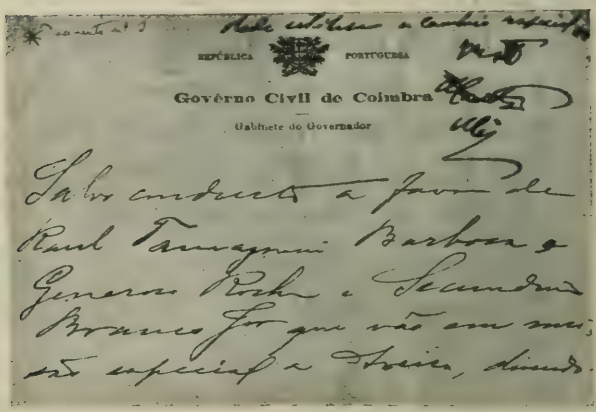
no comboio n.º — pertencente ao Sr. — e de que é conductor o Sr. —. Segue para Cacinha por C. Vaz

Governo Militar de Aveiro, 26 de Janeiro de 1919.

O Governador Militar

Salvador José da Costa

Major

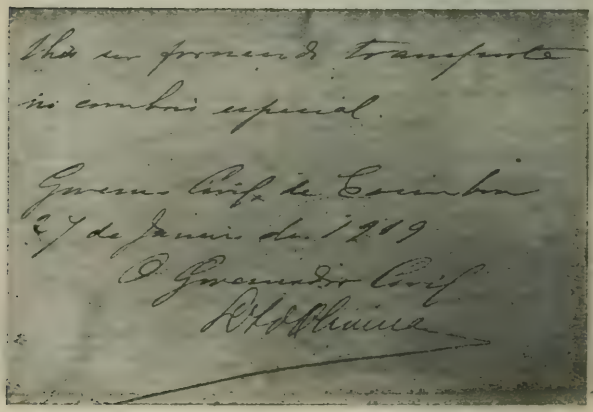


REPÚBLICA PORTUGUESA

Govêrno Civil de Coimbra

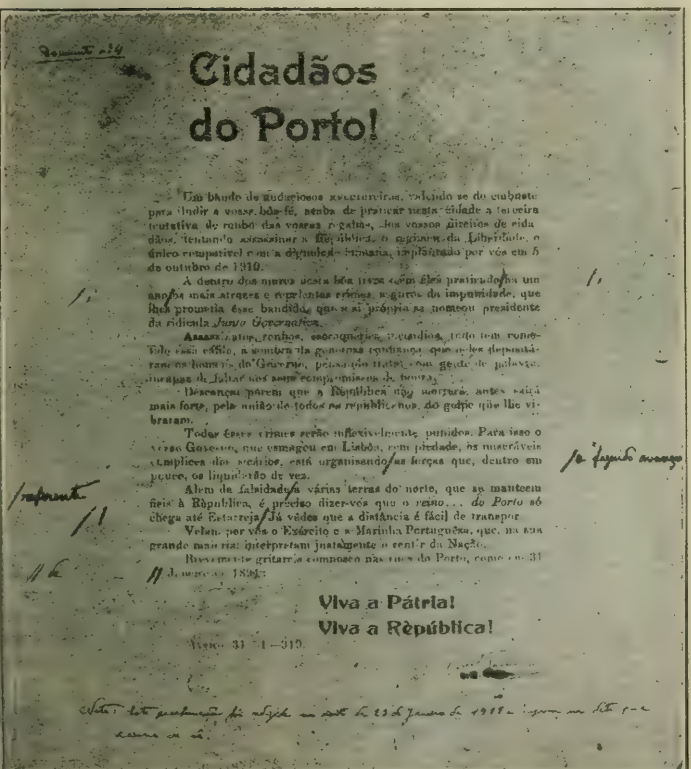
Gabinete do Governador

Salvo conduto a favor de Raul Tamagnini Barbosa e General Roche e Secretário Branco por que vão em missão especial a Paris, devendo



Pela via ferrea e comboio especial.

Governo Civil de Coimbra
27 de Janeiro de 1919
O Governador Civil



Cidadãos do Porto!

Um bando de audaciosos aventureiros, valendo-se do ensejo para iludir a vossa boa-fé, tenta de prender nesta cidade a fo-eira tentativa de roubo das vossas regalias, dos vossos direitos de cidadãos, tentando assassinar a República, o regime da Liberdade, o único compatível com a dignidade humana, implantado por vós em 5 de outubro de 1910.

A dentro dos muros desta boa terra vem êles praticando há um ano mais atrozes e repulsivas crimes, seguros da impunidade, que lhes prometia êsse bandido, que a si próprio se nomeou presidente da ridícula *Junta Governativa*.

Assassinatos, roubos, escrocaqueiras, pavardias, tudo tem rondado essa edile, a sombra da generosa confiança que a ela depositaram os homens do Governo, pelas não mais com gente de palavra, mas sim de falar nos seus compromissos de honra.

Descanças porém que a República não morreu, antes está mais forte, pela união de todos os republicanos, do golpe que lhe vibraram.

Todos êsses crimes serão inflexivelmente punidos. Para isso o verso Governo, que escapou em Lisbôa, com piedade, os miseráveis cúmplices dos piratas, está organisando as forças que, dentro em pouco, os liquidarão de vez.

Além de fabsidadas várias terras do norte, que se mantêem fiéis à República, é preciso dizer-vos que o resto... *do Porto* só chega até Estarreja. Já vêdes que a distância é fácil de transpor.

Velam por vós o Exército e a Marinha Portuguêsa, que, na sua grande maioria, interpretam justamente o sentir da Nação.

Revoltemo-nos gritando composes nas ruas do Porto, como em 31 de janeiro de 1891:

Viva a Pátria!
Viva a Rèpública!

Porto, 31-1-912.

Primeira prova da primeira proclamação que eu redigi e que os hidro-aviões lançaram sobre o Pôrto, em 3 de Fevereiro, mas que devia ser lançada em 31 de Janeiro, tendo sido porêm escrita na intenção de que tal se podesse fazer em 25.

Soldados!

Alguns traidores à causa da Pátria, que é a causa da República, trouxeram-vos enganados a êste crime hediondo de combater os vossos irmãos, numa luta fratricida, só proveitosa para os degenerados parasitas monárquicos, que querem viver á vossa custa sem trabalhar. Só êles são os responsáveis e não vós, bem o sabemos. Sois mais dignos de lástima que de censura. Perfidamente vos disseram os traidores que ia passardes para o nosso lado, sereis maltratados, sereis fuzilados...

Infames! Cobardes, que mentem à sua própria consciência com o maior cinismo! Muitos camaradas vossos já se encontram nas nossas fileiras, onde têm sido agasalhados e bem alimentados, sem terem recebido de nós o mais pequeno agrávo. Até mesmo a população civil tem reconhecido o seu acto de submissão e lealdade para com nós, manifestando-lhe a sua simpatia pela mais irrepreensível correcção que aos povos civilizados merecem os vencidos.

O exército republicano, que está diante de vós, tem forças numerosíssimas com que, de há muitos dias, podia ter levado diante de si as forças realistas. Ele deseja porem causar-vos o menor mal e produzir o menor número de vítimas que possível for.

Podeis cooperar conosco nesta obra humanitária vindo até nós, não aquêles que não tiverem responsabilidades, serão acolhidos como irmãos.

Soldados, reflecti, que já tendes pouco tempo. Vinde para nós defender a causa do Povo contra êsses bandidos que nos querem entregar ao estrangeiro, estabelecendo ao mesmo tempo de nós a inquisição, como já estão fazendo no Pôrto. Depois será tarde e teremos, pelo menos, julgados como cúmplices dos assassinos.

Em Lisboa o triunfo da Democracia foi completo, como também em todo o resto do país, excepção do Pôrto e arredores, onde a luta ainda verdadeiramente não terminou.

Na capital até sem armas o Povo avançou para os seus tiranos, esmagando-os, aniquilando-os!

Filhos do Povo, que nos também, orgulhai-vos dos vossos irmãos e vinde connosco defender a sua causa.

A **República** é indestructível!

Segunda proclamação que eu redigi e que foi lançada pelos aviões nas colunas realistas e povoações por estes ocupadas.

Documento n.º 6

Meu caro Rezende

Muito obrigado pelas notícias que me enviou e que agradeci mais do que um tesouro. Todas as cartas já foram entregues. Peço-lhe a fineza de mandar entregar as que vão juntas que são todas de emigrados que aqui se encontram. Espero em breve abraça-lo, assim como aos meus queridos filhos. Cumprimentos a sua ex.ma esposa e os mesmos com um abraço deste seu am.o m.to obr.do

Rezende

Bilhete escrito a lapis, enviado por mim a Francisco Rezende por um soldado da Guarda Fiscal, Manoel Simão Rodrigues, que nos prestou relevantes serviços.

Serviço da República

Ex.mo Sr.

A Comissão Parlamentar de Inquérito ao Ministério da Guerra vem solicitar de V. Ex.ª se digne informá-la por escrito do seguinte:

Natureza e valor dos serviços prestados voluntariamente no Quartel General do Comando Militar de Aveiro, durante a insurreição monárquica do Norte de Janeiro a Fevereiro de 1919 pelo Capitão-piloto Salvador José da Costa que fez parte como oficial adjunto do dito Quartel General.

Saúde e Fraternidade

Ao Ex.mo Sr. Deputado Raul Tamagnini de Miranda Barbosa

Secretário da Comissão Parlamentar de Inquérito ao Ministério da Guerra, 20 de Julho de 1920.

Pelo Presidente da Comissão

[illegible]

Meu pai, o tenente-coronel João Inacio Tamagnini das Neves Barbosa, ao tempo capitão, ostentando a espada que lhe foi oferecida pelo Barão da Batalha, Sebastião Cabrera, de quem ele havia sido ajudante de ordens, como premio por ter salvo a tripulação e carga da goleta belga «Industriel» quando governador da Torre de S. Julião da Barra, entregando-lha no momento em que lhe colocava ao peito as condecorações dos governos belga, italiano e português, espada esta que fizera as campanhas da Liberdade e que os «trauliteiros» me roubaram na noite de 7 de Fevereiro de 1919.

(Meu pai faleceu em 13 de Outubro de 1891, tinha eu 13 anos.)

Escudo de armas da família Tamagnini, que se encontrava gravado, em metal dourado, no fecho do cinturão da espada e que com esta foi também roubado.

Este cinturão havia sido oferecido a meu pai pelos soldados da sua companhia, a quem êle na sua quási totalidade ensinara a ler e escrever, facto de que muito se orgulhava.

Extracto da *Ordem do Exército* n.º 22, 2.ª série, de 5 de Outubro de 1919.

«Que sejam louvados:

. . . . . .

. . . . . .

Raul António Tamagnini de Miranda Barbosa, director da Alfândega do Pôrto, pela sua iniciativa, organizando um grupo de voluntários civis que combateram no Vouga em defeza da República».

. . . . . .

"Meu presado amigo

Pergunta-me na sua carta se, por ocasião da sua nomeação para a Direcção da Alfândega do Pôrto, os srs. Manuel dos Santos e António Augusto Curson se manifestaram contrários a esta.

Respondo que efectivamente por estes srs. me foi invocado, como contrário ao estabelecido, a nomeação de um inspector para Director de uma Alfândega, que era a qualidade de V. Ex.ª, quando êsse logar competia a chefes de serviço. Atendendo porêm eu às circunstâncias que aconselhavam a sua nomeação, não hesitei em referendar o diploma respectivo.

Com o que sou amigo grato.

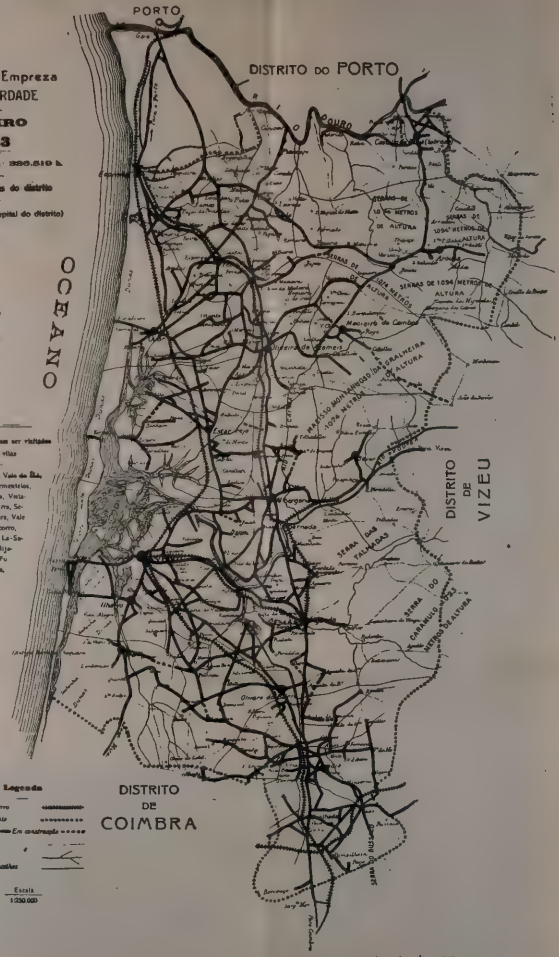
(a) Ramada Curto.

No entanto o artigo 340.º do decreto n.º 4560 de 8 de Julho de 1918, além do decreto 5.229, diz claramente:

"Durante o prazo de cinco anos, a contar da data deste decreto com fôrça de lei, poderão os diversos cargos de comissão na Direcção Geral e nas Alfândegas ser exercidos, extraordinàriamente e quando as necessidades do serviço o exijam, por funcionários de categoria inferior às marcadas neste diploma„.

E muito antes, para logares onde a lei em primeiro logar, exigia a categoria de chefes de serviço foram nomeados inspectores, como o sr. Norberto Joaquim Pereira, Adolfo João Sarmento de Figueiredo e outros, por iniciativa da própria Direcção Geral, tendo estado dirigindo esta Alfândega do Pôrto durante alguns anos no tempo da monarquia um inspector, o sr. Moreira da Câmara.

CARTA ITINERARIA DO DISTRITO DE AVEIRO



Mapa do teatro das operações, que me acompanhou sempre emquanto estas duraram.

INDICE

	Pág.
Prologo	7
Dia 19 de Janeiro de 1919	13
Dia 20 " "	19
Dia 21 " "	28
Dia 22 " "	35
Dia 23 " "	47
Dia 24 " "	54
Dia 25 " "	57
Dia 26 " "	72
Dia 27 " "	85
Dia 28 " "	91
Dia 29 " "	97
Dia 30 " "	99
Dia 31 " "	105
Dia 1 de Fevereiro de 1919	113
Dia 2 " "	116
Dia 3 " "	121
Dia 4 " "	134
Dia 5 " "	152
Dia 6 " "	160
Dia 7 " "	165
Dia 8 " "	169
Dia 9 " "	172
Dia 10 " "	175
Dia 11 " "	177
Dia 12 " "	186
Dia 13 " "	199
Dia 14 " "	202
Dia 15 " "	223
Dia 16 " "	231
Dia 17 " "	242
Conclusões	252
Apreciações da imprensa não contidas no texto da obra	256
Documentação	261

OBRAS DO MESMO AUTOR

LITERARIAS PROPRIAMENTE DITAS:

"Trovas d'Alma" (esgotada) . . . . . .
"Amôr de Mulher" (romance, 1 vol., esgotado) . . . .
"Malmequeres" (contos, 1 vol,) . . . . . .
"Notas de um Voluntário Civil nas Margens do Vouga" .

NO PRELO

Folhas da Vida (verso) 1 vol. . . . . .

DIDÁCTICAS:

"Breves noções sobre direito fiscal aduaneiro" 1 vol. (esg.)
"Elementos de Contabilidade" 1 vol. . . . . .
"Elementos de Calculo Comercial" 1 vol.. . . . . .
"Do Cooperativismo em geral e em especial do Cooperativismo feminino" (Conferencia realizada no Porto, no salão da Escola Raul Doria em 19 de Junho de 1915) 1 folheto . . . . . .
"Economia Política" 1.ª edição, 1 vol. (esgotado) . . .
"Breves noções de direito fiscal aduaneiro" 2.ª ed., correcta e muito aumentada, 1 vol. . . . . .
"Economia Política" 2.ª edição, correcta e aumentada . .

EM PREPARAÇÃO

"Aritmética Comercial e Contabilidade" 2.ª parte . . .

OPUSCULOS (*Distribuição gratuita*) esgotados

"Projecto de uma união aduaneira entre Portugal e Espanha"
"Dos meios a adoptar para fomentar a prosperidade continer o ponto de vista agricola e industrial" (1914).
"Influencia dos drawbacks no desenvolvimento das coopera sindicatos" (1916).
"A importância das alfândegas na defesa da República." Te sentada no concurso do autor para ehefe de serviço dro geral aduaneiro, em 1920.
"Cooperativas de educação profissional. Sua influência nc volvimento de todo o cooperativismo." Tese apresen 1.º congresso cooperativista, (a saír).

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

BRIEF
DPB
0020388

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 09 13 08 06 015 5